

224 e

WALDELOIR REGO

Capoeira Angola
Ensaio Sócio-Etnográfico

1968

MESTRE DE CAPOEIRA E DE MUITAS ARTES

JORGE AMADO

Waldeloir Rego, môço baiano debruçado sôbre os livros e sôbre a vida, é comumente apresentado às pessoas de fora com a seguinte frase: "êste rapaz é quem mais entende de candomblé, na Bahia." Entende, realmente, muitíssimo; as religiões afro-brasileiras, o sincretismo baiano, são para êle fonte constante de observação e estudo e o material que durante anos reuniu, possui e está elaborando vai nos dar, com certeza, aquêles livros definitivos que há muito esperamos sôbre êsse problema. Nesse môço não há nada de amadorístico nem exerce a fácil e simpática vigarice que tão facilmente acompanha a pesquisa e o tratamento de tais assuntos. Nêle tudo é seriedade e honradez intelectual, não há pressa em seu trabalho nem afã de aparecer. Em seu gabinete, quase uma cela monástica, Waldeloir acumula, separa, cataloga e observa o imenso acervo que vai buscar na intimidade mais profunda da vida popular baiana. Dessa vida popular êle não é apenas observador, é parte integrante.

No Axé Opô Afonjá, Waldeloir detém um elevado pôsto, dignidade que lhe outorgou a finaça Mãe Senhora — em alta conta o tinha a famosa iyalo-rixá. Em alta conta o têm Menininha do Cantóis, Olga do Alaketu, mães e pais-de-santo; para Waldeloir não existe porta fechada nesse antigo mistério, as chaves dos segredos êle as possui, tôdas.

Os estudos sôbre candomblé levaram-no aos demais territórios da vida popular baiana, a todos os detalhes de sua cultura, de sua formação, de sua

Capoeira Angola Ensaio Sócio-Etnográfico



Para os
infinitamente
amigos

ZÉLIA AMADO
EMANOEL ARAÚJO

I

A Vinda dos Escravos

É por demais sabido que durante a Idade Média os portugueses, assim como outros povos, traficaram escravos, sobretudo negros. Há mesmo vagas notícias de uma parada aqui, outra acolá, porém a informação mais precisa, principalmente no que diz respeito ao tráfico de escravos africanos para o território português, é a fornecida por Azurara. O autor da *Crônica do Descobrimento e Conquista da Guiné* relata a maneira de como Antão Gonçalves, em 1441, capturou e trouxe para o Infante D. Henrique os primeiros escravos africanos. Relata também o cambalacho de Antão Gonçalves com Afonso Guterres, para importar esses negros do Rio de Ouro, cuja essência está neste trecho — “Oo que fremoso aquecimento serya nós que viemos a esta terra por levar carregio de tam fraca mercadorya, acertamos agora em nossa dita de levar os primeiros cativos ante a presença do nosso principel”¹

¹ Gomes Eannes de Azurara, *Chronica do Descobrimento da Conquista da Guiné* escrita por mandado de el-rei D. Affonso V, sob a direção scientifica, e segundo as instruções do illustre Infante D. Henrique/Fielmente trasladado do manuscrito original contemporaneo, que se conserva na Biblioteca Real de Pariz, e dada pela primeira vez à luz por diligencia do Visconde de Correia, enviado Extraordinário, e Ministro Plenipotenciario de S. Magestade Fidelissima na corte de França/Precedi-

Isso foi a brecha para que o espírito de conquista do português o fizesse levantar âncoras, para as terras de África, em busca de um novo comércio, fácil e rendoso, porém humilhante e desumano. A coisa tomou um rumo tal, que dentro em pouco, Lisboa e outras cidades já tinham um cheiro de cidade mulata. Em nossos dias o assunto tem preocupado estudiosos de todos os matizes e nacionalidades, como os linguistas alemães Wilhelm Giese,² Carolina Michaëlis³ e nativos outros como Leite de Vasconcelos⁴ que, além de se manifestar sobre o tema, fornece uma bibliografia, em seu livro *Etnografia Portuguesa*, atualizada com as notas de Orlando Ribeiro.

Na época, a presença de negros em Portugal mexeu com a imaginação poética dos trovadores do *Cancioneiro Geral*,⁵ Gil Vicente,⁶ Camões⁷ e mui especialmente Garcia de Resende que nasceu por volta de 1470 e morreu em 3 de fevereiro de 1536 e escreveu a sua curiosa *Miscellanea e trovas do mesmo auctor e hũa variedade de historia, custumes, casos, e cousas que em tẽpo accõtescerã*, publicada póstumamente em 1554,

da de uma introdução, e Illustrado com algumas notas, pelo Visconde de Santarem/E seguida d'um glossario das palavras e phrases antiquadas e absoletas. Publicada por J. P. Aillaud, Paris, 1841, pág. 71.

² Wilhelm Giese, Notas sobre a fala dos negros em Lisboa no printípio do século XVI, in *Revista Lusitana*/Arquivo de estudos filológicos e etnográficos relativos a Portugal por José Leite de Vasconcelos. Livraria Clássica Editôra de A. M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1932, vol. XXX, págs. 251-257.

³ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas*/Preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente. Notas I a V, incluindo introdução à edição fac-similada do Centro de Estudos Historicos de Madrid, edição da Revista *Ocidente*, Lisboa, 1949, págs. 497-498.

⁴ José Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*/Tentame de sistematização. Volume IV, elaborado segundo os materiais do autor, ampliados com nova informação por M. Viegas Guerreiro/Notícia introdutória, notas e conclusão de Orlando Ribeiro. Imprensa Nacional, Lisboa, 1958, págs. 38-61.

⁵ Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*. Nova edição preparada pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães, Imprensa Nacional, Coimbra, 1917 — tomo V, págs. 195-199.

⁶ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, págs. 497-498.

⁷ Luis de Camões, *Os Lusíadas*/Reimpressão fac-similada da verdadeira 1.ª edição dos *Lusíadas*, de 1572, precedida duma introdução e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras, Dr. José Maria Rodrigues. Tip. da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1921, canto I, estância 8.

apensa à *Crônica d'el-Rei D. João II*. No decorrer de sua *Miscelânea*, satirizando sempre, fornece elementos sobre a façanha dos portugueses, nas bandas de África, os cativos tirados de lá para Portugal, seus costumes e outros fatos.

Na estância 48, mostra a fúria das conquistas: —

Rey & príncipe se vio
de Castella, & laa andou,
dij a pouco descobrio
ha India, & ha tomou,
como todo ho mudo ouuio,
tomando reynos, & terras
per muy guerreadas guerras,
ganhado toda ha riqueza
do soldam & de Veneza,
sobjugando mares, serras.⁸

Nas estâncias 53 e 54, comenta a antropofagia dos negros da Guiné e Manicôgo, que é como grafavam antigamente o Congo, descoberto em 1485 por Diogo Cão: —

E começo em Guinee
& Manicôgo, por teer
costuma de se comer
hũs a outros, como he
muy notorio se fazer.
côprã homẽs como gaado
escolhidos, bem criados,
& matam hos regateiras,
& cozidos em caldeiras
hos comẽ tambem assados.

*

Por muito mais saborosa
carne das carnes ha tẽem,
por melhor & mais gostosa,

⁸ Garcia de Resende, *Miscelânea*/e variedade de histórias, costumes, casos, e cousas que em seu tempo aconteceram. Com prefácio e notas de Mendes dos Remédios, França Amado-Editor, Coimbra, 1917, pág. 20.

Na estância 134, narra as vitórias de el-rei, sobretudo com os mouros de África: —

Guerra digna de louvor,
de perpetua memoria,
de honra, fama, de gloria
tem el rey nosso senhor
com muito grande victoria
com mouros africanos,
& gentios Asianos,
Turcos, Rumes, & pagaões,
& muyta paaz cō christaões
inimigo de tirannos.¹³

Na estância 141, fala da conversão do maior Rei da Etiópia e de Manicongo. Trata-se do rei do Congo, que Mendes dos Remédios,¹⁴ citando Cunha Rivara, se refere ao decreto em que o referido rei, além do título de rei do Congo, Senhor dos Ambundos, passou a intitular-se da Etiópia, rei do antiquíssimo reino do Congo, Angola, Matamba, Veangá, Cunchi, Lulha e Sonso, Senhor dos Ambundos e dos Mutambulos e de muitos outros reinos e senhorios: —

Ho mayor rey de ethiopia,
de manicôgo chamado,
vijmos christaõ ser tornado,
& com elle grande copia
de gente de seu reynado:
mandou por religiosos,
& por frades virtuosos
q̃ lhe el rey de caa mãdaua,
& elle mesmo prégaua
nossa fee a hos duuidosos.¹⁵

Finalmente, nas estâncias 257, 258 e 259, narra a calamidade que atingiu Portugal e o norte da África em 1521, assim

¹³ Garcia de Resende, *op. cit.*, pág. 48.

¹⁴ Mendes dos Remédios, in Garcia de Resende, *op. cit.*, pág. 128.

¹⁵ Garcia de Resende, *op. cit.*, pág. 51.

como o fato dêses povos se venderem por comida a ponto de Portugal pensar em tomar Fez: —

Vij que en Africa açceo
ser morte, & fama muy forte :
Cauillos, & gado morreo,
muita gente peresceo,
nunca foy tal fome & morte :
hos paes hos filhos vendiã,
duzentos reaes valiam,
muitos se vinham fazer
christaões caa, soo por comer,
nos campos, praças morriã.

*

Ho reyno de Feez ficou
cō dous ou tres mil cauillos :
de Tremecem se formou,
laa, & mais longe mandou
muita gente a comprallos,
que foi tanta perdiçam,
que nam ficou geeraçam,
para poderem geerar :
has eguas mandou buscar
para fazer criaçam.

*

Se neste tempo teuera
portugal soo que comer,
leumente se podera
tomar fez, & se ouuera
com pouca força, & poder :
mas caa mesmo entã ãdaua
tanta fame, que custaua
trigo alqueire a cruzado,
carne, vinho & pescado
tudo com penna se achaua.¹⁶

¹⁶ Garcia de Resende, *op. cit.*, págs. 89-90.

Com o passar do tempo essa atividade, longe de se extinguir, tomou um impulso espantoso. Por incrível que pareça, esse comércio terrível e desumano teve a mais forte cobertura da Santa Madre Eclésia, alegando para tanto o argumento idiota de que os portugueses tornariam os povos ditos bárbaros, adeptos da fé de Cristo. Imagine que o papa Eugênio IV, pelas bulas *Dudum cum* de 31 de julho de 1436, a *Rex Regnum* de 8 de setembro de 1436 e a *Preclaris tuis* de 25 de maio de 1437, renovou a concessão ao rei D. Duarte de todas as terras que conquistasse na África, desde que o território não pertencesse a príncipe cristão.¹⁷ Não ficou somente aí o esdrúxulo privilégio. Remexendo o bulário português, nos arquivos da Torre do Tombo, Calógeras¹⁸ encontrou várias outras, inclusive a mesma bula *Rex Regnum*, concedida pelo papa Eugênio IV a D. Duarte, porém agora com outro destinatário, que foi D. Afonso V, com data de 3 de janeiro de 1443. No pontificado de Nicolau V, D. Afonso V, o Infante D. Henrique e todos os reis de Portugal assim como seus sucessores passariam a donos de todas as conquistas feitas na África, com as ilhas nos mares a ela adjacentes, começando pelos cabos Bojador e Não, fazendo pouso na Guiné, com toda a sua costa meridional, incorporando a tudo isso as regalias que o cérebro humano imaginasse tirar dessas terras e desses povos. Essa pequena bagatela de oferendas foi concedida pela bula *Romanus Pontifex Regni Celestis Claviger* de 8 de janeiro de 1454. Esses favores eram confirmados por cada papa que ascendia ao pontificado. E nessa matéria, o recorde foi batido pelo papa Calixto III com a célebre bula *Inter cetera que nobis divina disponente clementia incumbunt peragenda* de 13 de março de 1456, a qual, além de confirmar todas as dádivas anteriores, acrescentou a Índia e tudo mais que depois se adquirisse. E o melhor de tudo foi o arremate, de que "o descobrimento daquelas partes o não possam fazer senão os reis de Portugal".¹⁹ A mesma orientação seguiu Xisto VI, com as bulas *Clara devotionis* de 21 de agosto de 1471 e *Aeterni*

¹⁷ João Pandiá Calógeras, A política exterior do Império/Tomo Especial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1927, vol. I, pág. 36.

¹⁸ João Pandiá Calógeras, op. cit., vol. I, pág. 36.

¹⁹ João Pandiá Calógeras, op. cit., vol. I, pág. 37.

regis clementia per quam reges regnant de 21 de junho de 1481. Inocêncio VIII valeu-se das bulas *Orthodoxae fidei* de 18 de fevereiro de 1486 e *Dudum cupiens* de 17 de agosto de 1491.

Em meio a toda essa baratinha da Santa Sé, deve-se fazer justiça a alguns papas, que protestaram contra semelhante estado de coisas, como Pio II com a bula de 7 de outubro de 1462, Paulo III em 1537, Urbano VIII com a bula de 22 de abril de 1639, Benedito XIV em 1741, Pio VII em 1814 e finalmente Gregório XVI, pela bula de 3 de dezembro de 1839, condena e proíbe a escravidão de negros.²⁰

Esse casamento estranho da coroa portuguesa com a Mitra, permitiu que os portugueses agissem livremente, em nome de Cristo, Nosso Senhor e da sua santa fé, o que para tanto não fizeram cerimônia. Não é assim que, pouco tempo depois dessas concessões, descobrem a grande colônia da América do Sul. Era a princípio Terra de Santa Cruz, para depois passar a ser colonizada com o nome de Brasil.

Argumenta-se que a sobrevivência das primeiras engenhocas, o plantio da cana-de-açúcar, do algodão, do café e do fumo foram os elementos decisivos, para que a metrópole enviasse para o Brasil os primeiros escravos africanos. Diante disso, vem a pergunta — quando chegaram esses primeiros escravos? Vieram de Angola? Trouxeram de lá a capoeira, ou inventaram-na no Brasil?

Infelizmente, o conselheiro Rui Barbosa, por isso ou por aquilo, nos prestou um mau serviço, mandando queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, quando Ministro da Fazenda, no governo discricionário do generalíssimo Deodoro da Fonseca, por uma resolução que tem o seguinte teor:

Considerando que a nação brasileira, pelo mais sublime lance de sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão — a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade, inficionou-lhe a atmosfera moral;

²⁰ Agostinho Marques Perdigão Malheiro, A Escravidão no Brasil/Ensaio Histórico-Jurídico-Social. Edições Cultura, São Paulo, 1944, tomo II, págs. 16-17.

considerando que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira;

resolve:

1.º — Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria.

2.º — Uma comissão composta dos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da confederação abolicionista, e do administrador da recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima e destruição imediata deles, o que se fará na casa de máquina da alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão.

Capital Federal, 15 de dezembro de 1890. — Ruy Barbosa.²¹

De modo que, por enquanto, se torna impossível precisar quando chegaram ao Brasil os primeiros escravos. O que existe é muita conjectura em torno do problema. O Visconde de Porto Seguro, por exemplo, fala de que os escravos vieram ao Brasil nos primórdios da colonização, indo mais longe, dizendo que na armada de Cabral vieram escravos, argumentando que cada senhor dispunha do seu. Contudo, não nos fornece nenhuma documentação a respeito.²² Fala-se que em 1538 Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria trafi-

²¹ Maria Barbosa Vianna, O Negro no Museu Histórico Nacional, in *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. VIII, 1957, págs. 84-87.

²² Visconde de Porto Seguro, *História Geral do Brasil/Antes da sua separação e independência de Portugal*. Em casa de E. & Laemmert, Rio de Janeiro, 2.ª edição, s/d., vol. I, pág. 219.

cado para a Bahia os primeiros africanos.²³ Tem-se notícia de que, em 1539, Duarte Coelho reclamava a D. João III o seu pedido de escravos e como não fôsse logo atendido, insistia por carta de 27 de abril de 1542.²⁴ Com a fundação da cidade do Salvador e instituição do governo-geral em 1549, o padre Manoel da Nóbrega, que veio na comitiva do primeiro governador-geral Tomé de Sousa, depois de escrever ao Preposto do Colégio de Santo Antão em Lisboa, queixando-se da mistura de negros e negras na nova povoação, ressaltando que "assim se inoculava no Brasil o fatal cancro da escravatura, fonte de imoralidade e de ruína",²⁵ esse mesmo reverendo foi um dos primeiros a pedir escravos de Guiné a D. João III, por carta de 14 de setembro de 1551, "para fazerem mantimentos, porque a terra hé tam fértil, que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, se tiverem alguns escravos que fação roças de mantimentos e algodoads".²⁶ Ainda em carta de 10 de julho de 1552 reclama: — "Ja tenho escrito sobre os escravos que se tomarão, dos quais hum morreo logo, como morrerão outros muitos que vinhão ja doentes do mar... En toda maneira este anno tragão os Padres provisão de El-Rei assi dos escravos... Se El-Rei favorecer este e lhe fizer igreja e casas, e mandar dar os escravos que digo (e me dizem que mandão mais escravos a esta terra, de Guiné; se assi for podia logo vir provisão para mais tres ou quatro alem dos que a casa tem)..."²⁷ Por carta de 2 de setembro de 1557 rejeita os índios como escravos e insiste na remessa de negros de Guiné: — "Escravos da terra não nos parece bem tê-los por alguns inconvenientes. Destes escravos de Guiné manda ele trazer

²³ Afonso de E. Taunay, Subsídio para a história do tráfico africano no Brasil, in *Anais do Museu Paulista*, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1941, tomo X, pág. 32.

²⁴ João Pandiá Calógeras, *op. cit.*, vol. I, pág. 288.

²⁵ Januário da Cunha Barbosa, Se a introdução dos escravos no Brasil embarça a civilização dos nossos indígenas, dispensando-se-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuízo que sofre a lavoura Brasileira?, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 2.ª edição 1856, tomo I, pág. 164.

²⁶ Manoel da Nóbrega, *Cartas do Brasil e mais escritos (opera omnia)*, com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite. Por ordem da Universidade, Coimbra, 1955, pág. 101.

²⁷ Manoel da Nóbrega, *op. cit.*, págs. 121-123.

muytos à terra. Podia-se aver provisão pera que dos primeiros que viessem nos desse os que Sua Alteza quisesse, porque huns tres ou quatro, que nos mandou dar à certos annos todos são mortos, salvo huma negra que serve esta Casa de lavar roupa, que ainda não o faz muyto bem, excusa-nos muytos trabalhos".²⁸ Finalmente, por carta de 8 de maio de 1558 lamenta: — "A melhor cousa que se podia dar a este Colegio seria duas duzias de escravos de Guiné, machos e femeas, para fazerem mantimentos em abastança para casa, outros andariam em um barco pescando, e estes podiam vir de mistura com os que El-Rei mandasse para o Engenho, porque muitas vezes manda aqui navios carregados deles."²⁹

Afinal, o documento mais antigo, legalizando a importação de escravos para o Brasil, inclusive indicando o local de procedência é o alvará de D. João III, de 29 de março de 1559, permitindo sejam importados escravos de São Tomé, o qual transcrevo na íntegra: —

Eu El-Rei faço saber a vós Capitão da Ilha de São Tomé, e ao meu Feitor e officiaes da dita Ilha que ora sois e ao diante forem, que eu hei por bem e me praz por fazer mercê as pessoas que tem feitos engenhos de Assucar nas terras do Brasil, e aos que ao diante se fizerem que elles poção mandar resgatar ao Rio e resgates de congó, e trazer de lá para cada hum dos ditos engenhos até cento e vinte pessoas de escravos que o dito meu Feitor bola enviar para trazere escravos, dos quaes pagarão somente o terço posto que pelo regimento e Provizões que há na dita Ilha havião de pagar a metade, e esta mercê faço as ditas pessoas que nas ditas partes tem ou tiverem feito ou fizerem engenhos para poderem mandar resgatar e trazerem as ditas cento e vinte pessoas por hua vez somente, e por tanto mando ao dito meu capitão e Feitor Officiaes da dita Ilha, que mostrando-lhe as pessoas que os ditos escravos mandarem resgatar ao dito rio de congo certidão do Feitor e officiaes da caja da India, de como elle assim tem engenho nas ditas partes lhos

deixem mandar resgatar e vir nos ditos navios, e lhe dem para isso licença e lhos despachem qualquer Provizão ou regimento ouvessem de pagar a metade como dito hé, e ao dito Feitor e officiaes da dita Caja da India mando que quando lhe for pedida a dita certidão se emformem o mais certo que poderem de como a dita pessoa que lhe a tal certidão pedir tem engenho feito moente e corrente nas ditas partes, e quantos parceiros são a elle, e se todos são contentes de enviarem pellos ditos escravos, e achando que os tem e que todos estão contentes fação disso asiento em hum Livro que para isso haverá na dita casa, e lhe mandarão que dê fiança dentro de dois annos do dia que lhe for pasada a tal certidão trarão certidão do Governador das partes do Brazil de como levarão os ditos Escravos as ditas terras e andão nos ditos engenhos, ou do capitão e feitor da dita Ilha de São Thomé de como os não resgatarão nem lhe vierão ter a dita Ilha e dahy os mandarão as ditas partes. Que não trazendo a dita certidão pozerão o que monta do dito terço ametade, e primeiro que posem a tal certidão verão o Livro e achando que não tem ainda tirado os ditos escravos ou que está por tirar alguma parte delles pasarão certidão conforme ao que acharem que está por cumprir e por esta maneira lhe pasarão a dita certidão, e por este e a dita Ilha de São Thomé que lhe deixem mandar resgatar e vir os ditos escravos pela maneira sobre dita, e lhos deixem levar para as ditas partes do Brazil sem mais pagarem outros direitos, e mando do dito Capitão Feitor e Officiaes por virtude dellas darem para se resgatarem os ditos escravos, e quando vierem se porá verba no asiento da dita certidão de como vierão os ditos escravos que se por tal licença mandarão resgatar e se pagou delles o terço e forão levados, e alem diço enviarão o treslado da certidão e venha ao Feitor e Officiaes da dita casa da India para verem como já tem resgatados os Escravos contiudos na certidão que lhe pasarão, e elles porão verba no asiento que hão de fazer quando pasarem a tal certidão de como já os ditos Escravos são resgatados no dito tempo os executarão pelo mais que havião de pagar alem do dito terço, e sendo cazo que o trato de Guiné e Ilha de

²⁸ Manoel da Nóbrega, *op. cit.*, págs. 267-268.

²⁹ Manoel da Nóbrega, *op. cit.*, pág. 288.

São Thomé se arrendem ou se fizer sobre elle contrato, todavia cumprirá este Alvará como nelle se contem, o qual quero que valha e tenha força e vigor como se foce em meu nome, e pasada pela Chansellaria posto que este por ella não passe sem embargo da ordenação em contrario. Alvaro Fernandes o fez em Lisboa a 29 de Março de 1559. Andre Soares o fez escrever.³⁰

Outro problema ainda sem solução é a origem do local de onde vieram realmente os primeiros negros escravos. Os primeiros documentos são lacônicos, falam somente em *gentio da Guiné*, sem mais outro esclarecimento. Sabe-se apenas que a uma vasta área de terra da África, chamavam os portugueses de Guiné, não se tendo notícia de sua divisão geográfica e étnica. Essa confusão durou muito tempo. E para se ter uma idéia disso, basta lembrar que ainda em 1758, quando era vice-rei do Brasil o Conde dos Arcos, este ficou bastante confuso ao receber uma ordem da metrópole, no sentido de só permitir a saída de navios para as ilhas de Cabo Verde e portos da Guiné, mediante licença especial de Sua Majestade. Então, diante desse apêto, outra coisa não fez senão dirigir a Tomé Joaquim da Costa Côrte Real um officio emitido da Bahia com data de 2 de setembro de 1758, indagando o que significava a palavra Guiné. Eis o officio, na sua essência: — “Em carta de 10 de março deste presente anno, me aviza V. Ex., que S. M. atendendo a alguns justos motivos que lhe foram presentes, hé servido que nesta Cidade se não dêem despachos aos navios, que os pretendão para irem della em direitura aos *Portos da Guiné e Ilhas de Cabo Verde*, sem especial licença firmada pela real mão do mesmo Senhor.

A execução desta ordem me tem posto em grande duvida, não pelo que pertence às *Ilhas de Cabo Verde*, mas porque me não acerto a rezolver quaes são os portos da *Guiné*, que ficão sendo exclusivos do commercio dos moradores desta Cidade, que não apresentarem licença firmada pela Real mão para o poderem frequentar, por-

³⁰ A. J. de Melo Morais, *Brasil Histórico* — 2.^a série, 1866. Typografia dos Editores, Rio de Janeiro, 1866, tomo I, págs. 212-213.

que a palavra Guiné, no sentido em que tomão alguns authores, comprehende não só as Ilhas de S. Thomé, mas também muito dos portos da Costa da Mina: exclue porem todos os portos do Reyno da Guiné, e como me persuado que esta nova determinação se não dirige a embaraçar a franqueza, com que S. M. tem determinado se continue o commercio da *Costa da Mina*, para que eu não haja de contravir a nenhuma das suas reaes ordens, especialmente a de 30 de março de 1756, que determina que a respectiva negociação a possão cultivar todas as pessoas que quizerem não só mesmos portos da Costa da Mina, em que d'antes se fazia, mas em todos os de Africa, que ficão de dentro como de fóra do Cabo da Boa Esperança, parece faz preciso, que com mais alguma distinção se me declare quaes são os portos da Guiné, para que não hei de conceder as licenças...”³¹

A respeito dessa confusão em torno do que seja Guiné, Luís Viana Filho³² faz uma tentativa de esclarecimento, aceita com elogios por Maurício Goulart.³³

Um ponto de vista é quase uniforme entre os historiadores, no que concerne à hipótese de terem vindo de Angola os primeiros escravos, assim como ser de lá a maior safra de negros importados. Angola era o centro mais importante da época e atrás dela, querendo tirar-lhe a hegemonia, estava Benguela. Angola foi para o Brasil o que o oxigênio é para os seres vivos e segundo Taunay,³⁴ em uma consulta de 23 de janeiro de 1657, os conselheiros da rainha regente, viúva de D. João IV e também membros do Conselho da Fazenda diziam que Angola era o *nervo das fábricas do Brasil*.

³¹ Eduardo de Castro e Almeida, Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, organizado para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por Eduardo de Castro e Almeida, tomo I, Bahia, 1613-1762. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1913, págs. 285-286.

³² Luís Viana Filho, *O Negro na Bahia*. Prefácio de Gilberto Freyre, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1946, págs. 25-26.

³³ Maurício Goulart, *Escravidão Africana no Brasil* (Das origens à extinção do tráfico), 2.^a edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1950, págs. 185-186.

³⁴ Afonso E. Taunay, *op. cit.*, pág. 211.

"O abastecimento em Angola era cousa natural. Além das causas que enumeramos havia ainda outra: era um mercado nôvo, abundante, fácil. Para êle convergiu o comércio baiano, que, em troca de aguardente, fazendas, miçangas, facas, pólvora, ia buscar negros", afirma Luís Viana Filho, em *O Negro na Bahia*.³⁵ Tôda essa carreira para os portos de Angola era devido à boa qualidade dos escravos, principalmente no que tange à submissão, o que não possuíam os nagôs, que eram chegados à rebeldia e arruaças. Talvez por essa facilidade que existia no mercado de Angola, associada à boa mercadoria, é que os historiadores concluem pelo pioneirismo de Angola na remessa de escravos para o Brasil. Na excelente introdução que dá à edição da *Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo inquisidor e visitador o licenciado Marcos Teixeira/Livro das Confissões e Retificações da Bahia: 1618-1620*, de Eduardo D'Oliveira França e Sônia A. Siqueira, refulando Luís Viana Filho que, estudando o que chama de *Ciclo de Angola*, admite, do mesmo modo que José Honório Rodrigues,³⁶ que a superioridade dos negros bantos na Bahia foi no século XVI, argumentando que já entre 1575 e 1591 teriam saído nada menos de 50.053 peças para o Brasil e Índias de Castela. A fonte de informação é o cronista da época Abreu e Brito, em "Um inquerito à vida administrativa e econômica de Angola e do Brasil".³⁷ Também de opinião de que foi de Angola que nos veio a maior parte dos escravos é Maurício Goulart, porém com a ressalva de que isso só se verificou depois do alvará de D. João III, de 29 de março de 1559.³⁸

³⁵ Luís Viana Filho, *op. cit.*, pág. 50.

³⁶ José Honório Rodrigues, *Brasil e África: Outro Horizonte*, 2.^a edição revista e aumentada. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964, vol. I, pág. 17.

³⁷ *Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo inquisidor e visitador o licenciado Marcos Teixeira/Livro das Confissões e Retificações da Bahia: 1618-1620*. Introdução de Eduardo D'Oliveira e Sônia A. Siqueira, in *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 1963, tomo XVII, pág. 218.

³⁸ Maurício Goulart, *op. cit.*, pág. 185.

II

O Termo Capoeira

O vocábulo capoeira foi registrado pela primeira vez em 1712, por Raphael Bluteau,³⁹ seguido por Moraes em 1813, na segunda e última edição que deu em vida de sua obra.⁴⁰ Após isso, entrou no terreno da polêmica e da investigação etimológica. A primeira proposição que se tem notícia é a de José de Alencar em 1865, na primeira edição de *Iracema*, repetida em 1870, em *O Gaúcho*⁴¹ e sacramentada em 1878, na terceira edição de *Iracema*. Propôs Alencar para o vocábulo capoeira o tupi *caa-apuam-era*, traduzido por ilha de mato já cortado.⁴² Não demorou nada, para que em 1880, dois anos depois, Macedo Soares a refutasse com violência, dizendo que "o nosso exímio romancista sabia muito do idioma português, pouco do dialeto brasileiro e menos ainda da língua dos brasis."⁴³ O

³⁹ Raphael Bluteau, *Vocabulário Português e Latino*, Coimbra/No Collegio das Artes da Companhia de Jesus/Ano 1712, vol. II, pág. 129.

⁴⁰ Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portuguesa/Recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emmendado e muito accrescentado*. Lisboa, na Typographia Lacerdina/Anno de 1813, tomo primeiro, pág. 343.

⁴¹ José de Alencar, *O Gaúcho/Romance Brasileiro*. Nova edição, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s/d, pág. 239.

⁴² José de Alencar, *Iracema/Lenda do Ceará*, B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 3.^a edição, 1878, pág. 212.

⁴³ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do dialeto brasileiro*, in *Revista Brasileira*, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1880, Primeiro ano, Tomo III, pág. 228.

conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, também Visconde de Beaurepaire Rohan, entre outras centenas de títulos, que em 1879 havia proposto o tupi *co-puera*, significando roça velha, na *Revista Brasileira*,⁴⁴ viu-se também criticado pela pena de Macedo Soares. Exteriorizando, assim, sua indignação, brada o velho mestre: "Vimos ultimamente uma nova etimologia de *capoeira*, dada pelo Sr. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, nesta *Revista*, II, 426, a qual nos não parece aceitável. Traz S. Ex.^a *copuera*, roça velha; mas não explica como de *copuera* se fez *capuêra*. Nem se podia, senão por exceção, fazer. Todas as palavras guaranis que começam por *cá*, mato, fôlha, planta, erva, pau, ao passarem para o português, guardavam a sílaba *cá*, sem corrupção. E não podiam deixar de guardar, por ser parte substancial dos compostos que assim ficaram constituídos como palavras inteiras. E vice-versa, nas palavras portuguesas começadas por *cá* derivadas do guarani, significando coisa de mato, fôlha, pau, planta ou erva, o *cá* e o guarani *caá*. Não há exceção, e os exemplos formigam."⁴⁵ Com isso ficou aberta a polêmica entre Beaurepaire Rohan e Macedo Soares. Dêsse modo, sem perda de tempo, no mesmo ano, porém no volume terceiro da *Revista Brasileira*, Beaurepaire Rohan, com um artigo intitulado "Sobre a etimologia do vocábulo brasileiro capoeira", dá a seguinte lição: — "Na *Revista Brasileira* de 15 de fevereiro último, sob o título "Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro", discute o Sr. Dr. Macedo Soares a etimologia e a significação dos vocábulos *capão*, *capoeira*, *restinga*."

Neste meu ligeiro escrito não me ocupei senão do vocábulo *capoeira*, atendendo a que a etimologia que dêle apresentei não parece aceitável ao ilustre filólogo. Entre-mos na matéria.

Diz o Sr. Dr. Macedo Soares que — "Capuêra, Capôera é pura e simplesmente o guarani *caá-puêra*, mato que foi, atualmente mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou."

⁴⁴ Henrique de Beaurepaire Rohan, *Reforma da Ortografia Portuguesa*, in *Revista Brasileira*, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1879, tomo II, pág. 426.

⁴⁵ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *op. cit.*, pág. 228.

E mais adiante:

"*Capoeira* ou *caá-puêra* significa mato virgem que já não é, que foi botado abaixo, e em seu lugar nasceu mato fino e raso."

Tão defeituosa definição que prova que o Sr. Dr. Macedo Soares ainda não compreendeu bem o sentido genuíno do adjetivo *puêra*.

Puêra não pode significar ao mesmo tempo o que foi e o que é, o passado e o presente. *Puêra* é sempre a expressão do pretérito.

E se *caá-puêra* significa *mato que deixou de existir*, seria um verdadeiro contra-senso estender semelhante significação a um acidente florestal que vive em plena atualidade, bem patente aos olhos e ao alcance de todos.

Caá-puêra não pode portanto ser a etimologia de *capoeira*. Outra devemos procurar, e a encontraremos, sem a menor dúvida, no vocábulo *có-puêra*.

Se no sentido de *roça que deixou de existir* tem êsse vocábulo uma significação diversa daquela que ligamos a *capoeira*, é todavia fácil reconhecer o motivo da confusão. Atenda-me o Sr. Dr. Macedo Soares.

Logo que uma roça é abandonada, aparece nela uma vegetação espontânea que se desenvolve a ponto de formar um mato. É êsse o mato de *có-puêra*, que mais tarde se chamou mato de *capuera* como ainda hoje o dizem muitos incólas, e finalmente por abreviação, *capoeira* que é a expressão mais usual. Essa transformação de *copuêra* em *capoeira*, que tão estranha parece ao distinto literato, é devida, pura e simplesmente, à semelhança dos dois vocábulos, semelhança que facilitou a mudança do *o* em *a*. São muitos os casos em que tais substituições se têm operado sem quebra da primitiva significação de um vocábulo. É assim que *tobatinga* se transformou em *tabatinga*; *tabajara* em *tobajara*; *caryboca* em *coriboca* ou *curiboca*; e finalmente na própria língua portuguesa *devação* em *devoção*. Já vê o ilustre Sr. Macedo Soares que, por êste lado, não pode haver a menor dificuldade em admitir que a antiga *copêra* seja a *capoeira* de agora. É isto mais simples do que a metamorfose de *drúá* em *aluá*.

Nas relações vulgares estão de há muito perdidas as tradições etimológicas de *capoeira*. Por mato de capoeira ou simplesmente capoeira, entendemos, atualmente todo e qualquer mato de medíocre estatura, quer se desenvolva em roças abandonadas, quer substitua a mata virgem que se derrubou, quer enfim cubra terrenos onde não haja vestígios quaisquer nem de roças nem de matas primitivas. São sempre matos mais ou menos enfezados, que aliás vão com o tempo adquirindo certas proporções, passam ao estado de capoeirões, e, dentro de algumas dezenas de anos, acabam por constituir florestas que se confundem perfeitamente com as matas antigas. É o que, por exemplo, se observa nas extintas missões jesuíticas de Guayra. Não sei se me exprimi de modo a convencer o Sr. Dr. Macedo Soares. Em todo caso felicito-me por ter tido a oportunidade de discutir com um literato tão estimável qual sempre o considere. E para lhe dar mais uma prova do meu interesse pelo trabalho lexicográfico que tem entre mãos, acrescentarei que *tiguêra* não tem a significação de roça velha. Aquele vocabulo refere-se especialmente ao restolho de um milharal. No Rio de Janeiro lhe chamam *palhada*, e em certos lugares de Minas Gerais *palha*. Soltar os animais na palha, na palhada, no restolho ou na tiguêra é uma e a mesma coisa.

É quanto me cumpria dizer.⁴⁶

Ao lado dessa polémica, as investigações prosseguiram e proposições novas surgiram. Ainda no século passado se lê na *Poranduba Amazonense*⁴⁷ a forma *caapoêra*, assim como se vê o Visconde de Pôrto Seguro,⁴⁸ depois de discorrer em torno das acepções dos vocábulos *capão* e *capoeira*, aconselhar se escreva *capoêra*.

⁴⁶ Henrique de Beaurepaire Rohan, "Sobre a etimologia do vocabulo brasileiro capoeira", in *Revista Brasileira*, N. Midosi Editor, Rio de Janeiro, 1880 — Primeiro ano — Tomo III, págs. 390-392.

⁴⁷ J. Barbosa Rodrigues, *Poranduba Amazonense* ou Kochiyma- Uara Porandub — 1872/1877, Tipografia de Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1890, pág. 79.

⁴⁸ Visconde de Pôrto Seguro, *História Geral do Brasil/Antes da sua separação e independência de Portugal*. Em casa de E. & Laemmert, Rio de Janeiro, 2.^a edição, s/d., vol. I, pág. 8.

Atualmente são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo *caá*, mato, floresta virgem, mais *puêra*, pretérito nominal que quer dizer o que foi, o que não existe mais, étimo este proposto em 1880 por Macedo Soares.⁴⁹ Portanto, pensando assim, estão Rodolfo Garcia,⁵⁰ Stradelli,⁵¹ Teodoro Sampaio,⁵² Tastevin⁵³ e Friederici que, além de reconhecer um mesmo étimo para o tupi e para a língua geral, define como "Stellen und Strecken ehemaligen Urwaldes, die Wieder mit Jungholz-Neuwuchs besiedelt sind."⁵⁴ Afora Montoya que em 1640 propôs *cocûera*, "chacara vieja dexada ya",⁵⁵ Beaurepaire Rohan⁵⁶ propôs em 1879 a forma *co-puera*, roça velha. Em nossos dias, pensa assim Frederico Edelweiss que, em nota ao livro de Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, refutou o étimo corrente, para dizer que "essa opinião errônea é muito espalhada. *Capueira* vem de *kopûera* — roça abandonada, da qual o mato já tomou conta. A troca do o para a

⁴⁹ Antônio Joaquim de Macedo Soares, op. cit., pág. 228.

⁵⁰ Rodolfo Garcia, *Dicionário de brasileirismos* (peculiaridades pernambucanas), Rio de Janeiro, 1915, pág. 69.

— Rodolfo Garcia, *Nomes geográficos peculiares ao Brasil*, in *Revista de Língua Portuguesa/Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais*, dirigida por Laudelino Freire, n.º 3 — Janeiro, 1920, pág. 164.

⁵¹ E. Stradelli, *Vocabulário da Língua Geral Português-Nheêngatu e Nheêngatu-Português/Precedidos de um esboço de Gramática Nheêngatu-umbnê-sáua-miri e seguidos de contos em língua geral nheêngatuporanduua*. Rio de Janeiro, 1927, pág. 397.

⁵² Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, 4.^a edição, Câmara Municipal do Salvador/Introdução e notas de Frederico G. Edelweiss, Salvador, 1955, pág. 107.

⁵³ Constantino Tastevin, *Vocabulário Tupy-Portuguez*, in *Revista do Museu Paulista, Oficinas do "Diário Oficial"*, São Paulo, 1922, tomo XIII, pág. 613.

— Constantino Tastevin, *Gramática da Língua Tupy*, in *Revista do Museu Paulista, Oficinas do "Diário Oficial"*, São Paulo, 1922, tomo XIII, pág. 565.

⁵⁴ Georg Friederici, *Amerikanistisches Wörterbuch und Hilfsörterbuch für den Amerikanisten*, 2. Auflage, Cram, de Gruyter & Co., Hamburg, 1960, pág. 131.

⁵⁵ Antonio Ruiz de Montoya, *Vocabulario y tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi, en dos partes: I. Vocabulario español-guarani (ó tupi). II. Tesoro guarani (ó tupi) español*. Nueva edición, más correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tupi diferente. Faes y Frick, Viena-Maisonneuve y Cie, Paris, 1876, pág. 98.

⁵⁶ Henrique de Beaurepaire Rohan, in op. cit., pág. 426.

deve-se à influência da palavra mais corrente *kaá*, mato. Entretanto, o índio nunca chamaria ao *mato novo* de antigo roçado *kaá-pûera* — *mato extinto*, quando a capoeira é, na verdade, um mato renascido.⁵⁷

Existe no Brasil uma ave chamada *capoeira* (*Odontophorus capueira*, Spix), que além de ser encontrada no Paraguai se acha espalhada no sul da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, sul de Goiás, sudoeste de Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.⁵⁸ É também chamada *uru*, "uma espécie de perdiz pequena, anda sempre em bandos, e no chão."⁵⁹ É mencionada freqüentemente nas obras dos viajantes, mui especial na do Príncipe de Wied-Neuwied.⁶⁰ Depois de dizer que o canto da capoeira só é ouvido ao amanhecer e ao anoitecer, Macedo Soares, transcrevendo Wap-poeus informa que a referida ave é uma "pequena perdiz de vôo rasteiro, de pés curtos, de corpo cheio, listrado de amarelo escuro, cauda curta e que habita em tôdas as matas. Tem um canto singular, que é antes um assobio trêmulo e contínuo do que canto modulado. É também caça muito procurada e que se domestica com facilidade."⁶¹ No mesmo local, Macedo Soa-

⁵⁷ Frederico C. Edelweiss, in Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, ed. cit., pág. 107 — nota.

⁵⁸ Olivério M. de Oliveira Pinto, "Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista", in *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, tomo XXII, 1938, págs. 104-105.

— Carlos Octaviano da C. Vieira, "Nomes vulgares de aves do Brasil", in *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 1936, tomo XX, pág. 452.

— Hermann von Ihering e Rodolfo von Ihering, *As Aves do Brasil (Catálogo da Fauna Brasileira)*, ed. Museu Paulista, Tipografia do Diário Oficial, São Paulo, 1907, vol. I, pág. 18.

— Rodolfo von Ihering, *Dicionário dos Animais do Brasil*, São Paulo, 1940, págs. 823-825.

⁵⁹ Manuel Aires de Casal, *Corografia Brasileira ou Relação Histórica-Geográfica do Reino do Brasil*, Edições Cultura, São Paulo, 1943, tomo II, pág. 122.

⁶⁰ Wied-Neuwied, *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, 2.^a edição refundida e anotada por Olivério Pinto, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1958, págs. 188, 242, 243, 365.

⁶¹ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa/Elucidário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa ou nêles vêm com forma ou significação diferente* — 1875-1888/Coligido, revisto e completado por seu filho Ju-

res informa que o canto da capoeira era utilizado através do assobio pelos caçadores no mato como chama, e os moleques pastôres ou vigiadores de gado para chamarem uns aos outros e também ao gado. Dessa forma o moleque ou o escravo que assim procedia era chamado *capoeira*.

Ainda com ligações à ave é Nascentes que em 1955, na *Revista Brasileira de Filologia*, apresenta uma proposição diferente da que deu à luz em 1932, em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* e em 1943, quando concluiu a redação da última ficha do dicionário que a Academia Brasileira de Letras lhe encomendara. Nascentes ao explicar como o jôgo da capoeira se liga à ave, informa que o macho da capoeira é muito ciumento e por isso trava lutas tremendas com o rival, que ousa entrar em seus domínios. Partindo dessa premissa, explica que "Naturalmente, os passos de destreza desta luta, as negaças, foram comparadas com os dêstes homens que na luta simulada para divertimento lançavam mão apenas da agilidade."⁶²

Ao lado do vocábulo genuinamente brasileiro de origem tupi, há o português, significando dentre outras coisas *cêsto para guardar capões*, já com abonações clássicas, como a que se segue de Fernão Mendes Pinto, onde o vocábulo aparece bem caracterizado: — "E pondo recado & boa vigia no que convinha, nos deixamos estar esperando pela manham; & ás duas horas depois da meya noite enxergamos ao Orizante do mar tres cousas pretas rentes com a agoa, & chamamos logo o Capitão q a este tẽpo estava no conves deitado encima de hũa capoeyra, & lhe mostramos o q viamos, o qual tanto q o vio també, se determinou muyto depressa, & bradou por tres ou quatro vezes, armas, armas, o que logo se satisfez em muyto breve espaço."⁶³ Daí Adolfo Coelho⁶⁴ derivar o vocá-

lão Rangel de Macedo Soares, Rio de Janeiro, 1954, vol. I, págs. 106-107.

⁶² Antenor Nascentes, "Três brasileirismos", in *Revista Brasileira de Filologia*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955, vol. I, pág. 20.

⁶³ Fernam Mendes Pinto, *Peregrinação*. Nova edição, conforme a de 1614 preparada e organizada por A. J. da Costa Pimpão e César Pegado. Portucalense Editora, Porto, 1944, vol. II, pág. 33.

⁶⁴ Francisco Adolfo Coelho, *Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa/contendo a significação e prosódia*, P. Plantier-Editora, Lisboa, s/d., pág. 204.

bulo de *capão* mais o sufixo *eira*, seguido por Cortesão.⁶⁵ Nascentes, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*⁶⁶ segue as pegadas de Adolfo Coelho, limitando-se a fazer a derivação do vocábulo sem mais nenhuma explicação. Entretanto, já no *Dicionário da Língua Portuguesa*, elaborado para a Academia Brasileira de Letras,⁶⁷ inclui sob a mesma origem, capoeira (jôgo) e capoeira o homem que pratica o jôgo da capoeira, sem contudo ainda explicar o que determinou o étimo.

Tendo como base *capão*, do qual Adolfo Coelho tirou o étimo de capoeira para o português, Beaurepaire Rohan faz o mesmo para o vocábulo capoeira na acepção brasileira, apresentando em defesa de sua opinião a seguinte explicação: — "Como o exercício da capoeira, entre dois indivíduos que se batem por mero divertimento, se parece um tanto com a briga de galos, não duvido que este vocábulo tenha sua origem em *Capão*, do mesmo modo que damos em português o nome de capoeira a qualquer espécie de cêsto em que se metem galinhas."⁶⁸ Brasil Gerson, o historiador das ruas do Rio de Janeiro,⁶⁹ fazendo a história da rua da Praia de D. Manoel, mais tarde simplesmente rua de D. Manoel, informa que lá ficava o nosso grande mercado de aves e que nêle nasceu o jôgo da capoeira, em virtude das brincadeiras dos escravos que povoavam tôda a rua, transportando nas cabeças as suas capoeiras cheias de galinhas. Partindo dessa informação é que o pioneiro

⁶⁵ A. A. Cortesão, *Subsídios para um Dicionário Completo (Histórico Etimológico) da Língua Portuguesa*/compreendendo a etimologia, as principais noções de leis fonéticas, muitos elementos de dialetologia e de onomatologia, tanto toponímica como antroponímica, arcaísmos, neologismos, etc., França Amado-Editor, Coimbra, 1901, vol. II, pág. 25 (Aditamento).

⁶⁶ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* com prefácio de W. Meyer-Lübke, Rio de Janeiro, 1932, pág. 151.

⁶⁷ Academia Brasileira de Letras, *Dicionário da Língua Portuguesa* elaborado por Antenor Nascentes, Departamento de Imprensa Nacional, 1964, tomo I, pág. 386.

⁶⁸ Beaurepaire Rohan, *Dicionário de vocábulos brasileiros*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1889, págs. 35-36.

⁶⁹ Brasil Gerson, *História das ruas do Rio de Janeiro*, 3.^a edição revista e aumentada, Editôra Souza, Rio de Janeiro, pág. 31.

de nossos estudos etimológicos, o ilustre mestre Antenor Nascentes se escudou para propor nôvo étimo para o vocábulo capoeira, designando o jôgo atlético, assim como o praticante do mesmo. Por carta de 22 de fevereiro de 1966, que tive a honra de receber, Nascentes deixa bem claro o seu pensamento: — "A etimologia que eu hoje aceito para capoeira é a que vem no livro de Brasil Gerson sobre as ruas do Rio de Janeiro.

Os escravos que traziam capoeiras de galinhas para vender no mercado, enquanto êle não se abria, divertiam-se jogando capoeira. Por uma metonímia *res pro persona*, o nome da coisa passou para a pessoa com ela relacionada."⁷⁰ Como se vê, as proposições divergem umas das outras, fazendo com que não se tenha uma doutrina firmada sobre este ou aquele étimo. Creio que só se pode pensar em nova proposição com o desenvolvimento dos estudos sobre o negro no Brasil, o que, praticamente, está por se fazer. Caso contrário, estaremos sempre construindo algo sem ter alicerces para plantar, que no caso seria o conhecimento de novos documentos, relativos ao negro.

O vocábulo capoeira, em suas diversas acepções está espalhado em todo o território nacional como no Amazonas,⁷¹ Pará,⁷² Maranhão,⁷³ Ceará,⁷⁴ Paraíba,⁷⁵ Pernambuco,⁷⁶ Rio

⁷⁰ Antenor Nascentes, Carta ao autor de 22/2/66 — Rio de Janeiro, 71 Raimundo de Moraes, *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, Rio de Janeiro, 1931, vol. I, pág. 108.

⁷² Vicente Chermont de Miranda, *Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à ilha de Marajó*, Livraria Maranhense, Pará, 1905, pág. 21.

⁷³ César de Augusto Marques, "Foranduba Maranhense ou Relação da Província do Maranhão/Em que se dá notícia dos sucessos mais célebres que nela tem acontecido desde o seu descobrimento até o ano de 1820, como também das suas principais produções naturais, etc., com um mapa da mesma província e de um dicionário abreviado da língua geral do Brasil", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tipografia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., Rio de Janeiro, 1891, tomo LIV — Parte I, pág. 141.

⁷⁴ Florival Seraine, *Dicionário de Termos Populares* (registrado no Ceará), Organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1958, pág. 60.

⁷⁵ L. F. R. Clerot, *Vocabulário de Termos Populares e Gírias da Paraíba* (Estudo de glotologia e semântica paraibanas), 1.^a edição, Rio de Janeiro, 1959, págs. 34-35.

⁷⁶ F. J. Pereira da Costa, "Vocabulário pernambucano", in *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. XXXIV, Pernambuco, 1937, págs. 190-192.

de Janeiro,⁷⁷ Goiás,⁷⁸ Rio Grande do Sul.⁷⁹ De um modo geral, está registrado em glossários regionais e especializados, como no de Clado Ribeiro Lessa,⁸⁰ Teschauer,⁸¹ Viotti,⁸² Agenor Lopes de Oliveira,⁸³ Nascentes,⁸⁴ Bernardino José de Sousa,⁸⁵ Cascudo,⁸⁶ Plínio Ayrosa,⁸⁷ Rodolfo Garcia,⁸⁸ e outros. É bom lembrar, aqui, que, dentre os brasileirismos que Alberto Bessa inclui na sua *A Gíria Portuguesa*, está o vocábulo *capoeira*, que ele define como “jogo de mãos, pés e cabeça, praticado por vadios de baixa esfera (gatuno)”.⁸⁹

⁷⁷ Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, 2.^a edição completamente refundida, da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1943, pág. 188.

⁷⁸ José A. Teixeira, *Estudos de Dialectologia Portuguesa/Linguagem de Goiás*, Editora Anchieta, São Paulo, 1944, vol. II, IV parte (Glossário regional).

⁷⁹ Antônio Alvares Pereira Coruja, *Coleção de Vocábulos e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no Brasil*, Trubner e Comp., Londres, 1856, pág. 9.

⁸⁰ Clado Ribeiro Lessa, *Vocabulário de Caça*/contendo os termos clássicos portugueses de cinegética geral, os relativos à falcoaria, e os vocábulos e expressões de uso peculiar ao Brasil, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944, pág. 49.

⁸¹ Carlos Teschauer, *Novo Vocabulário Nacional*/III.^a série das apostilas ao *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*. Barcellos Bertoso & Cia. — Livraria do Globo, Porto Alegre, 1923, pág. 109.

⁸² Manuel Viotti, *Novo Dicionário da Gíria Brasileira*, 3.^a edição, Livraria Tupã, s/d., pág. 99.

⁸³ Agenor Lopes de Oliveira, *Toponímia Carioca*, ed. Prefeitura do Distrito Federal, s/d., págs. 115, 181, 259-260.

⁸⁴ Antenor Nascentes, *A Gíria Brasileira*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1953, pág. 33.

⁸⁵ Bernardino José de Souza, *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*/Onomástica geral da Geografia Brasileira, 3.^a edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1961, pág. 87.

⁸⁶ Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2.^a edição revista e anotada, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962, págs. 181-182.

⁸⁷ Plínio Ayrosa, *Termos Tupis no Português do Brasil*. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, São Paulo, 1937, págs. 105-120.

⁸⁸ Rodolfo Garcia, *Dicionário de Brasileirismos* (peculiaridades pernambucanas), Rio de Janeiro, 1915, pág. 69.

— Rodolfo Garcia, “Nomes geográficos peculiares ao Brasil”, in *Revista de Língua Portuguesa*/Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigida por Laudelino Freire, n.º 3 — janeiro, 1920, pág. 164.

⁸⁹ Alberto Bessa, *A Gíria Portuguesa*/Esbôço de um dicionário de “calão” contendo uma longa cópia dos termos e frases empregados na linguagem popular de Portugal e do Brasil, com as respectivas significa-

Semânticamente falando, o vocábulo existe nas mais variações, as quais vão adiante: —

Capoeira, s.f. — Espécie de cesto feito de varas, onde se guardam capões, galinhas e outras aves.

Capoeira, s.f. — Local onde fica a criação.

Capoeira, s.f. — Carruagem velha.⁹⁰

Capoeira, s.f. — Tipóia.⁹¹

Capoeira — Termo de fortificação, designando a escavação no fundo de um poço seco, guarnecida de um para- peito com seteiras e de um teto de franchões, sobre que se deita uma grossa camada de terra.⁹²

Capoeira, s.f. — Espécie de cesto com que os defensores duma fortaleza resguardam a cabeça.⁹³

Capoeira, s.f. — Designa uma peça de moinho.⁹⁴

Capoeira, s.f. — Mato que foi cortado.

Capoeira, s.f. — Lenha que se retira da capoeira, lenha miúda.⁹⁵

Capoeira, s.f. — Designa uma ave (*Odontophorus capueira*, Spix), também conhecida pelo nome de *Uru*.

Capoeira, s.f. — Espécie de jogo atlético.

Capoeira açu, s.f. — Chama-se, no Maranhão, a capoeira que tem mais de 12 anos.

ções colhidas na tradição oral e em documentos, livros e jornais antigos e modernos, incluindo muitas palavras ainda não citadas como de “gíria” em dicionário algum, por Alberto Bessa, com prefácio do ilustre Professor Dr. Theophilo Braga, Livraria Central de Goes de Carvalho, Lisboa, 1901, pág. 7.

⁹⁰ F. J. Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*/feito sobre um plano inteiramente novo. Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, pág. 282.

— Laudelino Freire, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, organizado por Laudelino Freire com a colaboração técnica do Professor J. L. de Campos, A Noite Editora, Rio de Janeiro, 1941, vol. II, pág. 1.238.

⁹¹ F. J. Caldas Aulete, *op. cit.*, pág. 282.

— Laudelino Freire, *op. cit.*, 1941, vol. II, pág. 1.238.

⁹² Raphael Bluteau, *op. cit.*, 1712, vol. II, pág. 129.

— Laudelino Freire, *op. cit.*, 1941, vol. II, pág. 1.238.

⁹³ Laudelino Freire, *op. cit.*, 1941, vol. II, pág. 1.238.

⁹⁴ A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, Livraria Clássica Editora — A. M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1906, vol. I, pág. 229.

⁹⁵ Plínio Ayrosa, *op. cit.*, pág. 12.

Capoeira mirim, s.f. — Chama-se, no Maranhão, a capoeira que tem menos de 12 anos.

Capoeira grossa, s.f. — Capoeira onde já existem árvores grandes e grossas.

Capoeira rala, s.f. — Capoeira que se corta constantemente.

Capoeira de machado, s.f. — Capoeira de grandes arbustos que só pode ser cortada com machado. Em Pernambuco é chamado *capoeirão de machado*.⁹⁶

Capoeira de foice, s.f. — Capoeira que pode ser cortada com foice.⁹⁷

Capoeira, s.m. — O que pertence ao jogo da capoeira.

Capoeira, s.m. — Indivíduo desordeiro.

Capoeira, s.m. — Ladrão de galinha.

Capoeira, s.m. — Espécie de veado existente no Nordeste.⁹⁸

Capoeira, s.m. — Matuto, indivíduo na capoeira.⁹⁹

Capoeirão, s.m. — Homem velho e pacato pela idade.

Capoeirão, s.m. — Capoeira bastante grossa.

Capoeirano, s.m. — Termo usado no Recôncavo da Bahia para designar o habitante em terras de capoeira.¹⁰⁰

Capoeirada, s.f. — Conjunto de capoeiras.

Capoeiragem, adj. — Ato de capoeira.

Capoeiroso, adj. — Relativo à capoeira.¹⁰¹

Capoeirar, v. — Burlar intentos, ladinar, enganar.¹⁰²

⁹⁶ Rodolfo Garcia, *op. cit.*, pág. 69.

⁹⁷ Domingos Vieira, *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Porto, 1873, vol. II, pág. 96.

⁹⁸ Gustavo Barroso, *Terra de Sol* (Natureza e costumes do Norte), 5.^a edição, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956, pág. 49.

⁹⁹ Plínio Ayrosa, *op. cit.*, pág. 117.

¹⁰⁰ Bernardino José de Souza, *op. cit.*, págs. 86-87.

¹⁰¹ Carlos Teschauer, *op. cit.*, pág. 109.

¹⁰² Plínio Ayrosa, *op. cit.*, pág. 118.

Capoeirar, v. — Prender aves em grandes cestos ou capoeiras.

Capoeirar, v. — Andar pelas capoeiras.

Encapoeirar, v. — O mesmo que capoeirar.

Encapoeirado, adj. — Metido na capoeira, escondido na região das capoeiras.

Encapoeirado, adj. — Terreno já coberto de capoeira.

III

A Capoeira

Antes de entrar no estudo da capoeira propriamente dita, é necessário responder a pergunta anteriormente formulada, indagando se os africanos trouxeram a capoeira da África, especificamente de Angola, ou a inventaram no Brasil.

Quando examinei o problema do tráfico de escravos africanos para o Brasil, falei da dificuldade em se afirmar, com precisão, a data da chegada dos primeiros escravos e a sua procedência, em virtude da escassez, no momento, de documentos. Entretanto, falei da tendência dos historiadores e africanistas, tomando como base poucos e raros documentos conhecidos, em se fixarem como sendo de Angola os primeiros negros aqui chegados, assim como ter o grosso de nossos escravos escoado dos portos de São Paulo de Luanda e Benguela. Ao lado disso a gente do povo e sobretudo os capoeiras falam todo o tempo em *capoeira Angola*, mui especialmente quando querem distingui-la da *capoeira regional*, de que falei no lugar oportuno. Ora, tudo isso seria um pressuposto para se dizer que a capoeira veio de Angola, trazida pelos negros de Angola. Mas, mesmo que se tivesse notícia concreta da existência de tal folguedo por aquelas bandas, ainda não era argumento suficiente. Está documentado, e sabido por todos, que os africanos uma vez livres e os que retornaram às

suas pátrias levaram muita coisa do Brasil, coisas não só inventadas por eles aqui, como assimiladas do índio e do português. Portanto, não se pode ser dogmático na gênese das coisas em que é constatada a presença africana; pelo contrário, deve-se andar com bastante cautela.

No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em sua maioria, não pratiquem mais a capoeira, devido à idade avançada. Em livro recentíssimo, Luís da Câmara Cascudo defende a estranha tese de que "Existe em Angola a nossa Capoeira nas raízes formadoras e é, como supunha, uma decorrência de cerimonial de iniciação, aspecto que perdeu no Brasil."^{102a} Lamentavelmente, o raciocínio e documentação que passa a desenvolver, para explicar sua proposição, não convencem, devendo-se, portanto, tomar conhecimento da referida tese, com bastante reserva, até que seu autor a elucide com mais desenvoltura e rigorosa documentação, dando o caráter científico que o problema está a exigir. Não tenho documentação precisa para afirmar, com segurança, terem sido os negros de Angola os que inventaram a capoeira ou mais especificamente *capoeira Angola*, não obstante terem sido eles os primeiros negros a aqui chegarem e em maior número dentre os escravos importados, e também as cantigas, golpes e toques da capoeira falarem sempre em Angola, Luanda, Benguela, quando não intercalados com termos em língua bunda. Por outro lado, há também a maneira de ser desses negros, muito propensa aos folguedos, sobretudo dessa espécie. Braz do Amaral,¹⁰³ dentre outros, afirma que os negros de Angola eram insolentes, loquazes, imaginosos, sem persistência para o trabalho, porém férteis em recursos e manhas. Tinham mania por festa, pelo reluzente e o ornamental. Seu pendor para festa, fertilidade de imaginação e agilidade eram

^{102a} Luís da Câmara Cascudo, *Folclore do Brasil/Pesquisa e Notas*. Editora Fundo de Cultura, Brasil-Portugal, 1967, pág. 183.

¹⁰³ Braz do Amaral, *Os grandes mercados de escravos africanos. As tribos importadas. Sua distribuição regional*, in *Fatos da Vida do Brasil*, Tipografia Naval, Bahia, 1941, pág. 126.

o suficiente para usarem e abusarem dos folguedos conhecidos e inventarem muitos outros. Além da sua capacidade de imaginação, buscaram os negros elementos de outros folguedos e de coisas outras do quotidiano para inventarem novos folguedos, como teria sido o caso da capoeira. Para princípio de argumentação, quero citar a capoeira de Mestre Bimba, chamada *capoeira regional* e tida por todos como uma outra capoeira, distinta da que geralmente se chama *capoeira Angola*.

A capoeira é uma só, com ginga e determinado número de toques e golpes, que servem de padrão a todos os capoeiras, enriquecidos com criações novas e variações sutis sobre os elementos matrizes, mas que não os descaracterizam e interferem na sua integridade. Apenas o que houve na capoeira dita regional, foi que o Mestre Bimba a desenvolveu, utilizando elementos já conhecidos dos seus antepassados e enriquecendo com outros a que não lhes foi possível o acesso. Mesmo assim, os elementos novos introduzidos, são facilmente reconhecidos e distintos dos tradicionais como é o caso dos *golpes ligados* ou *cinturados*, provenientes dos elementos de lutas estrangeiras, o que não se verifica nos golpes tradicionais, onde os capoeiras não se ligam e mal se tocam. Portanto, não tem o menor fundamento a afirmativa de Edison Carneiro, em *Negros Bantos*,¹⁰⁴ repetida, vinte anos mais tarde, em *A Sabedoria Popular*,¹⁰⁵ de que há nove modalidades de capoeira, passando em seguida a enumerá-las. O que houve foi uma bruta confusão feita por Edison Carneiro, misturando golpes de capoeira com toques de berimbau, chamando a isso modalidades de capoeira. Lastimável é que esse erro vem sendo repetido por quantos o copiam e o mais recente foi Dias Gomes, no texto que escreveu para a gravação de capoeira da Editora Xauã, muito embora não diga que copiou dos livros de Edison Carneiro.

Num dos diálogos que mantive com o Mestre Bimba, perguntei-lhe por que inventou a *capoeira regional*, ao que me respondeu que achava a capoeira Angola muito fraca, como

¹⁰⁴ Edison Carneiro, *Negros Bantos/notas de etnografia religiosa e de folclore, Civilização Brasileira, S/A. — Editora, Rio de Janeiro, 1937, pág. 149.*

¹⁰⁵ Edison Carneiro, *A Sabedoria Popular*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957, pág. 199.

divertimento, educação física e ataque e defesa pessoal. Então indaguei o que utilizou para fazer a que chamou de regional, que considerou forte e capaz de preencher os requisitos que a capoeira Angola não preenche. Respondeu-me que se valeu de golpes de batuque, como *banda armada*, *banda fechada*, *encruzilhada*, *rapa*, *cruze de carreira* e *baú*, assim como detalhes da coreografia de *maculelê*, de folguedos outros e muita coisa que não se lembrava, além dos golpes de luta greco-romana, jiu-jitsu, judô e a savata, perfazendo um total de 52 golpes. Logo não está fora de propósito a etimologia de capoeira apresentada por Nascentes,¹⁰⁶ tomando como base o nome de uma ave chamada capoeira, justificando a sua proposição no fato do macho, ao menor indício da presença de seu rival, ir de encontro ao mesmo e travar lutas tremendas, lutas essas que foram comparadas com as que simulavam os capoeiras para se divertirem. Eu vou mais adiante, dizendo mesmo que os negros poderiam muito bem ter extraído golpes ou detalhes de golpes, para a invenção do folgado e que poderia perfeitamente chamar de capoeira a um jogo, em função de uma ave com esse nome, da qual lhe extraíra alguns elementos para a sua invenção.

Outro fato importante é o resultado da *enquête* que fiz com vários capoeiras, antigos e modernos, e verifiquei que quase todos eles possuem um ou mais golpes ou toques diferentes dos demais, inventados por eles próprios, ou então herdados de seus mestres ou de outros capoeiras de suas ligações, isso sem falar na interpretação pessoal, embora sutil, que dão aos golpes e toques, de um modo geral, e o golpe pessoal que todo capoeira guarda consigo, para ser usado no momento necessário. O texto descritivo de capoeira mais antigo que se tem notícia é o que está nas *Festas e Tradições Populares do Brasil* de Melo Moraes Filho. Pois bem, os golpes aí referidos, são, na sua quase totalidade, desconhecidos dos capoeiras da Bahia, como é o caso do *tronco*, *raiz*, *fedegoso*, *pé de panzina*, *caçador*, *passo a dois* e outros,¹⁰⁷ golpes esses e muitos que

¹⁰⁶ Antenor Nascentes, "Três brasileirismos", in *Revista Brasileira de Filologia*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, vol. I, pág. 20.

¹⁰⁷ Melo Moraes Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil/Revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo*, F. Brigueit & Cia., Editores, Rio de Janeiro, 3.^a edição, 1946, pág. 448.

Melo Moraes Filho não teve conhecimento, ou simplesmente não mencionou, mas que foram criações de capoeiras ou malhas de capoeiras do Rio de Janeiro de seu tempo, extraídas da imaginação e de elementos que lhes vinham à frente. Segundo fui informado, existiu no Rio de Janeiro um velho mestre de capoeira baiano, conhecido por Sinhôzinho (Agenor Sampaio), do qual ainda existem alunos, com academia de capoeira, utilizando-se de alguns dos golpes referidos por Melo Moraes Filho. Em nossos dias, Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha e também professor de Educação Física da referida corporação, e Inezil Penna Marinho, publicando o primeiro *Capoeiragem/A arte de defesa pessoal brasileira*, reeditado em 1962 com o título de *Capoeira sem Mestre* e o segundo *Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem* e mais adiante, *Subsídios para a História da Capoeiragem no Brasil*,¹⁰⁸ por sinal, os primeiros trabalhos que se publicam no gênero. Para a confecção do trabalho que é de caráter puramente técnico, isto é, preocupando-se exclusivamente com o aprendizado dos golpes, Lamartine Pereira da Costa encontrou dificuldade no que se refere à bibliografia sobre o assunto. Então, segundo declara no prefácio, resolveu basear-se na tradição oral e no que pôde arrancar de velhos capoeiras do Rio de Janeiro e da Bahia e o resultado é que catalogou golpes, à exceção dos tradicionais, totalmente desconhecidos dos mestres capoeiras da Bahia. Há ainda outra coisa importante no desenvolvimento da capoeira — é que dentro das limitações das regras de jôgo, o capoeira tem liberdade de criar, na hora, golpes de ataque e de defesa conforme seja o caso, que nunca foram previstos e sem nome específico e que após o jôgo ele próprio não se lembra mais do tipo de expediente que improvisou. No jôgo da capoeira vai muito de pessoal.

¹⁰⁸ Lamartine Pereira da Costa, *Capoeiragem/A arte de defesa pessoal brasileira*, Rio de Janeiro, s/d.

— Lamartine Pereira da Costa, *Capoeira sem Mestre*, Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1962.

— Inezil Penna Marinho, *Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.

— Inezil Penna Marinho, *Subsídio para a História da Capoeiragem no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

Portanto, a minha tese é a de que a capoeira foi inventada no Brasil, com uma série de golpes e toques comuns a todos os que a praticam e que os seus próprios inventores e descendentes, preocupados com o seu aperfeiçoamento, modificaram-na com a introdução de novos toques e golpes, transformando uns, extinguindo outros, associando a isso o fator tempo que se incumbia de arquivar no esquecimento muito deles e também o desenvolvimento social e econômico da comunidade onde se pratica a capoeira. Assim, dos toques e golpes primeiros, de uso de todos os capoeiras, uma boa parte foi esquecida, permanecendo uma pequeníssima e uma outra desapareceu em função, como já disse, do desenvolvimento econômico e social. Como exemplo disso posso citar o toque de berimbau chamado *aviso*, ainda do conhecimento do capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva). Segundo corre na transmissão oral dos antigos capoeiras, era comum ficar um tocador de berimbau, num oiteiro, onde se divisava toda uma área enorme, com a finalidade de vigiar a presença do senhor de engenho, capataz ou capitão do mato, no encalço deles. Uma vez notada a aproximação desses inimigos, era dado um *aviso*, no berimbau, através de um toque especial. Como se vê, esse toque ainda do conhecimento de alguns capoeiras, desapareceu, em função da organização social que se tem hoje. Outro exemplo é o toque *cavalaria*, conhecido de todos os capoeiras da Bahia. Esse toque era usado para denunciar a presença do famigerado *Esquadrão de Cavalaria*, que teve o auge de sua atuação contra os candomblés e os capoeiras, na administração do temível delegado de polícia Pedrito (Pedro de Azevedo Cordilho), no período de 1920 a 1927. Alcancei-o na minha fase de garoto em total decadência e hoje desaparecido por completo, restando apenas o toque *cavalaria* e sua funesta memória, e o delegado Pedrito que entrou para o folclore, nas cantigas de aviso da sua aproximação, em algumas cantigas de capoeira e *candomblé de caboclo*.

A capoeira foi inventada com a finalidade de divertimento, mas na realidade funcionava como faca de dois gumes. Ao lado do normal e do cotidiano, que era divertir, era luta também no momento oportuno. Não havia *Academias de Capoeira*, nem ambiente fechado, premeditadamente preparado para se jogar capoeira. Antigamente havia capoeira, onde ha-

via uma quitanda ou uma venda de cachaça, com um largo bem em frente, propício ao jogo. Aí, aos domingos, feriados e dias santos, ou após o trabalho se reuniam os capoeiras mais famosos, a tagarelarem, bebêrem e jogarem capoeira. Contou-me Mestre Bimba, que a cachaça era a animação e os capoeiras, em pleno jogo, pediam-na aos donos das vendas, através de toque especial de berimbau, que eles já conheciam. Afora isso, as maiores concentrações eram na Estrada da Liberdade, Pau Miúdo, Cidade de Palha, rua dos Capitães, rua do Passo Taboão, Cais Dourado e no Cais do Pôrto. O Cais Dourado, no fim do século passado, se tornou famosíssimo pelo excesso de desordens e crimes, que ali se praticavam, sobretudo por ser zona de meretrício e para lá convergirem, além dos capoeiras, marinheiros, soldados de polícia e delinquentes. Os jornais da época dão conta de como a cidade vivia em sobressalto, pelos acontecimentos ali ocorridos. Assim é que se lê em 1880 que "Por desordeiro foi prêso ontem no Cais Dourado o africano liberto Antônio Manoel de Souza."¹⁰⁹ Ainda no Cais Dourado mas desta vez um conflito de maiores proporções, com a participação de marinheiros, foi assim descrito pelo *Jornal de Notícias* de 1880: —

Ontem às 9 horas da noite estêve a rua do Cais Dourado em alarma, originado de um grande conflito em que tomaram parte mais de quarenta indivíduos de ambos os sexos, armados de facas e garrafas.

De certo tempo para cá tem aquela rua se transformado em um campo de luta incessante, onde, à noite e em dias santificados, rola o pau, voa a garrafa como projétil e maneja-se a faca como argumento, ante o qual cede a razão e o direito.

Por mais de uma vez temos registrado fatos dignos da mais séria punição, de que são protagonistas marinheiros de má conduta e mulheres para quem a honra é um mito, a virtude palavra sem significação; homens e mulheres que só procuram os prazeres sensuais, que tripudiam em torno da garrafa, com as mais desenfreadas bacantes.

¹⁰⁹ *Jornal de Notícias*, Salvador 2/4/1880, pág. 1.

Se de cada vez que fôssem presos, quer os marinheiros, quer suas ninfas, assinassem termo de bem viver, estamos certos, se corrigirão; mas sofrem apenas uma prisão correcional de poucas horas e voltam para o teatro de suas façanhas, convencidos de que a polícia é impotente para refreá-los.

Foi tão sério o conflito de ontem que para ali correu quase todo o destacamento do Comércio, que prendeu trinta e duas pessoas, saindo feridas com facadas duas praças.

A muito custo conseguiu a força acalmar os ânimos, sendo necessário que o comandante dela ameaçasse mandar fazer fogo contra aquela desenfreada gente.

As duas praças feridas foram medicadas em uma farmácia próxima, procedendo-se ao corpo de delito, e os presos remetidos para a casa de correção.

Esperamos que o sr. chefe de polícia, em vista da gravidade do caso, obrigue êsses desordeiros a assinar termo de bem viver para serem punidos quando o infringirem, para ver se assim consegue-se desassombrar as pessoas morigeradas que ali residem."¹¹⁰

Em tudo era notada a presença do capoeira, mui especialmente nas festas populares, onde até hoje comparecem, embora totalmente diferentes de outrora. Em toda festa de largo, profana, religiosa ou profano-religiosa, o capoeira estava sempre dando ar de sua graça. Suas festas mais preferidas eram as de Santa Bárbara no mercado do mesmo nome, na Baixa dos Sapateiros, festa da Conceição, cujo local de preferência era a Rampa do Mercado e adjacências; festa da Boa Viagem, festa do Bonfim, festa da Ribeira, festa da Barra, tão famosa e hoje totalmente extinta; do Rio Vermelho, Carnaval e muitas outras. Não havia academias turisticamente organizadas. Os capoeiras, com alguns outros companheiros e discípulos rumavam para o local de festa, com seus instrumentos musicais, inclusive armas para o momento oportuno e lá, com amigos outros que encontravam, faziam a roda e brincavam o tempo que queriam.

¹¹⁰ *Jornal de Notícias*, Salvador, 9/9/1880, pág. 2.

Um outro aspecto importante é o que se refere à capoeira em si e suas ligações com o candomblé. De início, tenho a afirmar que entre a capoeira em si e o candomblé existe uma independência. O jogo da capoeira para ser executado não depende em nada do candomblé, como ocorre com o folguedo carnavalesco chamado *Afoxé*, que para ir às ruas há uma série de implicações de ordem místico-litúrgicas. Apesar de nas cantigas de capoeira se falar em *mandinga*, *mandingueiro*, usar-se palavras e composições em línguas bunda e nagô e também a capoeira se iniciar com o que os capoeiristas chamam de *mandinga*, nada existe de religioso. O que existe vem por vias indiretas. É o capoeira que é *omorixá* (filho de santo), como é o caso do capoeira Arnol (Arnol Conceição) que é filho de santo do famoso *babalorixá* (pai de santo) de Cachoeira, conhecido por Enock (Enock Cardoso dos Santos), o qual fez Oxossi (Odé) em sua cabeça, dando o *orukó* (nome) de *Odé Ajayi koleji* (O caçador de Ajayi não pode acordar). Roseno (Manoel Roseno de Santana) "raspado e pintado de Omolu" pela finada *iyalorixá* (mãe de santo) Cecília do Bunukô (Cecília Moreira de Brito); Caiçara (Antônio da Conceição Moraes) "feito" de Logun Edé por sua mãe de sangue, Adélia Maria da Conceição. Quando não é isso, é *oloyé* (dono de título honorífico) de uma casa de candomblé, é parente de mãe ou pai de santo, ou foi desde criança criado em ambiente de casa de candomblé.

Diante disso, o capoeirista procede com referência à capoeira, como procederia normalmente com outra coisa, procurando sempre se proteger, por esse caminho, que é o que foi introduzido na sua formação. Então se verifica, constantemente, um comportamento que tinha antigamente, conservando ainda até nossos dias. Assim, a todo instante um capoeira "está queimando" outro, isto é, fazendo *ebó* (feitiço) para o seu companheiro, tendo em vista sempre a concorrência e desavenças resultantes disso. Sem querer exagerar, a população da Bahia, na sua quase totalidade, quando não tem participação ativa nos ambientes de candomblé, de vez em quando "espia" o que está acontecendo ou está por vir. Portanto, não é de se admitir que os capoeiras sejam os únicos a estarem de fora. Conheço uma série de casos de *ebó*, entre capoeiras, verificados nos dias presentes. O salão de exibições patroci-

nadas pelo órgão oficial de turismo do município do Salvador, de há muito, vem sendo disputadíssimo pelos capoeiras, em virtude de um único fato que é o sócio-econômico. O capoeira ou as academias de capoeira se sentem promovidos em se exibirem diante de um presidente de república, embaixadores, ministros de Estado, nobreza, clero e burguesia, que pela Bahia passam, juntando a isso as vantagens econômicas que tiram não só do contrato que fazem com o referido órgão, para a exibição e também do dinheiro que se coloca no chão, para ser apanhado com a bôca, durante o jogo, em golpes espetaculares. Também a aludida entidade é uma espécie de oráculo, onde os que aqui chegam e desejam um grupo de capoeiras para filmagens ou exibições e lhe solicita a indicação. Como se vê, daí a disputa. Já desde administrações anteriores, quem primeiro montou exibição no referido local foi o capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), que é de Iansan, sem contudo "ser feito", mas descende de avós africanos, com tia e irmã mães de santo e em plena atividade litúrgica. Pois bem, uma vez montada a sua capoeira, com exibições com dias e horas marcados e também sendo o escolhido para as exibições oficiais, começou então a "queima do ponto", o envio de *ebós* e a presença de Exu em todas as exibições, de modo que à hora do jogo havia sempre um aborrecimento. Pressentindo o que estava acontecendo, Canjiquinha corre à sua irmã Lili (Carlinda da Silva Sá) que é mãe de santo e pede para "olhar", o que foi feito através do "jogo", que descortinou tudo, indicando o caminho a seguir, por meio de um *ebó*. Com isso se inicia a troca de *ebó*, pois o capoeira que deu começo à coisa, que eu me reservo declinar seu nome, queria derrubá-lo a todo custo. Nesse ínterim, estava no páreo um outro capoeira, esse "feito de santo" e com um irmão pai de santo, que no interior era famoso em "transportar" em 24 horas. Houve "troca de fôlhas" e Canjiquinha se viu balançado, até que, quando menos esperava, foi-lhe mandado um Exu e fez com que tivesse um atrito sério com o então diretor do órgão, quase que ambos fazendo usança da força física. Veio a inimizade e a conseqüente extinção das exibições no local. O capoeira que iniciou a mandinga passou a ser o eleito, não ocupando o salão com as suas exibições porque tinha acade-

mia no centro da cidade, mas os turistas lhe eram encaminhados e nas exposições oficiais a sua academia era a escolhida. Nesse espaço, aquele que derrubou Canjiquinha veio pedir a preferência do salão, o que foi negado. Com a mudança de administração e os constantes *ebós*, Canjiquinha consegue derrubar o que lhe atravessou e volta a assumir o comando daquilo que plantara. Desta vez, contra seu gosto, mas por imposição do órgão, o qual seu inimigo usara para derrubá-lo anteriormente. Agora toda cautela é pouca, o menor descuido seria engolido. Assim, nas catacumbas da antiga igreja da Sé, onde funciona o turismo municipal, com o seu respectivo salão para exposições, e em cujo chão jazem os restos mortais dos que andaram pela Bahia nos idos de 1500 a nossos dias, práticas místico-litúrgicas de candomblé foram e ainda são executadas, por um e outro capoeira para a derrubada um do outro e o vencedor ocupar o trono sózinho. Cansei de observar, várias vezes, as paredes do salão estarem, a título de decoração, infestadas de *ewê peregum* (fólias de peregum) cruzadas, espada de Ogun num canto, corredeira no outro, pomba, mui discretamente pulverizada, em lugar estratégico, isso sem se falar de pequenos alguidares contendo acaçá, charuto, farofa de azeite de dendê, pipoca e cachaça, habilmente escondidos nos canteiros do jardim, na parte de cima, logo na porta de entrada. Com isso começou a perturbação. Exu era o senhor de tudo, estava bem alimentado para cumprir uma tarefa, portanto tinha que executá-la. A coisa foi tomando corpo até que chegou ao auge, dessa vez vencendo Canjiquinha, derrubando o seu companheiro. Sua irmã, mãe de santo, descobriu tudo e disse o que deveria fazer para “desmanchar” o *ebó* que o outro havia feito, porém Canjiquinha recusou, pois vinha há algum tempo “trabalhando” com Manoel Fiscal (Manoel Anastácio da Silva) que é *axogun* (o que sacrifica animais para os deuses) e também capoeira, iniciado pelo famoso e temível Besouro Cordão de Ouro, concluindo com Mestre Bimba. Relatou-me Manoel Fiscal, em presença de Canjiquinha, o que fez para derrubar o seu adversário, principalmente na sede do órgão de turismo, onde havia as exposições. Independente de lavar a escadaria da entrada, que dá acesso ao salão, com “água de abô”, forneceu outra quantidade a Canjiquinha, para salpicar no salão e arredores antes de começar

as exposições. Daí em diante voltou a reinar a santa paz do Senhor. Informou-me também que iria cuidar de Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), pois haviam “queimado” o velho e ele estava passando uma dos diabos, inclusive o proprietário do local, onde funciona a sede de sua academia, queria despejá-lo. A academia de Mestre Pastinha funciona no Largo do Pelourinho, 19. É uma casa antiga junto à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Nesse velho casarão funcionou algum tempo uma escola de dança para ensinar a moças e rapazes, que não podiam ir às festinhas familiares, por não saberem dançar. Chamava-se Escola de Danças Yara e se rivalizava com muitas outras que sempre proliferaram, desde os velhos tempos na Bahia, como a Escola de Danças Mululu, dirigida pelo Professor Mululu, nome de língua bunda que quer dizer *bisneto*, como o conheciam. Funcionava num andar à rua Dr. Seabra, 70, próxima à esquina da rua 28 de Setembro, antiga rua do Tijolo. Havia também o Ginásio de Danças Modernas, dirigido pelo Professor Vicente Marques, sito à rua do Saldanha, 3. Há quem afirme que essas escolas de danças são reprodução de três outras que existiram na Bahia, que foram a do Professor Bento Ribeiro, que durou 52 anos; a do Professor Travessa, mais de 20 anos, e a do Professor Frederico Brito, 22 anos.^{110a} Após funcionar a referida escola de danças, passou a ser a sede de uma série de entidades ligadas direta e indiretamente ao candomblé, como o Afoxé Filhos de Gandhi, a própria capoeira de Mestre Pastinha, uma porção de entidades ali ensaiavam e algumas ainda ensaiam, para se exibirem no período de festas populares. É a sede da Federação de Culto Afro-Brasileiro. Por fim, para se ter uma idéia do afluxo místico-litúrgico do local, basta dizer que a ex-proprietária, Didi (Adelina Purificação Silva), no início de 1961 foi “raspada e pintada” nesse local, por Oké (Maria de Olinda), atual mãe de santo do Ilê Iyá Nassô, ou como é mais conhecido, Candomblé do Engenho Velho e Casa Branca. Ali, com a presença de *ebomins* e de *oloyês* do Axé Opô Afonjá, Axé Iyá Massê, Ilê Oxumarê e muitas outras casas de candomblé, numa festa muito bela, Didi, ao som dos atabaques pertencentes ao Afoxé Filhos de Gandhi e no salão

^{110a} A Tarde, Salvador, 12/3/1935, pág. 2.

onde inclusive Pastinha exhibe capoeira, gritou, solenemente, ao pipocar de foguetes, palmas, chuvas de flôres e grãos de arroz, o *orukó* de sua Oxun — *Oxun Demil* (Oxun me deul). O *otá* (pedra em que se assenta misticamente o deus dono da pessoa) de seu santo veio para o Candomblé do Engenho Velho, mas o Exu ficou "assentado" no quintal do prédio, sob o teto de uma casinhola de madeira. Pouco tempo depois de "feita" veio a falecer e há quem diga a bôca pequena, que seu *egun* (alma) ronda a casa. Portanto, Manoel Fiscal muito tem que trabalhar para proteger a carcaça do velho Pastinha.

De acontecimentos assim, conheço inúmeros, mas que êsses são o bastante para se mostrar de que modo são as relações da capoeira com o candomblé.

IV

A Indumentária

Falar em indumentária de capoeira em termos de côres e trajes padronizados, identificando um determinado grupo, é coisa recentíssima, nascida do advento de um turismo culturalmente mal orientado, surgido na Bahia, há pouco, mas já bastante responsável pela descaracterização de muitas de nossas tradições.

Sendo a capoeira, assim como o capoeira considerados coisas marginais, jamais poderia existir algo que facilmente fôsse identificado pela polícia, que dormia e acordava no calcanhar dos capoeiras. O que havia era um enquadramento do capoeira no trajar de uma época e num determinado instante de sua atividade, dentro de um agrupamento social. Fala-se que o capoeira usava uniforme branco, sendo calça de pantalone, ou seja uma calça folgada com bôca de sino cobrindo todo o calcanhar; camisa comprida, por cima das calças, quase que à semelhança de *abadá*; chagrin e lenço de esguião de sêda, envolto no pescoço, cuja finalidade, segundo me falou Mestre Bimba, era evitar navalhada no pescoço, porque a navalha não corta sêda pura, de que eram fabricados êsses lenços importados. Essa indumentária não era privativa do capoeira, era um traje comum a todo negro que quisesse usá-lo, fôsse

ou não capoeira. A título de ilustração posso citar Tio Joaquim (Joaquim Vieira), que foi um babalorixá famoso na Bahia, além de *Wessa Oburô*, título honorífico no Axé Opô Afonjá, segundo informação de sua neta Cantulina de Ayrá (Cantulina Pacheco), usava êsse mesmo traje, acrescido de *chapéu bico de sino* e no entanto não me falou e não me consta fôsse êle capoeira. O lenço de esguião de sêda de que fala Mestre Bimba não era uso privativo do capoeira. Funcionava como enfeite para proteger o colarinho da camisa contra o suor e a poeira, o que ainda em nossos dias se vê em festas de largo, quando o negro brinca, coloca um simples lenço de algodão ou uma pequena toalha de rosto entre o pescoço e o colarinho da camisa. Como o capoeira foi um elemento marcante em nossa sociedade, a sua maneira de ser, em seus hábitos e costumes, embora na sua quase totalidade normal como de outro indivíduo qualquer, ficou como característica sua. Ao lado dêsses detalhes, Manoel Querino fala do uso de uma "argolinha de ouro na orelha, como insígnia de fôrça e valentia".¹¹¹ Isso também não era privativo do capoeira. Conheço pessoas bem idosas que ainda alcançaram negros não mais usando argolas mas com a orelha esquerda furada e que não eram capoeiras. Além do mais, Braz do Amaral se refere ao uso de uma argola minúscula na orelha esquerda, como hábito dos negros de Angola, sem contudo especificar que eram capoeiras.¹¹²

Havia grandes capoeiras entre os *ganhadores*, entretanto a maneira do traje dêsses negros era diferente, como se vê em uma fotografia antiga, reproduzida por Manoel Querino,¹¹³ trajes êsses que ainda vi em alguns que "faziam ponto" no início da Ladeira da Montanha. No Cais do Pôrto sempre estiveram os mais famosos capoeiras, mas a roupa usual, na sua atividade de trabalho, era calça comum, com bainha arregaçada, pés descalços e camisa tipo *abadá*, feita de saco de açúcar ou farinha do reino, e nas horas de folga do trabalho,

¹¹¹ Manoel Querino, *A Bahia de Outrora*, Prefácio e notas de Frederico Edelweiss, Livraria Progresso Editora, Bahia, 1955, pág. 73.

¹¹² Braz do Amaral, *op. cit.*, pág. 126.

¹¹³ Manoel Querino, *A Raça Africana e os seus Costumes*. Livraria Progresso Editora, Bahia, 1955, estampa XVIII.

assim se divertiam jogando sua capoeira. Mais tarde essas camisas foram, aos poucos, substituídas pelas *camisas de meia*.

Aos domingos, feriados e dias santos, quando todos tinham folga, a aparência do capoeira era outra. O negro sempre teve preferência pelo traje branco, daí despertar a atenção popular e ser batizado de *a môsca no leite*, quando assim se vestia. Não sei se houve nisso influência do clima tropical, ou certas implicações de ordem religiosa, como seja o caso de possuir um título honorífico num candomblé, como *ogan*, por exemplo, e estar obrigado a comparecer com vestes totalmente brancas, ou participar de certas cerimônias, como *axêxê* (ritual fúnebre), ciclo de festas de Oxalá e outras que exigem essa indumentária, rigorosamente branca. O fato é que o negro sempre foi amante de um terno branco, assim como sapato e camisa, usando-os preferencialmente nos dias já mencionados, quando se entregava de corpo e alma ao jogo da capoeira. Colocava o lenço no pescoço para resguardar o colarinho e jogava com uma perfeição e habilidade tremendas, que não sujava, de modo algum, a domingueira.

Em nossos dias, a coisa tem outra feição. Mestres capoeiras mantêm um grupo de discípulos em torno de si reunidos, formando agrupamentos chamados *Academia*, procurando distinguir uma das outras, por meio de camisas de meia coloridas, como se fôsem verdadeiros times de futebol. Com uma preocupação eminentemente turística, escolhem camisas com cores variadas e berrantes, de um mau gosto terrível, com a finalidade de atrair atenção para o grupo, que mais parece um bloco carnavalesco do que um conjunto de mestre e discípulos de capoeira. Esse afetamento, para efeito de exibição, para turistas vai desde a indumentária, comportamento pessoal e jogo. Para essa descaracterização, tem concorrido ativamente a má orientação do órgão oficial de turismo, que além de prestigiar toda uma espécie de aventura com o nome de *Capoeira*, auxilia de diversos modos, inclusive financiando essas camisas amacacadas. Lembro-me bem que de certa feita uma determinada Academia de capoeira, dessas improvisadas para se exibir em festas populares mediante subvenção oficial ou fornecimento de camisas e sapatos, com a preocupação de ser facilmente identificada pelos turistas, as suas vedetes queriam, a todo custo, colocar número atrás das camisas que lhes

iam ser concedidas. Como a coisa ficasse demasiado chocante, as referidas camisas foram entregues mediante compromisso de não se colocar os referidos números, à semelhança de camisa de jogador de futebol.

No Rio de Janeiro, onde os capoeiras foram mais audazes e quase abalaram o ministério de Deodoro, a indumentária é a mais diversa possível. Apesar de Melo Morais Filho dizer que eles usavam calças largas à semelhança dos da Bahia, paletó desbotado, camisa de côr, gravata de manta e anel corrediço, colête sem gola, botinas de bico estreito e revirado e chapéu de feltro, apresenta fotografia de capoeira alfaiate e capanga eleitoral, com indumentária totalmente diversa da que descreve e diversa um do outro.¹¹⁴ Em nossos dias, não tenho dados precisos de como se vestem realmente os capoeiras nas academias do Rio de Janeiro.

¹¹⁴ Melo Morais Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo, F. Brigueit & Cia., Editores, Rio de Janeiro, 3.^a edição, 1946, págs. 445, 447, 453.

V

O Jôgo da Capoeira

Antigamente, o jôgo da capoeira se fazia nos engenhos, no local de trabalho, nas horas vagas e nas ruas e praças públicas, nos dias de festas, sempre em recinto aberto. Em nossos dias, não há mais engenho; no local de trabalho, como o Cais do Pôrto, não se joga mais e nas ruas e praças públicas do centro só em dias de festa. Joga-se capoeira em recinto fechado em Palácio do Govêrno, nas academias, nos salões oficiais, nos clubes particulares e nas ruas e praças públicas, onde se realizam festas populares. Espontâneamente, independente de qualquer circunstância, joga-se capoeira em ambiente aberto, na Estrada da Liberdade, Pernambuês, Cosme de Farias, Itapuã e outros bairros bem afastados do centro da cidade.

Varia de academia para academia e de capoeirista para capoeirista, não só o início do jôgo como o seu decorrer. Depois de várias e demoradas observações, consegui captar uma maneira quase que geral entre os mais antigos e mais famosos capoeiras. Sentados ou de pé, tocadores de berimbau, pandeiro e caxixi, formando um grupo; adiante capoeiras em outro agrupamento, seguido do côro e o público em volta, vêm dois capoeiras, agacham-se em frente dos tocadores e escutam

atentamente o *hino da capoeira* ou a *ladainha* como chamam outros, que é a louvação dos feitos ou qualidades de capoeiristas famosos ou um herói qualquer, como é o caso da cantiga que se segue, narrando as bravuras do repentista Manoel Riachão: —

Riachão tava cantando
Na cidade de Açu
Quando apareceu um nêgo
Como a espece de ôrubú
Tinha casaca de sola
Tinha calça de couro cru
Beijos grossos redrobado
Da grossura de um chinelo
Tinha o ôlho incravado
Outro ôlho era amarelo
Convidô Riachão
Pra cantá o martelo
Riachão arrespondeu
Não canto cum nêgo desconhecido
Ele pode sê um escravo
Ande por aqui fugido
Eu sô livre como um vento
Tenho minha linguagem nobre
Naci dentro da pobreza
Não naci na raça pobre
Que idade tem você
Que conheceu meu avô
Você tá parecendo
Que é mais môço do que eu.

— 1 —

Dando seqüência ao jôgo da capoeira, vem o que chamam de *canto de entrada*, sendo o mais cantado o que vai adiante:

Iê, água de bebê
Iê, água de bebê
Camarado

Aruandê
Iê, Aruandê
Camarado

Quis me matá
Iê, quis me matá
Camarado

Na falsidade
Iê, na falsidade
Camarado

Faca de ponta
Iê, faca de ponta
Camarado

Sabe furá
Iê, sabe furá
Camarado

Ele é cabecêro
Iê, ele é cabecêro
Camarado

É mandinguêro
Iê, ele é mandinguêro
Camarado

No campo de batalha
Iê, no campo de batalha
Camarado

Viva meu mestre
Iê, viva meu mestre
Camarado

Que me insinô
Iê, que me insinô
Camarado

A madrugada
Iê, a madrugada
Camarado

— 2 —

Da capoêra
Iê, da capoêra
Camarado

Vamos imbora
Iê, vamos imbora
Camarado

Pro mundo afora
Iê, pro mundo afora
Camarado

Rio de Janêro
Iê, Rio de Janêro
Camarado

Da vorta do mundo
Iê, da vorta do mundo
Camarado.

Terminado o *canto de entrada* os capoeiras se benzem e iniciam o *jôgo* pròpriamente dito ou o *começo da luta*, para os da capoeira regional, porém com outro toque e outro canto: —

Minino quem foi teu meste?
Minino quem foi teu meste?
Meu meste foi Salomão
Eu sô dicipo qui aprendo
Sô meste qui dô lição
O meste qui me insinô
Stá no Engenho da Conceição
A êle só devo é dinhêro
Saúde e obrigação
O segrêdo de São Cosme
Quem sabe é São Damião
Camarado.

— 3 —

Eu naci no sabo
No domingo caminhei
Na segunda-fêra
A capoêra joguei.

— 4 —

*

A iuna é mandinguêra
Quando cai no bebedô
Foi sabida, foi ligêra
Capoêra é que matô.

— 5 —

A certa altura, quebram o ritmo em que vinham e introduzem um outro, chamado *corridos*, que são cantos com toque acelerado: —

Chora minino
Nhem, nhem, nhem

O minino é chorão
Nhem, nhem, nhem

Sua mãe foi prã fonte
Nhem, nhem, nhem

Ela foi pro Cabula
Nhem, nhem, nhem

— 6 —

Foi comprá jaca dura
Nhem, nhem, nhem

Da cabeça madura
Nhem, nhem, nhem

Ô minino chorão
Nhem, nhem, nhem

Chorô qué mamá
Nhem, nhem, nhem

51

Chore minino
Nhem, nhem, nhem

Chore minino
Nhem, nhem, nhem

Chore minino
Nhem, nhem, nhem.

*

Dona Maria de lá do Mutá
Me diga meu bem
Diga como stá

Dona Maria de lá do Mutá
Quando eu fô imhora
Não vô te levá

Dona Maria de lá do Mutá
É sexta de noite
Não quero sambá

Dona Maria de lá do Mutá
Tira êsse vestido
E vamo deitá
Dona Maria de lá do Mutá.

*

Esta cobra me morde
Sinhô São Bento

Oi o bote da cobra
Sinhô São Bento

Oi a cobra mordeu
Sinhô São Bento

O veneno da cobra
Sinhô São Bento

— 7 —

— 8 —

Oi a casca da cobra
Sinhô São Bento

Ô que cobra danada
Sinhô São Bento

Ô que cobra malvada
Sinhô São Bento

Buraco velho
Sinhô São Bento

Oi o pulo da cobra
Sinhô São Bento
É cumpade.

Quanto mais o tempo vai passando, o jôgo vai se animando e os berimbaus falam mais alto. Nesse instante se trava um diálogo entre os capoeiras do côro e os tocadores, por meio de uma cantiga, onde se pede o berimbau e se nega em seguida: —

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Ou me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê.

— 9 —

Finalizando a contenda, segue-se uma outra cantiga, onde se nega, peremptoriamente, o referido instrumento: —

Esse gunga é meu
Eu não dou a ninguém

Esse gunga é meu
Foi meu pai qui me deu

— 10 —

Esse gunga é meu
Eu não dô a ninguém.

É hábito da assistência atirar ao chão algumas cédulas, para os capoeiristas, em saltos estratégicos, apanharem com a boca. Esse dinheiro, após o jôgo, o mestre divide com todos os discípulos, ficando, assim, garantido o transporte de cada um, para voltar para casa. Se por acaso ninguém resolve atirar nada, então se canta uma cantiga pedindo dinheiro: —

Quem pede, pede chorando
Quem dá merece vontade
Ô triste de quem pede
Com a sua necessidade
E no céu vai quem merece
Na terra vale quem tem
Dedo de munheca é dedo
Dedo de munheca é mão
O sangue corre na veia
Na palma de minha mão
É verdade meu amigo
Nossa vida é um colosso
Mais vale nossa amizade
Do que dinheiro em nosso bolso.

— 11 —

Ainda no correr do jôgo há as provocações, onde se aproveita para denunciar a inveja de alguém que está presente, como se vê na cantiga que se segue, cantada pelo capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), ensinada por seu mestre Aberrê: —

Ô meu Deus o qui eu faço
Para vivê neste mundo
Se ando limpo sô malandro
Se ando sujo sô imundo
Ô qui mundo velho grande
Ô qui mundo inganadô
Eu digo desta manêra
Foi mamãe qui me insinô
Se não ligo sô covarde
Se mato sô assassino
Se não falo sô calado
Se falo sô faladô
Se não como sô misquinho
Se como sô gulôso.

— 12 —

Também há outra maneira de provocar, que é por meio das *cantigas de sotaque*, onde se abre os olhos de quem é dirigido o sotaque, dizendo do que não tem medo, do que já fez e do que poderá fazer, conforme as cantigas que vão adiante: —

Ôi quem é esse nêgo
Dá, dá, dá no nêgo
Ôi no nêgo você não dá
Este nêgo é valente
Este nêgo é valente
Este nêgo é o cão.

— 13 —

*

Iê
Oia lá siri de mangue
Todo tempo não um
Tenho certeza qui você não güenta
Com a presa do gaiamum
Quando eu entro você sai
Quando eu saio você entra
Nunca vi mulé danada
Qui não fôsse ciumenta.

— 14 —

Já comprei todos tempêro
Só falta farinha e banha
Eu não caio in arapuca
In laço ninguém me panha.

*

Eu queria conhecê
Eu queria conhecê
A semente da sambambaia
Se não houvesse maré
Não poderia ter praia
Se não houvesse mulé
Home vestia saia
Ê aquinderréis.

— 16 —

Saindo do sotaque que nada mais é do que uma advertência, passa para a praga, desejando que tôdas as desgraças desabem sôbre a cabeça do infeliz visado: —

Te dô sarna te dô tinha
Te dô doença do á
Te dô piolho de galinha
Pra te acabá de matá.

— 17 —

Finalizando o jogo, há capoeiristas, como Canjiquinha que têm cantigas próprias para se despedirem e agradecerem a presença da assistência: —

Adeus, adeus
Boa viage
Eu vô mimbora
Boa viage
Eu vô cum Deus
Boa viage
Nossa Senhora
Boa viage.

— 18 —

O jogo da capoeira é algo difícil, complicado e requer uma atenção extraordinária, senão poderá ser fatal para um

dos jogadores. O capoeira tem que ser o mais possível leve, ter grande flexibilidade no corpo e gingar o tempo todo durante o jogo. A *ginga* é elemento fundamental. Da *ginga* é que saem os golpes de defesa e de ataque, não só golpes comuns a todos os capoeiras, como os pessoais e os improvisados na hora. Durante o jogo uma coisa importante a ser observada é o comportamento do capoeira, onde os mesmos não se ligam uns aos outros e nem se arreiam no chão. Apenas tocam o chão e a si mutuamente. Sômente na capoeira regional é que os jogadores se ligam, devido aos *golpes ligados* ou *cinturados*, provenientes do aproveitamento de lutas estrangeiras na capoeira.

VI

Toques e Golpes

Não conheço documentação fidedigna que afirme taxativamente que no princípio, no jogo da capoeira só havia golpes. Entretanto, uma observação dos fatos me leva a crer que o acompanhamento musical não existia, conseqüentemente os toques teriam vindo depois e se adaptado aos golpes e a eles ficado intimamente ligados, a ponto de haver hoje golpes com nome de toques e vice-versa. Em princípio, até que não se tenha conhecimento de documento em contrário, o que me levou a pensar num jogo de capoeira sem toques foi, de um lado, o fato de ainda hoje, se bem que mui raro, se jogar capoeira sem acompanhamento musical. Mestre Bimba, por exemplo, não admite o berimbau no começo do aprendizado, isso só acontecendo na terceira fase, a que chama *seqüência com berimbau*, sem se falar nos discípulos já formados, que jogam durante um tempo enorme, usando todos os golpes necessários, sem que se ouça uma nota musical qualquer, partida de um dos instrumentos musicais da capoeira.

Por outro lado, temos as escassas informações deixadas pelos cronistas e viajantes que por aqui passaram. Todos eles, quando se referem à capoeira, são unânimes em falar isoladamente do jogo sem o toque; ou do berimbau, hoje instrumen-

to principal da capoeira, mas sem a ela se referirem. Rugendas, por exemplo, embora traga uma ilustração do jogo de capoeira, acompanhado por atabaque, no texto se restringe exclusivamente ao jogo, que chama de *Kriegsspiel* (brinquedo guerreiro), como se vê neste lance: — “*Viel gewaltsamer ist ein anderes Kriegsspiel der Neger, jogar capoeira, das darin besteht, dass einer den andern durch Stösse mit dem Kopf auf die Brust, denen sie durch gewandte Seitensprünge und Pariren ausweichen, unzuwerfen sucht, indem sie fast wie Böcke gegeneinander auspringen und zuweilen gewaltig mit den Köpfen gegeneinander rennen*”.¹¹⁵ A mesma coisa aconteceu com Debret que descreve o berimbau sob o nome de *urucungo*, mas sem se referir ao jogo da capoeira.¹¹⁶

Há no acompanhamento musical toques que se poderia chamar de gerais, porque são comuns a todos os capoeiras, os quais são executados ao lado de outros que são particulares de determinada academia ou mestre de capoeira. Também acontece, e não raro, um mesmo toque, apenas com denominação diferente entre os capoeiras. Para que se tenha uma idéia, recolhi o nome dos toques de alguns capoeiras, que ainda atuam com freqüência na Bahia, como: —

Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado)

São Bento Grande
Benguela
Cavalaria
Santa Maria
Iuna
Idalina
Amazonas.

¹¹⁵ Moritz Rugendas, *Malerische Reise in Brasilien (Sitten und Gebräuche der Neger)*, herausgegeben von Engelmann & Cie., Paris, 1835, pág. 26.

— João Mauricio Rugendas, *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 5.^a edição, 1954, pág. 197.

¹¹⁶ Jean Baptiste Debret, *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 3.^a edição, 1954, tomo I, pág. 253.

Canjiquinha (Washington Bruno da Silva)

Angola
Angolinha
São Bento Grande
São Bento Pequeno
Santa Maria
Ave Maria
Samongo
Cavalaria
Amazonas
Angola em gêge
São Bento Grande em gêge
Muzenza
Jôgo de Dentro
Aviso

Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha)

São Bento Grande
São Bento Pequeno
Angola
Santa Maria
Cavalaria
Amazonas
Iuna

Gato (José Gabriel Goes)

Angola
São Bento Grande
Jôgo de Dentro
São Bento Pequeno
São Bento Grande de Compasso
São Bento de Dentro
Angolinha
Iuna
Cavalaria
Benguela
Santa Maria

Santa Maria Dobrada
Samba de Angola
Ijexá
Panhe a laranja no chão tico-tico
Samongo
Benguela Sustenida
Assalva ou Hino.

Waldemar (Waldemar da Paixão)

São Bento Grande
São Bento Pequeno
Benguela
Ave Maria
Santa Maria
Cavalaria
Samongo
Angolinha
Gêge
Estandarte
Iuna

Bigodinho (Francisco de Assis)

São Bento Grande
Cinco Salomão
São Bento Pequeno
Cavalaria
Jôgo de Dentro
Angola
Angolinha
Santa Maria
Panhe a laranja no chão tico-tico

Arnol (Arnol Conceição)

São Bento Grande
Angola
Jôgo de Dentro
Angolinha
Samba da Capoeira.

Traíra (João Ramos do Nascimento)

Santa Maria
São Bento Pequeno
São Bento Grande
Angolinha
~~Cavalaria~~
Jôgo de Dentro
Angola Dobrada
Angola
Angola Pequena
Santa Maria Regional
Iuna
Gêge-Ketu.

Como se vê, em todos eles há uma constância nos toques *Angola, São Bento Grande, São Bento Pequeno, Cavalaria, Iuna e Benguela*. Como já tive oportunidade de dizer, os toques divergentes dos comuns raramente constituem um toque totalmente diferente dos demais. Via de regra, é um já existente, apenas com outro rótulo ou então uma ligeira inovação, introduzida pelo tocador, fazendo com que se dê um nome novo. A denominação de alguns toques da capoeira está ligada a determinados povos ou regiões africanas pura e simplesmente pelo nome, ou são toques litúrgicos ou profanos de que a capoeira se valeu, como *Benguela, Angola, Ijexá e Gêge, Ketu*. Antigamente, segundo capoeiristas idosos, o toque chamado na capoeira de *Gêge* era o toque dos povos gêges (Dahomey) chamado *bravun*, toque litúrgico, específico do deus Oxumarê, o Arco-íris e que na capoeira era tocado em atabaque, conforme a ilustração de capoeira existente em Rugendas.¹¹⁷ No toque Ijexá, na capoeira de Gato (José Gabriel Goes), o nome é apenas um rótulo, pois o toque em si é uma alteração dos já conhecidos. Entretanto, em Caiçara (Antônio da Conceição Moraes), quando em exibição para turistas, é o toque litúrgico característico dos povos ijexás, tocado para alguns deuses, que Caiçara toca no berimbau e aplica na ca-

¹¹⁷ João Maurício Rugendas, *op. cit.* estampa 4/18.

poeira. Quanto às combinações nada têm a ver senão nas denominações. O toque chamado *aviso*, usado pelo capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), segundo seu mestre Aberrê era usado por um tocador que ficava num oiteiro, vigiando a presença do senhor de engenho, capitão do mato ou da polícia. Tão logo era sentida a presença de um deles, os capoeiras eram avisados através desse toque. Em nossos dias, o comum a todos os capoeiras é o chamado *cavalaria*, usado para denunciar a presença da polícia montada, do conhecido *Esquadrão de Cavalaria*, cuja grande atuação na Bahia foi no tempo do chefe de polícia chamado Pedrito (Pedro de Azevedo Gordilho), que perseguia candomblés e capoeiristas, passando para o folclore, através da imaginação popular, em cantigas como: —

Toca o pandêro
Sacuda o caxixi
Anda dipressa
Qui Pedrito
Evém aí.

— 19 —

Ou então estoutras, colhidas por Camargo Guarnieri, da bôca do povo de Salvador, cuja letra da primeira se refere a uma das perseguições sofridas pelo famoso babalorixá Procópio de Ogun Já (Procópio Xavier de Souza): —

Não gosto de candomblé
Que é festa de feticêro
Quando a cabeça me dói
Serei um dos primêros

Procópio tava na sala
Esperando santo chegá
Quando chegou seu Pedrito
Procópio passa pra cá

— 20 —

Galinha tem fôrça n'asa
O galo no esporão
Procópio no candomblé
Pedrito é no facão

Acabe co'êste Santo

Pedrito vem aí

Lá vem cantando ca ô cabieci

Lá vem cantando ca ô cabieci.¹¹⁸

— 21 —

O capoeirista Canjiquinha tem um toque com a denominação de *muzenza*, que não é senão o toque *jôgo de dentro*. Na Bahia, *muzenza* é o nome que se dá à noviça nos candomblés de "nação" Angola. Quando ela aparece em público para dar o nome de seu orixá (deus), canta-se uma cantiga de *saída de muzenza*, onde ela vem dançando uma coreografia ligeiramente curvada. Com base nessa coreografia, a malícia popular resolveu caricaturar a dança, aumentando a curvatura do corpo, dando a impressão que se vai ficar de quatro pés. Com isso se vê, constantemente, a brincadeira entre dois homens, quando um pede qualquer coisa ao outro, então o que não quer dar responde: — "só dançando muzenza...", isto é, só ficando em posição de quatro pés, para ser possuído sexualmente. Indaguei de Canjiquinha por que deu o nome de *muzenza* ao toque *jôgo de dentro*, respondeu-me que apenas por deboche. *Panhe a laranja no chão tico-tico* é um toque de berimbau, que tem o nome de uma roda infantil, espalhada em todo o território nacional, cuja música é tocada no berimbau e a letra cantada nos jogos de capoeira. A roda, além de passar a ser cantiga de capoeira, deu nome a um toque. A letra tem o seguinte texto:

Panhe a laranja no chão tico-tico
Meu amô foi simbora eu não fico
Minha toalha é de renda de bico
Panhe a laranja no chão tico-tico.

Bigodinho (Francisco de Assis) inclui, entre os seus toques, um chamado *Cinco Salomão*, que é executado quando há um crime entre capoeiras, para que o criminoso fuja. *Cinco Salomão* é uma corrutela de *Signo Salomão*, que é uma estrêla de cinco pontas, também conhecida por *Estrêla de Salomão*,

¹¹⁸ Camargo Guarnieri, in *Melodias Registradas por Meios Não Mecânicos*, organizado por Oneyda Alvarenga, edição do Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal, São Paulo, 1946, pág. 200.

a qual se trasladou dos textos bíblicos, para ser usada na maçonaria, espiritismo, capoeira e outras coisas que a imaginação popular possa inventar. Os toques da capoeira, em sua quase totalidade, já foram recolhidos e gravados comercialmente, como é o caso das gravações de Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), *Curso de Capoeira Regional*, gravado por J. S. Discos, Salvador, Bahia; Traíra (João Ramos do Nascimento), *Capoeira*, gravado pela Editôra Xauã, São Paulo; Camafeu de Oxossi (Ápio Patrocínio da Conceição) *Capoeira*, gravado pela Continental, Rio de Janeiro/Guanabara, e mais tantos outros.

Quanto aos golpes, êsses, mais que os toques, uns desapareceram, outros sofreram transformações substanciais e novos apareceram totalmente desvinculados do processo de formação, que originou os golpes primitivos, como é o caso dos golpes da chamada capoeira regional que, usando de elementos importados, conseguiu perfazer um todo de 52 golpes. A semelhança dos toques, há um certo número de golpes, que são comuns a todos os capoeiras como *rabo de arraia*, *aú*, *armada*, *rasteira*, *jôgo de dentro*, *cabeçada*, *meia lua*, em suas várias modalidades, de frente, costa, compasso, baixa, média, alta e mais alguns poucos golpes. A exemplo do que fiz com os toques, darei alguns golpes, recolhidos de alguns capoeiras de nossos dias: —

Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado)

Duas de frente
Armada
Queda de cocorinha
Negativa
Saída de aú
Dois Martelos
Bênção
Dois godeme
Galopante
Arrastão
Arpão de cabeça
Joelhada
Meia lua de compasso

Vingativa
Saída de rolê
Banda de costas
Asfixiante
Banda traçada
Cintura desprezada
Tesoura
Balão cinturado
Balão de lado
Cutila
Cutila alta
Açoite de braço
Bochecho
Quebra-pescoço
Cruz
Quebra-mão

Cobrinha Verde (Rafael Alves França)

Banda traçada
Encruzilhada
Tesoura torcida
Balão de bainha de calça
Cabeçada
Rabo de arraia
Quixim (queixinho)

Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha)

Cabeçada
Rasteira
Rabo de arraia
Chapa de frente
Chapa de costas
Meia lua
Cutilada de mão

Arnol (Arnol Conceição)

Rabo de arraia
Meia lua

Aú
Meia lua de compasso
Arrasteira
Cabeçada
Meia lua baixa
Bôca de siri
Meia lua alta
Chibata
Martelo
Aú com armada.

Bigodinho (Francisco de Assis)

Queixinho (quixim)
Meia lua de costa
Meia lua de compasso
Aú com rolê
Abença
Armada
Tesoura
Salto mortal
Escorão
Martelo
Rasteira
Plantar bananeira
Bôca de calça
Sapinho
Arqueada
Banda de lado
Banda de costas
Dedo nos olhos
Cutilada
Galopante
Murro direto

Gato (José Gabriel Goes)

Bananeira
Meia lua
Chapa-pé

Tesoura
 Chibata armada
 Cabeçada
 Aú
 Rabo de arraia
 Rasteira
 Plantar bananeira
 Leque ou boca de siri
 Sapinho

Canjiquinha (Washington Bruno da Silva)

Meia lua de frente
 Baixa lua
 Média lua
 Alta lua
 Meia lua de costas
 Armada
 Rabo de arraia
 Chibata
 Rasteira
 Chapéu de couro
 Meia lua de compasso
 Martelo
 Escorão
 Aú com boca de siri
 Aú de cambaleão
 Aú giratório
 Boca de calça
 Chapéu de frente
 Chapéu de costas
 Galopante
 Ponteira.

Do mesmo modo que os toques, os golpes, com maior intensidade, sofrem modificações de capoeirista, não só na sua estrutura, como na denominação, de modo que há caso de um mesmo golpe seja ele de defesa ou de ataque, solto ou ligado, ter uma denominação diferente para cada capoeirista. É difícil uma descrição rigorosa dos golpes, de vez que há muito de

pessoal nos mesmos, entretanto há duas excelentes tentativas de explicação de uma boa parte deles, por Mestre Bimba, numa plaqueta anexa à gravação já citada,¹¹⁹ assim como Lamartine Pereira da Costa, em trabalho eminentemente técnico, no qual se preocupa exclusivamente com o aprendizado dos golpes, daí as explicações minuciosas, com ilustrações.¹²⁰

¹¹⁹ Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), *Curso de Capoeira Regional*, gravado por J. S. Discos, Salvador/Bahia.

¹²⁰ Lamartine Pereira da Costa, *op. cit.*

VII

Os Instrumentos Musicais

Segundo o que se tem escrito e o que consegui apurar de capoeiristas antigos, o acompanhamento musical da capoeira, desde os primórdios até nossos dias, já foi feito pelo *berimbau*, *pandeiro*, *adufe*, *atabaque*, *ganzá* ou *reco-reco*, *caxixi* e *agôgô*. No presente, só vi, até agora, acompanhamento com *berimbau*, *pandeiro*, *caxixi* e *agôgô*, nas academias de Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha) e Canjiquinha (Washington Bruno da Silva).

Esses instrumentos têm procedências as mais diversas. Infelizmente, ainda não se fez uma classificação correta dos instrumentos musicais que por aqui passaram e dos que ainda existem. Em 1934, Luciano Gallet¹²¹ reuniu 25 instrumentos musicais, e, sem nenhuma pesquisa, batizou-os como de procedência africana, quando em realidade são de diversas procedências. O mais grave de tudo isso é que estudiosos outros têm-se limitado a transcrever, na íntegra, a sua classificação, sem a menor correção ou então fazerem um levantamento perfeito e correto desses instrumentos, como seria o aconselhável.

¹²¹ Luciano Gallet, *Estudos de Folclore*, Carlos Wehrs & Cia., Rio de Janeiro, 1934, págs. 59-60.

Lamentavelmente, estão acomodados nessa classificação Renato Almeida,¹²² Acquarone,¹²³ e Flausino Rodrigues Vale,¹²⁴ dentre outros.

BERIMBAU

Atualmente o principal instrumento musical da capoeira é o *berimbau*, o qual, numa roda de jogo de capoeira, pode funcionar sozinho sem os demais instrumentos. O *berimbau* não existiu somente em função da capoeira, era usado pelos afro-brasileiros em suas festas e sobretudo no samba de roda, como até hoje ainda se vê, se bem que muito raro. Tem-se notícia disso dada por Henry Koster, quando em viagem pelo nordeste do Brasil, observou essas festas e fez uma síntese descritiva, incluindo alguns instrumentos musicais, dentre eles o *berimbau*, conforme se vê nesta passagem: — “Os negros livres também dançavam, mas se limitavam a pedir licença e sua festa decorria diante de uma das suas choupanas. As danças lembravam as dos negros africanos. O círculo se fechava e o tocador de viola sentava-se num dos cantos, e começava uma simples toada, acompanhada por algumas canções favoritas, repetindo o refrão, e freqüentemente um dos versos era improvisado e continha alusões obscenas. Um homem ia para o centro da roda e dançava minutos, tomando atitudes lascivas, até que escolhia uma mulher, que avançava, repetindo os meios não menos indecentes, e esse divertimento durava, às vezes, até o amanhecer. Os escravos igualmente pediam permissão para suas danças. Os instrumentos musicais eram extremamente rudes. Um deles é uma espécie de tambor, formado de uma pele de carneiro, estendida sobre um tronco ôco de árvore. O outro é um grande arco, com uma corda tendo uma meia quenga de côco no meio, ou uma pequena cabaça amarrada. Colocam-na contra o abdômen e tocam a corda com o dedo ou com um pedacinho de pau. Quando dois dias santos se

¹²² Renato Almeida, *História da Música Brasileira*. Segunda edição correta e aumentada, F. Briguet & Cia. — Editor, Rio de Janeiro, 1942, págs. 12-13.

¹²³ F. Acquarone, *História da Música Brasileira*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, s/d., págs. 132-139.

¹²⁴ Flausino Rodrigues Vale, *Elementos de folk-lore nacional brasileiro*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936, págs. 79-82.

sucediam ininterruptamente, os escravos continuavam a algarzarra até a madrugada.¹²⁵ Ainda sobre a atuação do berimbau, Debret¹²⁶ também faz registro semelhante.

O berimbau que hoje é divulgado e tocado em todo o território brasileiro é um arco feito de madeira específica, pois qualquer madeira não serve, ligado pelas duas pontas por um fio de aço, de vez que arame, além de partir rapidamente, não dá o som desejado. Numa das pontas há uma cabaça (*Cucurbita lagenaria*, Linneu) que não deve ser usada de modo algum verde, quanto mais seca melhor. Faz-se uma abertura na parte que se liga com o caule e parte inferior, dois furos, por onde deve passar um cordão para ligá-lo ao arco de madeira e ao fio de aço. Toma-se de um *dobrão* (moeda antiga), um pedacinho de pau, um caxixi e o instrumento está pronto para se tocar. Esse é o berimbau que atualmente se conhece no Brasil e em outros cantos do mundo. Nos primórdios da colonização, o Brasil conheceu o outro tipo de berimbau, tocado com a bôca, conhecido na América Latina por trompa de Paris. Na festa de Natal de 1584, havida no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, Cardim conta como o irmão Barnabé Telo deu vida à festa com esse tipo de berimbau: — "Tivemos pelo natal um devoto presépio na povoação, onde algumas vèzes nos ajuntávamos com boa e devida música, e o irmão Barnabé nos alegrava com o seu berimbau."¹²⁷

A origem do nome berimbau ainda é obscura. O termo aparece nos primeiros lexicógrafos da língua portuguesa, como Bluteau¹²⁸ e Moraes,¹²⁹ sem a menor insinuação etimológica. A Real Academia Española na 12.^a edição de seu dicionário, em 1884, registrou o verbete, que até hoje ainda permanece com proposição onomatopaica para a sua origem — "voz imi-

¹²⁵ Henry Koster, *Viagens ao Nordeste do Brasil* — Tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942, págs. 316-317, 333.

¹²⁶ Jean Baptiste Debret, *op. cit.*, vol. I, pág. 253.

¹²⁷ Fernão Cardim, *Tratado da Terra e da Gente do Brasil* — Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Editores J. Leite & Cia., Rio de Janeiro, 1925, pág. 301.

Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, 1938, vol. II, pág. 104.

¹²⁸ Raphael Bluteau, *op. cit.*, vol. II, pág. 128.

¹²⁹ Antônio de Moraes Silva, *op. cit.*, vol. I, pág. 283.

tativa del sonido de este instrumento".¹³⁰ Cândido de Figueiredo recorre ao francês *brimbale*.¹³¹ Nascentes define-o, porém silencia quanto ao étimo.¹³² Proposições para origem africana há de Leite de Vasconcelos, em artigo publicado na *Revue Hispanique*, onde apresenta o mandinga *bilimbano*.¹³³ Renato Mendonça propõe o quimbundo *mbirimbau*, com a simplificação do grupo consonântico *mb*.¹³⁴ Por fim, Carominas depois de achar que a origem é duvidosa, admite que talvez seja africana.¹³⁵ Como se vê, há verdadeiro desencontro entre os etimólogos.

Quanto ao instrumento em si também não se pode precisar a sua verdadeira origem e por que vias entrou no Brasil. Há registro desse instrumento em vários cantos do universo, inclusive na África, conforme observação e documentação de Hermenegildo Carlos de Brito Capello e Roberto Ivens, quando da viagem empreendida pelos territórios de Iaca e Benguela, durante os anos de 1877-1880.^{135a} Tem as mais variadas

¹³⁰ Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, Madrid, 1947, pág. 178.

¹³¹ Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* — Redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registrados nos melhores dos mais modernos dicionários portugueses, além de satisfazer a todas as grafias legítimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquela que foi prescrita oficialmente em 1911. Quarta edição corrigida e copiosamente ampliada. Sociedade Editora Artur Brandão & Cia., Lisboa, 1926, pág. 314.

¹³² Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* — Com prefácio de W. Meyer-Lübke, 1.^a edição, Rio de Janeiro, 1932, pág. 108.

¹³³ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* — Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados, Editorial Confluência, 1.^a edição, Lisboa, 1956, vol. I, pág. 356.

¹³⁴ Renato Mendonça, *A Influência Africana no Português do Brasil* — Prefácio de Rodolfo Garcia, Livraria Figueirinas, Porto, 3.^a edição, 1948, pág. 239.

¹³⁵ J. Carominas, *Diccionario Critico Etimologico de la Lengua Castellana*, Editorial Gredos, Madrid, 1954, vol. I, pág. 461.

^{135a} H. Capello e R. Ivens, *De Benguela às Terras de Iacca/Descrição de uma viagem na África Central e Ocidental/Compreendendo narrações, aventuras e estudos importantes sobre as cabeceiras dos rios Cu-neme, Cu-bungo, Lu-ando, Cu-anza, e Cu-ango e de grande parte do curso dos dois últimos; além da descoberta dos rios Hamba, Canali,*

denominações e vem sendo motivo de estudo.¹³⁶ No Brasil éle é conhecido por *berimbau*, *urucungo*, *orucungo*, *oricungo*, *uricungo*, *rucungo*, *berimbau de barriga*, *gobo*, *marimbau*, *bucumbumba*, *gunga*, *macungo*, *matungo*, *rucumbo*.¹³⁷ Em Cuba, que é o país da América Latina onde éle é tão familiar quanto no Brasil, além de ser chamado *sambi*,¹³⁸ *pandigurao* e *gorokikamo* é também conhecido por *burumbumba*, que deve ser uma variante de *bucumbumba* no Brasil. Ortiz, que tem trabalhos extraordinários sobre a etnografia afro-cubana, examina o berimbau sob a denominação já referida e fornece uma informação valiosa, que é a do seu uso nas práticas religiosas afro-cubanas, coisa que não se tem notícia de outrora se fazer no Brasil e nem tampouco em nossos dias, a não ser nas práticas religiosas de após o recente Concílio Ecumênico, com o surgimento de missas regionais, como a conhecida pelo nome de *Missa do Morro* e outras que correm por aí, onde o berimbau, juntamente com instrumentos africanos, tem papel importante. Como se trata de uma observação útil aos nossos estudos, transcrevo aqui o trecho de Ortiz referente à *burumbumba*: — “En Cuba hemos hallado ese instrumento con los nombres populares de *Buru-mbumba* ó *bruro-mumba*. La voz *buro* significa ‘hablar’ o ‘conversar’ y la palabra *mbumba*, que no es sino la *nganga*, ‘prenda’ o habitáculo del muerto o espíritu ‘familiar’ que tiene apresado al cango *tata nganga* para que ‘trabaje’ a su conjuro. *Burumbumba* es pues, un instrumento que ‘habla con muertos’.”

Uno de los cantos que oímos al son de la *burumbumba*, dirigido a la *mbumba*, decia así:

Sussa e Cu-gho, e longa notícia sobre as terras de Quiteca, N'bungo, Sosso, Futa e Iácca/Expedição organizada nos anos de 1877-1880. Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, vol. I, pág. 294.

¹³⁶ Fernando Ortiz, *Los Instrumentos de La Música Afrocubana*/Los pulsativos, los fricativos, los insuflativos y los aécritivos. Cardenas y Cia., Editores e Impresores, Habana, 1955, vol. V, págs. 15-20.

¹³⁷ Oneyda Alvarenga, *Música Popular Brasileira*, Editora Globo, Porto Alegre, 1960, pág. 312.

Luis da Câmara Cascudo, in Henry Koster, *op. cit.*, pág. 333.

¹³⁸ Fernando Ortiz, *Glosário de Afronegrismos* con un prologo por Juan M. Dihigo, Imprensa “El siglo XX”, Habana, 1924, pág. 466.

Buru mbumba, mamá
Buru mbumba
Buru mbumba, mamá
Buru mbumba, é.

Y así se canturreaba monotona e indefinidamente. La voz *buru* se decia en tono bajo, la voz *mbumba* en otro más alto, y mamá en más agudo. Sin duda, un conjuro de necromancia.

La *burumbumba* se hace con un palo *vergado*, como a veces se dice en Cuba, lo cual quiere significar “arqueado”, con vocabulo anacrónico, recordando que *verga* se decia antaño al arco de acero de la ballesta. Este arco musical, es geralmente encerado o de tripa de pato. Se usa forrar al arco en su parte media con cordel para que éste no se parta; y en ese mismo sitio se apoya la jicara o medio guiro que forma la oquedad resonante, sujeta en ese punto por una lazada, también de tripa de pato, desde su parte superior a la cuerda vibrátil. Para su tañido esta jicara se coloca por su parte cóncava contra la caja torácica del mismo, quien saca dos o tres tonos de las cuerdas del instrumento. Se tañia y tañe solo, sin acompañamiento de otro instrumento, para sostener melodias a baja voz.

Una vez terminado al toque, el instrumento se desarma facilmente y no se conservan tendidos ni el arco ni la cuerda, que así pueden durar mucho tiempo.

La *burumbumba* era muy usada por los congos en Vueltabajo y el sur de la provincia de Habana “para sacar cantos”.

También en Cuba y con referencia a ese instrumento hemos oído atribuirle los nombres de *pandi-gurao* u *gorokikamo*; pero sin más datos. Ambas denominaciones recuerdan la palabra *gora*, que ciertos pueblos bantus aplican a instrumentos similares.

Este sencillo instrumento también se usa en la América Meridional con diversos nombres. Los indios lencas usan el *arco musical* al que llaman *bumba-úm*, según Izikowitz, quien señala que esa voz alude a su origen africano, lo mismo que las palabras *gualambo* y *carimba*, que

para el mismo instrumento emplean los indios de Caingua y los Mosquitos. La voz *búmba-úm* se aproxima mucho a la *burumbúmba* de Cuba.¹³⁹

Das várias denominações para o berimbau no Brasil eu só ouvi até o presente a de *gunga*, que aparece nas seguintes cantigas: —

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê
Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Ou me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê.

*

Esse gunga é meu
Eu não dô a ninguém

Esse gunga é meu
Foi meu pai qui me deu

Esse gunga é meu
Eu não dô a ninguém.

¹³⁹ Fernando Ortiz, *Los Instrumentos de la Musica Afrocubana*, ed. cit., vol. V, págs. 20-22.

No Brasil, além de se escrever um longo artigo sobre o berimbau,¹⁴⁰ preocuparam-se com ele Nina Rodrigues,¹⁴¹ Donald Pierson,¹⁴² Cascudo,¹⁴³ Flausino Rodrigues Vale,¹⁴⁴ Alfredo Brandão,¹⁴⁵ Artur Ramos,¹⁴⁶ Renato Almeida,¹⁴⁷ Luciano Gallet¹⁴⁸ e Edison Carneiro.¹⁴⁹

PANDEIRO

Ainda é um pouco controvertida a origem do termo pandeiro. Já no século passado, Adolfo Coelho¹⁵⁰ ligava o vocábulo, com dúvida, ao latim *pandura*. Entretanto, em nossos dias, Carominas¹⁵¹ deriva de *pandorius*, dando como variante de *pandura*, tomado do grego *pandoura*, que Alexandre¹⁵² e

¹⁴⁰ Albano Marinho de Oliveira, "Berimbau o arco musical da capoeira", in *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 1956, vol. 80, págs. 225-264.

¹⁴¹ Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*/revisão e prefácio de Homero Pires, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 3.^a edição, 1945, pág. 259.

¹⁴² Donald Pierson, *Branços e Prêtos na Bahia*/Estudo de contato racial, com introdução de Artur Ramos e Roberto E. Park, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1945, pág. 315.

¹⁴³ Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2.^a edição revista e aumentada, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962, págs. 111-112.

¹⁴⁴ Flausino Rodrigues Vale, *op. cit.*, pág. 83.

¹⁴⁵ Alfredo Brandão, "Os negros na história de Alagoas", in *Estudos Afro-Brasileiros*/Trabalhos apresentados ao 1.^o Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934, prefácio de Roquette Pinto, Ariel Editora, Rio de Janeiro, 1935, vol. I, pág. 85.

¹⁴⁶ Artur Ramos, *O Negro Brasileiro*/Etnografia religiosa, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 3.^a edição, 1951, vol. I, págs. 209-210.

¹⁴⁷ Renato Almeida, *História da Música Brasileira*, 2.^a edição correta e aumentada. F. Briguiet & Comp. — Editores, Rio de Janeiro, 1942, pág. 115.

¹⁴⁸ Luciano Gallet, *Estudos de Folclore*, Carlos Wehrs & Cia., Rio de Janeiro, 1934, págs. 59, 61.

¹⁴⁹ Edison Carneiro, *Religiões Negras*/Notas de etnografia, religiosa, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936, págs. 112-114.

¹⁵⁰ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 932.

¹⁵¹ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 635.

¹⁵² C. Alexandre, *Dictionnaire grec-français*/composé sur un nouveau plan où sont réunis et coordonnés des travaux de Henri Estienne, de Schneider, de Passow et des meilleurs lexicographes et grammairiens anciens et modernes/augmenté de l'explication d'un grand nombre de fonemes difficiles et suivi de plusieurs tables nécessaires pour l'intelli-

Bailly¹⁵³ definem como *instrument de musique à trois cordes*. Infelizmente Boisacq¹⁵⁴ e Hoffman¹⁵⁵ se omitem com referência a esse vocábulo. Quanto ao latino há também omissão de Walde-Hoffman¹⁵⁶ e Ernout-Meillet.¹⁵⁷ Antes de Adolfo Coelho, Diez¹⁵⁸ havia proposto *pandura* e com ele Meyer-Lübke.¹⁵⁹ Porém, o mais sensato no caso da língua portuguesa é, como já o fez Nascentes¹⁶⁰ e Pedro Machado¹⁶¹ faz com certa parcimônia, admitir-se o espanhol *pandero*, como gerador do nosso *pandeiro*. Há quem pense numa remota origem árabe como é o caso de Bluteau,¹⁶² que propõe *pandair*, que não é senão uma forma românica mesclada pelos moçárabes, quando da ocupação da península ibérica.¹⁶³

gence des auteurs. Onzième édition entièrement refondue par l'auteur et considérablement augmentée. Librairie de L. Hachette & Cie., Paris, 1852, pág. 1.039.

¹⁵³ A. Bailly, *Dictionnaire grec-français*/ rédigé avec le concours de E. Egger. Edition revue par L. Séchan et P. Chantraine, Librairie Hachette, 1950, pág. 1.450.

¹⁵⁴ Émile Boisacq, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque/ étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes*. 4^{ème} édition augmentée d'un index par Helmut Rix, Carl Winter, Universitätsverlag, Heidelberg, 1950.

¹⁵⁵ J. B. Hofmann, *Etymologisches Wörterbuch des griechischen*. Verlag von R. Oldenbourg, München, 1950.

¹⁵⁶ J. B. Hofmann, *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*, 3., Neubearbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1938-1956.

¹⁵⁷ A. Ernout et A. Meillet, *Dictionnaire étymologique de la langue latine/ Histoire des Mots*. Troisième édition revue, corrigée et augmentée d'un index. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1951.

¹⁵⁸ Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen/ Fünfte Ausgabe mit einem Anhang von August Scheler* Bei Adolf Marcus, Bonn, 1887, pág. 233.

¹⁵⁹ W. Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, 3. Vollständig neubearbeitete Auflage Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1935, pág. 508.

¹⁶⁰ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1.^a edição, Rio de Janeiro, 1932, pág. 586.

¹⁶¹ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa/ Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*, 1.^a edição, Editorial Confluência, Lisboa, 1959, vol. II, pág. 1.664.

¹⁶² Raphael Bluteau, *op. cit.*, vol. VI, 1720, pág. 219.

¹⁶³ Ramon Menéndez Pidal, *Orígenes del Español/ Estudio lingüístico de la península ibérica hasta el siglo XI*. Tercera edición muy corregida y adicionada, Espasa-Calpe, S. A., Madrid, 1950, págs. 88, 90, 176.

O pandeiro em si, Luciano Gallet inclui entre os instrumentos africanos vindos para o Brasil; Subirá¹⁶⁴ estudando a presença da música entre os povos hindus, inclui o pandeiro como um dos antiquíssimos instrumentos musicais da velha Índia. Os hebreus dêle faziam bastante uso, sobretudo em cerimônias religiosas. Penetrou na Idade Média,¹⁶⁵ impôs sua presença e na península ibérica se instalou em definitivo com a invasão árabe, sendo usado com frequência em bodas, casamentos e cerimônias religiosas. A exemplo dos povos hebreus, os ibéricos usaram o pandeiro em cerimônias religiosas, mui especialmente na Procissão de Corpus Christi em Portugal e no século XVI, na Espanha, em Toledo e Madrid. Paralelamente a esses acontecimentos, o pandeiro teve grande destaque entre os jograis, levando-o de côrte em côrte. Carolina Michaëlis chama atenção para sua presença, sobretudo na literatura medieval, dizendo que "O pandeiro e o adufe, o qual vimos figurar na mão de moças, tanto em miniaturas do *Cancioneiro da Ajuda* como em poesias medievais, e no meio da rua em casamentos e procissões, serve ainda hoje em tôdas as danças femininas do povo."¹⁶⁶ Em outro lugar, examina as diversas vinhetas, onde aparece o pandeiro.¹⁶⁷ Tudo isso sem se falar que os Reis Católicos de Espanha, Isabel e Fernando de Aragão, que eram verdadeiros apaixonados da música, dispunham de músicos assalariados e na sua côrte o pandeiro foi algo familiar. Essa familiaridade existiu também em Portugal, sobretudo entre a gente do povo e uma das testemunhas fidedignas é Gil Vicente, quando em o "Triunfo do Inverno" diz que: —

Em Portugal vi eu ja
em cada casa pandeiro,
e gaita em cada palheiro,
e de vinte anos a ca
não ha hi gaita nem gaiteiro.

¹⁶⁴ José Subirá, *História de la Musica*. Tercera edición reformada, ampliada y puesta al día, Salvat Editora, S/A, Barcelona, Madrid, 1958, vol. I, págs. 58, 87.

¹⁶⁵ *Idem*, *op. cit.*, vol. II, pág. 647.

¹⁶⁶ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda/ edição crítica e comentada*, Max Niemeyer, Halle, 1904, vol. II, pág. 916.

¹⁶⁷ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, vol. II, págs. 158-163.

A cada porta hum terreiro,
cada aldea dez folias,
cada casa atabaqueiro;
e agora Jeremias
he nosso tamborileiro.¹⁶⁸

Em suma, o pandeiro deixou sua marca na literatura antiga da península ibérica desde Santo Isidro de Sevilha até o arcebispo de Hita.¹⁶⁹

No Brasil, o pandeiro entrou por via portuguesa e já na primeira procissão que se realizou no Brasil, que foi a de Corpus Christi, na Bahia, a 13 de junho de 1549, êle se fêz presente, pois era hábito em Portugal e mais tarde no Brasil o uso dêsse instrumento ao lado de muitíssimos outros. E para se ter mais convicção disso é o próprio Nóbrega quem informa que a referida procissão foi "mui solemne, em que jogou toda a artilharia que estava na cerca, as ruas enramadas, ouve danças e invenções à maneira de Portugal".¹⁷⁰ Atente-se aí para a frase final *houve danças e invenções à maneira de Portugal*. Daí para cá o pandeiro foi aculturado e aproveitado pelo negro em seus folguedos. Essa aculturação e aproveitamento do pandeiro se verificou também entre os negros da América Latina, mui especialmente o cubano, onde o pandeiro é um dos instrumentos da liturgia nagô de Cuba, havendo até pandeiros específicos para orixás, como é o caso de Exu.¹⁷¹

ADUFE

O adufe é um pequeno pandeiro de formato quadrado e de proveniência mourisca.

O termo é de origem árabe e os arabistas e etimólogos são unânimes em ligar a *duff*, tímpano, como Dozy-Engel-

¹⁶⁸ Gil Vicente, "Triunfo do Inverno", in *Obras Completas/Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga*, Livraria Sá da Costa, Editôra, Lisboa, 1943, vol. IV, págs. 261-262.

¹⁶⁹ José Subirá, *op. cit.*, vol. II, págs. 670-672.

¹⁷⁰ Manoel da Nóbrega, *Cartas do Brasil e Mais Escritos* (opéra omnia)/ Com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite/ Por ordem da Universidade, Coimbra, 1955, pág. 41.

¹⁷¹ Fernando Ortiz, *op. cit.*, vol. IV, 1954, págs. 98-99.

mann,¹⁷² Eguilaz,¹⁷³ Steiger,¹⁷⁴ Lokotsch,¹⁷⁵ Neuvonen,¹⁷⁶ João de Souza,¹⁷⁷ Pedro Machado,¹⁷⁸ Diego¹⁷⁹ e Nascentes.¹⁸⁰ O *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*¹⁸¹ registra *addafo*, o que motivou correção de Gonçalves Viana,¹⁸² porém em nossos dias Pedro Machado¹⁸³ demonstrou estar a forma correta, devido à variação vocálica da palavra, argumentando

¹⁷² R. Dozy et W. H. Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, Seconde édition revue et très considérablement augmentée, E. J. Brill. Leyde - Maisonneuve & Cie, Paris, 1869, pág. 50.

¹⁷³ P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *Glosario Etimológico de las Palabras Españolas* (castellanas, catalanas, gallegas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas) de origen oriental (arabe, hebreo, malayo, persa y turco). Imprenta de La Lealtad, Granada, 1886, pág. 64.

¹⁷⁴ Arnald Steiger, *Contribución a la Fonetica del Hispano-Arabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el Siciliano*. Imprenta de la Libreria y Casa Editorial Hernando (S.A.), Madri, 1932, pág. 120.

¹⁷⁵ Karl Lokotsch, *Etymologisches Wörterbuch der europäischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter orientalischen Ursprungs*. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1927, pág. 43.

¹⁷⁶ Eero K. Neuvonen, *Los Arabismos del Español en el Siglo XIII*. Helsinki, 1941, págs. 142-143.

¹⁷⁷ João de Souza, *Vestigios da Língua Arábica em Portugal*, ou lexicon etymológico das palavras, e nomes portugueses, que tem origem arábica, composto por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa por Fr. João de Souza, Socio da dita Academia, e Interprete de S. Magestade para Língua Arábica; e augmentado e annotado por Fr. Jozé de Santo Antonio Moura, Socio da Predita Academia, Official da Secretaria do Estado dos Negocios Estrangeiros, e Interprete Regio da referida Língua. Na Typografia da mesma Academia, Lisboa, 1830, pág. 14.

¹⁷⁸ José Pedro Machado, *Influência Árábica no Vocabulário Português*/ Edição de Álvaro Pinto (Revista de Portugal), Lisboa, 1958, vol. I, págs. 71-72.

¹⁷⁹ Vicente Garcia de Diego, *Diccionario Etimológico Español e Hispanico*, Editorial S.A.E.T.A., Madri, s/d., págs. 23, 575.

¹⁸⁰ Antenor Nascentes, *op. cit.*, 1932, pág. 15.

¹⁸¹ Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa*/ Na Officina da Mesma Academia, Lisboa, Anno 1793, tomo I, pág. 119.

¹⁸² A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, Livraria Clássica Editôra - A. M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1906, vol. I, págs. 26-27.

¹⁸³ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, Lisboa, 1958, pág. 71.

com Steiger que escreve em caracteres árabes *daff* e transcreve *duff*,¹⁸⁴ por fim diz existir a forma *daff* em árabe magrebino.

O adufe foi um instrumento familiar dos hebreus e segundo reafirma Subirá¹⁸⁵ o *tympanum*, que aparece no Gênesis, 31.27 é o adufe. Na Arábia ele ganhou muito prestígio, sobretudo entre os monarcas, a ponto de Gualid II compor canções ~~para serem acompanhadas, dentre outros instrumentos, pelo~~ adufe.¹⁸⁶ Quando invadiram a península ibérica levaram-no consigo. Lá, embora Carolina Michaëlis¹⁸⁷ fale de sua importância paralela ao pandeiro, o adufe teve muito mais prestígio. Basta ler a própria Carolina Michaëlis¹⁸⁸ e o importante estudo sobre a poesia jogralesca e os jograis de Menendez Pidal.¹⁸⁹ Dos cancioneiros portugueses da Idade Média, aparece no da Vaticana: —

A do muy bon parecer
mandou lo aduffe tanger;
louçana, d'amores moyr'eu.
A do muy bon semelhar
mandou lo aduffe sonar;
louçana, d'amores moyr'eu.
Mandou-l'o aduffe tanger
e non lhi davan lezer;
louçana, d'amores moyr'eu.
Mandou-l'o aduffe sonar,
e non lhy davan vagar;
louçana, d'amores moyr'eu.¹⁹⁰

Na Crônica do Infante Santo D. Fernando, quando se narra o percurso do infante a caminho de Arzila, o adufe está

¹⁸⁴ Arnald Steiger, *op. cit.*, pág. 120.

¹⁸⁵ José Subirá, *op. cit.*, vol. I, pág. 84.

¹⁸⁶ José Subirá, *op. cit.*, vol. I, pág. 94.

¹⁸⁷ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, vol. II, pág. 916.

¹⁸⁸ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, vol. II, págs. 162, 639, 915, 916.

¹⁸⁹ Ramon Menendez Pidal, *Poesia Juglaresca y Juglares/Aspectos de la historia y cultura de España*. Tercera ediccion, Espasa-Calpe Argentina, Buenos Aires-Madrid, 1949, págs. 34-48.

¹⁹⁰ Theophilo Braga, *Cancioneiro Português da Vaticana*/Edição crítica restituída sobre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneiros portugueses. Imprensa Nacional, Lisboa, 1878, pág. 165.

entre os instrumentos tocados em festa: — “E ante hũa legoa que chegassem Arzila, acharon moços que os vinham receber ao caminho, e como se mais chegaram sayam os homens, por ende muy poucos; e açerqua da uilla estauam as molheres, que eram muitas, e cristãos da terra, e mercadores jenoeses, e ajghũus castelãos, e judeus, todos da terra; e faziam grande alegria e tangiam anafijs/trombetas e adufes e atabaques e diziam muitos cantares.”¹⁹¹

Do mesmo modo que o pandeiro, o adufe entrou no Brasil por via portuguesa, embora, lamentavelmente, Luciano Gallet o inclua entre os instrumentos musicais africanos vindos para cá. O adufe foi também aculturado e aproveitado pelos negros no Brasil. Teve grande propagação, porém hoje não se tem mais notícia de sua existência. Embora na história dos instrumentos musicais não se faça referência à África como um ponto antigo onde se tenha também encontrado as várias espécies de pandeiro, sobretudo o pandeiro propriamente para nós e o adufe, vem de Cuba a insinuação de Ortiz de que “también que la *pandereta* fué el atributo del dios *Bes*, que en el panteón egipcio representaba la alegría, la infancia, la sátira, el baile y la sexualidad. Pero *Bes* fué un dios negro sudanés, de facciones etiópicas, cuyo culto se extendió por las riberas del Mediterráneo y duró hasta la dinastía ptolomaica y el imperio romano; y, según algunos, a través de los fenicios, dió su nombre a la isla *Íbiza*, una de las Baleares”.¹⁹²

ATABAQUE

O termo atabaque é de origem árabe, sendo aceita por unanimidade pelos arabistas etimólogos a forma *tabl*, que Diez¹⁹³ traduz por *maurische Panke* (tímpano mouro). Afinam com este étimo Dozy-Engelmann,¹⁹⁴ Steiger,¹⁹⁵ Lokotsch,¹⁹⁶

¹⁹¹ João Alvarez, *Crônica do Infante Santo D. Fernando*/Edição crítica da obra de D. Fr. João Alvarez segundo um códice Ms. do séc. XV, por Mendes dos Remédios, F. França Amado Editores, Coimbra, 1911, pág. 32.

¹⁹² Fernando Ortiz, *op. cit.*, vol. III, pág. 418.

¹⁹³ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 30.

¹⁹⁴ R. Dozy et W. H. Engelmann, *op. cit.*, pág. 207.

¹⁹⁵ Arnald Steiger, *op. cit.*, pág. 90.

¹⁹⁶ Karl Lokotsch, *op. cit.*, pág. 156.

Neuvonen,¹⁹⁷ Eguilaz,¹⁹⁸ Pedro Machado,¹⁹⁹ Diego,²⁰⁰ Meyer-Lübke²⁰¹ e Nascentes.²⁰² O vocábulo se espalhou na área românica, e além do português antigo *atabal* e *tabal*, deu no espanhol *atabal*, asturiano *tabal*, santanderino *tabal*, catalão *tabal*, italiano *ataballo*, *taballo*,²⁰³ provençal *tabalh* e moderno francês *attabal*.²⁰⁴ Juntamente com o pandeiro e o adufe, o atabaque se acha presente na poética medieval, sobretudo por causa dos Reis Católicos de Espanha, Isabel e Fernando de Aragão, que o prestigiavam bastante, através dos jograis, bodas e festas outras e, além do mais, tendo entre o conjunto de músicos assalariados de sua corte cinco a seis tocadores de atabaques.²⁰⁵ Está em documentos antigos da prosa portuguesa, como no fragmento do III Livro de Linhagens, anexos ao *Cancioneiro da Ajuda*,²⁰⁶ na *Crônica da Ordem dos Frades Menores*,²⁰⁷ *Crônica de Cinco Reis de Portugal*²⁰⁸ e *Crônica do Infante Santo D. Fernando*.²⁰⁹

¹⁹⁷ Eero K. Neuvonen, *op. cit.*, pág. 221.

¹⁹⁸ P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *op. cit.*, pág. 295.

¹⁹⁹ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, págs. 328-329.

²⁰⁰ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 82, 1.005.

²⁰¹ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 702.

²⁰² Antenor Nascentes, *op. cit.*, 1932, pág. 79.

²⁰³ Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *Dizionario Etimologico Italiano*, G. Barbèra, Editore, Firenze, 1950, vol. I, pág. 344.

Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 156.

²⁰⁴ Ernst Gamillscheg, *Etymologisches Wörterbuch der französischen Sprachen*/ Mit einem Wort —und Sachverzeichnis von Dr. Heinrich Kuen, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928, pág. 844.

²⁰⁵ José Subirá, *op. cit.*, vol. III, pág. 525.

²⁰⁶ José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica* excerptos de literatura portuguesa desde o mais antigo que se conhece até ao século XVI/acompanhados de introdução gramatical, notas e glossário, 3.^a edição (com correções feitas em vida pelo autor), Livraria Clássica Editôra, M. A. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa, 1943, pás. 49, 55.

²⁰⁷ José Joaquim Nunes, *Crônica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285). Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico. Imprensa da Universidade, Lisboa, 1918, vol. I, pág. 128.

²⁰⁸ A. de Magalhães Basto, *Crônica de Cinco Reis de Portugal*/ Inédito quatrocentista do cód. 886 da Biblioteca Publ. Municipal do Porto; seguido de capítulos inéditos da versão portuguesa da crônica geral de Espanha e outros textos. Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, Livraria Civilização Editôra, Porto, s/d., pág. 162.

²⁰⁹ João Alvarez, *op. cit.*, pág. 32.

O atabaque é um instrumento oriental muito antigo entre os persas e os árabes, porém divulgado na África. Embora os africanos já conhecessem o atabaque e até tenham vindo da África algumas espécies, creio que ao chegarem ao Brasil já o encontrassem trazido por mãos portuguesas, para ser usado em festas e procissões religiosas em circunstâncias idênticas ao pandeiro e o adufe. Pensamento idêntico tem Ortiz com referência a Cuba.²¹⁰ Entre nós, atualmente, não é mais usado na capoeira. Usa-se somente nas festas religiosas e profanas afro-brasileiras e nos folguedos populares em que é requerida a sua presença. Com base nas resoluções atuais do Concílio Ecumênico, o atabaque voltou a transpor as portas dos templos católicos, através as missas elaboradas em nossos dias, com acompanhamento de instrumentos musicais locais.

GANZÁ

O ganzá ou reco-reco conhecido na Bahia é feito de gomo de bambu com sulcos transversais sobre o qual se passeia uma haste de metal. Também já vi um outro tipo feito de uma pequena mola de arame enroscado, colocado numa caixa de madeira e sobre a qual se passa sucessivamente de uma ponta à outra uma haste metálica. O ganzá que Renato Almeida²¹¹ descreve é o que na Bahia se chama *chocalho* e que no tempo em que as batucadas saíam às ruas pelo Carnaval vi muito deles. Desconhece-se a origem do nome, assim como a sua procedência.

O ganzá ou reco-reco é bastante difundido no nordeste, a ponto de ser freqüentemente cantado e recantado pelos trovadores, como se observa nos versos abaixo: —

Saco, saco
Biasco, saco de chumbo,
Minha mão não sai do prumo
Na pancada do ganzá.

²¹⁰ Fernando Ortiz, *op. cit.*, vol. IV, págs. 412-413.

²¹¹ Renato Almeida, *op. cit.*, pág. 114.

Sou bicho duro,
Eu sou um alagoano,
Ja tou com dezoito ano
Na pancada do ganzá

*

Ai, meu ganzá
Que custou mil e seiscentos,
Ele tem merecimento,
Cada ponto um maracá...

*

Senhora dona,
Vontade também consola:
Macaco toca viola
Porem não bate ganzá.

*

Eu sou disciplo
De Romano Serradô,
Da terra sobe o calor
Quando eu balanço o ganzá...

*

Pego o ganzá,
Desenrolo o carrité
Pego o pinto pelo pé
Não deixo pinto voá...

*

Ai, meu ganzá,
Ai meu ganzá, meu ganzarino,
Camisa de pano fino,
Meu ganzarino ganzá.

Eu vim de longe,
Do centro das Alagoas,
Ja ando quase a toa,
Sem dinheiro pra passá,
Passei fome,
Passei sede nos camim
E, ja vendo a casa ruim,
Me vali deste ganzá.²¹²

Nunca vi o ganzá tocado na capoeira. Sômente em alguns cordões carnavalescos é que tive oportunidade de ver ser utilizado êsse instrumento.

CAXIXI

O caxixi é um pequeno chocalho feito de palha trançada com a base de cabaça (*Cucurbita lagenaria*, Linneu), cortada em forma circular e a parte superior reta, terminando com uma alça da mesma palha, para se apoiar os dedos durante o toque. No interior do caxixi há sementes secas, que ao se sacudir dá o som característico. Nada de concreto se sabe a respeito da origem do nome, nem do instrumento. Na Bahia êsse instrumento só vi ser usado exclusivamente na capoeira, quanto à sua presença nos candomblés, como quer Cascudo,²¹³ nunca vi e não tenho a menor notícia de tal fato, nem mesmo nos *candomblés de caboclo*.

AGOGÔ

O agogô é um instrumento musical de percussão de ferro, entrado no Brasil por via africana. O termo agogô pertence à língua nagô e vem do vocábulo *agogô*, que quer dizer sino,²¹⁴ entretanto precisar qual dos povos africanos foi o res-

²¹² Leonardo Mota, *Sertão Alegre* (Poesia e linguagem do sertão nordestino). Imprensa Universitária do Ceará, 2.^a edição, Fortaleza, 1965, págs. 112, 114, 115, 117, 118, 124.

²¹³ Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2.^a edição revista e aumentada, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962, pág. 200.

²¹⁴ R. C. Abraham, *Dictionary of Modern Yoruba*, University of London Press Ltd., London, 1958, pág. 30.

ponsável pela sua vinda para o Brasil é algo difícil. O uso do agogô na capoeira, só tenho lembrança de ter visto nas academias de capoeira de Canjiquinha (Washington Bruno da Silva) e de Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha). O instrumento é demasiado familiar no Brasil a ponto de seu nome ser incorporado ao nosso léxico, sem nenhuma alteração fonético-morfológica. É bastante usado nos folguedos populares. Mas a sua maior atuação é nas cerimônias religiosas afro-brasileiras, sobretudo para se saudar os orixás, com cantigas de composição em língua nagô, em que dizem que o agogô está saudando, como por exemplo, uma das sete cantigas do xirê de Exu, em que o agogô o saúda sob o nome de Laróyè: —

Agogo nro go	— O sino está tocando muito alto
Laróyè	— Ó Laróyè!
Agogo nro go	— O sino está tocando muito alto
Laróyè	— Ó Laróyè!

VIII

O Canto

Não se pode estabelecer um marco divisório entre cantigas de capoeira antigas e atuais, embora alguns capoeiristas tentem fazê-lo. Mas se se examinar essa distinção, verifica-se que não procede, uma vez que muitas das cantigas consideradas atuais são quadras antiquíssimas, que remontam aos primórdios da colonização, as quais relatam passagens da Donzela Teodora, Decamerão, cenas da vida patriarcal brasileira e motivos outros. Também as cantigas que eles classificam de antigas, em sua maior parte, não o são. Em realidade são quadras de desafios cujos autores viveram até bem pouco; cantigas de roda infantil e samba de roda. Portanto é por demais perigoso se tentar distinguir cantiga de capoeira antiga da atual e, de um modo geral, cantiga e capoeira propriamente dita e cantiga de proveniência outra, cantada no jôgo da capoeira.

De um ponto de vista amplo, a cantiga de capoeira tanto pode ser o enaltecimento de um capoeirista que se tornou herói pelas bravuras que fez quando em vida, como pode narrar fatos da vida quotidiana, usos, costumes, episódios históricos, a vida e a sociedade na época da colonização, o negro livre e o escravo na senzala, na praça e na comunidade social.

Sua atuação na religião, no folclore e na tradição. Louvam-se os mestres de capoeira e evocam-se as terras de África de onde procederam. Fenômeno importante a se observar em boa parte das cantigas de capoeira é o diálogo. Não é o diálogo normal entre duas pessoas presentes, mas o entre uma pessoa humana presente e outra pessoa ou coisa ausente, onde as indagações são feitas e respondidas por uma só pessoa. Esse tipo de diálogo existente no canto dos negros foi estudado por Ortiz, que o examinou sob os seus múltiplos aspectos não só em Cuba como em outros países afro-americanos.²¹⁵ Documentando tudo o que acabo de expor, transcrevo as cantigas de capoeira, colhidas de diversos mestres e discípulos de capoeira: —

No tempo que eu tinha dinheiro
Cumi na mesa cum yoyô
Cumi na mesa cum sinhá
Agora dinheiro acabô
Capoêra qué me matá.

— 22 —

*

Ê tiririca é faca de cortá
Ê tiririca é faca de matá
Ê faca qui mata meu sinhô
Ê faca qui mata minha sinhá
Ê é faca de matá.

— 23 —

*

Ôi yayá mandô dá
Uma vorta só
Ô qui vorta danada
Uma vorta só
Ô qui leva ou me vorta

— 24 —

²¹⁵ Fernando Ortiz, *Los Bailes y el Teatro de los Negros en el Folklore de Cuba*. Ediciones Cardenas y Cia, Habana, 1951, págs. 6-36.

Uma vorta só
Ôi qui vorta danada
Uma vorta só
Ôi yayá mandô dá.

*

Eu vô dizê a meu sinhô
Qui a mantêga derramô
A mantêga não é minha
A mantêga é do sinhô
Eu vô dizê a meu sinhô
Qui a mantêga derramô
A mantêga não é minha
A mantêga é de yayá.

— 25 —

*

Chique-chique mocambira
Mandacaru parmatória
A mulé quando não presta
O home manda imhora
O qui foi qui a nêga disse
Quando viu a sinhá
Uma mão me dê me dê
Outra mão dê cá dê cá.

— 26 —

*

Dá, dá, dá no nêgo
Mas no nêgo você não dá
Esse nêgo é valente
Ele qué me matá
Dá, dá, dá no nêgo
O no nêgo você não dá
Esse nêgo é valente
Esse nêgo danado
Esse nêgo é o cão.

— 27 —

*

51

Iê
Chuva, chuva miudinha
Na copa do meu chapéu
Nossa Senhora permita
Qui nêgo não vá no céu
Todos branco qué sê rico
Todos mulato rimpimpão
Todos nêgo feticêro
Todos ciganos ladrão.

— 28 —

*

Esse home é valente
Sei sim sinhô

Ele stá com a navalha
Sei sim sinhô

Ele vai lhe cortá
Sei sim sinhô

O muleque é ligêro
Sei sim sinhô

— 29 —

Ele vai lhe pegá
Sei sim sinhô

Cuidado com êle
Sei sim sinhô

Ele qué lhe matá
Sei sim sinhô.

*

O calado é vencedô
Mas pra quem juízo tem
Quem espera sê fisgado
Não roga pegá a ninguém
Tum, tum, tum quem bate aí
Tum, tum, tum na minha porta
Sô eu mestre pintô
Mestre pintô da boca torta
E aluandê
E aluandê
Joga-te pra lá
Joga-te pra cá
Faca de cortá
Faca de furá.

— 30 —

*

Tim, tim, tim Aluandê
Aluandê cabôco é mungunjê
Tim, tim, tim Aluandê
Aluanda, Aluanda, Aluandê
Tim, tim, tim Aluandê
Aluanda hoje é ferro de batê
Tim, tim, tim Aluandê
Eu cheguei lá in casa
Não vi vosmicê.

— 31 —

*

Eu sô angolêro
Angolêro sim sinhô
Eu sô angolêro
Angolêro sim sinhô
Eu sô angolêro

— 32 —

X

Angolêro de valô
Eu só angolêro
Angolêro sim sinhô.

*

Ê vô dizê a dendê
Dendê do aro amarelo
Vô dizê a dendê
Sô home não sô mulé
Ê vô dizê a dendê
Sô home não sô mulé.

— 33 —

*

Ô Doralice
Não me pegue
Ô não, não pegue
Não me pegue
No meu coração
Ô Doralice
Não, não me pegue
Não me pegue não.

— 34 —

*

Esta cobra te morde
Sinhô São Bento

Ôi o bote da cobra
Sinhô São Bento

Ôi a cobra mordeu
Sinhô São Bento

O veneno da cobra
Sinhô São Bento

Ôi a casca da cobra
Sinhô São Bento

— 35 —

Ô que cobra danada
Sinhô São Bento

Ô que cobra marvada
Sinhô São Bento

Buraco velho
Sinhô São Bento

Tem cobra dentro
Sinhô São Bento

Ôi o pulo da cobra
Sinhô São Bento
Ê cumpade.

*

Ai ai, Aidê
Joga bonito qu'eu quero aprendê
Ai, ai, Aidê
Como vai, como passô
Como vai vosmicê.

— 36 —

*

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

25

Puxa, puxa
Leva, leva
Joga pra cima de mim

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Quem tivé mulé bonita
É a chave da prisão

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Vô dizê pra meu amigo
Qui hoje a parada é dura

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Quem ama mulé dusôtro
Não tem a vida segura

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu.

*

Até você
Minha comade

Falô de mim
Minha comade

— 37 —

Eu não falei
Minha comade

Falô qui eu vi
Minha comade

Falô de mim
Minha comade.

*

Iê
Ja comprei todos tempêro
Só faltô farinha e banha
Eu não caio in arapuca
No laço ninguém me panha

— 39 —

*

Santa Maria
Mãe de Deus
Fui na igreja
Não me confessei
Santa Maria
Mãe de Deus
Ôi Mãe de Deus.

— 40 —

*

Camaradinho é
Camaradinho, camará
Camaradinho é
Camaradinho, camará
Camarado toma cuidado
Capoêra qué te matá

— 41 —

Eu não posso apanhá
Camaradinho é
Joga pra traz.

*

Me trate com mais respeito
Que é a sua obrigação
Todo mundo é obrigado
A possuí inducação
Me trate com mais respeito
Veja qui eu lhe tratei bem
Como vai, como passô
Como vai, como não vem.

— 42 —

*

Stô dormindo
Stô sonhando
Stão falando mal de mim
Stô dormindo
Stô sonhando
Tão falando mal de mim
Stô dormindo
Stô sonhando
Stô sonhando.

— 43 —

*

Sô eu, sô eu
Quem vem lá
Sô eu Brevenuto
Quem vem lá
Montado a cavalo

— 44 —

Quem vem lá
Fumando charuto.

*

Siri jogô
Gamelêra no chão
Jogô, jogô
Gamelêra no chão
Jogô, jogô
Gamelêra no chão
Siri jogô.

— 45 —

*

Ô zum, zum, zum
Capoêra matô um
Ô zum, zum, zum
Capoêra matô um.

— 46 —

*

Dona Maria
Qui vem de Mutá
Ôi qui vem de Mutá
Ôi qui vem de Mutá.

— 47 —

*

Quem vem lá
Vestido de luto
Quem vem lá
Sô eu Brevenuto
Quem vem lá

— 48 —

Brevenuto sô eu
Quem vem lá.

*

Diguidum pereré
Tereré pereré
Diguidum pereré
Pereré decá o pé
Diguidum pereré
Pereré pereré.

— 49 —

*

Quem nunca viu
Venha vê
Ôi venha vê
Ôi venha vê
Quem nunca viu
Venha vê
O licuri botá dendê.

— 50 —

*

Meste, meste
Eu sô meste
Ô ninguém me conhece como meste

Meste, meste
Eu sô meste
Você me respeite como meste

— 51 —

Meste, meste
Eu sô meste
Você me atende como meste.

*

Iê
Minha mãe vô sê bombêro
Meu filho bombêro não
O bombêro apaga fogo
Anda com a morte na mão
Ê aquinderreis
Ê viva meu Deus
Ê viva meu meste
Ê viva todos meste
Ele é meste meu
Ele é meste seu
Faca de matá
Faca de cortá
Faca de furá
Ê vorta do mundo
Ê qui mundo dá
Ê qui mundo tem.

— 52 —

*

Minino quem foi seu meste
Meu meste foi Salomão
Andava de pé pra cima
Cum a cabeça no chão
Fui discipo qui aprende
Qui in meste eu dei lição
O segrêdo de São Cosme
Quem sabe é São Damião.

— 53 —

*

Nêga fia teve aí
Deu dinhêro pra mamãe
Deu dinhêro pra papai
Deu carne, deu farinha
Deu café, deu feijão
Eu porque era minino
Me dero um tostão

— 54 —

101

Eu comprei meu berimbau
Pra tocá no Rio de Janêro.

*

Iê
São três coisas nesse mundo
Qui meu coração palpita
É um berimbau banzêro
Uma morena donzela
E seu vistido de chita.

— 55 —

*

Cabôco do mato vem cá
O meu berimbau
Mandô lhe chamá.

— 56 —

*

Dona Maria do Camboatá
Chega na venda
Ela manda botá.

— 57 —

*

Oi i ôi i
Você tem cachaça aí

Oi i ôi i
Você tem cachaça aí

Oi i ôi i
Você tem mais não qué dá

Oi i ôi i
Ferro grande é meu facão

— 58 —

Oi i ôi i
Dente de onça é môrão

Oi i ôi i
Aranha caranguejêra

Oi i ôi i
É bicho cavalo do cão

Oi i ôi i
Você tem cachaça aí

Oi i ôi i
Você tem mas não qué dá.

*

Iê
Mataro Dona Maria
Lá na ladêra da Misericórdia
Ela vinha cum saco nas costas
Mataro julgando que era saco
[de dinhêro
Julgando que era saco de moeda
Agora qui vi era saco de miséria.

— 59 —

*

Iê
Stava in casa
Sem pensá, sem maginá
Salomão mandô chamá
Pra ajudá a vencê
Esta batalha liberá
Eu que nunca viajei
Nem pretendo viajá

— 60 —

108

Dê meu nome eu vô
Pro sorteio militá
Quem não pode não intima
Deixe quem pode intima
Quem não pode com mandinga
Não carrega patuá.

*

Adão, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Mas Salomé foi passeá

— 61 —

Adão, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Ôi foi pra ilha de Maré.

*

Ô lembá ê lembá
E lembá do Barro Vermelho.

— 62 —

*

A soberba combatida
Foi quem matô Pedro Sem
No céu vive meu Deus
Na terra vale quem tem
Lá se foi minha fortuna
Escramava Pedro Sem
Saía de porta em porta
Uma esmola a Pedro Sem
Hoje pede a quem negô
Qui ontem teve e hoje não tem
A quem eu neguei esmola
Hoje me negue também
Na hora da sua morte

— 63 —

A justiça ensaminô
Correndo o bôlso d'ele
Uma muxila encontrô
Dentro dela um vintém
O letrêro qui dizia
Eu já tive hoje não tem
A soberba combatida
Foi quem matô Pedro Sem
Viva Pedro Sem
Quem não tem não é ninguém.

*

Qui vai caiman
Caiman, caiman
Qui vai caiman
Para ilha de Maré
Caiman, caiman, caiman.

— 64 —

*

São quanta coisa no mundo
Que o home lhe consome
Uma casa pingando
Um cavalo chotão
Uma mulé ciumenta
E um minino chorão
Tudo isso o home dá jeito
A casa éle retelha
O cavalo negocea
O minino a mãe calenta
Mulé ciumenta
Cai na peia.

— 65 —

*

Cachorro qui ingole osso
Ni alguma coisa éle se fia
Ou na güela ou na garganta
Ou ni alguma trivissia
A coisa milhó do mundo

— 66 —

É se tocá berimbau
Lá no Rio de Janêro
Na Rádio Nacional.

*

É vem a cavalaria
Da Princesa Teodora
Cada cavalo uma sela
Cada sela uma senhora
Minha mãe nunca me deu
Para hoje eu apanhá
Quem não pode com mandinga
Não carrega mangangá.

— 67 —

*

Viola velha o qui é qui tem
Qui tá gemendo
Tô com uma dô de cabeça
Não posso panhá sereno
Minha mãe sempre me dizia
Qui muié matava home
Agora acabei de crê
Quando não mata consome.

— 68 —

*

É sim, sim
Ôi não, não
Oia a pisada de Lampião
É sim, sim
Ôi não, não
Oia a pisada de Lampião
Oia a pisada de Lampião.

— 69 —

*

Riachão stava cantando
De Coité a Pimentêra
Quando apareceu um nêgo

Dizendo desta manêra
Você disse que ama a Deus
O teu Deus te enganô
Salomão êle fêz rês
São Pedro sempre soldado
Fêz um rico outro pobre
Outro cego outro alejado
Salomão êle fêz rês
Porque êle merecia
São Pedro um simples soldado
Porque a êle lhe cabia
Fêz um rico outro pobre
Disso tudo Deus sabia.

— 70 —

*

Iê
No sertão já teve um nêgo
Chamado Prêto Limão
No lugá onde êle cantava
Chamava o povo atenção
Repentista de talento
Poeta de profissão.

— 71 —

*

Ôi marimbondo, marimbondo
Pelo sinal

Marimbondo me mordeu
Pelo sinal

Marimbondo, marimbondo
Pelo sinal

— 72 —

Êle mordeu foi no pèzinho
Pelo sinal

Êle mordeu foi no nariz
Pelo sinal.

Ô qui zoa marimbondo
Marimbondo, marimbondo
Ô qui zoa marimbondo
Marimbondo, marimbondo
Ô marimbondo me mordeu
Qui zoa marimbondo
Marimbondo, marimbondo.

— 73 —

*

Manda lá lecô
Caju ê
Manda loiá
Caju ê
Ê cum caju ê
Ê cum caju ê.

— 74 —

*

Ôi o nome do pau
Pindombê

Ôi a casca do pau
Pindombê

Ôi a fôlha do pau
Pindombê

— 75 —

Ôi o tronco do pau
Pindombê

Ôi a cinza do pau
Pindombê

Ôi o filho do pau
Pindombê

Como é o nome do pau
Pindombê.

Piauí de tupedêra
Tá no pôrto da Bahia
Marinhêro suburdinado
Tu prantando arrelia
Se eu fôsse governadô
Do estado da Bahia
Quando desse as quatro hora
O Itapa não saía
Não vá se metê a pique
Lá nas águas do Japão.

— 76 —

*

Baraúna caiu
Baraúna caiu
Quanto mais gente
Ôi baraúna caiu
Quanto mais gente.

— 77 —

*

O Brasil disse que sim
O Japão disse que não
Uma esquadra poderosa
Pra brigá com alemão
O Brasil tem dois mil home
Pra pegá no pau furado
Eu não sô palha de cana
Pra morrê asfixiado
O qui foi qui a nêga disse
Quando viu o sabiá
Uma mão me dê, me dê
Outra mão dê cá, dê cá
Ê aquinderreis
Ê viva meu Deus.

— 78 —

*

Volta lá volta cá
Venha vê o qui é

— 79 —

Volta lá volta cá
Venha vê o qui é.

*

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Vô mimbora pra Bahia
Paraná
Tão cedo não venho cá
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Se não fôr essa semana
Paraná
É a semana qui passô
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Do nó escondo a ponta
Paraná
Ninguém sabe desatá
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Chique-chique mocambira
Paraná
Joga pra cima de mim
Paraná

— 80 —

Eu sô braço de maré
Paraná
Mas eu sô maré sem fim
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Ô digêro, digêro
Paraná

Ô digêro, digêro
Paraná

Ô digêro, digêro
Paraná

Eu também sô digêro
Paraná.

*

Ôi tombo do má
Marinhêro
Ôi tombo do má
Estrangêro.

*

Iê
Vô mimbora pra Bahia
Pra vê se o dinhêro corre
Se o dinhêro não corrê
De fome ninguém não morre
Vô mimbora pra São Paulo
Tão cedo não venho cá
Se você quizê me vê
Bote o seu navio no má
O Brasil stá na guerra
Meu devê é í lutá.

— 81 —

— 82 —

Não se mêta meu irmão
Qui êsse home é valente
Na usina Caco Velho
Já matô Chico Simão
Vamo imhora camarado
Vamo saí dessa jogada
A festa é muito boa
Mas vai tê muita pancada.

*

La la i, la i la
Ô lelê
La la i, la i la
Ô lelê
Ai, ai, ai
Ô lelê
Ai, ai, ai
Ô lelê
Ah! ah! ah!
Ô lelê
Ai, ai, ai
Ô lelê
La la i, la i la
Ô lelê.

*

Ê aquinderreis
Ê aquinderreis
Camarado

Ê galo cantô
Ê galo cantô
Camarado

Ê cocorocô
Ê cocorocô
Camarado

Ê vamo imhora
Ê vamo imhora
Camarado

— 83 —

— 84 —

— 85 —

Ê mundo afora
Ê mundo afora
Camarado

Ê vorta do mundo
Ê vorta do mundo
Camarado

Ê qui mundo dá
Ê qui mundo dá
Camarado

Ê qui mundo tem
Ê qui mundo tem
Camarado.

*

Oi tira daqui bota ali
Oi ponha no mesmo lugá.

— 86 —

*

Saia do má
Saia do má
Marinhêro
Saia do má
Saia do má
Estrangêro.

— 87 —

*

Iê
Minino onde tu vai
Eu vô intá meu pai
Ele stá doente
Tá doente pra morrê
Si tu quiria í
Como não me disse
Agora te pego
E te surro tôda.

— 88 —

Panhe a laranja no chão tico-tico
 Pois tua saia é de renda de bico
 Panhe a laranja no chão tico-tico — 89 —
 Se meu amô fô imbora eu não fico
 Panhe a laranja no chão tico-tico
 Na uma, nas duas, nas três eu não fico.

*

Iê
 Você vem se lastimando
 Me pedindo pra voltá
 Hoje quem não qué sô eu
 Ail Ail — 90 —
 Não adianta você chorá
 É camaradinho
 É camaradinho meu.

*

Ô ê ó a
 Ô ê ó a
 Ô ê ó a
 Lambaio, lambaio — 91 —
 Lambaio, lambaio
 E lamba ê ê
 E lamba ê ê
 E lamba ê ê.

*

Como vai, como stá
 Tandirêrê.
 Ô como vai vosmicê
 Tandirêrê.
 Tu vai bem de saúde — 92 —
 Tandirêrê.
 Pra mim é um prazê
 Tandirêrê.
 Oi como vai, como stá.

Era eu era meu mano
 Era meu mano mais eu
 Eu vi a terra molhada
 Mas não vi quando choveu — 93 —
 Era eu era meu mano
 Era meu mano mais eu
 Ele alugô uma casa
 No fim do mês
 Nem ele pagô nem eu.

*

Quebra, quebra gereba
 Quebra
 Oi você quebra hoje
 Amanhã quem te quebra? — 94 —
 Quebra
 Oi quebra, quebra
 Queima, queima Amará
 Queima.

*

Dona Maria
 Como vai vosmicê — 95 —
 Como vai vosmicê
 Como vai vosmicê.

*

Sai, sai Catarina
 Saia do má — 96 —
 Venha vê Idalina.

*

Quebra lami kumujê
 Macaco
 Tira e bota no saco — 97 —
 Macaco

Quebra lami kumujê
Macaco.

*

Ao pé de mim tem um vizinho
Que enricô sem trabaia
Meu pai trabaia tanto
Nunca pôde enricá
Não deitava uma noite
Que deixasse de rezá.

— 98 —

*

Carcunda ontem teve aqui
Deu dois minréis a papai
Três minréis a mamãe
Café e açuca a vovó
Dois vintém para mim só
Sim sinhô meu camarada
Quando eu entrá você entra
Quando eu sai você sai
Passá bem ou passá má
Tudo no tempo é passá.

— 99 —

*

Eu comprei uma galinha
Por quatro mil e quinhento
Na ladêra de São Bento
Não bem peguei na galinha
Já os pinto piava dento.

— 100 —

*

Na ladêra do Tengó
Passa o boi o carro chia
Desata torna amarrá
Mais sorte os cabelo Maria.

— 101 —

Oração de braço forte
Oração de São Mateus
Na hora do meio-dia
Quem pode comigo é Deus.

— 102 —

*

Eu tava na minha casa
Sem pensá, sem maginá
Mandaro me chamá
Pra ajudá a vencê
A guerra no Paraguai.

— 103 —

*

Meu pai bem me dizia
Que não comesse melado
Chegando de manhãzinha
Água de côco velado.

— 104 —

*

Minina vamo pro mato
Vamo catá carrapato
Minina vamo pra sala
Levá pulga da senzala
Minina vamo pra cama
Vamo catá percevejo
Minina vamo pro mangue
Vamo catá carangêjo.

— 105 —

*

Na justa lei da região
Cabra conhece o perigo
Do cotuvelo pra mão
~~O diabo tem cinquenta dente~~
Vinte e cinco são de prata
Vinte e cinco são de latão.

— 106 —

147

No dia que amanheço
Perto de Itabaianinha
Home não monta a cavalo
Muié não deita galinha
As frêra que estão rezando
Se esquece a ladainha.

— 107 —

*

Meu braço tem meia libra
Ferro grande é meu facão
Não respeito calumbi
Tando cá foice na mão.

— 108 —

*

Na minha casa veio um home
Da espece dos urubus
Tinha camisa de sola
Paletó de couro cru
Faca de ponta no cinto
Rabo cumprido no cu
Os beijo grosso e virado
Como sola de chinelo
Um zóio bem encarnado
Outro bastante amarelo.

— 109 —

*

Oi é tu qui é muleque
Muleque é tu

Muleque te pego
Muleque é tu

— 110 —

Te jogo no chão
Muleque é tu

Castiga esse nêgo
Muleque é tu

Conforme a razão
Muleque é tu.

Oi a cobra me morde
Sinhô São Bento
Me jogue no chão
A cobra é má
Sinhô São Bento.

— 111 —

*

Calangolô, tá como passô
Calangolô, tá como passô.

— 112 —

*

Ôi Dona Maria como vai você
Como vai você, como vai você

Dona Maria como vai você
Ora jogue bonito qui eu quero aprendê

Dona Maria como vai você
Ora jogue bonito qui eu quero
[aprendê

— 113 —

Dona Maria como vai você
Faça jôgo de baixo pro povo aprendê

Dona Maria como vai você
Jogue de cima qui eu quero vê
Dona Maria como vai você.

*

Ai, ai, ai
São Bento me chama

Ai, ai, ai
São Bento me leva

Ai, ai, ai
São Bento me prende

— 114 —

Ai, ai, ai
São Bento me solta

Ai, ai, ai
Sinhô São Bento.

*

Panhe mio como gente
Macaco
Macaco qui quebra dendê
Macaco.

— 115 —

*

Ê sim, sim, sim
Ê não, não, não.

— 116 —

*

Como vai como stá
Camunjerê

Como vai de saúde
Camunjerê

Como vai como stá
Camunjerê

— 117 —

Eu vim aqui lhe vê
Camunjerê

Como vai de saúde
Camunjerê
Para mim é prazê.

*

Anu não canta in gaiola
Nem bem dentro nem bem fora
Só canta no formiguêro
Quando vê formiga fora
Camarado
Camaradinho ê
Camarado.

— 118 —

Camaradinho é hora, é hora
Ê é hora, é hora camarado
Aquinderréis ê aquinderréis
Camarado
Querem me pegá
Ê querem me pegá.
Camarado.

— 119 —

*

Pega minha corda pra laçá meu boi
Meu boi fugiu pra onde foi
Pega minha corda pra laçá
[meu boi

— 120 —

Meu boi fugiu pra onde foi
Pra onde foi
Pra onde foi.

*

Sai, sai catari, saia do má
Venha vê Idalina
Mais Catarina
Minha nêga sai.

— 121 —

*

Cobra mordeu São Bento, Caetano
Cobra mordeu São Bento, Caetano

— 122 —

*

Minino quem foi seu mestre
Meu mestre foi Barroquinha
Barba êle não tinha
Metia o facão na poliça
E paisano tratava êle bem.

— 123 —

Tava no pé da Cruz
Fazendo a minha oração
Quando Dois de Ôro
Feito a pintura do cão
Camaradinho é é
Camaradinho, camarado
Ôi a treição é é
Oia a treição camarado.

— 124 —

*

Eu sô Dois de Ôro
Dois de Ôro sim sinhô
Eu sô Dois de Ôro
Dois de Ôro de valô.

— 125 —

*

Topedêra Piauí
Coração in Bahia
Marinhêro absoluto
Chegô pintando arrelia
Quando vê cobra assanhada
Não mete o pé na rodia
Se a cobra assanhada morde
Que fôsse a cobra eu mordia
Mataro Pedro Minêro
Dentro da Secretaria
Camaradinho
E é camaradinho
E é é hora, é hora.

— 126 —

*

Contaro minha mulé
Qui a poliça me intimô
Dentro da Delegacia
Para dá depoimento
De um caso qui não se passô
Mataro Pedro Minêro
Dentro da Delegacia

— 127 —

Delegado me intimô
Para dá depoimento
De um caso qui não sabia.

*

Contaro minha mulé
Qui capoêra me venceu
Ele jurô e bateu pé firme
Isso não assucedeu
Casa de palha é palhoça
Se eu fôsse fogo queimava
Tôda mulé ciumenta
Se eu fôsse a morte matava
Eu me chamo Pedro Minêro
Conhecido gangambá.

— 128 —

*

Besôro ante de morrê
Abriu a bôca e falô
Meu filho não apanhe
Qui seu pai nunca apanhô
Na roda da capoêra
Foi um grande professô.

— 129 —

*

Besôro stava dormindo
Acordô com dô de dente
Deu um tiro in Besôro
Pensando qui era tenente.

— 130 —

*

Besôro prêto, Besôro prêto
Bará
Besôro prêto, Besôro
Besôro prêto, Besôro.

— 131 —

Agora sim qui mataro meu Besôro
Depois de morto — 132 —
Besôrinho Cordão de Ôro.

*

Besôro zum, zum, zum
Pelo sinal — 133 —
Besôro zum, zum, zum
Pelo sinal.

*

Besôro stava dormindo
Acordô todo assustado — 134 —
Deu um tiro in baraúna
Pensando qui era sordado.

*

Lá atiraram na Cruz
Eu de mim não sei quem foi
Se acaso fui eu mesmo
Ela mesmo me perdoe

Besôro caiu no chão
Fêz que estava deitado
A polícia entrou
Ele atirou num soldado

Vão brigar com carangêjo — 135 —
Que é bicho que não tem sangue
Polícia se briga
Vamos para dentro do mangue.

*

Besôro quando morreu
Abriu a boca e falô — 136 —
Adeus Maracangalha
Qui é terra de matadô.

Não mandei você pegá — 137 —
No tabulêro de yayá.

*

Ê valha-me Deus sinhô São Bento
Eu vô jogá meu barravento. — 138 —

*

Ê abalô, abalô — 139 —
Abalô quero vê abalá.

IX

Comentário às Cantigas

As cantigas de capoeira fornecem valiosos elementos para o estudo da vida brasileira, em suas várias manifestações, os quais podem ser examinados sob o ponto de vista lingüístico, folclórico, etnográfico e sócio-histórico.

Lingüisticamente falando, as cantigas fornecem detalhes da linguagem corrente do Brasil, principalmente no campo fonético, sintático e semântico. No âmbito fonético, há uma pequena mostra da pronúncia geral brasileira e mui especial a local. Serafim da Silva Neto, que muito se preocupou com o problema dos falares brasileiros, embora não tivesse à mão o instrumento básico fornecido pela Geografia Lingüística, que seria um Atlas Lingüístico do Brasil, como já dispõem os falares franceses,²¹⁶ romanos,²¹⁷ da Córsega²¹⁸ e os ítalo-suí-

²¹⁶ J. Gillieron et E. Edmont, *Atlas Linguistique de la France*, Paris, 1903-1910.

²¹⁷ Sever Pop/Emil Petrovici, *Atlasul Linguistic Român*, Cluj-Sibiu, 1938-1942.

— Emil Petrovici, *Atlasul Linguistic Român/Serie nouă*, Editura Academiei Republicii Populare Român, 1956.

²¹⁸ Gino Battiglioni, *Atlante Linguistico-Etnografico Italiano della Corsica*, Pisa, 1933-1939.

ços,²¹⁹ analisando as conotações fonéticas do Brasil, chama a atenção de que “a pronúncia brasileira em geral, repousa sobre um sistema fonético muito antigo e de aspecto urbano (o que vale dizer, sem regionalismos) pois, como se viu, ela não apresenta, por exemplo, nem as antigas africadas, nem as apicais que muito provavelmente já não existem ou estavam em franca desagregação nas principais cidades portuguesas nos séculos XVI e XVII. Faremos distinção de um lado entre a pronúncia culta do Rio de Janeiro (carioca) considerada padrão, e de outro, entre várias pronúncias regionais”.²²⁰ Daí, não raro, se encontrar transformações fonéticas, no linguajar popular do nordeste do Brasil, já existentes na evolução histórica da palavra, como vai se ver no decorrer dos comentários. Contudo, para se ter um estudo realmente preciso e de caráter científico, só com a publicação, como já disse, de um Atlas Lingüístico do Brasil, o que é uma coisa muito complexa, para ser feita de imediato, principalmente no que tange à confecção e aplicação dos questionários lingüísticos. Para se ter uma idéia de como isso é fundamental, o exemplo está na confecção do atlas ítalo-suíço, bastando para tanto se ler o capítulo *Wie entsteht ein Sprachatlas?* da obra *Der Sprachatlas als Forschungsinstrument*,²²¹ escrita pelos autores do referido atlas. Com referência à Bahia, há uma pesquisa elaborada pela equipe do Laboratório de Fonética da Universidade Federal da Bahia, sob a direção do Professor Nelson Rossi, que resultou na publicação de um atlas dos falares baianos, que se diz ser prévio, acompanhado de um volume elucidativo.²²²

²¹⁹ K. Jaberg und J. Jud, *Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*/Gedruckt mit Unterstützung der Gesellschaft für Wissenschaftliche Forschung an der Universität Zürich und privater Freunde der Werkes von der Verlagsanstalt Ringier & Co., Zofingen (Schweiz), 1928-1940.

²²⁰ Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 2.^a edição aumentada e revista pelo autor, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963, págs. 165-166.

²²¹ K. Jaberg und J. Jud, *Der Sprachatlas als Forschungsinstrument Kritische Grundlegung und Einführung in den Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1928, págs. 175-176.

²²² N. Rossi, *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Instituto Nacional do Livro, 1963.

FONÉTICA

CONSOANTES

lh - i

Dando seqüência ao exame do que foneticamente de interesse fornecem essas cantigas, passo a estudar as implicações do grupo *lh*, no referido texto. De início, convém salientar que, nos primórdios da língua escrita, o som *lh* era representado por *li*, *l* e *ll* do antigo espanhol,²²³ sendo, porém, a notícia mais antiga que se tem dele é num documento datado de 1269 no Alentejo.²²⁴ Lingüisticamente falando, a primeira observação foi feita em 1606 por Duarte Nunes de Leão, quando publicou a sua *Origem da Língua Portuguesa*.²²⁵ Não obstante a sua origem não estar de tudo esclarecida, Pedro Azevedo estudando a ortografia antiga portuguesa, acha mais provável que a combinação tivesse sido inventada em Portugal,²²⁶ isso em contraposição à grande maioria, que vê no grupo *lh* procedência provençal, tendo como patrono Diez,²²⁷ em 1863, ao publicar, em Bona, o seu excelente *Über die erst portugiesische Kunst- und Hoppoesie*, reafirmando, mais tarde, em 1882 esse seu ponto de vista, quando deu a última edição de sua *Grammatik der romanischen Sprachen*.²²⁸ Seguindo os seus

N. Rossi, *Atlas Prévio dos Falares Baianos*/Introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Instituto Nacional do Livro, 1965.

²²³ Joseph Huber, *Altportugiesches Elementarbuch*, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1933, pág. 43.

²²⁴ Pedro A. de Azevedo, "Documentos portugueses do Mosteiro de Chelles", in *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906, pág. 263.

²²⁵ Duarte Nunes de Leão, *Origem, e Orthographia da Lingoa Portuguesa*, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina tem origem: com hum tractado das partes das clausulas. Nova edição, correctá, e emendada, conforme a de 1784, Typografia do Panorama, Lisboa, 1864, pág. 83.

²²⁶ Pedro A. de Azevedo, "A respeito da antiga ortografia portuguesa/Um documento de Monção de 1350", in *Revista Lusitana*, vol. VI, 1900-1901, pág. 263.

²²⁷ Friedrich Diez, *Über die erste portugiesische Kunst- und Hoppoesie*, Eduard Weber's, Verlag, Bonn, 1863.

²²⁸ Friedrich Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, fünfte Auflage, Eduard Weber's Verlag, Bonn, 1882, vol. I, pág. 306.

passos, estiveram Cornu,²²⁹ Gonçalves Viana²³⁰ e Williams.²³¹ Nos falares do Brasil o *lh* é substituído por *l*²³² e mui especialmente no nordeste.²³³ Esse fenômeno que já preocupou Leite de Vasconcelos,²³⁴ não é só do Brasil, está espalhado nos dialetos crioulos, podendo ser encontrado em Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Ceilão, Diu, Goa, Ilha do Príncipe²³⁵ e na ilha Santo Antão.²³⁶ No campo românico, o fenômeno que começa a surgir no latim do Império,²³⁷ tem seus reflexos no

²²⁹ Jules Cornu, *Die portugiesische Sprache*, in *Grundriss der romanischen Philologie*, Herausgegeben von Gustav Gröber, zweite verbesserte und vermehrte Auflage, Karl J. Trübner, 1904-1906, vol. I, pág. 922.

²³⁰ A. R. Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional/ Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904, págs. 56-57.

²³¹ Edwin B. Williams, *From Latin to Portuguese/ Historical Phonology of the Portuguese Language*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1938, págs. 22-23.

²³² Serafim da Silva Neto, *op. cit.*, pág. 158.

Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira/ Gramática-Vocabulário*. Prefácio de Paulo Duarte, Editora Anhembi Limitada, São Paulo, 1955, pág. 53.

Virgílio de Lemos, "A língua portuguesa no Brasil", in *Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia/ Realizado na Cidade do Salvador, Estado da Bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916*. Publicado sob a direção do Secretário-Geral do mesmo Congresso, Professor Dr. Bernardino José de Souza, Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1916, vol. I, pág. 881.

²³³ Mário Marroquim, *A Língua do Nordeste* (Alagoas e Pernambuco), Prefácio de Gilberto Freyre, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1945, págs. 94-95.

²³⁴ José Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise/ Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris présentée par José Leite de Vasconcelos*, Ailloud & Cie, Paris-Lisboa, 1901, págs. 52, 151, 177, 185, 190.

²³⁵ Serafim da Silva Neto, *op. cit.*, pág. 158.

Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, 2.ª edição completamente refundida, Edição da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953, pág. 49.

²³⁶ Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte. "O Creolo de Cabo Verde/Breves estudos sobre o creolo das ilhas de Cabo Verde", in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1886, 6.ª série, n.º 6, pág. 332.

²³⁷ Édouard Bourciez, *Éléments de Linguistique Romane*. Quatrième Edition révisée par l'auteur et par les soins de Jean Bourciez. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1946, págs. 50, 150, 151, 401, 411, 559, 647.

Friedrich Diez, *op. cit.*, vol. I, pág. 306.

Joseph Huber, *op. cit.*, págs. 43, 45.

francês,²³⁸ provençal antigo,²³⁹ provençal moderno,²⁴⁰ catalão,²⁴¹ italiano,²⁴² romeno,²⁴³ português²⁴⁴ e espanhol.²⁴⁵ Com

Edwin B. Williams, *op. cit.*, págs. 22-24.

Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*/ Traduction française par Eugène Rabiet. G. E. Stechert & Co., New York, 1923, vol. I, págs. 368-374.

Tomás Navarro Tomás, *Manual de Pronunciación Española*. Instituto de Investigaciones Científicas, sexta edición, Madrid, 1950, págs. 133-136.

²³⁸ Kr. Nyrop, *Grammaire historique de la langue française*. Troisième édition revue et augmentée. Gyldendalske Boghandel Nordisk Forlag, Copenhague, 1914, vol. I, págs. 337-339.

²³⁹ Joseph Anglade, *Grammaire de l'ancien provençal ou ancienne langue d'oc*/ Phonétique & Morphologie. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1921, págs. 191-192.

W. Mushacke, *Altprovenzalische Marienklage des XIII. Jahrhunderts* Nach allen bekannten Handschriften, Herausgegeben von Dr. W. Mushacke. Verlag von Max Niemeyer, Halle, S. A., 1890, pág. XXVIII.

²⁴⁰ Jules Ronjat, *Grammaire Historique des parlers provençaux modernes*. Société des Langues Romanes, Montpellier, 1930, vol. I, págs. 96-97.

²⁴¹ Wilhelm Meyer-Lübke, *Das Katalanische*/ seine Stellung zum Spanischen und Provenzalischen/Sprachwissenschaftlich und historisch dargestellt. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1925, págs. 56-57.

A. Morel-Fatio und J. Saroihandy, "Das Catalanische", in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I, págs. 858-859.

Aurelio M. Espinosa, *Estudios Sobre el Español de Nuevo México*/ Traducción y reelaboración con notas por Amado Alonso y Angel Rosemblat, con nuevos estudios complementares sobre Problemas de Dialactología Hispanoamericana por A. Alonso, Parte I - Fonética, Buenos Aires, 1930, pág. 190.

Francisco de B. Moll, *Gramática Histórica Catalana*. Editorial Gredos, Madrid, 1952, pág. 137.

Antonio Badia Margarit, *Gramática Histórica Catalana*. Editorial Noguer, S.A., Barcelona, 1951, págs. 106-108.

Amado Alonso, *Estudios Lingüísticos*/ Temas Españoles. Editorial Gredos, Madrid, 1954, págs. 31, 42, 295-296.

²⁴² Francisco D'Ovidio und Wilhelm Meyer-Lübke, "Die Italienische Sprache", neubearbeitet von Wilhelm Meyer-Lübke, in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I, págs. 678-679.

Berthold Wiese, *Altitalienische Elementarbuch*, zweite verbesserte Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928, pág. 56.

Gerhard Rohlfs, *Historische Grammatik der italienischen Sprachen und ihrer Mundarten*, Band I: Lautlehre, A. Francke Ag. Verlag, Bern, 1949, págs. 270, 274, 294, 296.

referência ao espanhol da América Latina, Bourciez foi taxativo — "c'est également y qui s'est généralisé"²⁴⁶ e documentando tudo isso é o importante e substancial trabalho de Amado Alonso, *La ll y sus oteraciones en España y America*, assim como as observações de Espinosa.²⁴⁷ A sua absorção pelo guarani foi estudada por Marcos, A. Morínigo e Llorach.²⁴⁸ Para esse fenômeno tem havido inúmeras explicações, sendo a mais recente dada por Llorach, enquadrada dentro do pensamento da Escola de Praga, cujo corifeu foi o príncipe Nikolaj Sergejevitch Trubetzkoy, cuja doutrina foi reunida, pela primeira vez, em volume, em 1939 sob o título *Grundzüge der Phonologie*, constituindo o volume sete dos *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*,²⁴⁹ traduzido depois para o francês por J. Cantineau.²⁵⁰ Llorach, ao explicar sua tese, assim se expressou: — "A veces, un fonema en oposición bilateral aislada con otro fonema se identifica con este, es decir, pierde sus rasgos característicos y se reduce a una simple variante combinatoria

Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*/ Traduction française par Eugène Rabiet. G. E. Stechert & Co., New York, 1923, vol. I, pág. 465.

M. Krepsinsky, *L'infinitif de colligere dans les langues romanes*, in Omagiu lui Iorgu Iordan cu prilejul implinirii a 70 de ani. Editura Academiei Republicii Populare Romine, Bucarest, 1958, pág. 486.

²⁴³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, vol. I, págs. 459, 466.

²⁴⁴ Jules Cornu, *op. cit.*, vol. I, págs. 974-975.

Joseph Huber, *op. cit.*, págs. 43-44.

²⁴⁵ Ramon Menendez Pidal, *Orígenes del Español*/ Estudio lingüístico de la península ibérica hasta el siglo XI. Tercera edición muy corregida y adicionada, Espasa-Calpe, S.A., Madrid, 1950, págs. 239-240, 274-280.

²⁴⁶ Edouard Bourciez, *op. cit.*, pág. 411.

²⁴⁷ Amado Alonso, *Estudios Lingüísticos*/ Temas hispanoamericanos. Editorial Gredos, Madrid, 1953, págs. 196-262.

Aurelio M. Espinosa, *op. cit.*, parte I, págs. 193-203.

²⁴⁸ Marcos A. Morínigo, *Hispanismos en el Guaraní*/ Estudio sobre la penetración de la cultura española en el guaraní, según se refleja en la lengua. Bajo la dirección de Amado Alonso, Buenos Aires, 1931, pág. 55.

Emilio Alarcos Llorach, *Fonología Española*/ según el método de la Escuela de Praga. Editorial Gredos, Madrid, 1950, pág. 85.

²⁴⁹ N. S. Trubetzkoy, *Grundzüge der Phonologie*/ Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 7, Prague, 1939.

²⁵⁰ N. S. Trubetzkoy, *Principes de Phonologie*/ Traduit par J. Cantineau. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1949.

o estilística. Tal es el caso de la desfonologización del fonema *l* en algunas hallas españoles, que se ha identificado con el fonema *y*."²⁵¹

$$l = r$$

O fenômeno da troca do *l* pelo *r* está espalhado nas línguas românicas,²⁵² mui especialmente no português e no espanhol. No caso do espanhol da Espanha e da América, Tomás Navarro que o estudou com objetividade ficou surpreso com a confusão que se faz entre um e outro, daí concluir que "La *r* fricativa y la *l* relajada presentan bastantes caracteres comunes para poder confundirse entre si; esta confusión ocurre, en efecto, en el habla popular de varias regiones de España y América..." Mais tarde o assunto foi retomado, com grande maestria por Amado Alonso.²⁵³ Em Portugal²⁵⁴ e em todo Cabo Verde²⁵⁵ encontra-se o fenômeno bastante espalhado. No caso do Brasil, cito a cantiga número 2 representada na palavra *vorta* que deveria estar por *volta*. Ainda a respeito do *l*, Marroquim²⁵⁶ chama atenção da sua mudança para *d*, cujo exemplo se observa na cantiga número 80, na palavra *digêro*, que está por *ligeiro*. Fenômeno contrário já se acha documentado, em românico, na Appendix Probi, na passagem *Adipes non Alipes* e no espanhol.²⁵⁷

²⁵¹ Emilio Alarcos Llorach, *op. cit.*, pág. 85.

²⁵² Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, vol. I, págs. 409-410.

²⁵³ Tomás Navarro Tomás, *op. cit.*, pág. 119.

Amado Alonso, *Estudios Lingüísticos*/Temas hispanoamericanos. Editorial Gredos, Madrid, 1953, págs. 263-331.

²⁵⁴ Edwin B. Williams, *op. cit.*, págs. 77, 91, 110.

²⁵⁵ Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, *op. cit.*, pág. 332.

²⁵⁶ Mário Marroquim, *op. cit.*, pág. 84.

²⁵⁷ Serafim da Silva Neto, *Fontes do Latim Vulgar*/O Appendix Probi. 3.^a edição, revista e melhorada, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956, pág. 165.

Wilhelm Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*. Dritte neubearbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heideelberg, 1920, pág. 111.

Gottfried Baist, "Die spanische Sprache", in Gustav Gröber *op. cit.*, vol. I, pág. 897.

Aurelio M. Espinosa, *op. cit.*, Parte I, págs. 153-154.

r final

O *r* final desaparece, não só nos falares do Brasil como nos dialetos crioulos de Cabo Verde, São Tomé, Ilha do Príncipe e Ilha de Ano Bom.²⁵⁸ Igualmente ocorre em Andaluzia e outras regiões.²⁵⁹ Nas cantigas, o fenômeno se processa nas palavras *cantá* (cantar), *sê* (ser), *bebê* (beber), *sinhô* (senhor), *milhó* (melhor), *má* (mar), *i* (ir), *mulé* (mulher), *trabaiá* (trabalhar), pertencentes às cantigas de números 1, 2, 6, 8, 14, 23, 25, 66, 98.

Queda do *m*

Não constitui novidade a perda da nasalidade final, nos falares do Brasil. Nas cantigas de números 18 e 26, ocorre nas palavras *viage* (viagem) e *home* (homem).

Perda do *r*

Mário Marroquim,²⁶⁰ estudando os grupos *gr*, *pr*, e *tr* chama atenção para o fato deles perderem a pospositiva. Isso, nas cantigas de números 1 e 15, se verifica nas palavras *nêgo* (negro) e *meste* (mestre).

Perda do *s*

O *s* seguido de *ce* e *ci* deixa de soar, como no norte de Portugal e no espanhol,²⁶¹ simplificando como na palavra *naci* (nasci), encontrada na cantiga número 4.

²⁵⁸ Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2.^a edição aumentada e revista pelo autor. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963, pág. 158.

José Leite de Vasconcelos, *Esquise*, págs. 165, 166, 177, 179, 183, 185, 189, 190, 191.

²⁵⁹ Tomás Navarro Tomás, *op. cit.*, págs. 119-120.

Vicente Garcia de Diego, *Manual de Dialectologia Española*. Instituto de Cultura Hispanica, Madrid, 1946, págs. 253-279.

²⁶⁰ Mário Marroquim, *op. cit.*, pág. 93.

²⁶¹ Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, 2.^a edição completamente refundida, Edições da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953, pág. 58.

VOGAIS

o = u

Há uma tendência, por sinal muito antiga, de se reduzir o o átono a u. Já em 1536, Fernão de Oliveira, ao escrever a primeira gramática da língua portuguesa, chamou atenção para o fenómeno, com o seguinte lance: — "...das vogaes antre u e o pequeno ha tanta vezinhança q quasi nos confundimos dizendo hūs somir e outros sumir: e dormir ou durmir/e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes".²⁶² Em nossos dias, o assunto foi retomado por Cornu, que chama atenção para a antiguidade do problema, documentando com exemplos desusados na língua literária, porém corrente na linguagem popular: — "Die ältesten Spuren des u anstatt o und zwar in grosser Anzahl finden sich bei MC.(1767), S. 568-722, welcher Beispiele wie *curruto*, *cutovêlo*, *fucinho*, *murar*, *puragem*, *tucar*, *xuver* = *chover*, anführt und tadelt. Vereinzelt Beispiele des u kommen hin und wieder viel früher vor und zwar nicht nur solche wie *fremusura*, *furtuna*, *custume*, sondern auch *pudia*, *fugueira*, *lugar*, *Purtugal*".²⁶³ As cantigas de números 1, 8, 22, 35, 54, 63, 76 documentam essa mudança, através das palavras *cum* (com), *cumpade* (compadre), *cumi* (comi), *tustão* (tostão), *muchila* (mochila), *tupedêra* (torpedeira), *suburdinado* (subordinado).

e = i

O e pretônico em Portugal ou se conserva ou passa a i, nasalando-se ou não,²⁶⁴ como nas palavras *insinô* (ensinou),

A. R. Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional/Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Livraria Editôra Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904, pág. 144.

José Leite de Vasconcelos, *Estudos de Filologia Mirandesa*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1900, vol. I, pág. 287.

²⁶² Fernão de Oliveira, *Grammatica da Lingoa Portuguesa*/3.^a edição feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direção de Rodrigo de Sá Nogueira/seguida de um estudo e de um glossário de Ambol Ferreira Henriques. Edição de José Fernandes Júnior, Tipografia Belezza, Lisboa, 1933, pág. 44.

²⁶³ Jules Cornu, *op. cit.*, vol. I, pág. 944.

²⁶⁴ José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, págs. 99-100.

Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, ed. cit., pág. 32.

imbora (embora), *sinhô* (senhor), *indução* (educação), *milho* (melhor), das cantigas de números 2, 8, 23, 25, 42, 66.

DITONGOS

ou = o

O ditongo latino *au* deu o românico *ou*, que na língua moderna alterna em *oi* e na linguagem popular em *ô*. Dessa evolução se preocuparam Sommer,²⁶⁵ Niedermann,²⁶⁶ Meyer-Lübke,²⁶⁷ Nunes,²⁶⁸ Grandgent,²⁶⁹ Battisti,²⁷⁰ Vossler²⁷¹ e outros.

Em Portugal e dialetos crioulos, *ou* foi reduzido a o.²⁷² Entre nós, temos exemplos em *convidô* (convidou), *sô* (sou), *insinô* (ensinou), *escramô* (exclamou), *ensaminô* (examinou), *enricô* (enricou), *vô* (vou), *morão* (mourão), *ôro* (ouro), *besôro* (besouro), *ôtro* (outro), concernentes às cantigas de números 1, 2, 18, 37, 58, 63, 98, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135.

²⁶⁵ Ferdinand Sommer, *Handbuch der lateinischen Laut- und Formenlehre/ Eine Einführung in das sprachwissenschaftliche Studium des lateins*. Carl Winter Universitätsverlag, Heidelberg, 1948, págs. 78-81, 109-110.

²⁶⁶ Max Niedermann, *Précis de phonétique historique du latin*. Troisième édition revue et augmentée. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1953, págs. 65-67.

²⁶⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, "Die lateinische Sprache in den romanischen Ländern", in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I, págs. 465-466.

²⁶⁸ José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Fonética e Morfologia. Livraria Clássica Editôra, A. M. Teixeira & Cia. (Filhos), 3.^a edição, Lisboa, 1945, págs. 78-81.

²⁶⁹ C. H. Grandgent, *Introducción al Latin Vulgar/ Traducción del ingles*, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas prologo y una antologia Francisco de B. Moll. Segunda edición en reproduccion fotografica. Madrid, 1952, págs. 142-144, 152.

²⁷⁰ Carlo Battisti, *Avvicamento allo Studio del Latino Volgare*. Leonardo da Vinci — Editrice, Bari, 1949, págs. 106-110.

²⁷¹ Karl Vossler, *Einführung ins Vulgärlatein/ herausgegeben und bearbeitet von Helmut Schmeck*, Max Hueber Verlag, München, s/d., pág. 90.

²⁷² José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, págs. 106-108, 165, 166, 179, 182, 185, 187, 191, 192.

ei = ê

O ditongo *ei* foi reduzido, nos falares, a *ê*, não só em algumas regiões de Portugal, como no Brasil. Nas cantigas, aparece nas palavras *cabecêro* (cabeceiro), *mandinguêro* (mandingueiro), *capoêra* (capoeira), *angolêro* (angoleiro), *gamelêra* (gameleira), *bombêro* (bombeiro), *ladêra* (ladeira), *Pimentêra* (Pimenteira), *tupedêra* (torpedeira), *digêro* (ligeiro), *janêro* (janeiro), *Minêro* (Mineiro), pertencentes às cantigas de números 2, 32, 52, 54, 55, 58, 59, 66, 70, 76, 80, 100, 101, 105, 126, 127, 128.

AFÉRESE

Há transformações motivadas por aférese, que Williams²⁷³ considera como fenómeno muito comum, na língua portuguesa. Nas cantigas, os casos de aférese são *tava* (estava), *tá* (está), *panhe* (apanhe), *güenta* (agüenta), *tô* (estou), correspondente às cantigas de números 1, 9, 14, 68.

SÍNCOPE

A síncope das postônicas, que se processou na transição do latim para o português, verifica-se a todo instante na língua corrente do povo, como em *cumpade* (compadre), *discipo* (discípulo), *cabôco* (caboclo), *comade* (comadre), *polícia* (polícia), pertencentes às cantigas de números 3, 8, 31, 35, 38, 128.

APÓCOPE

Fenômeno fonético de apócope se encontra nas palavras *sabo* (sábado), *camará* (camarado), pertencentes às cantigas de números 4, 41.

PRÓTESE

A prótese do *a* é um fenómeno comum em todo Portugal e no Brasil. Há uma preocupação, entre os lingüistas, em lo-

²⁷³ Edwin B. Williams, *op. cit.*, pág. 102.

calizar a procedência do referido *a*. Meyer-Lübke, por exemplo, quer ver influência árabe, através o artigo árabe *al*, que, por um processo de assimilação, se soldou às palavras de origem latina.²⁷⁴ Já Huber prefere se fixar no latim vulgar, afirmando que "Schon vorromanisch ist die Vorsilbe *a* -der Demonstrativprononima und -adverbia wie *aquel*, *aqueste*, *aqui*, *acá*, *aquem*, *alá*, *ali*, nach denen dann *asi*, *atal*, *atanto*, *atom*, gebildet wurden".²⁷⁵ Nas cantigas, aparece na de número 1, na palavra *arrespondeu* (respondeu).

EPÊNTESE

Não obstante ser considerada na linguagem popular, mais comum a epêntese do *r*,²⁷⁶ aparece, contudo, na cantiga número 63 a epêntese do *n* na palavra *ensaminô* (examinou).

PARAGOGE

A paragoge do *s*, a princípio, era comum aos advérbios terminados em vogal²⁷⁷ e ainda hoje, por exemplo, os advérbios de modo, que se formaram com o ablativo *mente*²⁷⁸ levam *s* na linguagem popular.²⁷⁹

Na cantiga número 70, aparece a paragoge do *s*, não em advérbio, mas no substantivo *rês* (reis), fenómeno êsse que é comum nessa mesma palavra, no falar do Brasil, já registrado por Nascentes e Marroquim.²⁸⁰

METÁTESE

A metátese é um fenómeno lingüístico comuníssimo na língua do povo. Grammont, ao estudá-la, chamou-a de intervenção e a definiu como "un phénomène qui consiste à placer deux phonèmes contigus dans un ordre plus commode. Par là

²⁷⁴ Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, ed. cit., vol. I, pág. 324.

²⁷⁵ Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 60.

²⁷⁶ Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, ed. cit., pág. 62.

²⁷⁷ C. H. Grandgent, *op. cit.*, pág. 56.

²⁷⁸ C. H. Grandgent, *op. cit.*, pág. 56.

²⁷⁹ José Leite de Vasconcelos, *Esquisses*, pág. 143.

²⁸⁰ Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, pág. 63.

Mario Marroquim, *op. cit.*, pág. 104.

obtient une meilleure constitution des syllabes, ou sauvegarde l'unité et l'harmonie du système phonique d'un parler en remplaçant les groupes insolites par des groupes usuels, ou écarte les types imprononçables ou devenus imprononçables en leur substituant des types faciles, ou évite des efforts articulatoires inutiles. C'est un phénomène intelligent, bien qu'il s'accomplisse d'une manière inconsciente".²⁸¹ Grammont admite dois tipos de interversão — por transposição e penetração.²⁸² Na cantiga número 66, aparece um caso de interversão por transposição representado na palavra *ni* (in = em).

MORFOLOGIA

SUBSTANTIVO

No falar do povo, a flexão numérica através do *s* desaparece.²⁸³ Conhece-se o plural dos substantivos por meio dos elementos que os antecedem. No caso das cantigas números 28, 39, 52 o determinativo *todos* é quem indica o plural das palavras *branco*, *mulato*, *nêgo*, *cigano*, *tempêro*, *meste*. Nas cantigas de números 107 e 109 é o artigo *as* quem denuncia o plural das palavras *frêra* e *urubu*. Nas cantigas números 76 e 78 são os numerais *quatro* e *mil* responsáveis pelo plural de *hora* e *home*.

PRONOME

O pronome relativo *que* sempre se pronuncia *qui*, tanto na língua popular como na literária, fenômeno êsse que ocorre também em Portugal e não passou despercebido de Leite de

²⁸¹ Maurice Grammont, *Traité de phonétique*, Librairie Delagrave, Paris, 1956, pág. 239.

²⁸² Maurice Grammont, *op. cit.*, págs. 239-249.

²⁸³ Mário Marroquim, *op. cit.*, pág. 111.

— José A. Teixeira, *Estudos de Dialetologia Portuguesa/Linguagem de Coiás*. Editora Anchieta, São Paulo, 1944, vol. II, pág. 89.

— Elpidio Ferreira Paes, "Alguns Aspectos da Fonética Sul Rio-Grandense", in *Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada*/Julho de 1937, São Paulo, 1938, pág. 409.

— Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, ed. cit., pág. 152.

Vasconcelos, que assim se manifestou: — "Le pronom *que* prend quelquefois en emphase la forme *qui*, même quand une voyelle ne suit pas (devant une voyelle, *que* se prononce toujours *qui*, soit dans la langue littéraire, soit dans la langue populaire, selon la règle générale des noms terminés en *e* atone."²⁸⁴ Sua presença se faz nas cantigas de números 83 e 136.

VERBO

Com referência aos verbos, o povo fêz profundas simplificações. O fenômeno existe quase que em todo o território nacional onde só se usam a primeira e a terceira pessoas e a primeira do plural perde o *s*. Há modificações radicais no quadro das conjugações, porém, aqui me limitarei a tratar das alterações existentes nos tempos e modos dos verbos, existentes nas cantigas, que, por sinal, só aparecem no pretérito perfeito do modo indicativo, nos verbos *dero* (deram) e *contaro* (contaram) das cantigas de números 54 e 128.

PREPOSIÇÃO

As preposições existentes nas cantigas já foram examinadas no que diz respeito ao aspecto fonético. São elas — *cum* (com), *in* (em) e *ni* (metátese de *in* = em), pertencente às cantigas de números 1, 15, 66, 118, 126.

ADVÉRBO

No que tange aos advérbios encontrados nas cantigas, há o de tempo *onte* (ontem) e o de despedida *imbora* (embora), concernentes à cantiga de número 1.

SINTAXE

Com referência à sintaxe, alguns fatos já foram abordados anteriormente, restando aqui, agora, tratar do problema da colocação dos pronomes existentes nas cantigas.

²⁸⁴ José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, pág. 131.

O assunto tem sido ventilado com frequência, porém na sua quase totalidade de maneira apaixonada. Creio que o primeiro tratamento lingüístico foi dado por Leite de Vasconcelos na *Esquise*,²⁸⁵ para depois começarem as polêmicas apaixonadas e não raro ridículas. Dos bate-bôcas mais ruidosos foi o travado entre Cândido de Figueiredo em Portugal e Paulino de Brito no Brasil. Ambos no início dêste século trocaram artigos, muitas vêzes chistosos e ridículos, publicados nos jornais *Provincia do Pará* e *Jornal do Comércio*, para depois reunirem em volume²⁸⁶ a matéria publicada, infelizmente carecendo de base científica. Na mesma época, veio a famigerada polêmica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro, onde o assunto foi tratado com o mesmo critério dos polemistas já citados.²⁸⁷ Daí em diante o tema tem sido objeto de estudo e polêmica constantes. O motivo das brigas têm sido a divergência da colocação dos pronomes entre Portugal e Brasil.

Há inúmeras conjecturas em tôrno do porquê dessa divergência, sendo uma delas responsabilizar o africano pela colocação brasileira, tendo como patrocinadores, dentre outros, Gonçalves Viana e Renato Mendonça,²⁸⁸ talvez pelo fato de

²⁸⁵ José Leite de Vasconcelos, *Esquise*, pág. 160.

²⁸⁶ Cândido de Figueiredo, *O Problema da Colocação de Pronomes*. Suplemento às gramáticas portuguesas. Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1909.

— Paulino de Brito, *Colocação dos Pronomes/Artigos* publicados na *Provincia do Pará* (1906-1907). Livraria Ailloud & Cia., Paris, 1907.

— Paulino de Brito, *Brasileirismo de Colocação de Pronomes/Resposta ao Snr. Cândido de Figueiredo/Artigos* publicados no *Jornal do Comércio*, 1908. Livraria Azevedo, Viúva Azevedo & Cia., Editôres, Rio de Janeiro, 1908.

²⁸⁷ Ernesto Carneiro Ribeiro, *Ligeiras Observações Sobre as Emendas do Dr. Ruy Barbosa Freitas à Redação do Projeto do Código Civil*. Livraria Catilina de Romualdo dos Santos, Livreiro Editor, Bahia, 1917. (A primeira edição foi publicada no *Diário do Congresso* de 26 de outubro de 1902.)

— Ruy Barbosa, *Projeto do Código Civil Brasileiro/Trabalhos da Comissão Especial do Senado/ Réplica do Senador Ruy Barbosa às defesas da Redação do Projeto da Câmara dos Deputados*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1904.

— Ernesto Carneiro Ribeiro, *A Redação do Projeto do Código Civil e a Réplica do Dr. Ruy Barbosa*. Oficinas dos Dois Mundos, Bahia, 1905.

²⁸⁸ A. R. Gonçalves Viana, *Palestras Filológicas/2.ª edição* acrescida pelo autor. Livraria Clássica Editora, A. M. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa, 1931, pág. 130.

Leite de Vasconcelos, ao estudar o português das costas de África, afirmar que "Dans les articles de journaux locaux, on observe une certaine hésitation pour la place des pronoms, comme dans le brésilien et dans le portugais de Goa".²⁸⁹ Mas, o ponto de vista mais atual e mais aceito é o que tem por base certas incompatibilidades de pronúncia existentes entre os dois países, gerando assim a divergência de colocação dos pronomes. No Brasil, em nossos dias, esse ponto de vista é patrocinado por Nascentes.²⁹⁰

Um dos vários pontos de divergência de colocação é se iniciar frase com pronome do caso oblíquo, comuníssimo no Brasil e que Portugal repele. É justamente essa divergência que aparece nas cantigas de números 17 e 42, nos versos — *Te dô sarna, te dô tinha* e *Me trate com mais respeito*.

LÉXICO DAS CANTIGAS

Abalá.v. Corrutela de *abalar* do verbo abalar. De origem controvertida. Meyer-Lübke²⁹¹ prende ao latim *ballare*, dançar, refutado por Magne.²⁹² Cornu²⁹³ vê o latim *evallare*. Diego²⁹⁴ propõe o latim hipotético *evallare*, peneirar. Por fim, há o de Leite de Vasconcelos,²⁹⁵ aceito por José Pedro Machado,²⁹⁶ que dá o latim hipotético "advallare" (*ad vullen*), na idéia de "ir para baixo", e depois, por generalização do significado, "pôr-se em movimento, etc." Cfr. *aventar* cujo sentido primitivo é "deitar ao vento", e hoje tem, quer na literatura, quer na linguagem popular, significação mais alta.

²⁸⁹ José Leite de Vasconcelos, *Esquise*, pág. 192.

²⁹⁰ Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, ed. cit., págs. 143-151.

²⁹¹ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 74.

²⁹² Augusto Magne, *Dicionário da Língua Portuguesa/Especialmente dos períodos medieval e clássico*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1950, vol. I, pág. 104.

²⁹³ Jules Cornu, *op. cit.* pág. 949.

²⁹⁴ Vicente Garcia de Diego, *Dicionário Etimológico Español e Hispanico*, ed. cit. pág. 73.

²⁹⁵ José Leite de Vasconcelos, "Etimologias portuguesas", in *Revista Lusitana*, vol. II, pág. 267.

²⁹⁶ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 18.

Foneticamente, nada há que objetar: *du* deu *o* como *avêse* (= *adversus*), arc. *avogado* (*advocatus*).

Mais adiante, aponta na Chanson de Rolland²⁹⁷ o verbo *avalez* com "sentido de 'descer' hoje limitado naquela língua ao de descer o alimento para o estômago, engolir". Aparece na cantiga de número 139.

Absoluto.s.m. Aparece na cantiga de número 126, com a acepção de *independente*, *arbitrário* e mais que isso, *insubordinado*. Do latim *absolutu*, adjetivo verbal de *absolvēre*.²⁹⁸

Açuca.s.m. Corrutela de *açúcar*, do árabe *as-sukkar*.²⁹⁹ Aparece na cantiga de número 99.

Amará.s.m. Corrutela de *Amaral*, que Nascentes deriva do substantivo comum *amaral*, uma uva cultivada na Beira, no Minho e no Douro.³⁰⁰ Já Leite de Vasconcelos prende a *amar* - *al*.³⁰¹ O vocábulo se encontra na cantiga de número 94.

Angola.s.f. Nome de um país africano. Anotando a *História Geral das Guerras Angolanas* de Antônio de Oliveira de Cadornega, publicada em 1680, José Matias Delgado diz que o

²⁹⁷ Alfons Hilka, *Das altfranzösische Rolandslied nach der Oxforder Handschrift*, Herausgeben von Alfons Hilka. Vierte verbesserte Auflage besorgt von Gerhard Rohlfs. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1953, págs. 20, 28.

²⁹⁸ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 38.

²⁹⁹ Eero K. Neuvonen, *op. cit.*, pág. 139.

— Arnald Steiger, *op. cit.*, pág. 139.

— José Pedro Machado, *Influência Árabe no Vocabulário Português*, ed. cit., vol. I, págs. 53-55.

— Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 147.

— R. Dozy et W. H. Engelmann, *op. cit.*, pág. 228.

— P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *op. cit.*, pág. 325.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 696.

— Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, ed. cit., pág. 347.

— Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 11.

³⁰⁰ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa/Nomes Próprios/Com Prefácio de Serafim da Silva Neto*. Rio de Janeiro, 1952, tomo II, pág. 14.

³⁰¹ José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos/Onomatologia*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1931, vol. III, pág. 72.

nome primitivo era *Ndoango*, que os portugueses fizeram *Dongo*³⁰² ou *Ndongo* como registra Quintão, traduzindo por *canoa grande*.³⁰³ A respeito da designação *Dongo* e sua significação, para designar o reino de Angola, já no século passado, Canecattin, estudando a língua bunda, explica que "o nome próprio do reino de Angola é *Dongo*, que é um termo bem adequado, em razão da sua figura desproporcionadamente comprida. Porquanto na língua bunda esta palavra *dongo* nada mais significa do que uma casta de embarcação, a que chamam *canoa*, que é toda construída de um só pau; quando esta é pequena dão-lhe o nome de *longo*, e quando grande, *dongo*; porém por maior grandeza e largura que tenha a canoa chamada *dongo*, sempre é uma embarcação desapropriada que ao mais tem sete palmos de longo, e de comprido oitenta e noventa; e sendo mui semelhante à figura do reino de Angola, lhe deram os antigos o nome de *Dongo* que parece bem apropriado".³⁰⁴ O nome atual de Angola, ainda, segundo o comentador da obra de Cadornega foi dado pelos portugueses, pelo fato dos reis ou sobas da região serem chamados *Ngola*, daí a origem do topônimo *Angola*.³⁰⁵ *Angolêro*.adj.m. Corrutela de *angoleiro*, derivado de Angola. Designa o jogador da capoeira chamada Angola. Aparece na cantiga número 32.

Anum.s.m. Pássaro preto do gênero *Crotophag*, Linneu. É um pássaro popularíssimo no nordeste do Brasil,³⁰⁶ que a imaginação popular associa ao negro, de maneira jocosa. Assim,

³⁰² Antônio de Oliveira Cadornega, *História Geral das Guerras Angolanas/1680*. Anotado e corrigido por José Matias Delgado. Divisão de Publicação e Biblioteca/Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1940, vol. I, pág. 14.

³⁰³ José Luis Quintão, *Gramática de Kimbundo*. Prefácio de João de Castro Osório, Edições "Descoberta", Lisboa, 1934, pág. 213.

³⁰⁴ Bernardo Maria de Canecattin, *Collecção de Observações Gramaticais Sobre a Língua Bunda ou Angolense e Dicionário Abreviado da Língua Congueza*. Segunda edição, Imprensa Nacional, Lisboa, 1859, pág. XI.

³⁰⁵ Antônio de Oliveira Cadornega, *op. cit.*, vol. I, pág. 14.

³⁰⁶ Olivério M. de Oliveira Pinto, *op. cit.*, págs. 179-180.

— Carlos Octaviano da C. Vieira, *op. cit.*, pág. 443.

— Jorge Marcgrave, *História Natural do Brasil/Tradução de Mons. Dr. José Procópio de Magalhães*. Edição do Museu Paulista comemorativa do cinquentenário da fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1952, pág. 193.

quando um negro tem os lábios muito grossos se diz que tem *bico de anum*. O termo vem do tupi *anu*, vulto preto, indivíduo negro.³⁰⁷ Aparece na cantiga número 118.

Aquinderreis. interj. Corrutela de *aqui d'el-Rei*. É uma oração elíptica, onde falta o verbo *acudam*, que formaria *acudam aqui d'el-Rei*. Era a maneira de se pedir socorro antigamente, por se entender el-Rei o único capaz de socorrer e dar proteção armada a alguém. Diz Moraes³⁰⁸ que também se chamavam *aqui do Duque*, *aqui do Conde* se os mesmos eram vassallos d'el-Rei, mas que isso foi proibido pelas Ordenações por ser privilégio exclusivo do rei. Na Bahia, nunca ouvi se fazer uso da palavra, em entoação interjectiva, para se pedir socorro. Sua aparição é somente em cantigas de capoeira ou então na conversa de pessoas idosas, quando se referem à expressão *gritar aquinderreis* em lugar de socorro. No Brasil, João Ribeiro cuidou ligeiramente do seu comportamento fonético.³⁰⁹ Também estudaram a interjeição Meyer-Lübke³¹⁰ e Cortesão.³¹¹

³⁰⁷ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 171.

— Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 37.

— Ermano Stradelli, *op. cit.*, pág. 102.

— Vicente Chermont de Miranda, "Estudos sobre o nêengatu", in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, vol. LXIV, pág. 55.

— Constantino Tastevin, "Nome de plantas e animais em língua tupi", in *Revista do Museu Paulista*, Oficinas do Diário Oficial, São Paulo, 1922, vol. XIII, pág. 693.

— Plínio M. da Silva Ayrosa, *Dicionário Português-Brasileiro e Brasileiro-Português*/Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2.^a parte, até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa, in *Revista do Museu Paulista*. Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1934, tomo XVIII, pág. 208.

³⁰⁸ Antônio de Moraes Silva, *op. cit.*, vol. I, pág. 168.

³⁰⁹ João Ribeiro, *Seleta Clássica*/Com anotações filológicas, gramaticais, em complemento das doutrinas expostas no curso superior de Gramática Portuguesa do mesmo autor, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 3.^a edição (muito melhorada), 1914, pág. 235.

³¹⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 602.

³¹¹ A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, pág. 14.

Arrespondeu. v. O mesmo que *responder*, do latim *respondere*, responder.³¹² A notícia mais antiga que se tem do seu aparecimento é no ano 1152, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.³¹³ Com referência às cantigas, acha-se registrado na de número 1.

Aruandê. s.m. Trata-se do vocábulo *Luanda*, acompanhado de um *a* protético, seguido da troca do *l* pelo *r* na referida palavra e um *ê* exclamativo. Daí a composição *a+Luanda+ê*. Sua aparição se dá nas cantigas de números 2, 30, 31.

Assucedeu. v. O mesmo que *suced*, do latim *succedere*.³¹⁴ Está documentado na cantiga número 128.

Bahia. s.f. Nome com que se designa um acidente geográfico e um Estado da federação do Brasil. O acidente geográfico é a *Bahia de Todos os Santos*, que recebeu esse nome devido a seu descobridor, o Capitão-mor Cristóvão Jacques encontrar-se diante de uma larga e espaçosa enseada e a denominar de *baía*. Como a descoberta foi no dia 1.^o de novembro de 1526, dia em que a Igreja festeja *todos os santos*, então o acidente passou a chamar-se *Bahia de Todos os Santos*,³¹⁵ estendendo-se ao Estado da federação. O vocábulo *baía* tem origem incerta. À exceção de Diez,³¹⁶ de um modo geral, é apontada uma origem ibérica.³¹⁷ Não existe nenhuma justificativa etimológica para o *h* medial, mesmo se referindo ao acidente geo-

³¹² Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit. pág. 599.

— José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. II, pág. 1.886.

— Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 687.

³¹³ *Portugaliae Monumenta Historica* — a seculo octavo post Christum usque ad quintundecim issu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita/ *Leges et Consuetudines*, 1856-1873, volumen I, pág. 380.

³¹⁴ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. II, pág. 2.007.

³¹⁵ Antônio de Santa Maria Jaboatam, *Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*. Impresso em Lisboa em 1761 e reimpresso por ordem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Typ. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, Rio de Janeiro, 1858, vol. I, págs. 124-125.

³¹⁶ Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, ed. cit., pág. 37.

³¹⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 70.

gráfico e ao topônimo. Entretanto, algumas pessoas fazem uso do mesmo por uma questão de tradição, que tem apoio no *Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, aprovado, por unanimidade, na sessão de 12 de agosto de 1943, presidida por José Carlos de Macedo Soares, então presidente da Academia Brasileira de Letras, apoio esse que está assim redigido: — “Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo ‘Bahia’, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que tem esse nome”.³¹⁸ O vocábulo se acha registrado nas cantigas de números 76, 80, 82.

Barro Vermelho.s.m. Topônimo designativo de um lugarejo existente na ilha de Itaparica, na Bahia. Aparece na cantiga de número 62.

Bará.s.m. Do nagô *Bará*.³¹⁹ É uma qualidade de Exu, deus nagô, mensageiro entre os demais deuses e o homem. Etno-graficamente falando, *Bará* é chamado todo Exu de caráter pessoal ou privado. Assim cada deus tem o seu Exu ou escravo, como também se diz, de caráter privado, que se chama *Bará*, daí ouvir-se falar em *Bará* de Oxossi, *Bará* de Oxalá, *Bará* de Ogun e assim por diante. O mesmo acontece com o *eledá* (Deus guardião da pessoa) de cada indivíduo, que também tem o seu *Bará*. Todo *Bará* leva um nome que o distingue dos demais e se identifica com o seu dono. Conheço, por exemplo, um *babalorixá* (pai de santo), cujo nome do *Bará* de seu *orixá* (deus), que é *Oxalá*, é *Bará Ajá*.

Do ponto de vista semântico, *Bará*, na Bahia, também se chama, por extensão, ao *idilogun* (*merindilogun*, que quer dizer dezesseis e designa o conjunto de dezesseis búzios), com que se faz a prática divinatória, o qual é chamado também, por extensão, de *Ifá* (deus da adivinhação). Aliás, o dicionário iorubá publicado pela Church Missionary Society Book-

³¹⁸ Academia Brasileira de Letras, *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943, pág. XXX.

³¹⁹ *A Dictionary of the Yoruba Language*, Oxford University Press, London, Fourth impression, 1956, pág. 53.

shop, de Lagos³²⁰ registra *Bará*, como sinônimo de *Ifá*, o que na Bahia, quando se refere ao *idilogun*, *Bará* e *Ifá* são sinônimos, pois ambos, como já disse, denominando, por extensão, o *idilogun*. Essa ligeira confusão entre os dois deuses, creio que talvez seja pela íntima relação, existente entre ambos, como já observaram os africanistas.³²¹ O termo *Bará* existe também em Cuba, designando uma qualidade de Exu.³²² Aparece na cantiga de número 131.

Baraúna.s.f. Designa uma árvore de grande porte, *Melanoxylon barauna*, Schot. É termo tupi de *ybirá-una*, a madeira preta.³²³ Aparece nas cantigas de números 77, 134.

Barravento.s.m. O mesmo que *barlavento*. De origem ainda incerta. A Academia Espanhola deriva do francês *par le vent*,³²⁴ aceito por Diego.³²⁵ Entretanto, tal étimo é refutado por Rodrigo de Sá Nogueira³²⁶ e omitido por Magne,³²⁷ Carominas³²⁸ e José Pedro Machado.³²⁹

³²⁰ *A Dictionary of Yoruba Language*, Oxford University Press, London, Fourth impression, 1956, pág. 53.

³²¹ Nina Rodrigues, *op. cit.*, pág. 162.

— J. Olumide Lucas, *The Religion of the Yorubas/being an account of the religious Beliefs and Practices of the Yoruba Peoples of Southern Nigeria, especially in Relation to the Religion of ancient Egypt*. C.M.S. Bookshop, Lagos, 1948, pág. 54.

— R.C. Abraham, *op. cit.*, pág. 166.

— Pierre Verger, *Notes sur le culte des Orisa et Vodun à Bahia, la Baie de tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*, IFAN, Dakar, 1957, pág. 569.

³²² Lydia Cabrera, *Anagó/Vocabulário lucumi/el yoruba que se habla en Cuba/Prologo de Roger Bastide*. Ediciones C R, La Habana, 1957, pág. 78.

³²³ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 179.

— Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 195.

³²⁴ *Diccionario de la Academia Española*, ed. cit., pág. 162.

³²⁵ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 101.

³²⁶ Rodrigo de Sá Nogueira, “Portuguesismo em Cristóvão Colombo”, in *Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919)*. Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1950, vol. II, pág. 89.

³²⁷ Augusto Magne, *op. cit.*, vol. I, págs. 110-111.

³²⁸ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, págs. 404-405.

³²⁹ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 328.

O vocábulo *barravento* é termo náutico já registrado pelo Barão de Angra,³³⁰ com o significado de "lado donde sopra o vento". Designa também o ato de uma pessoa perder o equilíbrio do corpo, como se sentisse uma ligeira tontura. Nome que se dá a um toque litúrgico, nos candomblés de "nação" Angola, assim como os cambaleios que dá qualquer pessoa, antes de ser totalmente possuída pelo orixá dono de sua cabeça. Na capoeira é o designativo de um golpe. Aparece na cantiga de número 138.

Bebê.v. Corrutela de *beber* do latim *bibere*, beber,³³¹ para cuja forma antiga *bever* Carolina Michaëlis chama atenção.³³² Na literatura antiga, vê-se o seu uso em João de Barros.³³³ Aparece na cantiga número 2.

Berimbau.s.m. Ver o capítulo *Instrumentos Musicais*.

Besôro.s.m. Corrutela de *besouro*. Não obstante Adolfo Coelho propor com dúvida o latim *avis-Aurea*,³³⁴ a maioria dos

³³⁰ Barão de Angra, *Dicionário Marítimo Brasileiro*/Organizado por uma Comissão Nomeada pelo Governo Imperial/Sendo Ministro da Marinha o Conselheiro Afonso Celso de Assis Figueiredo sob a direção do Barão de Angra. Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, Rio de Janeiro, 1877, pág. 31.

³³¹ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 105.

— José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 345.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 93-94.

— José Joaquim Nunes, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 91.

— Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 986.

³³² Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*/Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas/Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato. Max Niemeyer, Halle, 1885, págs. 897-898.

³³³ João de Barros/Diogo do Couto, *Da Asia de João de Barros e de Diogo do Couto*/Nova Edição oferecida a Sua Magestade D. Maria I, Rainha Fidelíssima. Lisboa/Na Regia Officina Typografica, Anno 1778. Decada terceira, Parte primeira, pág. 569.

³³⁴ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 233.

lingüistas é uníssona em considerar desconhecida a origem.³³⁵ O seu aparecimento mais antigo na língua, de que se tem notícia, é no ano 1258, como topônimo, sob a forma *Abesouro*, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Inquisitiones*.³³⁶ Designando o inseto, encontra-se documentado no *Cancioneiro da Vaticana*.³³⁷ Aparece na cantiga de número 136, como nome próprio personativo.

Brasil.s.m. Segundo Nascentes "do adjetivo substantivo *brasil*, adaptação do francês *bresil* moderno *brésil*, corrutela do italiano *verzino*, nome do pau vermelho empregado em tinturaria proveniente da *Caesalpinia sappan*, Lin. (no Brasil *Caesalpinia echinata*, Lam.), do Extremo Oriente, conhecido muito antes do descobrimento do país".³³⁸ Aparece na cantiga de número 78.

Brevenuto.s.m. Corrutela de *Bevenuto*. Nome próprio personativo, do italiano *benvenuto*, bem-vindo, derivado de *venire*.³³⁹ Aparece na cantiga número 44.

Cabecêro.s.m. Corrutela de *cabeceiro*, derivado de *cabeça* do latim *capitiu*.³⁴⁰ *Cabeça* já aparece em documento de 1139,³⁴¹

³³⁵ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 109.

— José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. I, pág. 358.

— A.R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, ed. cit., vol. I, pág. 142.

³³⁶ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Inquisitiones*, vol. I, pág. 326.

³³⁷ Teófilo Braga, *Cancioneiro Português da Vaticana*, ed. cit., pág. 201.

³³⁸ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 50.

³³⁹ Giovanni Alessio/Carlo Battisti, *op. cit.*, vol. I, pág. 488.

³⁴⁰ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 428.

— José Joaquim Nunes, *op. cit.*, pág. 149.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 154.

— Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 132.

³⁴¹ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 374.

assim como seus derivados são também antigos. *Cabeceiro* designa o capoeira que usa, com frequência, golpes com a cabeça. Está documentado na cantiga número 2.

Cabôco.s.m. Corrutela de *caboclo*, de origem ainda controversa. Admite Teodoro Sampaio o tupi *caá-boc*, tirado, o aproveitado do mato,³⁴² aceito por Pedro Machado e Friederici,³⁴³ porém, pôsto por terra, pelo comentador da obra de Teodoro Sampaio, Frederico Edelweiss.³⁴⁴ O vocábulo significa o nascido de pai indígena e mãe africana, já registrado por Marcgrave³⁴⁵ e, de um modo geral, designa o indígena do Brasil e da América: — “Die unbezwungenen Indianer der Wildnisse Brasiliens, und überhaupt freie Indianer allgemein”, no dizer de Friederici.³⁴⁶ Stradelli deriva de *cauôca*,³⁴⁷ que Plínio Ayrosa refuta para aceitar o de Teodoro Sampaio.³⁴⁸ Aparece na cantiga de número 31.

Cabra.s.f. Do latim *capra*, que se espalhou no românico, dando em português, *cabra*; espanhol, *cabra*; logudorês, *kraba*; provençal, *cabra*; enadinês, *kevrá*; friaulano, *kavra*; italiano, *capra*,³⁴⁹ francês, *chèvre*; emiliano, *crava*,³⁵⁰ catalão, *cabra*,³⁵¹ romeno, *căpră*.³⁵²

³⁴² Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 185.

³⁴³ Georg Friederich, *op. cit.*, pág. 106.

— José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 431.

³⁴⁴ Frederico G. Edelweiss, in Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 126.

³⁴⁵ Jorge Marcgrave, *op. cit.*, pág. 268.

³⁴⁶ Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 106.

³⁴⁷ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 135.

³⁴⁸ Plínio Ayrosa, in Jorge Marcgrave, *op. cit.*, pág. XCI.

³⁴⁹ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 155.

³⁵⁰ Walther von Wartburg, *Französisches Etymologisches Wörterbuch/ Eine darstellung des galloromanischen sprachschatzes/Verfasst mit unterstützung der Deutschen Forschungsgemeinschaft und des Sachsischen Ministeriums für Volksbildung/Photomechanischer neudruck* J.C.B. Mohr (Paul Siebeck) Tübingen, 1949, vol. II, pág. 301.

³⁵¹ Pompeu Fabra, *Diccionari General de la Llengua Catalana*. A. López Llausàs Editor, Barcelona, 2.^a ed., 1954, pág. 289.

³⁵² Academiei Republicii Populare Romine, *Dictionarul Limbii, Romine Literare Contemporane*. Editura Academiei Republicii Populare Romine, 1955, vol. I, pág. 332.

O vocábulo já se acha documentado na língua desde o ano 990, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.³⁵³ No Brasil o vocábulo, além de ser designativo de um animal, é também o do *mulato escuro* e do indivíduo agressivo e de mau caráter. Esse tipo de gente sempre inquietou a segurança pública. No Ceará, no primeiro Império, transformaram a região em verdadeiro campo de guerra, conforme o que se lê num ofício de José Félix de Azevedo e Sá, ao ministro do Império, expondo as providências dadas para o restabelecimento da ordem em Fortaleza, datado de 23 de abril de 1825: — “Resta agora Ex.mo Snr. conter o furor dos Cabras, e vadios, que tanto ocuparão o cuidado dos Antigos Governadores, os quaes ainda não ha forças que os tenham podido refrear, o que se vê dos continuos roubos, e assassinios, e o que bem modernamente succedeo em sancta Quitteria, Povoação do Termo da Villa do Sobral em perigo da Vida do Probo e honrado Capitão Mor da mesma Villa, e de hum virtuoso Clerigo, commetido por hum salteador Benedicto Miz. Chaves da celebre familia dos Feitozas, e hum bando de seu sequito, contra quem expedi a ordem N.º 12²³⁵⁴ No Rio Grande do Sul, na Vila do Rio Prado, por volta de 1835, irromperam vários tumultos gravíssimos contra as autoridades constituídas dali, de modo que os exaltados trocaram insultos entre si, resultando disso a quadra que a imaginação popular fabricou, envolvendo os cabras: —

Cabra gente brasileira,
Descendente de Guiné!
Trocaram as cinco chagas
Pelo fumo e o café.³⁵⁵

— Theodor Gartner, *Darstellung der rumänischen Sprache*. Verlag von Max Niemeyer, Halle A.d.s., 1904, pág. 209.

³⁵³ *Portugaliae Monumenta Historica* ed. cit., volume dos *Diplomatas et Chartae*, pág. 98.

³⁵⁴ Offício de José Félix de Azevedo e Sá ao Ministro do Império expondo as providências dadas para o restabelecimento da ordem na Província. Datado da Cidade de Fortaleza, aos 23 de abril de 1825, in *Publicação do Arquivo Nacional*/sob a direção de João Alcides Bezerra Cavalcante. Officinas Graphicas do Archivo Nacional, Rio de Janeiro, 1929, vol. XXIV, pág. 251.

³⁵⁵ Assis Brasil, *História da República Rio-Grandense*. Tip. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1882, vol. I, pag. 70.

Não sei se a acepção corrente no Brasil está ligada ao designativo do animal. Entretanto, Macedo Soares, estudando-a, conclui que "Cabras, Cabaras, são os habitantes, quase negros, da margem direita do Níger, vizinhos dos *Bambaras*, por 17º lat. N e 4º lg. Oc. Paris. Compare *caboverde*, *canarim*, *congo*, *fulo*, *ganguela*, *rebolo*, etc."³⁵⁶ Aparece na cantiga de número 106.

Cabula.s.m. Nome de um bairro de Salvador. De origem ainda desconhecida. Esse bairro foi refúgio de negros africanos e até hoje está lá a marca de suas presenças, com os inúmeros candomblés, sobretudo os de "nação Angola", que possuem um toque chamado *cabula*, daí a provável origem do nome do bairro. Aparece na cantiga de número 6.

Cachaça.s.f. Designa aguardente. De origem desconhecida, não obstante Renato Mendonça³⁵⁷ admitir origem africana, sem contudo dizer a língua matriz. A respeito das designações de embriaguez e aguardente há um trabalho excelente de Heinz Kröll, intitulado *Designações Portuguesas para "Embriaguez"*, que é a primeira parte de sua tese à Universidade de Heidelberg, *Onomasiologische Beiträge zur portugiesischen Volk — und Umgangssprache*,³⁵⁸ a quem agradece a oferta de um exemplar. A palavra aparece na cantiga de número 58.

Caco Velho.s.m. Nome próprio personativo. Apelido com acepção jocosa. Aparece na cantiga de número 83.

Caetano.s.m. Nome próprio personativo. Leite de Vasconcelos diz que *Caetano* está por *Caietano*, êste do latim *Caietanus*, habitante de *Caieta*, na Itália.³⁵⁹ Aparece na cantiga de número 122.

³⁵⁶ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943, pág. 120.

³⁵⁷ Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 203.

³⁵⁸ Heinz Kröll, *Designações Portuguesas para Embriaguez*. Casa do Castelo, Editora, Coimbra, 1955.

³⁵⁹ José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa/Tratado comparativo da origem, significação, e apelidos usados por nós desde a Idade Média até hoje*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1928, pág. 66.

Calentar.v. Corrutela de *acalentar*. De origem ainda controvertida. Adolfo Coelho prende ao latim *calente*.³⁶⁰ Diez a *calere*,³⁶¹ Nascentes a *a* mais o latim *calente*, quente e a desinência *ar*,³⁶² Meyer-Lübke, *calēntāre*, aquecer-se³⁶³ e Leite de Vasconcelos que deriva de *calar*,³⁶⁴ aceita por Magne³⁶⁵ e José Pedro Machado,³⁶⁶ com dúvida. Este étimo, que já foi proposto por Leoni,³⁶⁷ Leite de Vasconcelos ao apadrinhá-lo, dá a seguinte explicação: — "o sentido é-nos dado pelo espanhol *acallar* 'hacer callar (ordinariamente se dice de los niños)', e pelos textos reunidos nos nossos léxicos".³⁶⁸ Mais recente, também o aceitou José Inês Louro, em exaustivo estudo sobre o mesmo.³⁶⁹ Aparece na cantiga de número 65, na acepção de fazer calar uma criança e na língua antiga em *O Livro de Vita Christi*.^{369a}

Calumbi.s.m. Segundo Teodoro Sampaio, corrutela de *cad-rumby*, a fôlha apinhada, arroxeadá, o anel.³⁷⁰ Designa uma planta leguminosa (*Mimosa asperata*, Linneu). Aparece na cantiga número 108.

³⁶⁰ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.* pág. 14.

³⁶¹ Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, ed. cit., pág. 435.

³⁶² Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 6.

³⁶³ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 140.

³⁶⁴ José Leite de Vasconcelos, "Canção de Berço", segundo a tradição popular portuguesa, in *Revista Lusitana*, 1907, vol. X, pág. 17.

³⁶⁵ Augusto Magne, *op. cit.*, vol. I, pág. 282.

³⁶⁶ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 44.

³⁶⁷ Francisco Evaristo Leoni, *Génio da Língua Portuguesa ou Causas racionais e filológicas de todas as formas e derivações da mesma língua, comprovadas com inumeráveis exemplos extraídos dos autores latinos e vulgares*, 1858, tomo I, pág. 320.

³⁶⁸ José Leite de Vasconcelos, *op. cit.*, pág. 18.

³⁶⁹ José Inês Louro, "Notas etimológicas", in *Boletim de Filologia*, 1948, tomo IX, págs. 90-92.

^{369a} Ludolfo Cartusiano, *O Livro de Vita Christi/Em Linguagem Portuguesa/Edição fac-similar e crítica do incunábulo de 1495 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne*. Casa de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1957, pág. 183.

³⁷⁰ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 187.

Camará. s.m. Corrutela de *camarada*. Do espanhol *camarada* "grupo de soldados que duermen y comen juntos"³⁷¹ e este do latim vulgar *commāra*, já documentado no Appendix Probi, *camēra non commāra*.³⁷² Wartburg estudando as formas do francês moderno *camarade*, *camerade*, *camarado*, *camerado*, este último designando "celui qui a contracté une certaine familiarité avec une autre personne, ayant fait partie de la même troupe (de soldats, d'acteurs, etc.) ayant habité la même endroit on ayant vécu dans le même milieu",³⁷³ admite, em vista da acepção, o italiano *camerata*,³⁷⁴ já proposto por Diez.³⁷⁵

No linguajar da capoeira e na cantiga de número 41 aparece com a acepção pura e simples de *companheiro*, o mesmo ocorrendo no espanhol, que em tal caso Carominas, admite a procedência do francês *camarade*.³⁷⁶ Além dos linguistas citados também se preocuparam com o vocábulo Battisti/Alessio,³⁷⁷ Gamillscheg,³⁷⁸ Meyer-Lübke³⁷⁹ e Nascentes.³⁸⁰

Camboatá. s.m. Designa uma qualidade de peixe pequeno, que vive em água doce (*Silurus callichthys*, Linneu). Teodoro Sampaio deriva de *caabo-oatá*, o que anda pelo mato.³⁸¹ Não obstante ser popular a forma *camboatá*, há as alterações *cambotá*, *camuatá* e *tamoatá*, sendo esta última a registrada

³⁷¹ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 609.

³⁷² Serafim da Silva Neto, *Fontes do Latim Vulgar/O Appendix Probi*. 3.^a edição, revista e melhorada, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956, pág. 122.

³⁷³ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. II, pág. 134.

³⁷⁴ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. II, pág. 136.

³⁷⁵ Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, ed. cit., pág. 79.

³⁷⁶ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 609.

³⁷⁷ Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *op. cit.*, vol. I, págs. 700-701.

³⁷⁸ Ernst Camillscheg, *Etymologisches Wörterbuch der französischen Sprache/Mit einem Wort- und Sachverzeichnis von Dr. Heinrich Kuen*. Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928, pág. 175.

³⁷⁹ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *op. cit.*, pág. 144.

³⁸⁰ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 143.

³⁸¹ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 188.

por Piso,³⁸² Marcgrave,³⁸³ Tastevin,³⁸⁴ Stradelli³⁸⁵ e Batista Caetano que prende a *tama* por *taba*, pêlo, *antá*, duro (com dúvida).³⁸⁶

Camunjerê. Termo desconhecido na sua origem e na sua acepção. Aparece na cantiga de número 157.

Candomblé, s.m. Termo de origem ainda desconhecida. Designa a religião que os africanos trouxeram para o Brasil. Sua maior área de expansão é na Bahia e é designação mais específica da religião dos povos nagôs.

Existiu no Brasil uma dança chamada *candombe*, comuníssima nos países da região do Plata. Essa dança, como quase todos os folguedos dos negros, estava sempre na mira policial. Macedo Soares, por exemplo, cita trecho de uma lei provincial de 1836, onde se determina que "tôda pessoa que, na casa de sua moradia ou alguma outra a ela anexa, consentir ajuntamentos para danças ou *candombes* em que entrem escravos alheios, será punida com as penas..."³⁸⁷ Como se depreende do texto da lei, os *candombes* eram feitos em casa, em recinto fechado, não obstante saírem às ruas nos dias propícios.³⁸⁸ Na região platina, onde eles realmente tiveram vida e se desenvolveram, realizavam-se em *ranchos*, construídos pelos negros, por impossibilidade de disporem de outro recinto. Esses ranchos, informa Vicente Rossi, eram "construídos por los mismos negros, en terrenos libres o cedidos por sus proprie-

³⁸² Guilherme Piso, *História Natural do Brasil*, ed. cit., pág. 175.

³⁸³ Jorge Margrave, *op. cit.*, págs. 151, LV.

³⁸⁴ Constantino Tastevin, "Nomes de Plantas e animais em língua tupi", in *op. cit.*, pág. 736.

³⁸⁵ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 661.

³⁸⁶ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 478.

³⁸⁷ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 98.

³⁸⁸ Daniel Granada, *Vocabulário Rioplatense Razonado*, precedido de un juicio critico por D. A. Magariños Cervantes, 2.^a edición corregida, considerablemente aumentada y a la que se añade un nuevo juicio critico publicado por D. Juan Valera, Imprenta Rival, Montevideo, 1890, pág. 137.

— Vicente Rossi, *Cosas de Negros/Los origenes del tango y otros aportes al folklore rioplatense/Rectificaciones historicos*. Río de La Plata, 1926, pág. 47.

tarios a sus esclavos, por no tener ningun valor en ese tiempo. Sin embargo, valian quando los negros disponían comprarlos para que no los echaron de ellos. E se era el objeto de las 'sociedades', reunir fondos con donativos y fiestas para rescatar a sus hermanos y comprar su pechajo de suelo. Delante del rancho se desarrolaba el candombe, y allí se veía al rey y su capa mesclado con los súbditos".³⁸⁹

Partindo do pressuposto de que o *candombe* era realizado dentro de casa e que era um folguedo profano, com interligações religiosas com o *candomblé*, como é o *afoxé*, pode-se muito bem estudar a possibilidade da origem híbrida do termo *candomblé*, derivado de *candombe*, mais o termo nagô *ilê*, casa, logo *candombe+ilê=candomblé*, significando prática religiosa dos negros africanos. Embora Artur Ramos³⁹⁰ rejeite a hipótese de Vicente Rossi³⁹¹ de que o termo *candomblé* seja de origem rio-platense, através de *candombe*, tem procedência no que diz respeito à presença da palavra *candombe*, na formação do termo *candomblé*, porém fonética e semanticamente pouco convincente de como *candombe* passou a *candomblé*. Aparece na cantiga número 20.

Cantá.v. Corrutela de *cantar*. Do latim *cantare*, frequentemente de *canere*, se espalhou pelas línguas românicas, dando o italiano, *cantare*; engadinês, *kanter*; logudorês, *cantare*; friaulano, *kantá*; provençal, *cantar*; francês, *chanter*; espanhol, *cañar*; catalão, *cantar*; português, *cantar*³⁹² e romeno, *cîntă*.³⁹³ Há documentação antiga no *Cancioneiro de Colocci-Brancuti* ou *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, como é hoje chamado.³⁹⁴ Nas cantigas de capoeira, aparece na de número 1.

³⁸⁹ Vicente Rossi, *op. cit.*, págs. 71-72.

³⁹⁰ Artur Ramos, *As culturas negras do Novo Mundo*, ed. cit., pág. 261.

³⁹¹ Vicente Rossi, *op. cit.*, pág. 84.

³⁹² Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 151.

³⁹³ Academiei Republicii Populare Romîne, *Dictionarul Limbi Romîne Literare Contemporane*. Editura Academiei Republicii Populare Romîne, 1955, vol. I, pág. 447.

³⁹⁴ Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional/Antigo Colocci-Brancuti/Leitura, Comentários e Glossário*. Edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1950, vol. II, págs. 352-353.

Cão.s.m. Do latim *canis* veio o romeno *câne*; italiano, *cane*; engadinês, *kanu*; logudorês, *cane*; provençal, *ca*; francês, *chien*; português, *cão*.³⁹⁵ Aparece documentado na língua portuguesa, no ano de 1152, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*, designando o animal.³⁹⁶ Nas cantigas de números 13, 27, 58 e 124, aparece com a acepção de demônio. Cascudo³⁹⁷ dedicou-lhe um verbete, onde lamenta não ter encontrado, como esperaria, tal acepção, tão comum no Brasil.

Cã ó cabiesi. Corrutela de *Ka wo ká biyè sì*,³⁹⁸ expressão com que os povos nagôs saúdam Xangô, deus do fogo e do trovão e que segundo Johnson foi o quarto rei lendário de Oyó, capital dos povos iorubás.³⁹⁹ A saudação aparece na cantiga número 21.

Capoêra.s.f. Corrutela de *capoeira*. Aparece na cantiga de número 2. Sobre este vocábulo ver o capítulo *O termo capoeira*.

Carcunda.s.f. De origem duvidosa. Cortesão diz que "O étimo dêste vocábulo seria primitivamente um adjetivo formado do latim *cor* com o sufixo *-cundu* (c-un-do)?"⁴⁰⁰ Adolfo Coelho faz uma comparação com *corcovado* e partiu para um tema *karko*, *korko*, com a acepção de *ser curvo*, com raiz *kar*, a mesma do latim *circus*, *curvus*, sendo *carcundus* uma forma do latim vulgar, com sufixo idêntico ao que está em *secundus*, *rotundus*.⁴⁰¹ Entretanto, a maioria pende para uma origem africana. O próprio Adolfo Coelho, mais adiante, no Suple-

³⁹⁵ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 149.

— Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 196.

³⁹⁶ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 380.

³⁹⁷ Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, ed. cit., pág. 179.

³⁹⁸ R.C. Abraham, *op. cit.*, pág. 157.

³⁹⁹ Samuel Johnson, *The History of the Yorubas/From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate*. Edited by Dr. O. Johnson. C.M.S. (Nigeria) Bookshofs, Lagos, 1956, págs. 34, 149.

⁴⁰⁰ A.A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, pág. 47.

⁴⁰¹ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 308.

mento, já propõe uma origem africana, que é o angolês *kari-cunda*, *korkunda*, corcunda, de *rikunda*, costas.⁴⁰² Nessa mesma época, Macedo Soares também via o quimbundo *macunda* plural de *ricunda*, a costela.⁴⁰³ Nascentes deriva do quimbundo *caricunda*, costinhas, o das costas. Admitindo também origem africana estão Gonçalves Viana,⁴⁰⁴ Granada⁴⁰⁵ e Ortiz.⁴⁰⁶ Em oposição à tese africana, vem Carominas que a refuta argumentando ser uma tese supérflua.⁴⁰⁷ Na Bahia, a forma mais corrente é *corcunda*, não obstante na cantiga de número 99 aparecer a forma *carcunda* e existir a variante *cacunda*, muito embora para designar o nome de uma rua no bairro do Retiro chamada *Cacunda de Yayá*.

Carrapato.s.m. De origem incerta. Cortesão deriva do espanhol *garrapata*,⁴⁰⁸ que a Academia Espanhola tira de *garra* e *pata*.⁴⁰⁹ Proposta mais recente é de Carominas, que, estudando *garrapata*, admite "ser metatesis de *garrapata*, derivado con el sufixo *-ata*, que designa animales pequeños, de *caparra*, que es el nombre de la *garrapata* en vasco, mozárabe, aragonés y catalan occidental, y debe ser vieja voz prerrománica, idéntica al vasco *gapar(ra)* o *kapar(ra)* zarza, cambron, porque la *garrapata* y la *zorza* se agarran fuertemente a la piel".⁴¹⁰ Prosseguindo na sua argumentação, procura pôr por terra o étimo apresentado pela Academia Espanhola. Num *Beihefte zur Zeitschrift für romanischen Philologie*, Rohlf's publicou interessante trabalho sobre o gascão, onde propõe o vasco *kapar-*

ra.⁴¹¹ O vocábulo se encontra documentado em Cardim⁴²¹ e na cantiga de número 105.

Chamá. v. Corrutela de *chamar*. Do latim *clamare*, gritar, chamar em voz alta, veio o português, *chamar*; provençal, *clamar*; logudorês, *gamare*; catalão, *clamar*; engadinês, *clamar*; friaulano, *klamá*; antigo francês, *clamer*; espanhol, *llamar*;⁴¹³ romeno, *chemá*, *chiemá*, *chiamă*.⁴¹⁴ Em português há a variante *clamar*, vinda por via culta já documentada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Scriptores*.⁴¹⁵ Aparece na cantiga de número 56.

Chico Simão.s.m. Nome próprio. Aparece na cantiga de número 83.

Chique-Chique.s.m. Espécie de planta da família das leguminosas (*Crotalaria brachystachya*, Benth). De origem desconhecida. Teodoro Sampaio registra dizendo não parecer voz tupi.⁴¹⁶ Aparece na cantiga de número 26.

Chita.s.f. Designa uma espécie de tecido. Dalgado deriva do neo-árabe *chhit*⁴¹⁷ aceito por Nascentes e José Pedro Machado.⁴¹⁸ Aparece na cantiga número 55.

⁴⁰² Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 1.243.

⁴⁰³ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*, ed. cit., pág. 62.

⁴⁰⁴ A.R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, ed. cit., vol. I, pág. 208.

⁴⁰⁵ Daniel Granada, *op. cit.*, pág. 125.

⁴⁰⁶ Fernando Ortiz, *Glosário de Afronegrismos*, ed. cit. pág. 106.

⁴⁰⁷ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 693.

⁴⁰⁸ A.A. Cortesão, *op. cit.*, pág. 25 do Aditamento.

⁴⁰⁹ Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, ed. cit., pág. 634.

⁴¹⁰ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 693.

⁴¹¹ Gerhard Rohlf's, *Le Gascon/Étude de Philologie pyrenéenne*. Max Niemeyer Verlag/Halle/Saale, 1955, pág. 20.

⁴¹² Fernão Cardim, *Tratado da Terra e da Gente do Brasil/Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia*. Editores J. Leite & Cia., Rio de Janeiro, 1925, pág. 337.

⁴¹³ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 730.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 185.

— Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, ed. cit., pág. 97.

⁴¹⁴ Theodor Gartner, *op. cit.*, pág. 209.

— Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 402.

⁴¹⁵ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Scriptores*, vol. I, pág. 236.

⁴¹⁶ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 196.

⁴¹⁷ Sebastião Rodolfo Dalgado, *op. cit.*, vol. I, pág. 276.

⁴¹⁸ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 180.

— José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 588.

Chotão.s.m. Diz-se do burro que tem o passo incerto, saltitante. Derivado de *choutar* que Adolfo Coelho tira do latim hipotético *tolutare*, pelo hipotético *tlutare*, do tema de *tolutarius*, *tolutum*⁴¹⁹ aceito por Nunes e Gonçalves Viana.⁴²⁰ João de Souza deriva do árabe *xauta*.⁴²¹ Cornu deriva do latim hipotético *clauditare* por *claudicare*.⁴²² Aparece na cantiga de número 65.

Caiman.s.m. De origem incerta. Lokotisch e Diego derivam do taino *kaiman*.⁴²³ Ureña e Carominas⁴²⁴ vêem probabilidade de origem caribe, ao lado da Academia Espanhola que também admite a mesma procedência, porém propondo o termo *acagoumán*.⁴²⁵ Entretanto Friederici, que estudou com mais desenvoltura, diz não acreditar na procedência direta do caribe: "Ich glaube nicht, dass das Wort der Sprache der Insel-Karai-ben als ursprünglich und alteinheimisch angehört".⁴²⁶ Depois de estudar, com vasta documentação, o seu trânsito na antiga literatura hispânica da conquista das Américas, propõe uma origem africana, sem contudo dar maiores explicações e documentação, limitando-se apenas a dizer: — "Dagegen weist manches darauf hin, dass das Wort *cayman* — ähnlich wie *almodia*, *banana*, *bacaba*, *macaco*, *papagayo* — ursprünglich aus Afrika stammt und durch die Portugiesen und Spanier und

⁴¹⁹ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 351.

⁴²⁰ José Joaquim Nunes, "Fonética Histórica Portuguesa/Resumo das principais leis que presidirão à transformação do latim ao português", in *Revista Lusitana*, vol. III, pág. 285.

— A. R. Gonçalves Viana, *Apostila aos Dicionários Portugueses*, ed. cit., vol. I, pág. 297.

⁴²¹ João de Souza, *op. cit.*, pág. 114.

⁴²² Jules Cornu, *op. cit.*, págs. 936, 974.

⁴²³ Karl Lokotisch, *Etymologisches Wörterbuch der Amerikanischen (Indianischen) Wörter im deutschen*. Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1926, pág. 39.

— Vicente Garcia de Diego, *Diccionario Etimológico Español e Hispanico*, ed. cit., pág. 139.

⁴²⁴ Pedro Henriquez Ureña, *El Español en Santo Domingo*, Buenos Aires, 1940, pág. 128.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 576.

⁴²⁵ Real Academia Española, *Diccionario de La Lengua Española*, ed. cit., pág. 216.

⁴²⁶ Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 152.

Wester bald durch die afrikanischen Negersklaven in die Neue Welt gebracht worden ist".⁴²⁷

O vocábulo está espalhado pelas Américas e já se incorporou ao léxico romeno. O dicionário da Academia Romena registra *caiman* e remete para o verbete *aligator* que define como — "Specie de crocodil care trăieste in fluviile Americii (*Aligator mississippiensis*)".⁴²⁸ Está documentado na língua escrita desde 1530. Montoya e Restivo o registram traduzindo por *yacaré*.⁴²⁹ Também se encontra em Piso,⁴³⁰ Marcgrave⁴³¹ e Nieuhof.⁴³² Aparece na cantiga de número 64.

Cocorocó. Voz onomatopaica emitida pelos galos, já registrada por Júlio de Lemos.⁴³³ Aparece na cantiga número 85.

⁴²⁷ Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 153.

⁴²⁸ Academiei Republicii Populare Romine, *Dictionarul Limbii Romine Literare Contemporane*, ed. cit., vol. I, págs. 62, 313.

⁴²⁹ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 130.

— Paulo Restivo, *Lexicon Hispano-Guaranicum/Vocabulario de la lengua Guarani/ inscriptum a Reverendo Patre Jesuita Paulo Restivo/ secundum Vocabularium Autorii Ruiz de Montoya anno MDCCXXII in Civitate S. Mariae Majoris denuo editum et adauctum, sub auspiciis S. Mariae Majoris denuo editura et adauctum, sub auspiciis Augustissimi Domni Petri Secundi Brasiliae Imperatoris posthac curantibus Illustrissimis Ejusdem Haeredibus ex unico qui noseitur Imperatoris Beatissimi exemplari redimpressum necnon prefatione notisque instructum opera et studii Christiani Frederici Seybold. Stutegardiae/In aedibus Guiliemi Kohlhamner MDCCCXCIII*, pág. 147.

⁴³⁰ Guilherme Piso, *História Natural do Brasil*, ed. cit., pág. 50.

Guilherme Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*/Em cinco livros/Traduzida e anotada por Mário Lobo Leal/Revista por Felisberto Carneiro e Eduardo Rodrigues/Escôrço bibliográfico de José Honório Rodrigues. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957, págs. 586-587.

⁴³¹ George Marcgrave, *op. cit.*, pág. 242.

⁴³² Joan Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. Traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos/Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues, Livraria Martins Editora, São Paulo, 2.^a edição, 1951, pág. 48.

⁴³³ Júlio de Lemos, *Pequeno Dicionário Luso-Brasileiro de Vozes de Animais* (onomatopéias e definições)/Com uma Carta do Escritor e Filólogo Prof. Augusto Moreno. Edição da *Revista de Portugal*, Lisboa, 1946, pág. 58.

Coité.s.m. Nome próprio designativo de uma localidade no Estado da Paraíba. Martius registra juntamente com a variante *Cuité*, erva.⁴³⁴ Aparece na cantiga número 70.

Colongolô. Termo desconhecido na sua origem e na sua aceção. Aparece na cantiga número 111.

Comade.s.m. Corrutela de *comadre*. Do latim *comater* veio o italiano, *comare*; logudorês, *comare*; espanhol, *comadre*; enxadinhês, *komer*; português, *comadre*; provençal, *comaire*; friaulano, *komari*; catalão, *comare* e francês, *comaire*. O romeno⁴³⁵ não dispõe deste vocábulo, do mesmo modo que o masculino *compadre*, entretanto tem as formas populares *cumã-tră*, *cumetre* para o feminino e *cumătru*, *cumetri*, *cumetre* para o masculino, com a aceção de padrinho e madrinha, extensiva às pessoas idosas, que desfrutam de certa intimidade na família, como ocorre no Brasil com as expressões *compadre* e *comadre*, funcionando como tratamento respeitoso. Mesmo assim a procedência dessas palavras não é latina: — “stammt aus dem Slav”, como diz Meyer-Lübke.⁴³⁶ Aparece na cantiga número 38.

Convidô.v. Corrutela de *convidou*, do verbo *convidar*. Propôs Meyer-Lübke o latim hipotético *convitare*, derivado de *invitare*, com troca do prefixo por influência de *convivium*, banquete,⁴³⁷ aceito por Nunes,⁴³⁸ Nascentes,⁴³⁹ José Pedro Ma-

⁴³⁴ Carl Friedrich Philipe von Martius, *Glossaria Linguarum Brasiliensium*/ Glossários de diversas línguas e dialectos, que fáláo os índios no império do Brasil/ Wörtersammlung brasilianischer Sprachen. Druck von Jungle & Sohn, Erlangen, 1863, pág. 496.

⁴³⁵ Academiêi Republicii Populare Romîne, *Dictionarul Limbii Romîne Literare Contemporane*, ed. cit., vol. I, pág. 601.

⁴³⁶ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 197.

⁴³⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 204.

Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, ed. cit., vol. II, pág. 668.

⁴³⁸ José Joaquim Nunes, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 135.

⁴³⁹ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 210.

chado⁴⁴⁰ e Carominas.⁴⁴¹ Wartburg também o aceita, porém dando alguns esclarecimentos sobre a sua história, dizendo que “Wohl aus dem mlt.der klöster übernommen hess. *convitiaren*, “*convitare* ist wohl schon in spätern lt. gebildet worden.” Mais adiante, comentando a explicação de Gröber e Meyer-Lübke, esclarece que “halten es für eine umbildung von *invitare* nach *convivium*. Es könnte sich auch sehr wohl einfach um einem wechsel des präfixes handeln, begründet in der speziellen bed.von **convitare*. Dieses wird nur gebraucht, wenn mehrere personen eingeladen, “zusammen” geladen werden, *invitare* auch wenn es sich um eine einzige person handelt.”⁴⁴² Aparece na cantiga número 1.

Cortá.v. Corrutela de *cortar*. Do latim *curtare*, encurtar.⁴⁴³ A seu respeito se expressou Wartburg: — “Zum adj. *cürtur* bildete das spätere lt., neben dem schon klt. belegten *cürtare*, ein verbum *cürtiare*.”⁴⁴⁴ Aparece na cantiga número 29 e se acha documentada em Afonso X.⁴⁴⁵

Cu.s.m. Com este vocábulo, o povo ora designa o orifício do intestino, comumente conhecido por ânus, ora as partes traseiras em que o homem ou animal se apóiam para sentarem, também chamadas *nádegas* ou *bunda*, termo africano tão popular quanto a palavra *cu*. Parece que a primeira aceção é a mais antiga e já no tempo de Catulo, segundo Walde/Hofmann chamavam de *culus*, “die Mündung des Mastdarms, der Hintere”.⁴⁴⁵ O latim *culus* vive em todos os idiomas românicos, dando o português, *cu*; espanhol, *culo*; italiano, *culo*;

⁴⁴⁰ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 670.

⁴⁴¹ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.007.

⁴⁴² Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.137.

⁴⁴³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 222.

Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 216.

José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 720.

⁴⁴⁴ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.583.

⁴⁴⁵ Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, editadas por Walter Metmann. Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1959, vol. II, pág. 268.

⁴⁴⁶ A. Walde/ J. B. Hofmann, *op. cit.*, vol. I, pág. 305.

francês, *cul*; logudorês, *kulu*; engadinês, *kul*; friaulano, *kul*; provençal, *cul*; catalão, *cul*; romeno, *cur*;⁴⁴⁶ reto-romeno, *cui*⁴⁴⁷ e istro-romeno, *cur*.⁴⁴⁸

Em português o vocábulo já se acha documentado na *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes⁴⁴⁹ e no *Livro de Falcoaria de Pero Menino*.⁴⁵⁰ Designa também o fundo de qualquer coisa, como panela, frasco, chaleira e outros objetos, não só em português, como em italiano,⁴⁵¹ francês⁴⁵² e espanhol.⁴⁵³ Aparece na cantiga número 109.

Cum.prep. Corrutela de *com*. Do latim *cum*.⁴⁵⁴ Na língua antiga aparece sob as formas *com* e *co*, documentadas nos *Portugaliae Monumenta Historica*, sendo a primeira no ano 1051, no volume dos *Diplomata et Chartae*⁴⁵⁵ e a segunda no volume dos *Sscriptores*.⁴⁵⁶ Aparece na cantiga número 1.

⁴⁴⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 220.

⁴⁴⁷ Theodor Gärner, *Handbuch der rätomanischen Sprache und Literatur*. Verlag von Max Niemeyer, Halle A. S., 1910, pág. XLVI.

⁴⁴⁸ Josif Popovici, *Dialectele Române/Dialectele Romine din Istria/Partea a 2.^a/ Texte si Glosar*. Editura Autorului, Halle A.d.s., 1904, pág. 104.

⁴⁴⁹ Fernão Lopes, *Crônica de D. João I*/Segundo o códice n.º 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Edição prefaciada por Antônio Sérgio, Livraria Civilização — Editora, Porto, 1945, vol. I, pág. 294.

⁴⁵⁰ Pero Menino, *op. cit.*, págs. 27, 28, 29.

⁴⁵¹ Nicolò Tommaseo e Bernardo Bellini, *Dizionario della Lingua Italiana*/Nuovo ristampa dell'edizione integra. Unione Tipografica Editrice Torinese, Torino, 1929, vol. I, pág. 766.

⁴⁵² E. Littré, *Dictionnaire de la Langue Française*, Librairie Hachette et Cie, Paris, 1873, vol. I, pág. 928.

⁴⁵³ Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, ed. cit., pág. 385.

⁴⁵⁴ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 221.

Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 201.

José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. I, pág. 638.

⁴⁵⁵ *Portugaliae Monumenta, Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 257.

⁴⁵⁶ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Scriptores*, pág. 30.

Cumi.v. Corrutela de *comi*, do verbo *comer*. Do latim *comedere*.⁴⁵⁷ A seu respeito se expressou Wartburg: — "Lt. comēdere tritt schon früh neben ēdēre auf und wind dann dessen ersatz in gebildeten kreisen, währed *manducare* als vulgär empfunden wird. *Comēdere* ist in sp. pg. *comer* geblieben".⁴⁵⁸ Esta observação foi alhures mais desenvolvida.⁴⁵⁹ O vocábulo é antigo na língua e está registrado nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.⁴⁶⁰ Aparece na cantiga número 22.

Cumpade.s.m. Corrutela de *compadre*. O latim *compater* se espalhou pelas línguas românicas, à exceção do romeno, dando em italiano, *compare*; espanhol, *compadre*; engadinês, *kumper*; português, *compadre*; friaulano, *kopari*; catalão, *compare*; provençal, *compare*. Com referência à sua história, Wartburg, que melhor o estudou, assim se expressou: — "Lt. *compater* ist als ausdrück der kirche entstanden; es drückt die mitverantwortung aus, die der pate übernimmt. Der erste beleg stammt von ca. 680, also ein jh. später als *commater*. Doch ist bei der spärlichkeit der belege gleichwohl möglich, dass beide wörter gleichzeitung, geschaffen worden sind".⁴⁶¹ Estudou-o também Meyer-Lübke,⁴⁶² Nascentes,⁴⁶³ Carominas⁴⁶⁴ e José Pedro Machado.⁴⁶⁵ Aparece nas cantigas de números 8 e 35.

Delegacia.s.f. Designa uma unidade da Secretaria de Segurança Pública. Também se emprega como sinônimo de Secretaria de Segurança, como é o caso da cantiga número 127.

⁴⁵⁷ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 441.

Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 196.

Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 202.

José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 642.

⁴⁵⁸ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. II, pág. 940.

⁴⁵⁹ Walther von Wartburg, *Problemas y Metodos de la Linguistica/Traducción de Damaso Alonso y Emilio Lorenzo*/Anotado para lectores hispanicos por Damaso Alonso, Madrid, 1951, págs. 195-196.

⁴⁶⁰ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 704.

⁴⁶¹ Walther von Wartburg, *Französiches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., vol. II, pág. 974.

⁴⁶² Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 198.

⁴⁶³ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 203.

⁴⁶⁴ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 607.

⁴⁶⁵ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.651.

O vocábulo deriva do latim *delegatus*, aquêle a quem se delega uma missão ou autoridade,⁴⁶⁶ mais o sufixo *ia*.

Dendê. s.m. Planta da família das palmáceas (*Elaeis guineensis*, Linneu). Também conhecido por *dendêzeiro*, foi o *dendê* trazido para o Brasil pelos negros africanos, sem contudo se poder precisar a data exata. A origem da palavra ainda é desconhecida, apenas se podendo afirmar que a denominação é bem antiga e não recente como pensa Edison Carneiro.⁴⁶⁷ Em 1808 Vilhena já escrevia que: "Dendêzeiro he huma outra palmeira que se eleva bastante e engrossa e de que as palmas são em extremo compridas, no ôlho desta e junto a elle brotão grandes cachos, com bagos fechados como as uvas e do tamanho das nossas castanhas, muito agradáveis à vista: destes se pode extrair duas qualidades de azeite chamado de Palma e aqui de Dendê, de que vem muitos barris da costa da Mina, por ser o tempero das viandas dos pretos e de muitos brancos alem do que he tão bem muito medicinal".⁴⁶⁸

Curioso é que no mesmo local onde Edison Carneiro presume ser recente a denominação *dendê*, faz uma citação de Vilhena, sem indicação de página, onde o autor das *Cartas Soteropolitanas* se refere à palavra no início do século passado. Anterior a Vilhena, no decorrer de 1700, Elias Alexandre da Silva Corrêa, menciona o termo *dendê*, quando diz que "Os Côcos da palmeira a q. no Brasil chamão de Dendê, são piza-

⁴⁶⁶ Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, ed. cit., pág. 416.

Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 216.

⁴⁶⁷ Edison Carneiro, *Ladinos e Crioulos/Estudo sôbre o negro no Brasil*. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964, pág. 72.

⁴⁶⁸ Luís dos Santos Vilhena, *Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasilicas/Contidas em XX Cartas/Que da Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos escreve hum a outro Amigo em Lisboa, debaixo de nomes alusivos, noticiando-o do Estado daquela Cidade, sua capitania, e algumas outras do Brasil: feita e ordenada para servir na parte que convier de Elementos para a Historia Brasilica/Ornada de Plantas Geographicas, e Estampas Dividida em Trez Tomos*. Anotados pelo Prof. Braz do Amaral e mandados publicar pelo Exmo. Sr. Dr. J. J. Seabra, Governador do Estado da Bahia/No ano do 1.º Centenario da Independencia do Brasil. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1922, vol. II, pág. 757.

dos, e depois fervidos da mesma forma, q. o Amendoim. O azeite extraído hé amarello, de consistência de graxa, q. no tempo do Cassimbo quáilha, e só ao fogo se desliga. Elle serve de tempero commum aos guizados do paiz. Os Nascionaes comem os Côcos crúz, e os Negros certanejos se sustentão do bagaço, novamente pizado, e torrado ao fogo; comida mais ordinaria no certão de Benguela a Velha, e no Novo Redondo, de donde exportão maior quantidade de azeite. Os negros uzão delle para untar o corpo, q. lhes faz a pelle macia, e Lustoza. Nos combates escapão melhor às maons dos seus contrarios, adoptando por systema expôr se nuz, e ungidos, em todas as acçoens de guerra. Os Armadores de escravos o fazem embarcar com elles; assim para temperar-lhes a escabrozidade das sarnas, q. os presseguem em viagem. Hé medicinal, e faz prodigioso effeito applicado a fleimoens malignos; misturando com fuba, ou farinha de milho. Hum barril de Azeite de palma, de 4 em pipa custa sete ou oito mil reis. As Quitandeiras o distribuem a pequenas medidas, correspondentes athé ao mais minimo dinheiro".⁴⁶⁹ Aparece na cantiga número 33.

Dero. v. Corrutela de *deram* do verbo *dar*. O latim *dare*, dar, outorgar deu o romeno, *da*; friaulano, *da*; italiano, *dare*; logudorês, *dare*; engadinês, *der*; provençal, *dar*; catalão, *dar*; espanhol, *dar*; português, *dar*.⁴⁷⁰ Aparece em documento do ano 986, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁴⁷¹ Cortesão apresenta farta documentação.⁴⁷² Com referência às cantigas, encontra-se na de número 54.

Digêro. adj. Corrutela de *ligeiro*. Nunes deriva diretamente de *leviariu*.⁴⁷² Entretanto, Meyer-Lübke, Carominas e Magne,⁴⁷³

⁴⁶⁹ Elias Alexandre da Silva Corrêa, *História de Angola/Com uma nota prévia pelo Dr. Manuel Múrias*, Lisboa, 1932, vol. I, págs. 137-138.

⁴⁷⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 230.

⁴⁷¹ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 94.

⁴⁷² A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, págs. 52-53.

⁴⁷³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 406.

J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 82.

Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, vol. III, pág. 238.

encampando a tese do latim hipotético *leviarius*, proposta por Diez,⁴⁷⁴ admitem que este tenha dado o francês *léger* e daí se espalhado pelas línguas românicas. Sobre a sua existência no românico, assim se manifestou Wartburg: — “Vorliegende Wortfamilie lebt in einheimischer gestalt nur in galloram. (oben I 1) und in kat. *lleuger*. Diese formen verlangen eine grundlage **levarius*, die offenbar von **levius* abgeleitet ist und dieses verdrängt hat. Von Frankreich aus ist das adj. in die andern rom. Sprachen eingedrungen, vielleicht, wegen seines psychologischen sinnes, mit der höfischen literatur”.⁴⁷⁵

Na língua portuguesa aparece documentado em *A Demanda do Santo Graal*.⁴⁷⁶ Com referência às cantigas está na de número 80.

Diguidum. Termo de origem e aceção desconhecidas. Aparece na cantiga de número 49.

Discipo. s.m. Corrutela de *discípulo*, do latim *discipulus*.⁴⁷⁷ Aparece na cantiga número 3.

Dois de Oro. s.m. Nome próprio personativo (apelido). Corrutela de *Dois de Ouro*. Aparece nas cantigas números 124 e 125.

Dois minréis. Corrutela de *dois mil réis*. A fusão dos numerais ao nome da moeda é fenómeno comuníssimo, não só no Brasil como em Portugal e nas áreas do creolo português. Leite de Vasconcelos, que estudou os dialetos algarvios, assim se manifesta: — “O *m* nasala em vogais que se lhe seguem — em *menza* (— mesa) e *min-réis* (mi — réis = mil réis, onde o *l* se absorveu no *r*)”.⁴⁷⁸ Muito corrente na linguagem popu-

⁴⁷⁴ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 193.

⁴⁷⁵ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. V, pág. 289.

⁴⁷⁶ Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*/ Reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 1.594 da Biblioteca Nacional de Viena. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1955, vol. I, pág. 70.

⁴⁷⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 241.

J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 176.

Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 250.

José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 786.

⁴⁷⁸ José Leite de Vasconcelos, “Dialetos Algarvios”, in *Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 327.

lar é também *derréis* (dez réis), sobretudo na expressão *derréis de mé cuada* (dez réis de mel coado). Diz-se geralmente quando alguém vai propor venda de algo e só quer pagar preço muito aquém do valor, então se diz que se quer comprar por *derréis de mé cuada*. *Derréis* em Portugal é comuníssimo. Ainda é o próprio Leite de Vasconcelos quem assim afirma: — “Esta expressão constitui já hoje uma palavra só. Em todo o país se pronuncia assim; só por afetação se diz *dez-réis* (como é vulgar ouvir dos empregados do correio em Lisboa, quando estão a vender estampilhas”.⁴⁷⁹

Dusótro. Corrutela de *dos outros*. Aparece na cantiga número 37.

Enricô. v. Corrutela de *enricou* do verbo *enricar*. Enricar vem de *rico* que por sua vez vem do gótico *reiks*, rico.⁴⁸⁰ Camillscheg que estudou o seu desenvolvimento nas línguas românicas deu o seguinte depoimento: — “Zu den ältesten Romanisierung dürfte auch die von gotisch *reiks* ‘mächtig’ gehören; s. prov. *ric*, *rico*, kat. *rich*, *rico* ‘mächtig, reich, ausgezeichnet’, span., port. *rico* ‘reich’ u.ä.; ital. *ricco*, in dem wohl das ältere *ricus* mit dem jüngeren langobardischen *rihhi* zusammentritt”.⁴⁸¹ Na língua portuguesa aparece registrado em Moraes.⁴⁸² O verbo *enricar* está na cantiga número 98.

Ensamindô. v. Corrutela de *examinou* do verbo *examinar*. Do latim *examināre*.⁴⁸³ Encontra-se documentado na *Crônica dos*

⁴⁷⁹ José Leite de Vasconcelos, “Dialetos Algarvios”, in *Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 62.

⁴⁸⁰ F. Holthausen, *Gotisches etymologisches Wörterbuch*/ Mit einschluß der Eigennamen und der gotischen Lehnwörter im Romanischen. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1934, pág. 81.

Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 604.

J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 13.

Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 269.

⁴⁸¹ Ernst Camillscheg, *Romanta Germanica*/ Sprach — und Siedlungsgeschichte der germanen auf dem Boden des alten Römerreichs. Walter de Gruyter & Co., Berlin und Leipzig, vol. I, 1935, pág. 375.

⁴⁸² António Moraes Silva, *op. cit.*, vol. I, pág. 704.

⁴⁸³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 260.
José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 818.

Frades Menores.⁴⁸⁴ Aparece na cantiga de número 63.

Escramô.v. Corrutela de *exclamou* do verbo *exclamar*, do latim *exclamare*.⁴⁸⁵ Aparece na cantiga número 63.

Espece.s.f. Corrutela de *espécie* do latim *species*, vista, imagem, e dentro outras ~~de~~ *Walde/Hofmann* a aceção de *aspecto* (*Aussehen*).⁴⁸⁶ a mesma da cantiga número 1.

Falô.v. Corrutela de *falou* do verbo *falar* do latim *fabulare*, falar, conversar. Admitem Serafim da Silva Neto, Huber, Cornu e Carominas que tenha havido um câmbio, ainda que pouco freqüente, devido ao influxo do antônimo *falar*.⁴⁸⁷ Sobre a sua história em latim e ibero-românico, vale a pena transcrever a seguinte observação de Carominas: — “La variante leonesa *falar*(*hoy* gall.-port. y ast. *falar*, V, R) se halla ya en Alex., 1.537, 2.310 (pero *faular*, *ibid.* 761). *Fabulari* ‘hablar’ en latin aparece en las cronicas del S.II a.C. (‘aqui Osce et Volsce *fabulantur*; nam Latine nesciunt’, Titimio, 104); lo evitan los clasicos, pero siguió viviendo en una parte del Latin vulgar. En romance es palabra tipica del castellano y el gallegoportugués (una variante **fabellare* ha dejado descendientes sobre todo en Italia); los romances de Francia e Italia y el catalan han preferido *parabolare* (vid. *parlar*). Para construcciones y acs. especiales, vid. Aut. y demais dictionarios. Notese especialmente la construcción de *hablar* empleado absolutamente con acusativo de persona, en el sentido de ‘dirigir la palabra (a alguno)’, que existia en la lengua medieval y hoy se ha hecho general en gran parte de America, mientras en España solo se emplea hablarle (a él o a ella): ‘fuyne para la dueña, *fablóme* e *fabléla*’ (J. Ruiz, 1.502c, rimando con *candela*; 1.495b), ‘aquellas mismas labradoras que venian con ella,

⁴⁸⁴ José Joaquim Nunes, *Crônica da Ordem dos Frades Menores*, ed. cit., vol. II, pág. 268.

⁴⁸⁵ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 155.

⁴⁸⁶ Alois Walde/J. B. Hofmann, *op. cit.*, vol. II, pág. 570.

⁴⁸⁷ Serafim da Silva Neto, *Fontes do Latim Vulgar/O Appendix Probi*, ed. cit., págs. 106-107.

Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 88.

Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 975.

J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 860.

que *hablamos* a la salida del Toboso’, ‘en qué conoció a la señora nuestra ama, y si *la habló*, qué dixo’ (Quijote II, XXIII, 89 v, 90 r), y muy comun en Lope (Cuervo, Rom. XXIV, 112n.) hoy parece ser normal en toda la America de Sur y del Centro”.⁴⁸⁸ Na língua portuguesa aparece entre os anos de 1188 e 1230 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.⁴⁸⁹ Dentre as cantigas de capoeira, encontra-se na de número 136.

Fia.s.f. Corrutela de *filha*. Do latim *filius*,⁴⁹⁰ que se espalhou por tôdas as línguas românicas ou como diz Carominas: — “General en todas las épocas y comun a todos los romances”.⁴⁹¹ Está documentado nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.⁴⁹² Aparece na cantiga número 54.

Fô.v. Corrutela de *fôr* do verbo *ser*. *Ser* resulta da fusão de dois verbos latinos *esse*, *ser* e *sedere*, sentar.⁴⁹³ Para a sua história na época medieval há o excelente estudo de Magne, no glosário de *A Demanda do Santo Graal*, quando trata do verbete *ser*.⁴⁹⁴ Aparece na cantiga de número 7.

Frêra.s.f. Corrutela de *freira*, derivado de *freire*. Leite de Vasconcelos, quem melhor explicou a história do termo, afirmou: — “Esta palavra, como várias outras, está ligada com a história das ordens religiosas entre nós. Não pode ter vindo diretamente do latim *fratre*, pois que *fratre* deu *frade*. A origem direta ou indireta está no provençal *fraire*; digo direta ou indireta, porque pode ter servido de intermédio o espanhol antigo *fraire* (mod. *fraile*). Os nossos documentos dos séculos XII e XIII apresentam *freire* (*freyre*), e com dissimilação do

⁴⁸⁸ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 860.

⁴⁸⁹ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 813.

⁴⁹⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 286.

⁴⁹¹ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 916.

⁴⁹² *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 380.

⁴⁹³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 648.

J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 194.

Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 723.

⁴⁹⁴ Augusto Magne, *op. cit.*, vol. III, págs. 355-362.

grupo *fr*, também *fleire*; o ditongo *ei* é evolução normal de *ai*; ainda porém no século XIV há *fraire*. Daqui vem o feminino *fraira* e *freira*. — Da França, relacionado com o monaquismo, passou para cá também o vocábulo *monje*, e (como creio) *granja*, ambos êles existentes em provençal; com *granja* cfr. também o fr. *grange*. — De *freire* fêz-se *frei* em próclise; de fato, *frei* só se usa antes do nome a que se refere. Síncope análoga se observa em *Castel-Branco*, *Fonseca* < Fonte sêca, *Monsanto* < Monte santo. — No onomástico da Beira há *Casfreires* < Casa dos freires”.⁴⁹⁵ Aparece na cantiga número 107.

Gaiamun.s.m. Espécie de crustáceo da mesma família dos caranguejos (*Cardisona guanhumi*, Latreille). Teodoro Sampaio tira do tupi *guaia-m-un*, o caranguejo preto ou azulado.^{495a} Gabriel Soares se refere a êle, dizendo que os índios o denominavam de *goiarara*.⁴⁹⁶ Marcgrave chama de *guanhumi*⁴⁹⁷ e Piso do mesmo modo.⁴⁹⁸ Frei Vicente do Salvador, além de chamar *gaiamu*, fornece detalhes sobre os seus hábitos dizendo que: — “Ha muitas castas de carangueijos, não só na agoa do mar, e nas praias entre os mangues; mas também em terra entre os mattos ha huns de cor azul chamados guaiamús, os quaes em as primeiras agoas do inverno, que são em Fevereiro, quando estão mais gordos e as femeas cheias de ovas, se sahem das covas, e se andam vagando pelo campo, e estradas, e metendo-se pelas casas para que os comão”.⁴⁹⁹ Dentre os viajantes que por aqui passaram, no século passado o prin-

⁴⁹⁵ José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, ed. cit., págs. 86-87.

^{495a} Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 204.

⁴⁹⁶ Gabriel Soares de Souza, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*/ Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen. Terceira edição, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1938, pág. 348.

⁴⁹⁷ Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 185, LXII-LXIII.

⁴⁹⁸ Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais*, ed. cit., págs. 186-187.

⁴⁹⁹ Vicente do Salvador, *História do Brasil*/ Escrita na Bahia a 20 de dezembro de 1627, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*/ 1885-1886, Typ. G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1889, vol. XIII, pág. 22.

cipe Wied-Neuwied⁵⁰⁰ observou essa casta de crustáceos. Aparece na cantiga de número 14.

Gamelêra.s.f. Corrutela de *gameleira*, árvore da família das moráceas, pertencente ao gênero *ficus* (*Ficus doliaria*, Mart.). Árvore de grande porte e utilizada para fabricação de canoas, vasos e gamelas. *Gameleira* deriva de *gamela*, que por sua vez é o latim *camella*, vaso para beber.⁵⁰¹ Meyer-Lübke admite o latim *camella* somente para o italiano que deu *gamella* e êste gerou as demais línguas românicas.⁵⁰² Tese essa a que Carominas reage violentamente, argumentando que “Basta a documentação para probar el error de M-L (Rew 1543), al soponer que sea italianismo en los demás romances; M-L se desorientó por la no diptongación de la *e* tónica, mas puede asegurarse que el lat. *camella* tenía *e* como *querella* > *querella*. *Camella* aparece en latin desde Liberio (princ. S.I. a.C.), y es frecuente en el lexico popular del Satiricon; hay variante *gamella* em Terencio Scauro (princ. S. II d.C.), ALLG XI, 331”.⁵⁰³ Aparece na cantiga número 45.

Gamgambá.s.m. Corrutela de *mangangá*. Designa um inseto da classe dos dípteros chamado *besouro*. Teodoro Sampaio registra *mangangá* e deriva do tupi *mang-ã-caba*, contracto em *mang-ã-cá*, a véspe de giro alto.⁵⁰⁴ Montoya apenas registra o termo *mangangá*.⁵⁰⁵ Restivo vertendo o espanhol *abejon* para o tupi, fá-lo por *mamangá*.⁵⁰⁶ Da mesma maneira que Restivo, registram a variante *mamangá*, Stradelli,⁵⁰⁷ Tastevin⁵⁰⁸ e Batista Caetano.⁵⁰⁹ Macedo Soares, em 1880, depois de citar o étimo de Montoya, tenta propor uma origem bunda,

⁵⁰⁰ Wied-Neuwied, *op. cit.*, pág. 72.

⁵⁰¹ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. II, pág. 128.

J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, págs. 648-649.

Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 364.

José Joaquim Nunes, *op. cit.*, pág. 92.

⁵⁰² Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 143.

⁵⁰³ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 649.

⁵⁰⁴ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 244.

⁵⁰⁵ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 206.

⁵⁰⁶ Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 9.

⁵⁰⁷ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 511.

⁵⁰⁸ Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*, ed. cit., pág. 715.

⁵⁰⁹ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 215.

infelizmente não passando de fantasia a explicação que dá.⁵¹⁰ Entretanto, em 1889, ao publicar o seu dicionário, registra o vocábulo, insistindo na tese anterior, porém dando, paralela à mesma, uma origem tupi, vinda de *mamangaba*.⁵¹¹ A palavra, além de designar o inseto, designa também *pessoa importante e poderosa*, acepção já registrada por Laudelino Freire⁵¹² e Viotti.⁵¹³ E nessa acepção que está na cantiga número 67.

Gereba. Nome próprio. Teodoro Sampaio registra como corrutela de *yereba*, o gigante, o que volteia, bem como o nome dado ao urubu-rei, grande voador.⁵¹⁴ Designa nome de aguardente na Bahia. Laudelino Freire⁵¹⁵ e Figueiredo⁵¹⁶ dão com a acepção de indivíduo desajeitado e gingão. Entretanto, na cantiga número 94 está como apelido de tipos populares. Quando garoto, conheci um desses tipos com o apelido de Gereba, que a meninada sempre importunava, gritando: *Ge-reba!... Quebra Gereba!...*

Güenta.v. Corrutela de *agüenta* do verbo *agüentar*. O italiano *agguantare*, agarrar, apanhar foi o responsável pelo português *agüentar* e os demais romances.⁵¹⁷ Adolfo Coelho⁵¹⁸ foi o primeiro a propor este étimo dizendo que o mesmo deriva do genovês *guanto*, como o faz hoje Battisti/Alessio.⁵¹⁹ No caso do português diz Carominas que se deve à preferência

⁵¹⁰ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*, ed. cit., pág. 66.

⁵¹¹ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. II, pág. 15.

⁵¹² Laudelino Freire, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*/Organizado por Laudelino Freire com a colaboração técnica do professor J. L. de Campos. A Noite Editôra, Rio de Janeiro, 1943, vol. IV, pág. 3.298.

⁵¹³ Manuel Viotti, *op. cit.*, pág. 273.

⁵¹⁴ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 205.

⁵¹⁵ Laudelino Freire, *op. cit.*, vol. IV, pág. 3.071.

⁵¹⁶ Candido de Figueiredo, *op. cit.*, vol. I, pág. 957.

⁵¹⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 749.

José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 121.

Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 20.

J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 59.

⁵¹⁸ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 56.

⁵¹⁹ Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *op. cit.* vol. I, pág. 88.

do idioma pelo sufixo *entar*.⁵²⁰ Ao lado deste étimo há outro proposto por Cortesão, que é o espanhol *aguantar* que prende, com dúvida, ao latim *ad e cunctari*, deter-se, parar.⁵²¹

Gunga.s.m. Berimbau. De origem bunda. Já Cannecattin derivava do quimbundo *ngunga*, sino.⁵²² Macedo Soares,⁵²³ que vê a mesma origem, conta que quando estudante no Seminário de São José, juntamente com seus colegas, chamavam o porteiro do colégio de *Mateus Gunga*, devido à sua função de sineiro da portaria e que o apelido era tradicional. Atualmente o termo *gunga* designa o berimbau, instrumento musical, usado na capoeira. Aparece nas cantigas números 9 e 10.

Home.s.m. Corrutela de *homem*. O latim *homine*, homem, pessoa deu o romeno *om*; italiano, *uomo*; logudorês, *òmine*; engadinês, *um*; friaulano, *om*; francês, *homme*; provençal, *ome*; espanhol, *hombre*; português, *homem*; antigo italiano, *uomo*; antigo francês, *on*; antigo provençal, *om*; antigo catalão, *om*; antigo espanhol, *homne*; antigo português, *ome*, *omêe*, *omem*,⁵²⁴ aparecendo nos mais antigos documentos da língua. Nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines* é visto em documento datado do ano 1152.⁵²⁵ Nas cantigas, aparece nas de números 26, 29, 83.

I.v. Corrutela de *ir* do verbo *ir*, do latim *ire*, andar, avançar, ir, espalhado pelas línguas românicas.⁵²⁶ Sua conjugação, fortemente irregular, já desde o português antigo apresentava

⁵²⁰ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 60.

⁵²¹ A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol. II, pág. 5 (Aditamento).

⁵²² Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. 8.

⁵²³ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*, ed. cit., pág. 68.

⁵²⁴ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 349.

— Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 335.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, págs. 934-936.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, págs. 1.185-1.186.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 413.

— Joseph Huber, *op. cit.*, págs. 40, 42, 74, 78, 79, 120, 177.

⁵²⁵ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 380.

⁵²⁶ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 371.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 434.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, págs. 1.238-1.239.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, págs. 1.008-1.009.

formas derivadas de *ire*, *uadere* e *esse*.⁵²⁷ Aparece na língua portuguesa, em documento do ano 944, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁵²⁸ Está nas cantigas números 83, 88 e 138.

Idalina.s.f. Nome próprio personativo. De *Idalia*, "nome de uma cidade da ilha de Chipre, onde havia um templo de Vênus, pelo que os nossos poetas dizem frequentemente *Vênus Idalia*. Nos *Lusíadas*, IX, 25: *Idalios amantes*".⁵²⁹ Aparece nas cantigas números 96 e 121.

Iê! Interj. Corrutela de *ê!* Só tenho conhecimento de seu uso, exclusivamente, nas cantigas de capoeira, como na de número 2.

Ilha de Maré. Nome de uma ilha pertencente ao Estado da Bahia. Aparece nas cantigas números 61 e 64.

Imbora.adv. Corrutela de *embora*, que por sua vez deriva da locução *em boa hora*,⁵³⁰ que Leite de Vasconcelos⁵³¹ acha que não é outra coisa senão resquício da superstição antiquíssima

⁵²⁷ Celso Ferreira da Cunha, *O Cancioneiro Martim Codax*, Rio de Janeiro, 1936, págs. 128-129.

— Celso Ferreira da Cunha, *O Cancioneiro de Joan Zorro/Aspectos linguísticos/Texto crítico/Glossário*. Rio de Janeiro, 1949, pág. 79.

— Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal* (Glossário), ed. cit., vol. III, págs. 226-227.

— Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 201.

— J. B. Williams, *op. cit.*, pág. 223.

— Jean Bourciez, *op. cit.*, págs. 221-222.

Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, ed. cit., vol. I, págs. 291-296.

⁵²⁸ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 31.

⁵²⁹ José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, ed. cit. pág. 79.

⁵³⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., págs. 349-350.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 265.

— José Joaquim Nunes, *Digressões Lexicológicas*, Livraria Clássica Editora de A.M. Teixeira (Filhos), Lisboa, 1928, págs. 221-222.

— Augusto Epifânio da Silva Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Livraria Clássica Editora de A.M. Teixeira, 1918, págs. 293-294.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 1.190.

⁵³¹ José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos/Filologia*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1928, vol. I, pág. 373.

das horas boas e más, a qual ainda hoje existe no Brasil. *Embora*, além de funcionar como advérbio, a exemplo da cantiga n.º 2, funciona também como conjunção, interjeição e substantivo como sinônimo de *parabéns*, *felicitações*.⁵³² O oposto a *embora* (em boa hora), dentro do ponto de vista das superstições, é *em ora má*, usadíssimo na língua antiga, especialmente em Gil Vicente, sob as variantes *eramá*, *eremá*, *aramá*, *ieramá*, *earamá* e *muítieramá*.⁵³³

In.prep. Corrutela de *em*, do latim *in*. Aparece nas cantigas números 15, 118, 126.

Indução.s.m. Corrutela de *educação*, derivado do latim *educatiōe*, educação, instrução.⁵³⁴ Aparece na cantiga número 42.

Inganadô.adj. Corrutela de *enganador*, derivado de *enganar*, que por sua vez vem do latim tardio *ingannare*.⁵³⁵ Aparece na cantiga de número 12.

Insinô.v. Corrutela de *ensinou* do verbo *ensinar*, que provém do latim hipotético *insignare*, que se espalhou por diversas línguas românicas.⁵³⁶ Aparece na cantiga número 2.

Intá. Contração de *onde está*. É usadíssima na linguagem do povo, principalmente com os verbos *ir* e *estar*. Diz-se muito: — *Fui intá fulano. Vou intá beltrano. Estive intá sicrano*. A seu lado, há *dintá*, que é a contração de *de onde está*, usada com o verbo *vir*, como em *Vim dintá fulano*. Aparece na cantiga número 88.

Itabaianinha. Nome de uma cidade do Estado de Sergipe. Diminutivo de *Itabaiana*, que Martius propôs dois étimos — *ita*,

⁵³² Laudelino Freire, *op. cit.*, vol. III, pág. 2.061.

⁵³³ José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, ed. cit., págs. 372-373.

⁵³⁴ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 808.

⁵³⁵ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 363.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 272.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 843.

— Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 183.

— Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *op. cit.*, vol. III, pág. 2.026.

⁵³⁶ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 365.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 1968.

— Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 189.

pedra, rochedo, *aba*, *homem*, e *oane*, já, agora. O outro é *il taba oane*, sua (deserto homem) casa.⁵³⁷

Itapa.s.m. Na cantiga número 76 aparece como nome próprio, designativo de um navio. Diz Viotti que *Ita* é o designativo dos navios do Lloyd Brasileiro e que os nomes desses ditos começavam em geral por *ita*.⁵³⁸

Iuna.s.f. Nome dado a um toque de berimbau, usado no jogo da capoeira. Aparece na cantiga número 5. De origem ainda desconhecida.

Jaca dura.s.f. Fruta (*Artocarpus integrifolia*, Linneu). Na Bahia, de acordo com a consistência da porção carnosa, ela se distingue em *jaca dura* e *jaca mole*. O termo *jaca*, segundo Dalgado, vem do malaiala *chakka*,⁵³⁹ aceito por Nascentes⁵⁴⁰ e José Pedro Machado.⁵⁴¹

Jogá.v. Corrutela de *jogar*, verbo *jogar*. Meyer-Lübke,⁵⁴² Diez,⁵⁴³ Carominas,⁵⁴⁴ Pidal⁵⁴⁵ e Wartburg⁵⁴⁶ derivam de *jocari*, brincar, divertir-se. Pidal, estudando o *Cantar de Mio Cid*, encontrou uma vacilação entre *o* e *u* no verbo *jogar*, daí admitir uma base hipotética *jucare* junto a *jocare*.⁵⁴⁷ Já Wartburg, depois de dizer que *jocari* aparece no latim tardio, lembra estar o mesmo em lugar de *ludēre*. "Lt. *jōcāri* 'scherzen', zu *jōcus*, beginnt schon im spätern latein an die stelle von *ludēre* 'spielen' zu treten".⁵⁴⁸ Jogar se acha espalhado pelas línguas românicas. No português antigo, aparece na variante

⁵³⁷ Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 152.

⁵³⁸ Manuel Vioti, *op. cit.*, pág. 245.

⁵³⁹ Sebastião Rodolfo Dalgado, *op. cit.*, vol. I, pág. 471.

⁵⁴⁰ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 438.

⁵⁴¹ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1249.

⁵⁴² Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 374.

⁵⁴³ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 521.

⁵⁴⁴ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 1073.

⁵⁴⁵ Ramon Menendez Pidal, *Cantar de Mio Cid/Texto, Gramática y Vocabulario*. Espasa - Calpe, Madrid, vol. I, pág. 153; vol. II, 1945, pág. 724.

— Ramon Menendez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española*. Octava ediccion, Espasa-Calpe, Madrid, 1949, pág. 72.

⁵⁴⁶ Walter von Wartburg, *op. cit.* vol. V, pág. 40.

⁵⁴⁷ Ramon Menendez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, ed. cit., vol. I, pág. 153.

⁵⁴⁸ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. V, pág. 40.

jogatar, em Fernão Lopes Castanheda.⁵⁴⁹ Aparece na cantiga número 138.

Japão.s.m. Nome próprio de um país da Ásia. O vocábulo *Japão*, segundo Xavier Fernandes, é a transcrição fonética da pronúncia corrompida de *Nippon*,⁵⁵⁰ que João Ribeiro deriva de *Nitus*, sol e *Hon*, nascer.⁵⁵¹ Aparece nas cantigas números 76, 78.

Ladeira de São Bento.s.f. Nome próprio designativo de uma rua da cidade do Salvador. Chama-se assim por ser uma pequena ladeira, que dá acesso ao Mosteiro de São Bento. Aparece na cantiga número 100.

Ladeira da Misericórdia.s.f. Nome próprio designativo de uma rua da cidade do Salvador. Chama-se assim por ser uma ladeira situada no fundo da Santa Casa da Misericórdia. Aparece na cantiga número 58.

Ladeira do Tengó.s.f. Nome próprio designativo de uma rua da cidade do Salvador. Não consegui localizá-la, nem muito menos a origem do seu nome. Aparece na cantiga número 101.

Lambaio.s.m. Bajulador, adulator. Creio que o vocábulo se prende ao verbo *lamber*, derivado de *lambere*, *lamber*, *lavar*,⁵⁵² com representação nas línguas românicas. Carominas chama atenção para a grande popularidade do vocábulo, na América, passando a enumerar os vários derivados de *lamer* (*lamber*), dentre eles *lambrucio*, significando *adulator*.⁵⁵³ Aparece na cantiga número 91.

Lampião.s.m. Nome próprio do famoso cangaceiro do Nordeste do Brasil, Virgolino Ferreira da Silva, nascido na paróquia de Floresta de Navo, em Pernambuco, a 4 de junho de

⁵⁴⁹ Fernão Lopez Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Na Tipographia Rolandiana, Lisboa, 1833, vol. II, pág. 194.

⁵⁵⁰ I. Xavier Fernandes, *Topônimos e Gentílicos*. Editora Educação Nacional Ltda., Porto, 1941, vol. I, pág. 113.

⁵⁵¹ João Ribeiro, *Curiosidades Verbaes/Estudos aplicados à língua nacional*. Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d., pág. 58.

⁵⁵² Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. V, pág. 134.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 395.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 20.

⁵⁵³ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 20.

1898 e morto a tiro de fuzil na cabeça, numa gruta da Fazenda Angicos, Pôrto da Fôlha em Sergipe, na madrugada de 28 de julho de 1938.⁵⁵⁴ A origem do nome é o italiano *lampione*, aumentativo de *lampa*, que se espalhou pelas línguas românicas.⁵⁵⁵ Cascudo transcreve uma explicação da origem do nome do cangaceiro, pelo próprio, ao major Optato Gueiros, da Polícia Militar de Pernambuco, que combateu contra êle. "Perguntei por que lhe deram êsse apelido de Lampião. — Isso foi no Ceará, disse, houve lá uns tiros, tempo de inverno, as noites eram muito escuras, um companheiro deixou cair um cigarro e, como não o achou, eu disse-lhe: — Quando eu disparar, no clarão do tiro, procure o cigarro; e assim foi, quando eu detonava o rifle, dizia: *acende, lampião!*"⁵⁵⁶ Aparece na cantiga número 69.

Lemba.s.m. Corrutela de *Elégba*, o mesmo que *Elégbará*,⁵⁵⁷ um dos designativos do deus nagô *Exu*. Aparece na cantiga número 62.

Licuri.s.m. Palmeira silvestre que possui uns pequenos côcos. (*Cocos coronata*, Mart.) Teodoro Sampaio diz ser a planta comuníssima, nas regiões secas do norte do Brasil, mas com a denominação mais freqüente de *ouricury*, que êle deriva de *airi-curii*, o cacho amiudado, ou repetido e mais adiante dá as variantes *uricuri*, *aricuri*, *licuri*, *nicury*, *iriricury* e *mucury*.⁵⁵⁸ Em 1587, quando escreveu o *Tratado Descritivo do Brasil*, Gabriel Soares de Souza já fazia o apanágio dos ouricuris: — "As principais palmeiras bravas da Bahia são as que chamam ururucuri, que não são muito altas, e dão uns cachos de côcos muito miúdos do tamanho e côr dos abricoques por ser brando e de sofrível sabor; e quebrando-lhe o caroço, d'onde se lhe tira um miolo como das avelãs, que é alvo e tenro e muito saboroso, os quais coquinhos são mui estimados

⁵⁵⁴ Luís da Câmara Cascudo, *op. cit.*, pág. 416.

⁵⁵⁵ Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *op. cit.*, vol. III, pág. 2.158.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 395.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 448.

— Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. V, pág. 145.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 22.

⁵⁵⁶ Luís da Câmara Cascudo, *op. cit.*, pág. 556.

⁵⁵⁷ R.C. Abraham, *op. cit.*, pág. 186.

⁵⁵⁸ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, págs. 119, 256.

de todos".⁵⁵⁹ Também se referem à planta, Piso⁵⁶⁰ e Marcgrave.⁵⁶¹ Aparece na cantiga número 50.

Loiá. Contração de *lá oiá*, corrutela de *lá olhar*. Aparece na cantiga número 74.

Luanda.s.f. Nome de uma cidade africana e capital de Angola. Anteriormente o nome da capital era somente *São Paulo da Assunção*, dado pelos portugueses. Chamaram de *São Paulo* em virtude de se terem apossado da cidade, no dia da conversão de São Paulo, e de *Assunção* por terem restaurado a mesma, no dia da Assunção da Virgem Maria.^{561a} Mais tarde substituíram *da Assunção* por *de Luanda*, ficando *São Paulo de Luanda*, ou simplesmente *Luanda*, como é mais conhecida em nossos dias. *Luanda*, segundo Cannecattin, quer dizer *tributo*.^{561b} A razão semântica para o nome da capital de Angola pode ser esclarecida através algumas informações de Frei Luís de Souza a respeito. Conta o referido clérigo que por volta de 1607, quando reinava em Portugal el-Rei Dom Felipe II em Portugal e III na Espanha, chegaram a Lisboa dois embaixadores de Dom Álvaro, Rei do Congo, fazendo entre outras propostas a de que Sua Majestade mandasse religiosos do hábito de São Domingos, para pregar a fé cristã, no reino do Congo. Era Provincial o Padre Frei João da Cruz, eleito pela segunda vez em 1608, então el-Rei mandou levar-lhe a proposta a fim de saber de sua decisão, antes porém aconselhando atendê-la. Aquiescendo, a 25 de março de 1610 mandou três sacerdotes pregadores e um irmão converso. Chegaram à cidade de São Paulo de Luanda a 3 de julho, seguindo por terra para o Congo. Como as primeiras terras que se passam, saindo de Angola para entrar no Congo, são as de Bamba, governada pelo Duque de Bamba e Capitão-Geral do Reino, Dom Antônio da Silva, o Provincial fêz-lhe saber de sua vinda, para cair-lhe nas graças e ser bem recebido, ao que o

⁵⁵⁹ Gabriel Soares de Souza, *op. cit.*, pág. 222.

⁵⁶⁰ Guilherme Piso, *História Natural do Brasil*, ed. cit., págs. 70-73.

— Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais*, ed. cit., págs. 201-202.

⁵⁶¹ Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 109, XLI.

^{561a} Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. XV.

^{561b} Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. XV.

dito respondeu: — “Polla de Vossa Reverencia, que me fez charidade escrever, soube de sua boa chegada a essa Luanda de saude, com os mais Padres seus companheiros, de que me alegrei summamente na alma. Permita Deos Nosso Senhor conservalla sempre por mui largos annos, pera seu sancto serviço, e pera consolação espiritual d'estes Reinos de Congo. Amen.

Sua Alteza el-Rei meu senhor me fêz mercê avisar por carta sua, que mandasse a Vossa Reverencia alguns copos de zimbo, que o dito Senhor lhe manda dar pera sua despeza, e erramba do caminho: os quais lhe mando agora a Vossa Reverencia por entender lhe não servem n'essa Loanda. Pollo que os tenho aqui guardados até saber o que Vossa Reverencia mandar sobre elles: o que peço me faça charidade mandarme logo aviso: porque com elle farei tudo o que Vossa Reverencia me ordenar. Novas minhas são ficar no presente de saude, Deos louvado pera sempre, com grandes desejos de querer ver a Vossa Reverencia com os mais reverendos Padres seus companheiros, a quem Deos Nosso Senhor traga todos com muita vida, e saude, como este seu filho d'alma deseja, etc. De Bamba a 20 de Agosto de 610 annos. De Vossa Reverencia filho d'alma o Duque de Bamba, Capitão-Geral, Dom Antonio da Silva”.^{561c} Em seguida dá a seguinte explicação do que seja o *zimbo*, sua aquisição e aplicação: — “O zimbo que esta Carta nomeia he hum genero de buzio muito meudo, e crespinho e de boa vista, que se pesca no porto de Loanda em Angola; o qual passa por moeda corrente por estes Reinos de Angola e Congo: val cada cento hum tostão. O copo he como medida, que leva dez milheiros, e val dez mil reis. D'esta pescaria he senhor el-Rei de Congo, e pera fazer, que eu de grande proveiro, tem hum Capitão na ilha, que fica defronte de Loanda, onde he a força da pesca, e da-lhe reputação não haver por toda esta costa semelhante buzio”.^{561d}

Ainda a propósito do *zimbo* há uma informação valiosíssima dada por Elias Alexandre da Silva Correia, no século seguinte à vinda a lume, por Frei Luís de Souza e que passo

^{561c} Frei Luís de Souza, *História de São Domingos/Particular do Reino e Conquistas de Portugal/Segunda Parte*. Typ. do Panorama. Terceira edição, Lisboa, 1866, vol. III, pág. 468.

^{561d} Frei Luís de Souza, *op. cit.*, vol. III, pág. 468.

a transcrever: — “Zimbo — Dinheiro do Certão. A pesca deste marisco hé tão necessaria quanto importante ao commercio da Conquista. O animalzinho, q. nelle se encerra hé mais disgraçado do q. os outros da mesma especie, pelo pouco tempo q. vive, sendo continuamente procurado. Este miudissimo marisco de figura piramidal, matizado de delicadas pintas pretas em ordem espiral, sobre huma superficie liza, brilhante, de côr de perola, hé pescado por meio de cestinhos sobre a Costa do mar graço. Em quanto os Negros vão á pesca do peixe em alto mar; as Negras se empenhão na pescaria do Zimbo arrastando os compridos cestinhos por cima da arêa, — altura d'agoa, q. ou alcancem os braços; ou rastejem o fundo a pequenos mergulhos. Escolhidos depois de entre outros mais grosseiros se expõem ao ar para q. o Marisquinho morra, e se consuma no seu galante tumulto”.

Para se conhecer a importancia deste Artigo; ou ganancia desta pescaria; exporei na Taboada seguinte as qualidades de moedas ou divizoens concernentes ao valor do Zimbo, reduzido ao nosso dinheiro.

Os Negros do Certão, principalmente os do Congo, amão estes marisquinhos, q. recebem bem contado com incrível paciencia; dividindo cada Funda em quantidades miudas, q. equivallão às moedas de vintem, vinte e cinco reis, dez reis, doze reis e meio, cinco reis; dinheiro provincial do paiz, q. somente gira em Angola e Benguella. Sem a moeda do Zimbo não se faz negocio com os negros; mas ella não se limita somente a esta classe de marisco.

Por não deixar o Leitor na ignorancia de todo o commercio praticado com os Negros pela moeda do Marisco, passo a inserir neste Artigo a diversidade dele, não obstante ser pescado fora da Conquista, e por consequencia alheio do objecto a que me proponho: com tudo: augmentado de valor entretém os Comerciantes Angolenses com o avanço do seu lucro.

Alem do puro Zimbo mencionado, q. os comerciantes comprão a 3.000 reis cada Boudo: ha mais 3 qualidades, q. correm por moeda: a saber: O Zimbo Cascalho: O cascalho escolhido; e os Buzios, dinheiro de menor valor

pescado na Bahia de todos os Santos. Cada alqueire do 1.º custa alli 18 tostoens, q. reduzido á medida deste paiz vem a ter 2½ cazongueis, que se podem tomar por hum alqueire, e hũa quarta; pois que 2/4as. do paiz fasem hum Cazonguel. Quando a estação hé fecunda em negocio se extrae este Zímbo para o Certão a 5.000 reis o Cazonguel vindo o comerciante a avançar 10.700 reis de lucro em cada alqueire da Bahia.

O Zímbo Cascalho, escolhido em outro Zímbo igual, e mais miudo forma a 2.ª qualidade, e sendo superior ao da mistura, custa alqueire na Bahia a 2:200 reis; e ás vezes mais; porem os Negros, ainda q. o preferem ao 1.º o recebem em igual preço. A ganancia do commerciante consiste na preferencia do negocio a favor delle. O Zímbo de mistura quando baixa de preço se vende entre os negociantes Angolenses a 2:200 reis o Cazonguel, e do cascalho a 3, e a 4.500 reis.

Cada arroba de Buzios vale na Bahia 4:000 reis; e nesta Conquista 12\$. Para os Negros, q. não se agradão de o receber a peso contão 10.000 buzios por hum Boudo, e o dividem em Lifucos, e Fundas, dando-lhe o valor correspondente a cada divizão. Com estes Buzios, costumão no Brazil, enfeitar os arreios dos Cavallos, e Bêstas, q. transitão pelas estradas das Minas Geraes.^{561e}

Como se vê, com o zimbo pescado nas praias de Luanda era com que se pagava o tributo ao rei do Congo,^{561f} daí a razão semântica do nome da cidade e capital de Angola. Esses búzios, segundo depoimento de Vilhena, ainda em 1802, quando escreveu suas cartas, eram exportados daqui, para servir de moeda entre os negros das diferentes partes africanas.^{561g} A palavra Luanda aparece nas cantigas números 2, 30, 31.

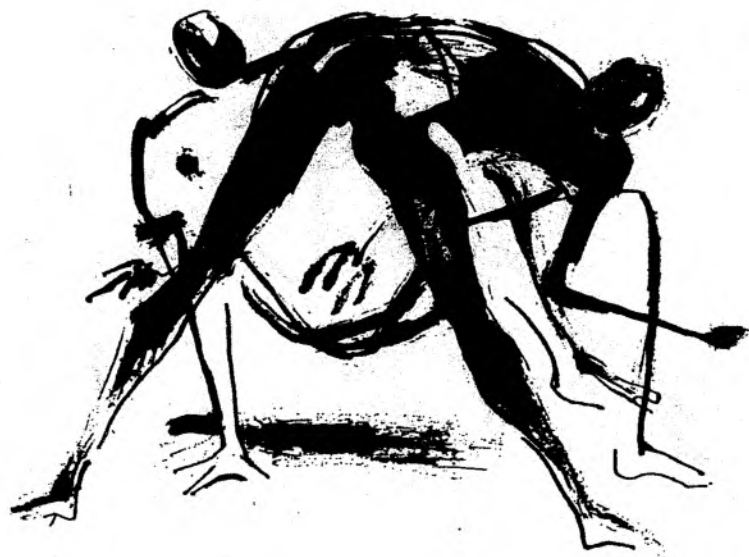
Má.s.m. Corrutela de *mar*, do latim *mare*,⁵⁶² que se espalhou por tôdas as línguas românicas, divergindo apenas quanto ao gênero, que apesar do latim ser neutro, em alguns romances

^{561e} Elias Alexandre da Silva Corrêa, *op. cit.*, vol. I, págs. 135-137.

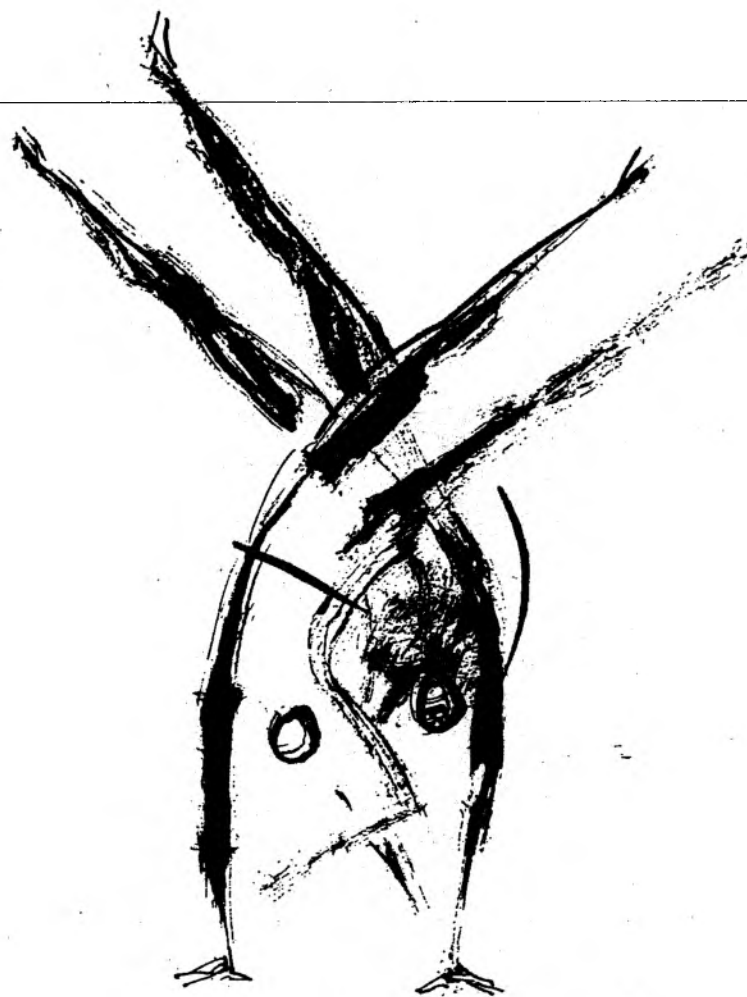
^{561f} Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. XV.

^{561g} Luís dos Santos Vilhena, *op. cit.*, vol. I, pág. 53.





933E



933E

CHADIA



423=



423=



CA 33 II



CA 33 I



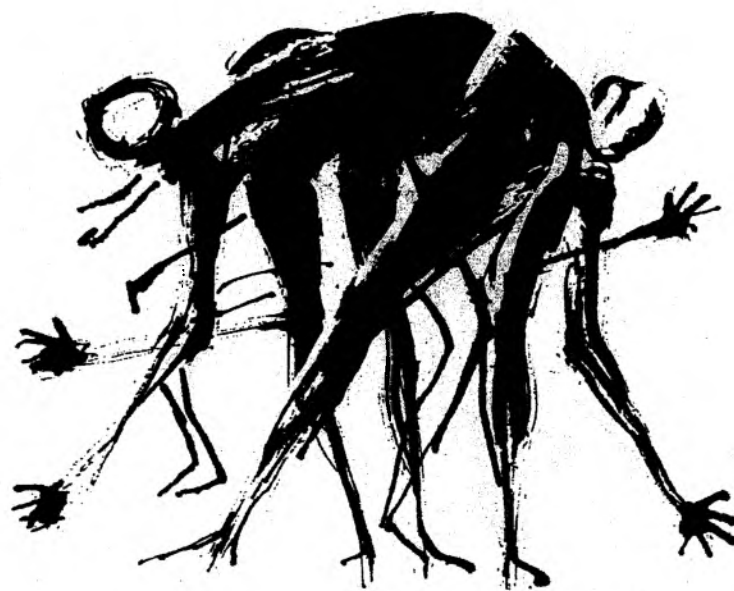
14335



14335

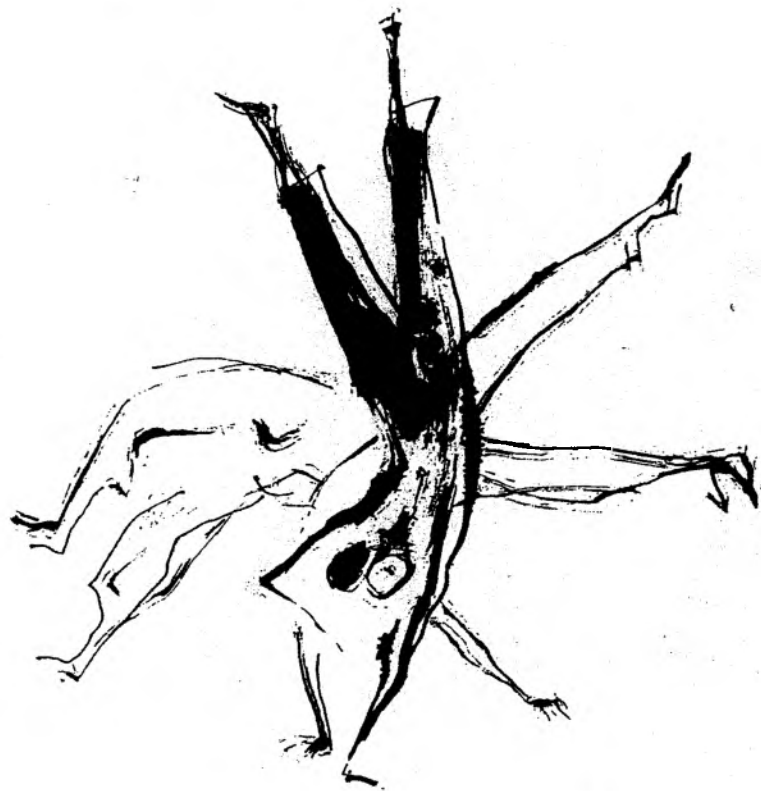


1
CABRE



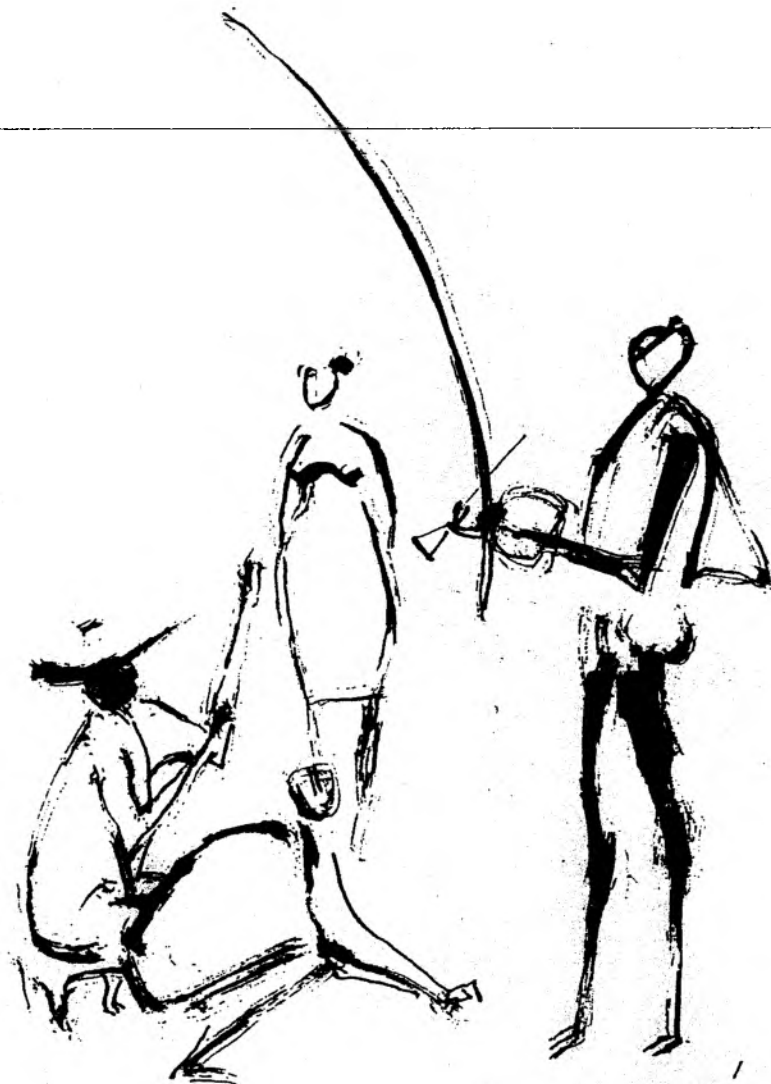
1
CABRE

CABRE





432



433



4733E

é masculino, em outros feminino e os dois gêneros para outros tantos. Aparece na cantiga número 81.

Maitá. Creio que seja corruela de *Humaitá* devido à síncope da sílaba inicial. Em face dos episódios da guerra do Brasil com o Paraguai, justamente na época em que os capoeiras começaram a chegar ao auge em suas atividades, as cantigas se referem sempre a *Humaitá*, daí poder admitir-se a hipótese acima. Aparece na cantiga número 37.

Maracangalha.s.f. Nome próprio designativo de um lugarejo no Estado da Bahia. Famoso no mundo da capoeira, devido às inúmeras façanhas do temível capoeirista Besouro. Depois imortalizado pelo cancionista Dorival Caymmi, com o samba que foi o maior sucesso na época: —

Eu vou pra Maracangalha
Eu vou
Eu vou de liforme branco
Eu vou
Eu vou de chapéu de palha
Eu vou
Eu vou convidar Anália
Eu vou

Se Anália não quiser ir
Eu vou só
Eu vou só
Eu vou só
Se Anália não quiser ir
Eu vou só
Eu vou só
Eu vou só
Eu vou só sem Anália
Mas eu vou.^{562a}

⁵⁶² Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 436.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 254.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 492.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1428.

^{562a} Dorival Caymmi, *Cancioneiro da Bahia*/Prefácio de Jorge Amado — Ilustrações de Clóvis Graciano, Livraria Martins Editôra, 3.^a edição, São Paulo, s/d., pág. 173.

Quanto à origem do nome ainda é desconhecida. Em interessante reportagem, Inácio de Alencar dá a seguinte explicação, dos habitantes do local: — “Em época remota, que ninguém sabe precisar, mas que deve ter aí seus 200 anos, nos primórdios dos antigos engenhos, bandos de ciganos acampavam ali, constantemente, em suas andanças pelo sertão. Ao prepararem os animais para as viagens, gritavam uns para os outros: ‘Amarra a cangalha.’ Os prêtos escravos pegaram a coisa e passaram a repetir a palavra deturpada, para zombar dos ciganos. Com o passar dos tempos, o uso se arraigou e Maracangalha entrou para a geografia do Brasil”.^{562b} Aparece na cantiga número 136.

Marimbondo. s.m. Tipo de inseto que faz casa nas árvores e ataca pessoas ou rebanhos de animais. Canecattin⁵⁶³ dá o quimbundo *marimbundo*, formigão e em suas pegadas, Macedo Soares,⁵⁶⁴ Jacques Raimundo⁵⁶⁵ e Renato Mendonça, que apresenta a composição da palavra como sendo de *ma*, prefixo plural da quarta classe e *rimbondo*, *vêspa*.⁵⁶⁶ Piso já se refere ao nome desses insetos, porém pela variante *maribundas*, dizendo que assim pronunciavam os espanhóis.⁵⁶⁷ Aparece na cantiga número 72.

Martelo. s.m. Nome dado pelo sertanejo a um verso de dez sílabas, com seis, sete, oito, nove ou dez linhas. Estudando os modelos do verso sertanejo, Cascudo explica o porquê da denominação de *martelo* para certo tipo de verso, dizendo que “Pedro Jaime (1665-1727), professor de literatura na Universidade de Bolonha, diplomata e político, inventou os versos “martelianos” ou simplesmente “martelos”. Eram de doze sílabas, com rimas emparelhadas. Esse tipo de “alexandrino” nunca foi conhecido na poesia tradicional do Brasil. Ficou a deno-

^{562b} Inácio de Alencar, “Afinal, que é Maracangalha?”, in *Manchete/Revista Semanal*, Rio de Janeiro, n.º 250, 2/2/57, pág. 42.

⁵⁶³ Bernardo Maria Canecattin, *op. cit.*, pág. 98.

⁵⁶⁴ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*, ed. cit., pág. 66.

⁵⁶⁵ Jacques Raimundo, *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa*. Renascença Editôra, Rio de Janeiro, 1933, págs. 141-142.

⁵⁶⁶ Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 238.

⁵⁶⁷ Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais*, ed. cit., pág. 97.

minação cuja origem erudita é viável em sua ligação clássica com os poetas portugueses do século XVII”.⁵⁶⁸ Aparece na cantiga número 1.

Marvado. adj. Corrutela de *malvado*. Este vocábulo já preocupou por demais os filólogos, desde o século passado. Começou com Diez propondo *male levatus* para o espanhol *malvar*, *malvado* e o provençal *malvat*,⁵⁶⁹ provocando reação imediata de Meyer-Lübke: — “Prov. *malvat* ist nicht *male levatus*”.⁵⁷⁰ O provençal *malvat* tem sido apontado como responsável por algumas representações românicas, dentre as quais a portuguesa *malvado* proposta por Nascentes⁵⁷¹ e aceita por José Pedro Machado.⁵⁷² Entretanto, as investigações recentes de Carominas⁵⁷³ fazem com que o mesmo admita a base latina *malifatus*, *malvado*, proposto em 1891 por Schuchardt,⁵⁷⁴ para todo o romance, inclusive o provençal *malvat*, com suas variantes *malvat*, *malvas*, *malvays*, correntíssimas entre os trovadores provençais e recolhidas por Raynouard.⁵⁷⁵ Finalmente, depois de apresentar farta documentação em torno de sua tese, afirma não ver como não aceitar tal étimo, vez que o trânsito fonético e semântico é regular.

Não obstante o esforço de Carominas, Diego, em 1943,⁵⁷⁶ depois de passar em revista toda uma série de proposições, feitas no século passado e hoje totalmente refutadas, passa a admitir o hipotético *malefacens* proposto por Nicholson,⁵⁷⁷

⁵⁶⁸ Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores/Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Edição da Livraria Globo, Porto Alegre, 1939, pág. 13.

⁵⁶⁹ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 465.

⁵⁷⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 428.

⁵⁷¹ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 486.

⁵⁷² José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.398.

⁵⁷³ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 209.

⁵⁷⁴ *Zeitschrift für romanische Philologie/Begründet von Prof. Dr. Gustav Gröber, Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale)*, 1891, vol. XIV, pág. 183; 1907, vol. XXX, págs. 320-328.

⁵⁷⁵ M. Raynouard, *Lexique Roman ou Dictionnaire de la langue des troubadours comparée avec les autres langues de l'Europe Latine*. Réimpression de l'original publié à Paris 1838-1845. Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, s/d., vol. IV, pág. 129; vol. V, pág. 473.

⁵⁷⁶ Vicente Garcia de Diego, *Contribución al Diccionario Hispanico-Etimológico*, Madrid, 1943, págs. 113-114.

⁵⁷⁷ C.G. Nicholson, *Recherches Philologiques Romanes*. Librairie Ancienne Honoré Champion, Paris, 1924, pág. 162.

étimo êsse que é confirmado em 1954,⁵⁷⁸ na mesma época em que Carominas publica a sua tese. Sem ter possibilidade de refutar a confirmação, pelo fator tempo, Carominas se opõe ao proposto anteriormente, denunciando e atacando a fonte de inspiração de Diego: — "El causante parece ser el libro, desencaminado de Nicholson, *Rech. de Philologie Romane*; el Sr. Garcia de Diego parece ser el unico que lo tomó en serio. En mi libro no analizo jamás los trabajos de aquel profesor, que además de estar plagados de errores, no aportan nunca información filológico e demuestran un desconocimiento total de las normas de la linguística".⁵⁷⁹ Aparece na cantiga número 35.

Mandacaru.s.m. Planta da família das cactáceas (*Cereus jamarecu*, De Candolle). Teodoro Sampaio deriva de *mandacaru*, o feixe ou molho pungente.⁵⁸⁰ Igualmente Montoya, Batista Caetano⁵⁸² e Stradelli.⁵⁸³ Encontra-se estudado por Marcgrave⁵⁸⁴ e Piso.⁵⁸⁵ Aparece na cantiga número 26.

Mandiguêro.adj. Corrutela de *mandingueiro*. Deriva de *mandinga*, feitiço, bruxaria e nos países latino-americanos designa o diabo. Atribuem Renato Mendonça⁵⁸⁶ e Jacques Raimundo⁵⁸⁷ a origem do substantivo *mandinga* ao nome geográfico *Mandinga*, região da África Ocidental, habitada pelos povos banhados pelos rios Níger, Senegal e Gâmbia,⁵⁸⁸ onde havia excelentes feiticeiros. Moraes⁵⁸⁹ registra o substantivo e o adjetivo. Na América do Sul já foi registrado com as acep-

⁵⁷⁸ Vicente Garcia de Diego, *Diccionario Etimológico Español e Hispanico*, ed. cit., págs. 360, 842.

⁵⁷⁹ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 210.

⁵⁸⁰ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 243.

⁵⁸¹ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 205.

⁵⁸² Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 216.

⁵⁸³ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 511.

⁵⁸⁴ Jorge Margrave, *op. cit.*, págs. 23-24, XXXIX.

⁵⁸⁵ Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Indias Ocidentais*, ed. cit., págs. 399-405.

⁵⁸⁶ Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 237.

⁵⁸⁷ Jacques Raimundo, *op. cit.*, pág. 140.

⁵⁸⁸ I. Xavier Fernandes, *op. cit.*, vol. I, pág. 280, vol. II, pág. 14.

⁵⁸⁹ Antonio Moraes Silva, *op. cit.*, vol. II, pág. 257.

ções acima por Carominas,⁵⁹⁰ Lenz⁵⁹¹ e Granada.⁵⁹² Aparece na cantiga número 2.

Mandô.v. Corrutela de *mandou* do verbo *mandar*, do latim *mandare*,⁵⁹³ com representação românica. A documentação na língua antiga data do ano 1064, registrada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁵⁹⁴ Aparece na cantiga número 56.

Mangangá.s.m. O mesmo que *gamgambá*.

Matô.v. Corrutela de *matou* do verbo *matar*. De origem controversa. Há uma maioria que deriva de *mactare*, imolar as vítimas sagradas, como Diez,⁵⁹⁵ Cornu,⁵⁹⁶ Adolfo Coelho⁵⁹⁷ e Diego.⁵⁹⁸ Por outro lado, existe a tese da origem perso-árabe derivado de *mat*, morto, proposto por Meyer-Lübke,⁵⁹⁹ que Carolina Michaëlis ao aceitar explica dizendo que "a meu ver provém do árabe *mate*, morto, empregado no jôgo de xadrez, na fórmula *xeque-mate* (*cheque-mate* ou *xamate*), o rei está morto".⁶⁰⁰ Mais tarde, Lokotisch também perfilhou a tese e ao fazê-lo refuta a possibilidade de se admitir *mactari*, pelo impasse fonético criado pelo grupo *ct*.⁶⁰¹ Voltando à tese latina, Bourciez, estudando o problema na península ibérica assim se manifestou: — "En Ibérie on a préféré *mactare*, devenu de

⁵⁹⁰ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 221.

⁵⁹¹ Rodolfo Lenz, *Diccionario Etimológico de las Voces Chilenas Derivadas de Lenguas Indígenas Americanas*, Imprenta Cervantes, Santiago de Chile, vol. II, 1910, págs. 473-474.

⁵⁹² Daniel Granada, *op. cit.*, pág. 269.

⁵⁹³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 431.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 487.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 220.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, págs. 1.409-1.411.

⁵⁹⁴ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 275.

⁵⁹⁵ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 468.

⁵⁹⁶ Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 993.

⁵⁹⁷ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 845.

⁵⁹⁸ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 366, 840.

⁵⁹⁹ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 442.

⁶⁰⁰ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, ed. cit., pág. 53.

⁶⁰¹ Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 115.

bonne heure *mattare* (esp. ptg. *matar*) sans doute sous l'influence d'un terme vulgaire **matteare* 'assommer le bétail'.⁶⁰² Finalmente, a tese mais recente é de Carominas, que propõe o hipotético *mattare* derivado de *mattus*,⁶⁰³ que, infelizmente, não corre com livre trânsito nas línguas românicas, daí José Pedro Machado lamentar continuar sem solução o problema do étimo *matar*, não só em português, como nas línguas irmãs.⁶⁰⁴ A documentação mais antiga é do ano 1055-1665, registrada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.⁶⁰⁵ Também no *Cancioneiro da Ajuda* é visto com bastante frequência.⁶⁰⁶ Aparece nas cantigas de números 83 e 136.

Melado.s.m. Em lugar de *melaço*, espécie de guloseima feita com rapadura, especialmente *rapadura puxa*. É servido com colher, puro ou então com um pouco de *farinha copioba*, espécie de *farinha de guerra*, também chamada de *mandioca*, bem fina e torrada. Ambos são derivados de *mel*, que por sua vez é o latim *mĕl*.⁶⁰⁷ Aparece na cantiga número 104.

Meste.s.m. Corrutela de *mestre*, do latim *magister*.⁶⁰⁸ Já vem documentado no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.⁶⁰⁹ Aparece na cantiga número 51.

⁶⁰² Jean Bourciez, *op. cit.*, pág. 181.

⁶⁰³ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 290.

⁶⁰⁴ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.446.

⁶⁰⁵ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 347.

⁶⁰⁶ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Concioneiro da Ajuda*, ed. cit., vol. I, págs. 35, 53, 95, 133, 145, 168, 169, 223.

⁶⁰⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 449.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 367.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 376, 854.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 504.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.459.

⁶⁰⁸ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 425.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 186.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 358, 841.

⁶⁰⁹ Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, ed. cit., vol. VI, pág. 350.

Milhó.adv. Corrutela de *melhor*, do latim *meliores*, melhor.⁶¹⁰ Está documentado no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.⁶¹¹ Aparece na cantiga número 66.

Minino.s.m. Corrutela de *menino*. É um dos vocábulos da língua portuguesa de origem mais controvertida. Com ele se preocuparam Diez,⁶¹² Meyer-Lübke,⁶¹³ Cornu,⁶¹⁴ Nascentes,⁶¹⁵ Carominas,⁶¹⁶ José Pedro Machado.⁶¹⁷ Aparece na cantiga número 3.

Misquinho.adj. Corrutela de *mesquinho*. Deriva do árabe *miskinu*, pobre, desgraçado, infeliz.⁶¹⁸ Aparece na cantiga de número 12.

Mocambira.s.m. Planta da família das cactáceas (*Agallostachys laciniosa*, Koch). Teodoro Sampaio deriva de *mā-cambira*, o monojo ou molho pungente, cheio de espinho.⁶¹⁹ É planta da zona da sêca do Nordeste do Brasil, conhecida também em suas modalidades chamadas *macambira de branco*, *macambira de cachorro* e *macambira de flexa*. Aparece nas cantigas de números 26 e 80.

Môirão.s.m. Corrutela de *mourão*. De origem ainda controvertida. Dentre as acepções que lhe dão os lexicógrafos, estão

⁶¹⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 450.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 506.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, pág. 1.465.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 323.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 368, 855.

⁶¹¹ Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.* vol. II, pág. 220.

⁶¹² Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 214.

⁶¹³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, págs. 457-458.

⁶¹⁴ Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 967.

⁶¹⁵ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 508.

⁶¹⁶ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, págs. 346-348.

⁶¹⁷ José Pedro Machado, *op. cit.* vol. II, pág. 1.469.

⁶¹⁸ Arnald Steiger, *op. cit.*, pág. 344.

— Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 212.

— Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 118.

— P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *op. cit.*, págs. 450-451.

— R. Dozy et W.H. Engelmann, *op. cit.*, pág. 314.

— Eero K. Neuvonen, *op. cit.* pág. 43.

⁶¹⁹ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 241.

as de coisas duras, resistentes, justamente a que está na cantiga número 58, quando se diz que *Dente de onça é mórão*.

Muchile.s.f. Corrutela de *mochila*, espécie de pequeno saco, onde geralmente se guarda dinheiro, como é o caso da acepção da cantiga número 63. Adolfo Coelho⁶²⁰ deriva do espanhol *mochila* que Carominas⁶²¹ prende a *mochil*, mção de recado, do latim *mutilus*, mutilado.⁶²²

Mulato.s.m. Designa o ser humano resultante do cruzamento de um homem branco com uma mulher negra e vice-versa. Paralela a esta acepção também havia outrora, registrada por Viterbo, uma outra com o seguinte teor: — “Macho asneiro, filho de cavalo, e burra. Por uma lei de 1538 se determinava, que nenhuma pessoa d’Entre Douro, e Minho podesse criar mais que *hum mulato para seu serviço*; sob pena de um anno de degredo para um dos cantos fora da dita comarca, e de perdimento dos *mulatos*, que criasse, metade para quem o acusasse, e a outra para a Camara de Sua Magestade”.⁶²³ A maioria dos lingüistas derivam a palavra de *mulo+ato*.⁶²⁴ Vem documentado em Gil Vicente, no *Auto da Cananéia*.⁶²⁵ Aparece na cantiga número 28.

⁶²⁰ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 867.

⁶²¹ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 392.

⁶²² Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 478.

⁶²³ Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram*, 2.^a edição, Em casa o Editor A.J. Fernandes Lopes, Lisboa, 1865, vol. II, pág. 115.

⁶²⁴ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 473.

— Antenor Nascentes, *op. cit.* pág. 538.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1552.

— George Friedrich, *op. cit.*, pág. 436.

— A.R. Gonçalves Viana, *op. cit.*, vol. II, págs. 170-171.

— Sebastião Rodolfo Dalgado, *op. cit.*, vol. II, pág. 78.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, págs. 475-476.

— João Ribeiro, *Frases Feitas/Estudo conjectural de locuções, ditados, provérbios*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, vol. I, págs. 95-96.

⁶²⁵ Gil Vicente, *Auto da Cananéia*, in *ed. cit.*, vol. II, pág. 242.

⁶²⁶ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 472.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, págs. 538-539.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.552.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 474.

Mulé.s.f. Corrutela de *mulher*, do latim *mulière*, mulher.⁶²⁶ O comportamento fonético do vocábulo, tanto no processo de transição do latim para o português, como no português propriamente dito, foi estudado por Duarte Nunes de Leão,⁶²⁷ Gonçalves Viana,⁶²⁸ Leite de Vasconcelos,⁶²⁹ Cornu,⁶³⁰ Meyer-Lübke,⁶³¹ Nunes,⁶³² e Pidal.⁶³³ Na língua antiga, aparece no ano 927 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁶³⁴ Encontra-se na cantiga número 14.

Muleque.s.m. Canecattin deriva do quimbundo *muleque*, menino.⁶³⁵ Entrou no Brasil com essa acepção, para depois sofrer alteração semântica. Deixou de ter aquele sentido puro e simples de menino, para designar o menino de rua, o capadocio, roubando as coisas e atirando pedra nas vidraças dos respeitáveis sobrados. O termo ficou para designar o adulto, com as atitudes do menino, assim como o homem pacato, bastando para isso que fôsse negro e escravo. Basta que se folheie os jornais da época do cativo, para lá se ver: — “Quem tiver um moleque maior de 18 anos que queira alugar para carregar coisa de comida, fale com o Barateiro, que só quer escravo e paga bem se agradar”.⁶³⁶ Hoje em dia, a palavra tem maior elasticidade — não importa a idade, casta, classe ou côr a que pertença o homem, basta que proceda mal, para

⁶²⁷ Duarte Nunes de Leão, *op. cit.* pág. 204.

⁶²⁸ A.R. Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, ed. cit., pág. 93.

⁶²⁹ José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa/Terceira edição comemorativa do centenário de nascimento do autor/Enriquecida e anotada por Serafim da Silva Neto*, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959, pág. 69.

⁶³⁰ Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 971.

⁶³¹ Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, ed. cit., vol. I, pág. 522.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*. Dritte Neubearbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1920, pág. 137.

⁶³² José Joaquim Nunes, *op. cit.*, pág. 33.

⁶³³ Ramon Menendez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española*, ed. cit. pág. 39.

⁶³⁴ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 67.

⁶³⁵ Bernardo Maria Canecattin, *op. cit.*, pág. 150.

⁶³⁶ *Jornal de Notícias*, Salvador, 4/5/1880, pág. 2.

se lhe chamar de moleque. Aparece nas cantigas números 29 e 110.

Mungunje. Termo de origem e acepção desconhecidas. Aparece na cantiga número 31.

Munheca.s.f. Designa a articulação da mão com o braço. De origem ainda controvertida. Adolfo Coelho tira do espanhol *muñeca*,⁶³⁷ punho, aceita por José Pedro Machado.⁶³⁸ Meyer-Lübke⁶³⁹ deriva do latim hipotético *mundiare*, limpar. Diez vê a atuação de um sufixo *ec*.⁶⁴⁰ Aparece na cantiga número 11.

Mutá.s.f. Nome próprio designativo de um lugarejo, situado próximo à ilha de Itaparica, no Estado da Bahia. Teodoro Sampaio⁶⁴¹ deriva do tupi *myta*, corrutela de *mby-ta*, o pé suspenso, sobrado, a ponta. Batista Caetano,⁶⁴² Restivo,⁶⁴³ Montoya⁶⁴⁴ e Tastevin⁶⁴⁵ traduzem *mbyta* por *andaime* e Stradelli por *jirau*, com a seguinte explicação: — "Estrado feito a certa altura da terra e dissimulado com folhagem, onde o caçador se posta à espera da caça que deve vir beber água nalguma fonte ou poça próxima, comer frutas caídas ou lambe a terra, nos lugares onde há afloramento de sais".⁶⁴⁵ Aparece na cantiga de número 47.

Naci.v. Corrutela de *nasci*, do verbo *nascere*, do latim *nasceri*,⁶⁴⁶ de uso antigo e divulgado em tôdas as línguas români-

⁶³⁷ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 883.

⁶³⁸ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.554.

⁶³⁹ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 473.

⁶⁴⁰ Friedrich Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, ed. cit., vol. II, pág. 627.

⁶⁴¹ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 253.

⁶⁴² Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 234.

⁶⁴³ Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 76.

⁶⁴⁴ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 214.

⁶⁴⁵ Constantino Tastevin, *Vocabulário da Língua Tupi*, ed. cit. pág. 632.

⁶⁴⁶ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 562.

⁶⁴⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 481.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, pág. 544.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.567.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 489.

cas. Na língua portuguesa antiga aparece no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.⁶⁴⁷ Acha-se documentado na cantiga de número 4.

Nêgo.s.m. Corrutela de *negro*. Designa a cor preta e o homem portador deste pigmento. A depender da entoação que se dê a esta palavra ela passa a ser um tratamento ofensivo. Na variante popular *nêgo*, ela assume acepção carinhosa e é empregada tanto para o homem de pele negra, como de outra coloração. O tratamento motivado pela cor da pele no Brasil foi motivo de estudo recentíssimo do lusófilo tcheco Zdenek Hampl, no monumental *Omagiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani*.^{647a} Na cantiga número 1 está designando o homem de pele negra. *Negro* deriva do latim *nigru*, preto, negro.⁶⁴⁸ Na língua antiga aparece no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.⁶⁴⁹

Negocea.v. Corrutela de *negocia*, do verbo *negociar*, do latim *negotiare*, por *negotiari*, fazer negócio.⁶⁵⁰ Aparece na cantiga número 65.

Nhem, nhem, nhem. Voz onomatopaica, representativa do choro de criança. Aparece na cantiga número 6.

Ni. Metátese de *in*, corrutela de *em*. Ver o verbete *in*. Aparece na cantiga número 66.

⁶⁴⁷ Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. III, pág. 50.

^{647a} Zdenek Hampl, "Tratamento motivado pela cor da pele do interlocutor, no português do Brasil", in *Omagiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani*. Editura Academiei Republicii Socialiste România, Bucurest, 1965, págs. 347-348.

⁶⁴⁸ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 488.

— Antenor Nascentes, *op. cit.* pág. 547.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.577.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 508.

⁶⁴⁹ Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 340.

⁶⁵⁰ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.576.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 392.

Oi.v. Corrutela de *olhe*, do verbo *olhar*. Meyer-Lübke derivou do latim hipotético *adocularē*,⁶⁵¹ aceito por Wartburg,⁶⁵² Nascentes⁶⁵³ e José Pedro Machado.⁶⁵⁴ Ao lado dessa proposição, há outras como *ocularē*, apresentada por Cortesão e Diego.⁶⁵⁵ Na linguagem antiga, dentre outros documentos aparece no *Livro de Falcoaria*, de Pero Menino.⁶⁵⁶ Aparece na cantiga número 81 e nas de números 14 e 69, no imperativo *oia*, corrutela de *olha*.

Öi!. Interj. Aparece nas cantigas números 8 e 35.

Orubu.s.m. Corrutela de *urubu*, designativo de certa ave, *Cathartes pepa*, Linneu. Explicando a composição da palavra, Martius diz que "Urubu compositum est ex *Urú*, avis, et *uí*, *vú* comedere, i.e. avis vorax".⁶⁵⁷ Teodoro Sampaio dá como corrutela de *urú-bú*, a galinha preta, a ave negra.⁶⁵⁸ Batista Caetano alega que também se diz *iribu*, daí derivar de *y re bú* ou *y né bú*, o que exala fétido.⁶⁵⁹ Também se preocuparam com o vocábulo Tastevin,⁶⁶⁰ Montoya⁶⁶¹ e Restivo.⁶⁶² Barbosa Rodrigues recolheu, no Rio Negro, uma lenda em que o *urubu* é a personagem principal, denominada *Urubu taira etá mena irumo* (o urubu e as filhas casadas), bem como outra, em que a ave aparece de relance — *Cyiué Yperungaua* (A origem das Plêiades), recolhida em Vila Bela.⁶⁶³ Também Couto de Magalhães colheu duas com o referido animal — *Cunhã Mucu urubu* (A môça e o urubu) e *Cunnã-Mucu inaié* (A môça e o gavião).⁶⁶⁴ Em 1587, Gabriel Soares fala-nos

⁶⁵¹ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 15.

⁶⁵² Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 37.

⁶⁵³ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 564.

⁶⁵⁴ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.619.

⁶⁵⁵ A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, págs. 52-53.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 398, 881.

⁶⁵⁶ Pedro Menino, *op. cit.*, págs. 14, 15, 18.

⁶⁵⁷ Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 485.

⁶⁵⁸ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 299.

⁶⁵⁹ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 558.

⁶⁶⁰ Constantino Tastevin, *op. cit.*, pág. 746.

⁶⁶¹ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 406.

⁶⁶² Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 200.

⁶⁶³ Barbosa Rodrigues, *op. cit.*, págs. 179, 258.

⁶⁶⁴ Couto de Magalhães, *O Selvagem*, Tipografia da Reforma, Rio de Janeiro, 1876, págs. 232-234, 235, 236.

dêles: — "São uns pássaros prêtos, tamanhos como corvos, mas têm o bico mais grosso, e a cabeça como galinha cucurutada, e as pernas pretas, mas tão sujas que fazem seu feitiço pelas pernas abaixo, e tornam-no logo a comer. Estas aves têm grande faro de cousas mortas que é o que andam sempre buscando para sua manutenção, as quais criam em árvores altas: algumas ha manças em poder dos índios que tomaram nos ninhos".⁶⁶⁵ Mais tarde, o *Diálogo das Grandezas do Brasil*,⁶⁶⁶ Marcgrave,⁶⁶⁷ Aires de Casal,⁶⁶⁸ Wied-Neuwied,⁶⁶⁹ Aparece na cantiga número 1.

Panhe.v. Corrutela de *apanhe*, do verbo *apanhar*, recolher algo do chão, que é a acepção da cantiga número 9. *Apanhar* vem do espanhol *apañar* e êste do latim *pannus*, pano.⁶⁷⁰ Na língua antiga está documentado no *Livro de Falcoaria* de Pero Menino.⁶⁷¹

Paraguai.s.m. Nome próprio designativo de um país da América do Sul. A palavra é de origem tupi e quer dizer *Rio dos Papagaios*, registrada por Montoya,⁶⁷² Batista Caetano,⁶⁷³ Xavier Fernandes,⁶⁷⁴ Tastevin,⁶⁷⁵ Teodoro Sampaio,⁶⁷⁶ Resti-

⁶⁶⁵ Gabriel Soares de Souza, *op. cit.*, pág. 270.

⁶⁶⁶ *Diálogo das Grandezas do Brasil*/Introdução de Capistrano de Abreu/Notas de Rodolfo Garcia. Livraria Progresso Editôra, Bahia 1956, pág. 268.

⁶⁶⁷ Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 207-208.

⁶⁶⁸ Aires de Casal, *op. cit.*, vol. I, págs. 59, 154;; vol. II, pág. 247.

⁶⁶⁹ Wied-Neuwied, *op. cit.*, págs. 46, 86, 228, 244, 372.

⁶⁷⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, págs. 509-510.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 58.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 218.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, págs. 231-233.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 63, 888.

⁶⁷¹ Pero Menino, *op. cit.*, pág. 62.

⁶⁷² Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 263.

⁶⁷³ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 361.

⁶⁷⁴ I. Xavier Fernandes, *op. cit.* vol. II, pág. 67.

⁶⁷⁵ Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*, ed. cit. pág. 724.

⁶⁷⁶ Teodoro Sampaio, *op. cit.* págs. 258-259.

vo,⁶⁷⁷ Friederici,⁶⁷⁸ Martius,⁶⁷⁹ Stradelli⁶⁸⁰ e Lokotisch que assim explica a sua composição: — "Dieser wird als 'Wasser des Papageis' oder einfach als 'vielfarbiger Kranz' gedeutet; in der Guaraní (tupischen) Sprache heisst *pará* 'vielfarbig, bunt', *kua* oder *gua* 'Kranz, Schweif'; *paragoá* 'Papagei', *hi* 'Wasser', woraus *paragoá-hy* und schliesslich *Paraguay* wurde".⁶⁸¹ Aparece na cantiga número 103.

Paraná.s.m. Nome próprio designativo de um Estado da federação brasileira. Vem do tupi *paraná* de *pará*, mar e *ná*, semelhante, logo semelhante ao mar.⁶⁸² Aparece nas cantigas números 80 e 83.

Parmatoria.s.f. Corrutela de *palmatória*, espécie de objeto de madeira, com que se aplicam castigos às crianças nas escolas. Na cantiga número 26 está designando planta, *Opuntia bahiense*, Mill, com formato idêntico ao objeto, a qual é conhecida como *Palmatória do Diabo*. *Palmatória* vem do latim *palmatoria*, férula,⁶⁸³ com documentação bem antiga, não só em português, como em espanhol.

Patuá.s.m. Batista Caetano deriva de *patigua*, contraído em *patuá* de *pataud*, designando o cêsto que as mulheres traziam

⁶⁷⁷ Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 415.

⁶⁷⁸ Georg Friederici, *op. cit.*, págs. 480-481.

⁶⁷⁹ Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 518.

⁶⁸⁰ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 280.

⁶⁸¹ Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 51-52.

⁶⁸² Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 362.

— Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 259.

— Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 262.

— Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 79.

— Constantino Tastevin, *Vocabulário da Língua Tupi*, ed. cit., pág. 649.

— Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 377.

— Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 480.

— E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 587.

— Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 52.

⁶⁸³ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 625.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.659.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 585.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 406.

às costas, amarrado à cabeça, com os pertences da rede.⁶⁸⁴ Há documentação bem antiga. Simão de Vasconcelos, falando do estado de miséria em que viviam os índios, ao comentar o seu enxoval diz que "vem a ser uma rede, um potiguá (que é como caixa de palhas) para guardar pouco mais que a rede, cabaço, e cuja: o pote, que chamam igacaba, para os seus vinhos: o cabaço para suas farinhas, mantimentos, seu ordinario: a cuja para beber por ella: e o cão para descobridor das feras quando vão caçar. Estes somente vem a ser seus bens moveis, e estes levam consigo aonde quer que vão: e todos a mulher leva às costas, que o marido só leva o arco".⁶⁸⁵ Por analogia, *patuá* hoje em dia passou a designar um pequeno saquinho contendo *axé* (coisas de alto poder mágico) e que dentro do preceito, quem o carrega, tem que usá-lo em contacto com o corpo. É nesta acepção que aparece na cantiga número 60. Também se preocuparam com a palavra, Martius,⁶⁸⁶ Couto de Magalhães,⁶⁸⁷ Tastevin,⁶⁸⁸ Friederici⁶⁸⁹ e Marcgrave.⁶⁹⁰

Pau.s.m. Do latim *palus*, poste.⁶⁹¹ Acha-se representado em tôdas as línguas românicas, com aparição bem antiga. No Brasil, mui especial no sertão nordestino, o vocábulo tem acepção de árvore. Ouve-se com bastante frequência *pé de pau*, em lugar de *pé de árvore*. Quando se quer chamar alguém de bastardo, mas substituindo a expressão *filho da puta*, diz-se que esse alguém é *filho do ôco do pau*, isto é, *filho do ôco da árvore*. Carominas⁶⁹² afirma que esse sentido é comum em

⁶⁸⁴ Batista Caetano, *op. cit.*, págs. 362-363.

— Clóvis Monteiro, *Português da Europa e Português da América/Aspectos da Evolução do Nosso Idioma*, 3.^a edição, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959, pág. 126.

⁶⁸⁵ Simão de Vasconcelos, *op. cit.*, pág. 52.

⁶⁸⁶ Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 79.

⁶⁸⁷ Couto de Magalhães, *op. cit.*, págs. 209-210.

⁶⁸⁸ Constantino Tastevin, *Vocabulário da Língua Tupi*, ed. cit., pág. 649.

⁶⁸⁹ Georg Friederici, *op. cit.*, págs. 483-484.

⁶⁹⁰ Jorge Marcgrave, *op. cit.*, pág. 272.

⁶⁹¹ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 600.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.697.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 626.

⁶⁹² J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 626.

tôda a América Latina. Nesta acepção é que a palavra *pau* está na cantiga número 75.

Pau furado.s.m. Fuzil. Devido à sua composição à base de madeira e o seu aspecto, de um longo pedaço de pau, cavado interiormente e com abertura, por analogia o povo designou assim o fuzil, instrumento de guerra dos exércitos, hoje no domínio dos museus. Aparece na cantiga número 78.

Paulo Barroquinha.s.m. Nome próprio designativo de um capoeirista famoso da Bahia. O apelido *Barroquinha* provém do nome da rua, que assim se chama devido à série de pequenas *barrocas* (buracos, sulcos produzidos na terra, devido às enxurradas), do terreno acidentado, daí *barroquinha*, pequena barroca. Aparece na cantiga número 123.

Pedrito.s.m. Diminutivo de *Pedro*, nome próprio designativo de um chefe de polícia da Bahia (Pedro de Azevedo Gordilho), famoso pela perseguição aos capoeiristas e aos candomblés. Aparece nas cantigas números 19 e 20.

Pedro Minêro.s.m. Corrutela de *Pedro Mineiro*. Nome próprio designativo de um antigo capoeira famoso da Bahia. Aparece nas cantigas números 126, 127, 128.

Pegá.v. Corrutela de *pegar*, do latim *pegare*, untar de pez.⁶⁹³ Aparece nas cantigas números 29 e 137 na acepção de *agarrar*.

Percevejo.s.m. Inseto parasita. De origem obscura. Documenta-se em Fernão Mendes Pinto nesta passagem: — “Mais pobre q todos os pobres, piolhoso, & q comia perçobejos, & carne humana da gente morta q desenterrava de noite”.⁶⁹⁴ Aparece na cantiga número 105.

⁶⁹³ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 604.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 534.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.730.

— Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 240.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 417, 904.

⁶⁹⁴ Fernão Mendes Pinto, *op. cit.*, vol. VI, pág. 186.

Peréré. Termo de origem e acepção desconhecidas. Aparece na cantiga número 49.

Pernambuco.s.m. Nome próprio designativo de um Estado da federação brasileira. Teodoro Sampaio deriva de *paranãmbuca*, o furo ou entrada da laguna, em alusão à sua situação geográfica.⁶⁹⁵ Entretanto, ao lado da explicação de Teodoro Sampaio, há uma outra de Lokotisch, que vale a pena ser transcrita: — “Der brasilienische Hafenort Pernambuco am Atlantischen Ozean wird durch zwei Küstenflüsse, die hier in einer havernartigen Mündung zusammenfließen, in drei Stadtteile geteilt. Nach dem naturalischen Hafen hat die Stadt ihren Namen, der Wörtlich ‘Meer, das die Felsen benagt’, d. h. ‘Meeresarm, Hafen’ bedeutet. Die zugrundeliegenden Wörter sind tupisch *paraná* ‘Meer’ und *mbokoa* ‘aushöhlen’. Nach einem dem Hafen vorgelagerten Felsenriff heisst die auf einer Halbinsel liegende Hafenvorstadt *Bairro do Recife* ‘Stadtteil am Riff’; sie hat diesen Namen der ganzen Stadt gegeben, die jetzt vollständig *Recife de Pernambuco* genannt wird. Das nach dieser Stadt als Ausfuhrrhafen benannte *Pernambuk* oder *Fernanbukholz* war, seitdem die Portugiesen es in den südamerikanischen Wäldern in grossen Mengen fanden, auch unter der Bezeichnung *Brasilholz* unser gebräuchlichstes Rotfärbehholz”.⁶⁹⁶ Aparece na cantiga número 83.

Pimentêra.s.f. Corrutela de *Pimenteira*. Nome próprio locativo, derivado de *pimenta* e êste do latim *pimenta*, plural de *pimentu*, côr para pintar.⁶⁹⁷ Vem documentado como nome comum em 1058, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁶⁹⁸ Aparece na cantiga de número 70.

Pindombê.s.f. Corrutela de *pindomba* mais a interjeição *êl* *Pindomba* é corrutela de *pindoba*, espécie de palmeira (*Palma Altaea compta*, Mart.). Teodoro Sampaio deriva de *pind-*

⁶⁹⁵ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 262.

⁶⁹⁶ Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 53.

⁶⁹⁷ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.734.

⁶⁹⁸ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 250.

oba, a fôlha de anzol.⁶⁹⁹ Batista Caetano apresenta uma série de propostas, sem contudo se fixar em nenhuma, como se vê em sua explanação: — "Nome também da mesma palmeira, e então veja-se os diversos signif. de *pî*; como também se diz *mindob*, parece que a derivação deve ser de *mî* esconder, porque as fôlhas de palmeira se serviam para cobrir as casas (*mi-tob*, fôlha de cobrir); porém pode ser também *min-tob*, fôlhas de lança ou pua, e *pin-tob*, fôlha de raspar ou alisar, porque para isso serviam; note-se também que *min-dob* pode ser part. pass. de *tôb*, tapar, assim como *mindog* o é de *cog*".⁷⁰⁰ Também registram Montoya,⁷⁰¹ Restivo⁷⁰² e Friederici.⁷⁰³ Léry se refere à palmeira, porém na variante *pindo*: — "Sur quoy faut noter (ce qui est aussi estrange en ce peuple) que les Bresiliens ne demeurent ordinairement que cinq ou six mois en vn lieu emportans puis après les grosses pieces de bois & grandes herbes de Pindo, de quoy leurs maisons sont faites & couuertes".⁷⁰⁴ Depois, em 1587, Gabriel Soares cuidou dela: — "Como há tanta diversidade de palmeiras que dão fruto na terra da Bahia, convem que as arrumemos todas neste capitulo começando logo em umas a que os indios chamam *pin-dôba*, que são muito altas e grossas, que dão flor como as tamareiras, e o fruto em cachos grandes como os coqueiros, cada um dos quaes é tamanho que não pode um negro mais fazer que levá-lo às costas; em os quaes cachos teem os cocos tamanhos como peras pardas grandes, e tem a casca de fora como coco e outra dentro de um dedo de grosso, muito dura, e dentro della um miolo massiço com esta casca, donde se tira com trabalho, o qual é tamanho como uma bolota, e mui alvo e duro para quem tem ruins dentes; e se não é de vez, é muito tenro e saboroso; e de uma maneira e outra é bom mantimento para o gentio quando não tem mandioca, o qual faz destes cocos azeite para as suas mesinhas".⁷⁰⁵ Daí em diante seguem-se normalmente os diversos registros como no *Diálogo*

⁶⁹⁹ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 264.

⁷⁰⁰ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 277.

⁷⁰¹ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 295.

⁷⁰² Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 414.

⁷⁰³ Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 503.

⁷⁰⁴ Jean de Léry, *op. cit.*, págs. 273, 305.

⁷⁰⁵ Gabriel Soares de Souza, *op. cit.*, pág. 220.

das *Grandezas do Brasil*,⁷⁰⁶ Piso,⁷⁰⁷ Marcgrave,⁷⁰⁸ Wied-Neuwied,⁷⁰⁹ dentre outros. Aparece na cantiga número 75.

Políça.s.f. Corrutela de *polícia*, do grego *politeia*, pelo latim *polititia*, administração de uma cidade,⁷¹⁰ documentada nas *Ordenações Afonsinas*, que datam de 1443,⁷¹¹ e no *Cancioneiro Geral*.⁷¹² Entretanto, o sentido atual de conservação da ordem pública, segundo José Pedro Machado, vem do francês *police*.⁷¹³ Aparece na cantiga número 123.

Prantando.v. Corrutela de *plantando*, do verbo *plantar*. Do latim *plantare*, com representação em tôdas as línguas românicas.⁷¹⁴ Aparece na cantiga número 76, na acepção de *praticar*, fazer.

Prêto Limão.s.m. Nome próprio personativo de um famoso violeiro. Aparece na cantiga número 71.

Procópio.s.m. nome próprio personativo de um famoso babalorixá da Bahia, *Procópio Xavier de Souza*. Leite de Vasconcelos deriva do grego *Prokópios* de *Prokoté* progresso, portanto aquêlê que ganha ou progride.⁷¹⁵

Professô.s.m. Corrutela de *professor*, do latim *professore*, o que faz profissão de.⁷¹⁶ Aparece na cantiga número 129.

⁷⁰⁶ *Diálogo das Grandezas do Brasil*, ed. cit., pág. 232.

⁷⁰⁷ Guilherme Piso, *op. cit.*, págs. 70-71.

⁷⁰⁸ Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 133-134.

⁷⁰⁹ Wied-Neuwied, *op. cit.*, pág. 204.

⁷¹⁰ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 635.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, págs. 1.759-1.760.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 838.

⁷¹¹ *Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V. Na Real Imprensa da Universidade, Coimbra, 1786*, Livro IV, Título II, Parágrafo I, pág. 31.

⁷¹² Garcia Resende, *Cancioneiro Geral*, ed. cit. vol. I, pág. 221.

⁷¹³ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.760.

⁷¹⁴ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 628.

— José Pedro Machado, *op. cit.* vol. I, pág. 570.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 815.

⁷¹⁵ José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, ed. cit., pág. 346.

⁷¹⁶ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.803.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 882.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 448.

Qué.v. Corrutela de *quer*, do verbo *querer*, do latim *quae-rere*, procurar.⁷¹⁷ A terceira pessoa do indicativo presente sofre alteração, não só na linguagem popular que passa de *quer* para *qué*, como na língua culta, que possui a variante *quere* que os filólogos dizem que "ist eine Analogiebildung wie *faze*".⁷¹⁸ Encontra-se em documento do ano 999, publicado nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁷¹⁹ Aparece na cantiga número 6.

Como conjunção causal, Meyer-Lübke deriva do latim *quia*.⁷²⁰

Qui.pron.rel. Corrutela de *que*, do latim *que*,⁷²¹ já documentado no ano 870 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁷²² Aparece na cantiga número 136. Como conjunção causal, Meyer-Lübke deriva do latim *quia*, porque.⁷²³ Nascentes,⁷²⁴ José Pedro Machado,⁷²⁵ Hu-

⁷¹⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 572.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.832.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 665.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 456, 924.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 944.

⁷¹⁸ Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 198.

— J. B. Williams, *op. cit.*, pág. 229.

⁷¹⁹ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 112.

⁷²⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 575.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, ed. cit., vol. III, pág. 632.

⁷²¹ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.829.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 575.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 931.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 663.

— José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, ed. cit., pág. 59.

⁷²² *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 3.

⁷²³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 575.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, ed. cit., pág. 151.

⁷²⁴ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 663.

⁷²⁵ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1829.

ber⁷²⁶ do latim *quia*, através do arcaico *ca*, com redução vocálica. Como tal aparece na cantiga número 83.

Rês.s.m. Corrutela de *reis*; plural de *rei*. Do latim *reges*, rei, soberano.⁷²⁷ Aparece na cantiga número 70.

Riachão.s.m. Nome próprio designativo do cantador *Manoel Riachão de Lima*. Aparece na cantiga número 70.

Rio de Janêro.s.m. Corrutela de *Rio de Janeiro*, nome próprio designativo de um Estado da federação brasileira. A origem do nome foi devido aos navegadores portugueses, quando descobriram a baía da Guanabara, a 1.º de janeiro de 1502 pensarem tratar-se do estuário de um grande rio. Essa explicação já foi dada, pouco depois de descoberto o Brasil, pelo viajante francês Jean de Léry, neste lance: — "Comme ainsi fort que ce bras de mer & riuiere de *Ganabara*, ainsi appelee par les sauuages & par les Portugallois Geneure (parce que comme on dit, ils la descoururent le premier iour de Ianuier, qu'ils nomment ainsi)".⁷²⁸ Aparece nas cantigas números 54 e 66.

Rimpimpão.adj. Corrutela de *repimpão*, valentão, que alardeia força, prepotência, pessoa poderosa. Daí se ouvir dizer que *é preciso baixar o pimpão de fulano*, ou então *eu vou cortar o pimpão de beltrano*. O vocábulo resulta da composição do prefixo *re* mais o adjetivo *pimpão*, que por sua vez Meyer-Lübke deriva do francês *pimpant*⁷²⁹ aceito, com dúvida, por José Pedro Machado.⁷³⁰ Aparece na cantiga número 28.

Rodía.s.f. Corrutela de *rodilha*. Nascentes derivou do substantivo *roda* mais o sufixo *ilha*.⁷³¹ Aparece na cantiga número 128.

⁷²⁶ Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 53.

⁷²⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 602.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.872.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 683.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 1.111.

⁷²⁸ Jean de Léry, *op. cit.*, pág. 85.

⁷²⁹ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 540.

⁷³⁰ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1737.

⁷³¹ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 694.

Sabiá.s.m. Espécie de pássaro canoro (*Turdus rufiventris*, Lichtst.) Teodoro Sampaio deriva de *coó-biã*, o animal aprazível.⁷³² Batista Caetano de *haã-pi-har*, aquele que reza muito.⁷³³ Registram o vocábulo Tastevin,⁷³⁴ Martius⁷³⁵ e Friederici.⁷³⁶ Do sabiá com a beleza de seu canto e sua plumagem, disse Gabriel Soares em 1587: — “Criam-se em arvores baixas

em ninhos outros passaros, a que o gentio chama sabiá poca, que são todos aleonados muito formosos, os quaes cantam muito bem”.⁷³⁷ A êle referem-se também o príncipe Wied-Neuwied,⁷³⁸ Aires de Casal⁷³⁹ dentre outros. Aparece na cantiga número 78.

Sabo.s.m. Corrutela de *sábado*, nome de um dia da semana. Vem do latim *sabbatu*.⁷⁴⁰ Aparece na cantiga número 4.

Salomão.s.m. Nome próprio personativo. Leite de Vasconcelos tirou do hebraico *xelomóh*, derivado de *xalóm*, paz.⁷⁴¹ Aparece na cantiga número 70, como designativo de Salomão, rei de Israel.

Sambambaia.s.f. Corrutela de *samambaia*, espécie de planta (*Pterium aquidinum*, Linneu). Teodoro Sampaio derivou de

⁷³² Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 273.

⁷³³ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 147.

⁷³⁴ Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*, ed. cit., pág. 730.

⁷³⁵ Carl Friedrich Philip von Martins, *op. cit.*, pág. 472.

⁷³⁶ Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 548.

⁷³⁷ Gabriel Soares de Souza, *op. cit.*, pág. 275.

⁷³⁸ Wied-Neuwied, *op. cit.*, págs. 53, 88, 198, 210.

⁷³⁹ Manuel Aires de Casal, *op. cit.*, vol. I, pág. 58.

⁷⁴⁰ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 618.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 703.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.921.

— Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 138.

— Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 1.074.

— A.R. Gonçalves Viana, *op. cit.*, vol. II, págs. 392-393.

⁷⁴¹ José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, ed. cit., pág. 532.

— José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, ed. cit., vol. III, pág. 127.

çama-mbai, o trançado de cordas.⁷⁴² Registraram-no Stradelli⁷⁴³ e Tastevin.⁷⁴⁴ Aparece na cantiga número 16.

Santo.s.m. Do latim *sanctu*, sagrado.⁷⁴⁵ Com esta acepção é que está na cantiga número 21, porém como tradução do vocábulo nagô *orixá*, que também significa *sagrado*, *deus*, *santo*.

São Bento.s.m. Nome próprio designativo de um santo da Igreja Católica, patriarca fundador da Ordem dos Beneditinos e criador do mosteiro em Monte Cássio. Aparece na cantiga número 138.

São Paulo.s.m. Nome próprio designativo de um Estado da federação brasileira, fundado pelos jesuítas a 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, daí o nome da cidade. Aparece na cantiga número 82.

São Pedro.s.m. Nome próprio designativo de um dos doze apóstolos. Aparece na cantiga número 70.

Sarna.s.f. Espécie de moléstia de pele, que consiste em erupções cutâneas, causada por aracnídeos microscópicos. Spitzer incluiu entre os substantivos epicenos, designando pessoa importante.⁷⁴⁶ Opinam pela origem ibérica Nascentes,⁷⁴⁷ Diez,⁷⁴⁸ Serafim da Silva Neto,⁷⁴⁹ Diego,⁷⁵⁰ Meyer-Lübke,⁷⁵¹

⁷⁴² Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 273.

⁷⁴³ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 638.

⁷⁴⁴ Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*, ed. cit., pág. 730.

⁷⁴⁵ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 628.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 711.

— J. Caröminas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 142.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 492, 962.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.945.

⁷⁴⁶ E. Gamillscheg und L. Spitzer, *Beiträge zur romanischen Wortbildungslehre*. Leo S. Olschki-Editeur, Genève, 1921, pág. 142.

⁷⁴⁷ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 715.

⁷⁴⁸ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 486.

⁷⁴⁹ Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1952, pág. 304.

⁷⁵⁰ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 493, 965.

⁷⁵¹ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 630.

Carominas,⁷⁵² Harri Meier⁷⁵³ e Gerland.⁷⁵⁴ Dos viajantes que estiveram no Brasil, Piso⁷⁵⁵ se refere à doença. Aparece na cantiga número 17.

Sê.v. Corrutela de *ser*. Esse verbo vem do latim *sedere*, assentar-se, misturado com *esse*.⁷⁵⁶ Encontra-se documentado no ano 938 nos *Portugaliae Monumenta Historica* no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁷⁵⁷ Aparece na cantiga número 1.

Secretaria.s.f. Designa o local onde funciona o expediente de uma associação ou serviço público. Vem de *secreto*, mais o sufixo *aria*. *Secreto* é o latim *secretus*, separado, isolado.⁷⁵⁸ Na linguagem da malandragem *secretaria* é sinônimo de Secretaria de Segurança Pública, de Polícia. Nesta acepção é que está na cantiga número 126.

Senzala.s.f. Na Bahia, designava o local onde morava a escravaria, sob o comando de um senhor. Também significava

⁷⁵² J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 151.

⁷⁵³ Harri Meier, *Erwägungen zu iberoromanischen Substratetymologien in Festgab Ernst Gamillscheg zu seinem fünfundsechzigsten Geburtstag am 28. Oktober 1952 von Freudem und Schülern überreicht*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1952, pág. 135.

⁷⁵⁴ Georg Gerland, *Die Basken und die Iberer*, in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I, págs. 425-426.

⁷⁵⁵ Guilherme Piso, *História Natural do Brasil*, ed. cit., pág. 41.

— Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais*, ed. cit., pág. 124.

⁷⁵⁶ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, vol. II, págs. 276-286.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanischen etymologisches Wörterbuch*, ed. cit., pág. 642.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 723.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1974.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 194.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 498, 972.

— Jean Bourciez, *op. cit.*, pág. 218.

— C.H. Grandgent, *op. cit.*, págs. 255-257.

— Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, ed. cit., págs. 82-83.

⁷⁵⁷ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 28.

⁷⁵⁸ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 641.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 719.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 777.

e ainda hoje significa algazarra, muita gente falando alto, por analogia à maneira de gritar da escravaria dentro da senzala. Atualmente, quando se faz muita algazarra, pergunta-se *que senzala é essa aí?* Senzala com o sentido de algazarra, barulho. *Senzala* vem do quimbundo *sanzala*, que em 1680 Cadornega em nota marginal ao seu livro explicou como sendo "Cazas, em que cada hum tem sua gente separada".⁷⁵⁹ No correr do referido livro há esta passagem em que aparece o vocábulo: — "... Estes taes levarão os Mensageiros á Cidade e entrarão com elles na Samzala do Van Dum, o que não foi tão em segredo que logo não fosse publico; e avizado o Director de como tinham entrado Negros dos Portuguezes na Cidade e Samzala de que ficou alterado, e deo logo ordem ao major que governava as armas..."⁷⁶⁰ Em nossos dias, Quintão traduz *senzala* por *povoação*⁷⁶¹ e José Matias Delgado, anotando Cadornegas, dá como sendo o conjunto de casas de um morador rico com toda a sua escravaria.⁷⁶² Também registram o vocábulo Renato Mendonça⁷⁶³ e Jacques Raimundo.⁷⁶⁴ Aparece na cantiga número 105.

Sinhá.s.f. Corrutela de *senhora*. Ver o verbete *senhó*.

Sinhó.s.m. Corrutela de *senhor*. Vem do latim *seniore*, mais *velho*.⁷⁶⁵ Na linguagem popular, *senhor* como pronome de tratamento foi adulterado em *sinhô*, assim como *senhora* em *sinhá*, ao lado de outra forma simplificada, *seu*, derivado de *sinhô*, e *sá*, derivado de *sinhá*. Essas nuances têm preocupado os lingüistas. Carolina Michaëlis, estudando a significação das palavras hispânicas, assim se manifestou: — "Nach den Geset-

⁷⁵⁹ Antônio de Oliveira Cardonega, *op. cit.*, vol. I, pág. 335.

⁷⁶⁰ Antônio de Oliveira Cadornega, *op. cit.*, vol. I, págs. 334-335.

⁷⁶¹ José L. Quintão, *op. cit.*, pág. 215.

⁷⁶² José Mathias Delgado, in Antônio de Oliveira Cadornega, *op. cit.*, vol. I, pág. 621.

⁷⁶³ Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 265.

⁷⁶⁴ Jacques Raimundo, *op. cit.*, págs. 156-157.

⁷⁶⁵ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 722.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1970.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 645.

— Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 294.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 498, 974.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 193.

zen der Satzphonetik wurden auch *senhor*, *senhora* in den hispanischen Sprachen behandelt, da wo sie in der Anrede als Vocative, in Begleitung eines anderen Wortes auftreten, welches den Ton trägt. In der familiären port. Sprach hört man oft: *oh seu marroto!* (*oh sua marotal*) und ähnliches. *Séu seo* für *séó seió* aus *senyó senhor*. Der Andalusier sagt *só*, der Bogotaner *sió* (das and. Fem. kenne ich nicht, bog. lautet es *siá* und *señá ñá*).⁷⁶⁶ Matéria substancial a respeito, publicou Leo Spitzer, nos *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik*.⁷⁶⁷ Também Meyer-Lübke⁷⁶⁸ registrou o fenómeno.

Os vocábulos *sinhô* e *sinhá* possuem os diminutivos *yoyó* para o primeiro e *yayá* para o segundo, já registrados por Macedo Soares.⁷⁶⁹ Spitzer, ao estudar êsses diminutivos no Brasil e na América Latina, batizou-os de "familiäre" Ansprache von Kindern.⁷⁷⁰ Aparecem nas cantigas números 8, 22, 23, 25, 29, 137, 138.

Siri.s.m. Corrutela de crustáceo (*Callinectes danai*, Smith). Deriva do tupi *ciri*, o que corre, ou desliza, Montoya,⁷⁷¹ Batista Caetano,⁷⁷² Teodoro Sampaio⁷⁷³ e Tastevin.⁷⁷⁴ Vem regis-

⁷⁶⁶ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Studien zur hispanischen Wortdeutung", in *Miscellanea di Filologia e Linguistica*/in Memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello. Successori de Mounier, Firenze, 1886, págs. 113-116.

⁷⁶⁷ Leo Spitzer, *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik*, Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1918, págs. 10-12.

⁷⁶⁸ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 645.

⁷⁶⁹ Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, ed. cit., vol. II, pág. 200.

⁷⁷⁰ E. Gamillscheg, und L. Spitzer, *op. cit.*, pág. 177.

⁷⁷¹ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 115.

⁷⁷² Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 94.

⁷⁷³ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 277.

⁷⁷⁴ Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*, ed. cit., pág. 732.

trado em Marcgrave,⁷⁷⁵ Piso,⁷⁷⁶ Wied-Neuwied,⁷⁷⁷ *Diálogo das Grandezas do Brasil*.⁷⁷⁸ Aparece na cantiga número 14.

Subordinado.adj. Corrutela de *insubordinado*. Aparece na cantiga número 76 na acepção de *desordem*.

Tá.v. Corrutela de *está*, do verbo *estar*. Deriva do latim *stare*, estar de pé.⁷⁷⁹ Aparece nas cantigas números 1, 29, 68 em suas nuances dialetais. Nos dialetos crioulos portugueses se encontra fenómeno idêntico ao nosso falar, estudado por Joaquim Vieira da Costa e Custódio José Duarte.⁷⁸⁰ Na língua arcaica, a documentação mais antiga de que se tem notícia data de 1044, publicada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.⁷⁸¹

Tabulêro.s.m. Corrutela de *tabuleiro*, aparecendo na cantiga 137, no sentido de recipiente de madeira onde se põem comestíveis para serem vendidos. Deriva de *tábua* e êste de *tabula*, ripa, mesa de jogo, prancha.⁷⁸²

Tandirerê. Palavra de origem e acepção desconhecidas. Aparece na cantiga número 92.

⁷⁷⁵ Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 183-184.

⁷⁷⁶ Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais*, ed. cit., págs. 183-184.

⁷⁷⁷ Wied-Neuwied, *op. cit.*, págs. 72, 230.

⁷⁷⁸ *Diálogo das Grandezas do Brasil*, ed. cit., pág. 281.

⁷⁷⁹ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 679.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 420.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 305.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 278, 992.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 904.

⁷⁸⁰ Joaquim Vieira da Costa e Custódio José Duarte, *op. cit.*, págs. 350-351.

⁷⁸¹ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 204.

⁷⁸² José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.035.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 702.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 327.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 749.

Té.v. Corrutela de *ter*, verbo *ter*. Deriva do latim *tenere*.⁷⁸³ Aparece na cantiga número 83. Na cantiga número 16 o verbo *ter* está empregado em lugar de *haver*, fenómeno lingüístico comuníssimo nos falares do Brasil. Esse emprêgo existe de há muito em fbero-românico, já notado por Meyer-Lübke⁷⁸⁴ e estudado por outros lingüistas, dentre os quais Carominas, que assim discorre: — “El hecho capital en la historia de esta palabra es su invasión del terreno semantico del lat. *habere*, con el sentido de posesión pura y simples. Se trata de una innovación propia de los tres romances ibéricos, que en los tres aparece ya en la Edad Media, pero que además se encuentra en Cerdeña, y en el it. dialectal del Lacio, Abruzzo, Pulla y alguna otra zona del Sur de Italia (Seifert, *A Rom. XVIII*, 411-3; Rohlf, *Romanica Helv.* IV. 74). En cast. *aver* conserva este valor más o menos en toda la Edad Media, pero *tener* ya aparece algunas veces con el nuevo desde los orígenes (Cid 113, etc., Berceo, Mil., 320a; Apol., 154b y aun quizá ya una vez en las Glosas Emilianenses, n.º 89). Para el progreso de esta sustatución, vid. E. Seifert, RFE XVII, 233-76, 345-89. Por lo demás las últimas raíces de esta tendencia parecen encontrarse muy atrás pues ya hay ej. de *tenere* con valor casi identico a *habere* en los españoles Orenco (S.V.), y Aetheria (S.VI), aunque es cierto que estos usos en latin no parece estuvieran enteramente confinados a autores hispanicos (ALLG XV, 233-52; KJR PL. VII, 59; XI, 86)”.⁷⁸⁵

Tico-tico.s.m. Pássaro da família dos fringílideos (*Zonotrichia capensis matutina*, Linneu). Aparece na cantiga número 89. Fizeram-lhe referências Aires de Casal,⁷⁸⁶ Wied-Neuwied,⁷⁸⁷ dentre outros.

Tinha.s.f. Define Fernando São Paulo como sendo uma “designação que abrange, indistintamente, o grupo das dermatomícoses nomeadas tinhas na medicina culta, e outras afecções

⁷⁸³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 715.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 420.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 763.

⁷⁸⁴ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 715.

⁷⁸⁵ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 420.

⁷⁸⁶ Manuel Aires de Casal, *op. cit.*, vol. I, pág. 59.

⁷⁸⁷ Wied-Neuwied, *op. cit.*, págs. 390, 394.

da pele”.⁷⁸⁸ Deriva do latim *tinea*, traça.⁷⁸⁹ Na língua antiga está registrado nos *Livros de Falcoaria* como doença de aves: — “Muytas veces acode ás aves hũa doença a que os caçadores chamão tinha; e he hũa comichão e ysto he quando estão na muda, por caso de mudarê mal;...”.⁷⁹⁰ Aparece na cantiga número 17.

Tiririca.s.f. Espécie de planta rasteira de bordas cortantes (*Cyperus radiatus*, Vohl). Batista Caetano e Teodoro Sampaio derivam do gerúndio-supino de *tiriri*, vibrante, cortante.⁷⁹¹ Registram o vocábulo Tastevin,⁷⁹² Stradelli⁷⁹³ e Montoya.⁷⁹⁴ Aparece na cantiga número 23.

Trabaiá.v. Corrutela de trabalhar, verbo *trabalhar*. A proposição mais aceita é a do latim hipotético *tripaliare*, torturar, derivado de *tripalium*, espécie de instrumento de tortura. Este étimo que vem desde 1888 com Paul Meyer, é aceito por Carominas,⁷⁹⁵ Diego,⁷⁹⁶ Carolina Michaëlis,⁷⁹⁷ Nascentes,⁷⁹⁸ José Pedro Machado,⁷⁹⁹ Elise Richter,⁸⁰⁰ Cornu,⁸⁰¹ Leite de Vas-

⁷⁸⁸ Fernando de São Paulo, *Linguagem Médica Popular no Brasil*. Barreto & Cia. Livraria “A Capital dos Livros”, Rio de Janeiro, 1936, vol. II, pág. 320.

⁷⁸⁹ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.084.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 526, 1.018.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, págs. 724.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 435.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 769.

⁷⁹⁰ Manuel Rodrigues Lapa, “Livros de Falcoaria”, in *Boletim de Filologia*, ed. cit., tomo I, 1933, pág. 234.

⁷⁹¹ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 530.

— Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 291.

⁷⁹² Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*, ed. cit., pág. 742.

⁷⁹³ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 677.

⁷⁹⁴ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 392.

⁷⁹⁵ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, págs. 520-521.

⁷⁹⁶ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 531, 1.029.

⁷⁹⁷ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, ed. cit., pág. 89.

⁷⁹⁸ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 777.

⁷⁹⁹ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.098.

⁸⁰⁰ Elise Richter, *Beiträge zur Geschichte der romanismen/ Chronologische Phonetik des französischen bis zum Ende des 8. Jahrhunderts*. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1934, pág. 99.

⁸⁰¹ Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 985.

concelos,⁸⁰² Meyer-Lübke,⁸⁰³ Cortesão,⁸⁰⁴ Nunes.⁸⁰⁵ Ao lado desse há outro étimo, o primeiro em ordem cronológica, que é o substantivo *trabs*, proposto por Diez.⁸⁰⁶ A palavra aparece na cantiga número 98.

Treição.s.f. Corrutela de *traição*, do latim *traditione*, entrega.⁸⁰⁷ Encontra-se documentado já em 1152 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.⁸⁰⁸ A forma hoje popular *treição*, existiu na língua antiga⁸⁰⁹ e foi usada por Camões.⁸¹⁰ Aparece na cantiga número 124.

Trivissia.s.f. Corrutela de *travessia*, que é termo náutico, designativo do vento de través, isto é contrário à rota que segue um navio.⁸¹¹ Consequentemente, vocábulo derivado de *través*, do latim *transverse*.⁸¹² Entretanto, na cantiga número 66 está no lugar do vocábulo *travessura*.

Tupedêra.s.f. Corrutela de *torpedeira*, vaso de guerra. Deriva do substantivo *torpedo*, arma de guerra, mais o sufixo *eira*. Aparece na cantiga número 76.

Tustão.s.m. Corrutela de *tostão*. Não obstante circular no Brasil o tostão português, esta moeda só passou a ser cunhada

⁸⁰² José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, ed. cit., pág. 396.

⁸⁰³ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 741.

⁸⁰⁴ A.A. Cortesão, *op. cit.*, vol. II, pág. 141.

⁸⁰⁵ José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, ed. cit., pág. 60.

⁸⁰⁶ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 326.

⁸⁰⁷ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 733.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 778.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.099.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 110.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 531, 1.024.

⁸⁰⁸ *Portugaliae Monumenta Historica*, ed. cit., volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 380.

⁸⁰⁹ Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 58.

⁸¹⁰ Luís de Camões, *op. cit.*, canto II, estância 17.

⁸¹¹ Barão de Angra, *op. cit.*, pág. 195.

⁸¹² José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.105.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 782.

entre nós em 1833, por uma determinação da Regência, sendo retirada da circulação com a reforma monetária de 5 de outubro de 1942, que instituiu o *Cruzeiro*,⁸¹³ hoje reformado com a denominação de *Cruzeiro Novo*. Com referência à origem da moeda e sua denominação, há a seguinte explicação de Viterbo: — “Moeda de ouro e prata, e que propriamente se devia chamar testão, da palavra francesa antiga *teste*, ou *teston*, nome de certas moedas daquela nação nas quais se viam as cabeças dos Reis, que as mandavam cunhar, e que tinha o mesmo valor dos nossos *tostoens*. Assim de ouro, como de prata os mandou lavrar pela primeira vez El-Rei D. Manuel: os de ouro com valor de 1.200 reis, os de prata com valor de 100 reis; e da mesma sorte os *meios tostoens*; posto que a cabeça do Príncipe em nenhum delles se veja cunhada”.⁸¹⁴ Aparece na cantiga de número 54.

Vê.v. Corrutela de *ver*, verbo *ver*. Deriva do latim *videre*, responsável pelo romeno *vadeá*; português, *ver*; italiano, *vedere*; logudorês, *bidere*; engadinês, *vair*; friaulano, *vyodi*; francês, *voir*; provençal, *vezer*; catalão, *venire*; espanhol, *ver*.⁸¹⁵ Na língua antiga, encontra-se no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.⁸¹⁶ Aparece na cantiga número 139.

Vorta.s.f. Corrutela de *volta*. Origem oscilante entre *vol-tar*,⁸¹⁷ o hipotético *volvita*⁸¹⁸ ou então como estabelece Grandgent, a evolução do latim hipotético *vultus* ou *volvitus*, ao lado de *volutus*.⁸¹⁹ Aparece na cantiga número 2.

⁸¹³ Yolanda Marcondes Portugal, “A moeda na voz do povo”, in *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. VI, 1950, págs. 218-221.

⁸¹⁴ Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *op. cit.*, vol. II, pág. 257.

⁸¹⁵ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 777.

— Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 811.

— J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 701.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.156.

— Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 548, 1.049.

⁸¹⁶ Elza Pareco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 191.

⁸¹⁷ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 820.

— José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 836.

⁸¹⁸ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 556, 1.056.

— Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 789.

⁸¹⁹ C.H. Grandgent, *op. cit.*, pág. 267.

Yayá.s.f. Diminutivo de *sinhá*, corrutela de *senhora*. Ver o verbete *sinhô*. Aparece nas cantigas números 24, 25, 137.

Yoyô.s.m. Diminutivo de *sinhô*, corrutela de *senhor*. Ver o verbete *sinhô*. Aparece na cantiga número 22.

Zoa.v. Zoar. Adolfo Coelho deriva, com dúvida, de *soar*.⁸²⁰ Cornu⁸²¹ e Nunes⁸²² admitem que *zoar* existe ao lado de *soar*, acreditando que o *z* seja onomatopaico. Aparece na cantiga número 73.

Zóio. Assimilação do *s* final do artigo plural *os* ao substantivo *óio*, corrutela de *ólho*. Portanto, a expressão *os olhos* passou, na língua popular, para *o zóio*. Aparece na cantiga número 109.

ASPECTO FOLCLÓRICO

Nas cantigas de capoeira, o elemento folclórico é algo marcante e em todas elas soa freneticamente, aos ouvidos de quem as escuta. A incidência sobre temas esparsos do nosso folclore, não permitiu um agrupamento geral em blocos, para melhor apreciação, entretanto isso foi possível com a maioria, surgindo daí o agrupamento em Cantigas geográficas, Cantigas agiológicas, Cantigas de louvação, Cantigas de sotaque e desafio, Cantigas de roda e Cantigas de peditório.

Dentre as cantigas de temas esparsos, estão as que se referem ao jogo da capoeira e ao capoeira, cujo tema já foi estudado anteriormente. São as de números 5, 41, 46, 51, 52 e 113. A de número 5 se refere à *iuna*, toque de capoeira e ao capoeira, em sua ação delinquente, ação essa relatada nas cantigas de números 41 e 66. As de números 51 e 52 são louvação ao mestre de capoeira. Finalmente a de número 113 se refere aos golpes chamados *jogo de baixo* e *jogo de cima*. Ainda dentro do tema capoeira, está o berimbau nas cantigas

⁸²⁰ Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 1.238.

⁸²¹ Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 985.

⁸²² José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, ed. cit., pág. 95.

de números 9, 10, 54, 55, 56 e 66. Nas de números 9 e 10 é invocado sob o nome de *gunga*. Nas restantes, o instrumento aparece como peça importante, mas agora com o nome mais vulgar que é *berimbau*. O berimbau não está somente nas cantigas de capoeira, pelo contrário sua presença se faz mais freqüente entre os violeiros, nas cantigas de desafios. Do cego Sinfrônio Pedro Martins, Leonardo Mota colheu esta sextilha:—

Eu, atrás do cantadô,
Sou como Abêia por pau,
Como linha por agúia,
Como dedo por dedal,
Como chapéu por cabeça,
E nêgo por berimbau.⁸²³

Ainda Leonardo Mota, em *Violeiros do Norte*, registra outra sextilha, onde aparece o berimbau:—

Há uns cem anos atrás,
O tempo não era mau:
Lavavam roupa com cinza,
Guardavam louça em jirau,
Gaita era um bom instrumento,
Tinha valor berimbau.⁸²⁴

No Auto do Bumba-Meu-Boi ou Boi Surubi, recolhido por Gustavo Barroso, há a seguinte quadra:—

Mané Gostoso,
Perna de pau,
Que dança e toca
No berimbau!⁸²⁵

Finalmente, Sílvio Romero registra uma quadra popular onde ele aparece:—

⁸²³ Leonardo Mota, *Vaqueiros e Cantadores*, ed. cit., pág. 36.

⁸²⁴ Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*, ed. cit., pág. 140.

⁸²⁵ Gustavo Barroso, *Ao som da viola*, ed. cit., pág. 231.

Escutou e fêz sentido,
Atrepou depois num pau,
E toca a sericoria,
Parecendo berimbau.⁸²⁶

bem como no estribilho do Reisado da Borboleta, do Maracujá e do Pica-Pau, recolhido em Sergipe: —

Sinhá Maninha
De Campos de Minas,
Sinhô Mané, Corta-Pau,
Berimbau.⁸²⁷

Do berimbau com o nome de *gunga*, só encontrei, no *Mocambique* recolhido por José A. Teixeira, em Goiás, mesmo assim no gênero feminino: —

Piou na ponte
A ponte teremeu,
Dibaixo da ponti
O Canguçu gemeu.
Tempera a língua
Língua de mamã
Esta gunga
Papai é qui mandô.⁸²⁸

A superstição, mui característica do nosso povo, não podia deixar de estar presente nas cantigas de capoeira. Assim, nas de números 72 e 113 aparece o hábito de se ter de benzer ou fazer o *pelo sinal*, quando se está diante de qualquer coisa, má ou escabrosa. No caso da de número 72 é o *marimbondo*, na de número 113 é a presença do famoso e perigoso capoeirista *Besouro*.

Personagem que anda na boca do povo brasileiro, mui especialmente o baiano, é *Pedro Cem*, cuja vida é cantada em prosa e verso. É visto pela imaginação popular como pessoa

⁸²⁶ Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil*, ed. cit., vol. I, pág. 259.

⁸²⁷ Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil*, ed. cit., vol. I, págs. 336-337.

⁸²⁸ José A. Teixeira, *Folclore Goiano*, ed. cit., pág. 70.

prepotente e mais que isso a representação humana da sôv-nice. Cascudo, além de publicar uma foto da Torre de Pedro Cem, dá uma ligeira notícia do famigerado sovina, informando que nasceu no Pôrto lá mesmo falecendo a 9 de fevereiro de 1775. "Pedro Sem da Silva, o Pedro Cem, residia na Raba-leira perto da cidade. Era riquíssimo mas empobreceu, relativamente, sem que jamais chegasse à miséria. Viveu e morreu abastado. Seus três filhos herdaram e morreram ricos, especialmente Vicente Pedro Sem, grande proprietário no Dou-ro".⁸²⁹ A cantiga número 63 é um resumo de sua vida. Cascudo recolheu uma enorme e importantíssima estória de Pedro Cem, da qual há inúmeros resumos espalhados por toda parte, mui especialmente nos cantos de capoeira, a qual vai transcrita adiante: —

Vou narrar agora um fato
Que há cinco séculos se deu,
De um grande capitalista
Do continente europeu,
Fortuna que como aquela,
Ainda não apareceu.

*

Pedro Cem era o mais rico,
Que nasceu em Portugal,
Sua fama enchia o mundo
Seu nome anda em geral,
Não casou-se com rainha
Por não ter sangue real.

*

Em prédios, dinheiro e bens
Era o mais que havia,
Nunca deveu a ninguém

⁸²⁹ Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, ed. cit., pág. 691.

Todo mundo lhe devia,
Balanço em sua fortuna
Querendo dar não podia.

*

Em cada rua ele tinha
Cem casas para alugar,
Tinha cem botes no porto
E cem navios no mar,
Cem lanchas e cem barcas,
Tudo isto a navegar.

*

Tinha cem fábricas de vinho
E cem alfaiatarias,
Cem depósitos de fazendas
Cem moinhos e cem padarias
E tinha dentro do mar,
Cem currais de pescarias.

*

Em cada país do mundo
Possuía cem sobrados,
Em cada banco ele tinha
Cem contos depositados,
Ocupava mensalmente,
Dezesseis mil empregados.

*

Diz a história aonde eu li
O todo desse passado,
Que Pedro Cem nunca deu
Uma esmola a um desgraçado
Não olhava para um pobre,
Nem falava com criado.

Uma noite teve um sonho
Um rapaz o avisava
Que aquele orgulho dele
Era quem o castigava
Aquele grande fortuna
Assim como veio voltava.

*

Ele acordou agitado
Pelo sonho que tinha tido,
Que rapaz seria aquele?
Que lhe tinha aparecido.
Depois pensou, ora! sonho,
É devaneio do sentido.

*

Um dia, no meio da praça
Ele a uma moça encontrou,
Essa vinha quase nua,
Aos pés se ajoelhou
Dizendo: senhor? olhai!
O estado em que estou.

*

Ele torceu para um lado
E disse: minha senhora?
Olhe sua posição!...
E veja o que faz agora
Reconheça seu lugar,
Levante-se e vá embora.

*

Oh! senhor! por esse sol
Que de tão alto flutua,
Lembrai-vos que tenho fome
Estou aqui quase nua,
Sou obrigada a passar,
Nesse estado em plena rua.

Ele repleto de orgulho
Não deu ouvido, saiu,
A pobre ergue-se chorando
Chegou adiante caiu,
Vinha passando uma dama
Que com o manto a cobriu

*

Era a marquesa de Evora
Uma alma lapidada,
Tirando o seu rico manto
Cobriu essa desgraçada,
Ali conheceu que a pobre,
Foi pela fome prostada.

*

Levante-se minha filha
E pegando-lhe pela mão,
Dizendo a criada a ela:
Vá ali comprar um pão
Que a essa pobre infeliz,
Falta alimentação.

*

Entregando-lhe uma bolsa
Com quarenta e dois mil réis.
Apenas tirou dali
Um diploma e uns papéis
Não consentindo que a môça
Se ajoelhasse aos seus pés:

*

E com aquela quantia
Ela comprou um tear,
Tinha mais duas irmãs
Foram as três trabalhar
Dali em diante mais nunca,
Faltou-lhe com que passar.

Vamos agora tratar
Pedro Cem como ficou
E o nervoso que sentiu
Uma noite que sonhou
Que um homem lhe apareceu
E disse olhe bem quem eu sou.

*

Que tens feito do dinheiro
Que tomaste emprestado?
Meu senhor mandou saber
Em que o tens empregado?
E por qual razão cumpriu
As ordens que êle tem dado?

*

Ele perguntou no sonho
Mas que dinheiro eu tomei,
Até aos próprios monarcas
Dinheiro muito emprestei,
O vulto zombando dêle,
Disse: quem tu és eu sei.

*

Que capital tinhas tu
Quando chegastes ao mundo?
Chegastes nu e descalço
Como o bicho mais imundo
Hoje queres ser tão nobre,
Sendo um simples vagabundo.

*

E metendo a mão no bolso
Tirou dêle uma mochila,
Dizendo é esta a fortuna
Que tu hás de possuí-la,
Farás dela profissão,
Pedindo de vila em vila.

Pedro Cem sonhando disse:
Ave agoureira te some
Tua presença me perturba
Tua frase me consome
De qual mundo tu viestes?
Diz-me por favor teu nome.

*

Meu nome, disse-lhe o vulto
És indigno de saber,
Meu grande superior
Proibiu-me de dizer
Apenas faço o serviço
Que ele me manda fazer.

*

Despertando Pedro Cem
Daquilo contrariado,
Ter dois sonhos quase iguais
Ficou impressionado,
Resolveu contrafazer,
E ficar reconcentrado.

*

Pensou em tirar por ano
Daquela grande riqueza
Sessenta contos de réis
E dar de esmola à pobreza
Depois refletindo, disse:
Não me dá maior franqueza.

*

Porque ainda mesmo Deus
Querendo me castigar,
Não afundará num dia
Meus cem navios no mar,
As cem fazendas de gado,
Custarão a se acabar.

As cem fábricas de tecidos
Que tenho funcionando,
Os parreirais de uvas
Que estão todos safregando,
Cem botes que tenho no pôrto
Todo dia trabalhando.

*

Cem armazéns de fazendas
As cem alfaiatarias,
As cem fundições de ferro
Cem currais de pescarias
Os cem moinhos, cem padarias.

*

E as centenas de contos
Nos bancos depositados,
E tudo isso em poder
De homens acreditados
Ainda Deus querendo isso
Seus planos eram errados.

*

Pedro Cem naquela hora
Estava impressionado,
Quando aproximou-se d'ele
O seu primo criado,
E disse aí tem um homem,
Diz vos trazer um recado.

*

Manda que entre a pessoa
Ele ao criado ordenou:
Era um marinheiro velho
Chegando ali o saudou,
Que novas traz, meu amigo?
Pedro Cem lhe perguntou.

Disse o velho marinheiro:
Venho-vos participar,
Que dez navios dos vossos
Ontem afundaram no mar
Morreram as tripulações,
Só eu me pude salvar.

*

Que navios foram êsses?
Perguntou-lhe Pedro Cem,
Respondeu o marinheiro:
Foi "Tejo" e "Jerusalém"
E "Douro" e "Penafiel"
Os outros eu não sei bem.

*

Aquêlê inda estava ali
Outro portador bateu,
O empregado das vacas
Contou o que sucedeu;
Incendiaram os cercados
E todo o gado morreu.

*

Pedro Cem nada dizia
Ficando silencioso,
Apenas disse: na terra
Não há homem venturoso,
Quem se julga mais feliz
É pior que cão leproso.

*

Chegou outro portador
O empregado da vinha,
Disse o depósito estourou
Vazou o vinho que tinha
Pedro Cem disse: meu Deus!...
Que sorte triste esta minha.

Saiu aquêlê entrou outro
Era um coronel norueguês,
Disse nos mares do norte
Andava um pirata inglês,
Noventa navios vossos
Tomou êle de uma vez.

*

Meu Deus!... Meu Deus!... que fiz eu
Exclamava Pedro Cem
Não há homem nessê mundo
Que possa dizer vou bem,
Quando menos êle espera
A negra desgraça vem.

*

Dos cem navios que tinha
Alguns foram afundados
E outros pelos piratas
Nos mares foram tomados
Acrescentou a pessoa:
Vinham todos carregados.

*

Ali mesmo veio o mestre
Da barca "Flor do Mundo"
Êsse fitou Pedro Cem
Com silêncio profundo
Depois disse: sénhor marquês?!
Dez barças foram ao fundo.

*

Quatro vinham carregadas
Com bacalhau e azeite,
Duas vinham da Suécia
Com queijo, manteiga e leite,
De tôdas as mercadorias
Não tem uma que se aproveite.

Quatro das dez que afundaram
Traziam pérola e metal,
Só da Ilha da Madeira
Vinha um milhão em coral
Topázio, rubi, brilhante,
Ouro, esmeralda e cristal.

*

Pedro Cem baixou a vista
Nada pôde refletir,
Exclamou que faço eu?
Devo deixar de existir,
Mas matando-me não vejo,
Isso até onde pode ir.

*

Chegou o môço de campo
Tremendo e muito assustado
E disse: senhor marquês
Venho aqui horrorizado,
Deu murrinha nas ovelhas
E mal triste em todo gado.

*

Naquele momento entrou
Um rapaz auxiliar,
Esse puxando um papel.
Disse: venho procurar,
Tudo quanto se perdeu
Na barca "Ares de Mar".

*

Pedro Cem perguntou quanto
Tirou o môço uns papéis
Que se lia entre brilhantes
Pulseiras, colares, anéis,
Um milhão e quatrocentos
E vinte contos de-réis.

Entrou outro auxiliar
Disse eu quero pagamento,
Por tudo que se perdeu
No navio "Chave do Vento"
Que vinha da América do Norte
Com grande carregamento.

*

Chegou um tabelião
Dá licença sr. Marquês?
Venho lhe participar
Que o grande Banco Francês,
Dois Alemães, três Suíços,
Quebraram todos de vez.

*

Lá se foi minha fortuna
Exclamava Pedro Cem,
Ontem fui milionário
Hoje não tenho um vintém
Só mesmo na campa fria,
Eu hoje estaria bem.

*

Dando balanço nos bens
Que até desesperam.
Tudo quanto possuía
Não dava para pagar
Nem pela décima parte
Os prejuízos do mar.

*

Exclamava: oh! Pedro Cem
Que será de ti agora!
No pouco que me restava
A justiça fez penhora,
Pedro Cem de agora em diante
Vai errar de mundo afora.

Carpir esta sorte dura
Que a desventura me deu,
Talvez muitas vêzes vendo
Aquilo que já foi meu.
Em lugar que não se saiba
Quem neste mundo fui eu.

*

Ali no terraço mesmo
Forrando o chão se deitou,
Às onze e meia da noite
O sono conciliou
No sono sonhando viu,
O rapaz que lhe falou.

*

Aquêle perguntou, Pedro
Como te fôste de emprêsa,
Já estás conhecendo agora
Quanto é grande a natureza?
Conheceste que teu orgulho
Foi quem te fêz a surpresa?

*

Metendo a mão na algibeira
Dali um quadro tirou
Onde havia dois retratos
Que a Pedro Cem os mostrou
Conheces êsses retratos?
O rapaz lhe perguntou.

*

Via-se naquele quadro
Uma dama bem vestida
Pedro Cem disse por sonho:
Essa é minha conhecida
A outra uma môça pobre
Com fome no chão caída.

Perguntava-lhe o rapaz:
Quem é esta conhecida?
É a marquesa de Evora
E esta que está caída?
Essa? é uma miserável,
Dessa classe desvalida.

*

O rapaz puxa outro quadro
Verde côr de esperança,
Onde via-se uma monarca
Suspendendo uma balança
Estava pesando nela
Caridade e esperança.

*

Mostrou-lhe mais quatro quadros
Que Pedro Cem conheceu,
Tinha a marquesa de Evora
Quando a bolsa à pobre deu
Que estirou a mão dizendo:
Toma êste dinheiro que é teu.

*

No quadro via-se um anjo,
Assim nos diz a história,
Com uma flor onde se lia:
Jardim da eterna glória,
Presenteado por Deus,
Esta palma de vitória.

*

Quem planta flôres tem flôres
Quem planta espinho tem espinho
Deus mostra ao espírito fraco
O que nega ao mesquinho,
A virtude é um negócio
A boa ação um pergaminho.

Depois que êle acordou
Triste impressionado,
Interrogava a si próprio
Por que sou tão desgraçado?
Achou na cama a mochila,
Com que tinha sonhado.

*

Será esta a tal mochila
Que o fantasma me mostrou;
É esta que o homem em sonho
Em desespero exclamou:
Na noite em que a cruel sina,
Por sonho me visitou.

*

De tudo restava apenas
A casa de moradia,
Essa mesmo embargaram
Antes de findar-se o dia
Então disse Pedro Cem,
Cumpru-se a profecia.

*

Lançando a mão na mochila
Saiu no mundo a vagar
Implorando a caridade
Sem alguém nada lhe dar,
Por umas cinco ou seis vezes
Tentou se suicidar.

*

Êle dizia nas portas:
Uma esmola a Pedro Cem,
Que já foi capitalista
Ontem teve, hoje não tem
A quem já neguei esmola
Hoje a mim nega também.

Foi êle cair com fome
Em casa daquela môça,
Quando foi à porta dêle
Com fome, frio e sem fôrça,
Que êle não quis olhá-la
A marquesa deu-lhe a bolsa.

*

A criada o viu cair
Exclamou: minha senhora!...
Ande ver um miserável,
Que caiu de fome agora,
Onde? perguntou a môça
Ama disse: ali fora.

*

A môça disse à criada:
Que trouxesse leite e pão
Aproximando-se dêle
Disse: o que tens meu irmão
Bateste em tôdas as portas
Não encontraste cristão.

*

Senhora! se vós soubésseis
Quem é êsse desgraçado,
Não abrirás a porta
Nem me davas êsse bocado.
Respondeu ela: conheço,
Mas eu esqueço o passado.

*

Me recordo que a marquesa
Fêz minha felicidade,
Viu-me caída com fome
Teve de mim piedade,
Deu-me com que comprar pão
E esta propriedade.

Pedro Cem se levantou
Disse obrigado e saiu,
Andando duzentos passos
Tombou por terra, caiu
E umas frases tocantes,
Em alta voz proferiu:

*

"Vai unir-se à terra fria
O que não soube viver
Soube ganhar a fortuna
Mas não soube perder
Se tenho estudado a vida
Tinha aprendido a morrer.

*

Foi como a corrente d'água
Que pela serra desceu,
Chegou o verão e secou
Ela desapareceu,
Ficando só os escombros
Por onde a água correu.

*

Eu tive tanta fortuna
Não socorria a ninguém,
A todos que me pediram
Eu nunca dei vintém,
Hoje preciso pedir,
Não há quem me dê também.

*

Não desespero, pois sei
Que grandes rimas hoje expio,
Nasci em berços dourados
Dormi em colchão macio
Hoje morro como os brutos
Neste chão sujo e frio.

Foram as últimas palavras
Que êle ali pronunciou,
Margarida aquela môça,
Que a marquesa embrulhou
Botou-lhe a vela na mão,
Êle ali mesmo expirou.

*

A justiça examinando
Os bolsos de Pedro Cem,
Encontrou uma mochila
E dentro dela um vintém
E um leteiro que dizia:
Ontem teve e hoje não tem.⁸³⁰

CANTIGAS DE ESCÁRNIO E DE MAL DIZER

As cantigas de escárnio e de mal dizer, correntes nos cantos de capoeira, povoam os cancioneiros medievais portugueses, infelizmente trancafiadas, em parte, a sete chaves nos arquivos, sob o pretexto de obscenas. No período que vai de 1896 a 1905, a grande Carolina Michaëlis de Vasconcelos escreveu cerca de 15 artigos na *Zeitschrift für Romanischen Philologie*, sob o título de *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*, onde publica e comenta algumas dessas cantigas proibidas. Mais tarde, em 1904, quando editou o *Cancioneiro da Ajuda*, incluiu inúmeras delas. Mas, para alegria de todos e maior esclarecimento de nossa lírica medieval, mestre Rodrigues Lapa vem de publicar *Cantigas D'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*,⁸³¹ em edição crítica, onde essas cantigas malditas vêm a lume, sem a preocupação de ferir o pudor, o que não causou senão prejuízo à nossa literatura medieval. Esse tipo de cantiga, na

⁸³⁰ Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores*, ed. cit., págs. 206-211.

⁸³¹ Manuel Rodrigues Lapa, *Cantigas D'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Editorial Galáxia, Colección Filoxica, Coimbra, 1965.

capoeira, está representada pelas de números 13, 17, 26, 27, 28, 29, 33, 38, 43, 57, 65, 68, 83, 91, 109, 110 e 131.

As de n.ºs 13, 27, 28, 110 e 131 se referem à côr negra, como símbolo do desprezível, do malefício, do diabo, partindo dessa premissa para toda espécie de escárnio. Em Portugal o fenómeno é muito comum. Leite de Vasconcelos chama atenção disso ao comentar a cantiga de regaço e de berço: —

Vai-te embora Papão negro,
Deixa o menino dormir:
Venham os Anjinhos do Céu
Ajudá-lo a cobrir.⁸³²

fazendo alusão ao hábito existente também na Alemanha, com certos animais, como o cão pastor e as ovelhas. Com referência às ovelhas existe caso idêntico no Brasil, onde se fala da *ovelha negra* do rebanho, que na Alemanha se usa para aterrar as crianças. Para ilustrar suas observações, Carolina Michaëlis, conforme afirma, cantou para êle esta cantiga de berço, onde a ovelha negra vem como elemento aterrador: —

Schlaf, Kindchen, schlaf!
Da draussen stehn zwei Schaf(e),
Ein schwarzes und ein Weisses;
Und wenn das Kind nicht artig ist,
So kommt das schwarzes und beisst es.⁸³³

No Brasil, de um modo geral, o bicho prêto tirado para a superstição foi o bode, que se faz associação a uma deidade periculosa africana chamada Exu e o galo prêto que é o animal consagrado a êsse deus. Inclusive essa deidade é concebida em côr negra.

A de número 17 é uma cantiga de escárnio, onde se maltrata alguém desejando as piores doenças, como *tinha*, *doença do ar*, *sarna* e *praga de galinha*. Nos cancioneiros medievais portugueses, há uma cantiga de autoria de Pero Vivíaz, onde

⁸³² José Leite de Vasconcelos, "Canção de Berço/Segundo a tradição popular portuguesa", in *Revista Lusitana*, ed. cit., vol. X, 1907, pág. 36.
— José Leite de Vasconcelos, idem, in *Opúsculos*/(Etnologia (parte II) vol. VII, ed. cit., pág. 840.

⁸³³ José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, ed. cit., vol. VII, pág. 896.

se escarnece um pobre homem pelas doenças que tinha, semelhante à da cantiga número 17, devido às suas práticas homossexuais:

Vós, que por Pero Tinhoso preguntardes
dele saber novas certas per mim, poi-las non sabedes,
achar-lh'-edes tres sinaes per que o conhoscerdes;
mais esto que vos eu digo non vo-lo sabia nengũu:
aquel é Pero Tinhoso que traz o toutiço nũu
e traz o cancer no pisso e o alvarez no cuu.

Ja me por Pero Tinhoso preguntastes noutro dia
que vos dissess'eu d'el novas, e enton as sabia,
mais por estes tres sinaes quen-quer o conhesceria;
mais esto que vos en digo non vo-lo sabia nengũu:
aquel é Pero Tinhoso que traz o toutiço nũu
e traz o cancer no pisso e o alvarez no cuu.

Vós, que por Pero Tinhoso mi ora íades perguntando
que vos dissess'end'el novas, ir-vo-las quer'eu escançando
achar-lh'-edes tres sinaes, se lhe ben fordes catando,
mais esto que vos eu digo non vo-lo sabia nengũu:
aquel é Pero Tinhoso que traz o toutiço nũu
e traz o cancer no pisso e o alvarez no cuu.⁸³⁴

Este problema de praga com moléstia é também comum entre os cantadores. Em Leonardo Mota, no desafio que editou de Rodrigues de Carvalho e Maria Tebana, há uma sextilha dessa espécie: —

Eu cumo ja tou com raiva,
Te rogo uma praga ruim:
Deus primita que te nasça
Bouba, sarampo e lubim,
Procotó, bicho de pé,
Inchaço e molestia ruim.⁸³⁵

Ainda nesta cantiga há referência à *praga de galinha*, que é uma espécie de parasita dos galináceos, de percepção invi-

⁸³⁴ Manuel Rodrigues Lapa, *op. cit.*, pág. 588.

⁸³⁵ Leonardo Mota, *Cantadores*, ed. cit., pág. 172.

sível e que incomoda terrivelmente, passeando pelo corpo humano, deixando uma sensação desagradável, fazendo com que as pessoas fiquem irritadas. Quanto à *doença do ar*, que é uma espécie de congestão cerebral, está bastante espalhada no folclore, com uma infinidade de rezas e benzeduras, sobre a qual há uma síntese feita por Fernando São Paulo.⁸³⁶ Piso a ela se refere.⁸³⁷ O processo folclórico de cura já vem de longe. Dêle há notícia nas Denúncias da Bahia de 1591 a 1593, quando da denúncia contra *Mecia Roiz* a 4 de novembro de 1591.⁸³⁸

As cantigas de números 26, 65 e 68 falam da mulher, quer no seu comportamento moral para com o marido, quer no seu ciúme doentio de mulher. O tema é objeto de canto também dos violeiros. Anísio Melhor recolheu do famoso cantador Zé Gamela esta quadra: —

Quem ama a mulhé casada
Não tem a vida segura:
Ou mata, ou morre, ou se some,
Se engorda perde a gordura.⁸³⁹

Em Portugal, Leite de Vasconcelos recolheu na Granja Nova, concelho de Mondim da Beira, em março de 1877, o romance *A Mulher Falsa ao Homem*, cujo texto é o seguinte: —

Indo eu para a campanha,
Esqueceu-me a espingarda;
Tornei para atrás por ela,
Achei a porta fechada.
— Ó mulher abra lá a porta,
Que me esqueceu a espingarda.
(Ninguém responde)
Arrombei-a co'o ombro esquerdo,
Atirei co'ela ao meio da casa.

⁸³⁶ Fernando de São Paulo, *op. cit.*, vol. I, págs. 99-106.

⁸³⁷ Guilherme Piso, *História Natural do Brasil*, ed. cit., pág. 23.

⁸³⁸ *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça* — Denúncia da Bahia 1591/1593. São Paulo, 1925, pág. 553.

⁸³⁹ Anísio Melhor, *Violas/Contribuições ao estudo do folclore baiano*, Imprensa Vitória, Bahia, 1935, pág. 81.

— Que é isto, ó mulher?
Que vai cá por nossa casa?
— Cala-te lá, ó marido,
Temos a vida arranjada,
Que um senhor religioso
Prometeu capote e saia.
— Mulher que tal fala dá
Merece ser queimada
Em trinta carros de palha,
E outros tantos de ramalha.
(O homem matou a mulher).⁸⁴⁰

A cantiga número 65 encontra-se entre os cantadores. Leonardo Mota recolheu em Quixadá, da boca de um negro chamado Severino, as seguintes sextilhas, como sendo as únicas coisas de sua autoria: —

Ha quatro coisa no mundo
Que afragela um cristão:
É uma muié ciumenta,
É um menino chorão,
É uma casa que goteja
E é um burro topão.

*

O menino se acalenta,
A casa a gente reteia,
O burro se apara os casco,
Tudo isso se arremedeia:
Mas o diabo da muié
Só se indo com ela à peia!⁸⁴¹

Falando mal, de um modo geral, das pessoas ou duvidando da masculinidade, atribuindo alcoolismo a alguém, é o que se vê nas cantigas números 33, 38, 43, 57, 83 e 91. Finalmen-

⁸⁴⁰ José Leite de Vasconcelos, "Romances populares portugueses coligidos de tradição oral (1880)", in *Opúsculos/Etnologia* (Parte II) vol. VII, ed. cit., pág. 952.

⁸⁴¹ Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*, ed. cit., pág. 252.

te a cantiga número 109, além de ser terrivelmente escarnosa é, ao mesmo tempo, pornográfica, encontrando paralelo nos cancioneros medievais portugueses, nesta cantiga de Afonso Eanes do Coton: —

Marinha, en tanto folegares
tenho eu por desaguisado;
e são mui maravilhado
de ti, por non (ar) rebentares:
ca che tapo eu (d) aquesta minha
boca a ta boca, Marinha;
e con estes narizes meus
tapo eu, Marinha, os teus;
e co'as mãos as orelha,
tapo-t'ao primeiro sono
da mia pissa o teu cono,
como me non vej'a nengũu,
e dos colhões esse cuu.
Como non rebentas, Marinha?⁸⁴²

CANTIGAS DE BERÇO

No Brasil, as cantigas de berço, regaço e acalantar são inúmeras não só as trazidas pelos portugueses, como as modificadas pela boca africana. Lembro-me bem, quando criança, ouvir várias delas como: —

Sussu cambê
Bê ê, bê ê, bê
Vem pegá esse minino
Bê ê, bê ê, bê
Qui não qué durmí
Bê ê, bê ê, bê
E só qué chorá
Bê ê, bê ê, bê.

⁸⁴² Manuel Rodrigues Lapa, *op. cit.*, pág. 88.

Su, su, sussu
Minino Mandu
Cara de gato
Nariz de piru.

*

Esse minino
É do ceu não se cria
Tem um buraco
No cu qu'ele assuvia.

*

Esse minino
Não dorme na cama
Dorme no regaço
De Senhora Santana.

*

Chuvê, chuvê,
Ventá, ventá
Quem te pariu
Que te dê o qui mamá.

Da penúltima dessas cantigas existe semelhante em Valpaços, em Portugal: —

Minino bonito
Não dorme na cama
Dorme no regaço
Da Virgem Santana.⁸⁴³

Da última, Sílvio Romero colheu, aqui na Bahia, a seguinte variante: —

Chover, chover,
Ventar, ventar...
É nos braços de Maria
Qu'eu me quero acalantar.⁸⁴⁴

⁸⁴³ José Leite de Vasconcelos, *Canção de Berço*, ed. cit., pág. 844.

⁸⁴⁴ Sílvio Romero, *op. cit.*, vol. II, pág. 499.

Dentre as cantigas de capoeira assim enquadradas, está a de número 6.

CANTIGAS DE DEVOÇÃO

As cantigas de devoção existentes na capoeira são um gênero comuníssimo em Portugal. Excelente coleta fez J. Osório da Gama e Castro, sobressaindo-se como as mais curiosas as de *A Senhora de Couto*, *A Senhora da Lomba* e *O Senhor do Calvário*.⁸⁴⁵

Nas de capoeira, as de números 3 e 53 têm como invocação *São Cosme* e *São Damião*, santos popularíssimos na Bahia, sincretizados com o deus gêgê-nagô *Ibeji*, o qual tem ritual no Candomblé fundado pela finada Flaviana Maria da Conceição Bianchi, chamado *Corda de Beji*. É festejado, sincreticamente, a 25 de setembro havendo antes a famosa *Missa Pedida*, que a verve popular aproveita para se divertir, dizendo: —

Missa Pedida,
São Cosme, São Damião:
Um é corno, outro é ladrão.

Nas residências familiares, há o célebre *caruru de São Cosme*, que em algumas casas se dá um tom meio ritualístico, dentro do espírito africano. Assim, antes de tirar a comida para colocar no alguidar dos santos, tira-se um pouco de cada coisa, embrulha-se em folhas de bananeira e se joga numa encruzilhada para Exu. Após então é que se tira a do santo e a dos *sete meninos*, que é colocada numa bacia de alumínio no chão, vindo os referidos meninos, levantando e arriando três vezes com o seguinte canto: —

Vamos levantá
O Cruzêro de Jesus
Aê, aê
Aos pés da Santa Cruz.

⁸⁴⁵ J.C. (J. Osório da Gama e Castro), "Cantigas Devotas", in *Revista Lusitana*, 1900-1901, vol. VI, págs. 255-261.

Findo isso, servem-se do que há na bacia, ao som das seguintes cantigas: —

Dois dois
É minino vadio
Dois dois
Ele qué vadiá.

*

Quando eu vim
De lá de cima
Encontrei São Damião
Carregadinho de cabaça
Com as cabaças na mão

Underê Damião
Com as cabaças na mão
Underê Damião
Com as cabaças na mão.

*

Cosme Damião
Dou e Alabá
Ajude a vencê
Essa batalha riá.

Há uma série de fatos inéditos referentes à dupla São Cosme e São Damião, mas que, infelizmente, não cabe aqui desenvolver. Há também uma extensa bibliografia sobre o assunto.

As cantigas de números 8, 11, 35, 114, 122, 138 são invocativas da proteção de *São Bento*, contra mordedura de cobra, tradição essa espalhada por todo o território nacional. Lembro-me bem, quando garoto, ouvir sempre se dizer, *está preso pelos cordões de São Bento*, três vezes, quando se via passar um bicho peçonhento, a fim de que ficasse imóvel e se pudesse matá-lo. Oswaldo Cabral traz uma série de orações de São Bento, contra cobras e animais venenosos, as quais são

de caráter preventivo e curativo. Nas cantigas de capoeira, as invocações a São Bento são de caráter preventivo. Dentre as de caráter preventivo publicadas por Oswaldo Cabral está a que se segue: — “Meu glorioso São Bento, que subiste ao altar, desce de lá, com tua água benta e benze os lugares por onde eu andar, afugenta as cobras e bichos peçonhentos: que não tenham dentes para me morder nem olhos para me olhar. Valha-me, São Bento, Filho, valha-me meu Anjo da Guarda e valha-me a Virgem Maria. Amém”.⁸⁴⁶ As de números 28 e 40 são invocação a Nossa Senhora e Santa Maria, a mais freqüente e a mais antiga de todas as invocações, datando dos primórdios da colonização. Finalmente, a cantiga número 102 fala da *oração de São Mateus*. Nunca ouvi nenhuma oração ou crença ligada a êsse apóstolo, na Bahia. Entretanto, Oswaldo Cabral, na série de orações para cessar hemorragias, dá uma dezena de orações de São Mateus, com tal finalidade, como a que se segue: —

Estavam São Lucas e São Mateus,
Sevando ervas em campos seus;
Cortou-se Lucas, disse Mateus:
— Que tanto sangue!
Sangue, põe-te em ti
Como Jesus Cristo se põe em si;
Sangue, põe-te nas veias,
Como Jesus Cristo se pôs na sua Santa Ceia
com seus doze apóstolos;
Sangue, põe-te no corpo, como Jesus se pôs
na hora da sua morte;
Em nome das Três Pessoas da Santíssima Trindade,
Que é Deus Pai, Filho e Espírito Santo.⁸⁴⁷

CANTIGAS AGIOLÓGICAS

Agrupei sob a denominação de *Cantigas agiológicas* todas as cantigas que se referem a santos católicos ou personagens

⁸⁴⁶ Oswaldo Cabral, *A Medicina Teológica e as Benzeduras/suas raízes na história e sua persistência no folclore/Separata da Revista do Arquivo*, n.º CLX, Departamento de Cultura, São Paulo, 1958, pág. 165.

⁸⁴⁷ Oswaldo Cabral, *op. cit.*, pág. 131.

bíblicas, em que detalhes ou toda história de suas vidas são mencionadas direta ou indiretamente, nessas cantigas.

A personagem bíblica *rei Salomão* é mencionada nas cantigas números 3, 53, 60, 70, pela sua lendária sabedoria. São Bento, abade falecido no ano 543, é invocado pela crença que se tem de que advoga contra as cobras e bichos peçonhentos, nas cantigas números 8, 35, 111, 114, 122 e 138. *Nossa Senhora* e *Santa Maria* são invocadas, tendo em vista o instinto materno de que pode interferir junto a Deus, seu filho, como se vê nas cantigas números 28 e 40. *Adão* e *Salomé*, personagens bíblicas, estão presentes na cantiga número 61, sem qualquer exploração, a não ser da sua grande presença no fabulário do povo baiano. Finalmente, o apóstolo *São Pedro*, como soldado de Cristo que foi, é assim mencionado na cantiga número 70.

CANTIGAS GEOGRÁFICAS

Cantigas focalizando vilas, cidades, estados e países estão não só nas cantigas de capoeira, como em cantos outros do folclore. Anísio Melhor coletou as seguintes quadras, em que falam de várias localidades da Bahia e do Brasil: —

Caixa-Pregos tem baleia,
S. Amaro tem xangó
Jaguaripe petitinga,
Nazaré tem mocotó.

No Mundo Nôvo tem bota,
No Camisão tem jabá,
Capote na Fortaleza
Relógio no Pindobá.

Piauí pra criá boi,
Pajeú pra valentão
Mata do Sul pra cacau,
S. Estevam pra ladrão.

Nova Lage pra canário,
Amargosa pra café,
Pra sabiá Água-Branca
S...Felipe pra muié.⁸⁴⁸

As cantigas de capoeira de números 2 e 66 mencionam o *Rio de Janeiro*, o qual é também muito cantado em Portugal nas seguintes cantigas: —

Já não há papel em Braga,
Nem tinta no tinteiro,
Pra escrever ao meu amor
Para o Rio de Janeiro.

*

Aquêlé navio nôvo,
Que se fêz no estaleiro,
É que me há de a mim levar
Para o Rio de Janeiro.

*

Tu dizes que não há rosas
Lá no Rio de Janeiro?
Inda ontem tirei uma
Do peito dum marinheiro.

*

Vila Nova já foi vila
Agora é um chiqueiro:
Quem quiser môças bonitas
Vá ao Rio de Janeiro.⁸⁴⁹

⁸⁴⁸ Anísio Melhor, *op. cit.*, pág. 44.

⁸⁴⁹ J. C. (J. Osório da Gama e Castro), *op. cit.*, vol. VI, pág. 271-331; vol. VII, pág. 58.

Luanda, cuja aparição é na cantiga número 2, está fartamente representada em nosso folclore: —

Ó lelê! Ó lelê
Ó pretinhos de Luanda!

Filho do Rei Catroquês,
Afilhado de Maria,
Almirante de Luanda,
Embaixador da Turquia!

*

General de meu monarca
Não me vendo por dinheiro!
Segue, segue de Luanda,
Vais morrer prisioneiro.⁸⁵⁰

A *ilha de Maré*, que vem mencionada nas cantigas números 61 e 64, já vem sendo cantada de há muito, haja vista Botelho de Oliveira, o primeiro poeta brasileiro cronologicamente, nascido na Bahia em 1636, na referida ilha. O *Japão* aparece nas cantigas números 76 e 78, por influência dos comentários da imprensa, no que tange à eterna rusga em que viviam a China e o Japão e também pelo fato de na Segunda Guerra Mundial esse país estar em posição contrária ao Brasil. A *Bahia*, cidade e estado, das cantigas números 76, 82 e 126, está cantada em todo o folclore nacional e também no português nestas quadras: —

As mulatas da Bahia
Já comem bacalhau:
Comem bôlo de arroz doce,
Bela farinha de pau

*

Quem me dera dar um ai
Que se ouvisse na Bahia;
Que dissesse o meu amor
Aquêlé ai... de quem seria?⁸⁵¹

⁸⁵⁰ Gustavo Barroso, *op. cit.*, pág. 202, 207, 217.

⁸⁵¹ J. C. (J. Osório da Gama e Castro), *op. cit.*, vol. VI, pág. 270.

O Estado do Piauí aparece nas cantigas números 76 e 126. É um estado visado pela imaginação popular, devido à sua importância na alimentação do Brasil, no que tange ao gado, daí se cantar até hoje: —

O meu boi morreu
Qui será de mim
Vô mandá buscá ôtro
Meu bem, lá no Piauí.

O Paraguai vem na cantiga número 103, devido ao fato histórico da *Guerra do Paraguai*. Há uma passagem disso no ABC de João Mendes de Oliveira: —

Na Alemanha o rei Guilherme
Há muito se preparou,
Tem muitos vaso de guerra,
Ninguém sabe onde arranjou...
O Lope do Paraguai
Tambem assim se enrascou.⁸⁵²

Gustavo Barroso recolheu a seguinte *embolada*: —

Foi o Marquês de Caxias
Que já me mandou chamar,
Para ir ao Paraguai,
Para aprender a brigar.
Vou-me, vou-me embora,
Vou-me embora para o mar!⁸⁵³

O Brasil que aparece nas cantigas números 78 e 82 é também cantado em Portugal nestas quadras: —

Eu quero ir ao Brasil,
Mas não é pra ter dinheiro;
É só pra ter fama
De me chamar brasileiro.

⁸⁵² Leonardo Mota, *Cantadores*, ed. cit., pág. 155.

⁸⁵³ Gustavo Barroso, *op. cit.*, pág. 503.

Marinheiro d'água doce,
Pra que parte navegaís?
— Para as partes do Brasil:
— Boa viagem ficais!

*

Se eu quisesse árvores,
Tinha mais de cem mil,
Rapazinhos ricos
Vindos do Brasil.

*

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir,
Numa lancha p'ra Lisboa,
Numa nau para o Brasil.⁸⁵⁴

Finalmente, *Itabaianinha* que vem na cantiga número 107 está nos versos do cantador alagoano Manuel Moreira, de Atalaia, que cantou em Canindé durante os festejos de São Francisco das Chagas: —

Fui nas Areia
Ver a riqueza da cana,
Depois fui a Itabaianinha
Mode ver gado comprá...
Tive no Ingá,
Pedra de Fogo, Espírito Santo,
Que já fica num recanto
Entre o sertão e o mar!⁸⁵⁵

CANTIGAS DE LOUVAÇÃO

São cantigas louvando as habilidades e bravuras dos famosos capoeiristas *Paulo Barroquinha*, cantiga 123; *Dois de*

⁸⁵⁴ J.C. (J. Osório da Gama e Castro), *op. cit.*, vol. VI, pág. 318.

⁸⁵⁵ Leonardo Mota, *Sertão Alegre*, ed. cit., pág. 125.

Ouro, cantigas 124 e 125; Pedro Mineiro, cantigas 126, 127 e 128; finalmente Besouro Cordão de Ouro, cantigas 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135 e 136.

CANTIGAS DE SOTAQUE E DESAFIO

O sotaque e o desafio é muito do negro, não só entre cantadores, capoeiristas e mesmo entre o pessoal do candomblé, que o faz em pleno ritual, cantando para este ou aquele orixá. Nessa questão de sotaque e desafio o negro é a grande vítima, sendo ridicularizado ao máximo, sobretudo quando o compara ao *macaco* ou ao *anum*, pássaro preto com um bico grande e grosso, daí se dizer que o negro tem *bico de anum*, isto é, tem os lábios grossos à semelhança do pássaro: —

O anu é pássaro preto,
Pássaro de bico rombudo,
Foi praga que Deus deixou
Todo negro ser beicudo.⁸⁵⁶

Entre os cantadores, houve uma contenda célebre entre Manuel Macedo Xavier (Manuel Ninô) e Daniel Ribeiro, no povoado de Barcelona, município de São Tomé, no Rio Grande do Norte, recolhido por Cascudo, que vale a pena ser transcrita devido à importância do material nela cantado: —

M — Negro feio do quengo de cupim
Nefasto da perna de tição
Babeco da boca de furão
Tu viestes enganado para mim
Que mata na terra todo vivo
Me acho bastante pensativo
Em ver-me com ele aliás
Dou-te figa nojento satanaz
Nefário moleque incompassivo.

D — Capanga do beijo arrebitado
Fateiro, bode da mão torta
Maldizente, machado que não corta
Preguiçoso, cachorro arrepiado.
Negligente, luzório, acanhado
Lambareiro, frei-sabugo, péla-bucho
Língua preta, bigode de capuxo,
Barulhento, sufocante e abafado,
Sem vexame, pateta debochado
Sapo-sunga, faminto, rosto murcho.

M — Pedante, cambado, mentiroso
Catuno, nojento, feiticeiro
Gabola, ridículo, desordeiro
Bandido, fiota, vaidoso
Sambista, pilhérico, audacioso.

D — Todo cabra amarelo é traiçoeiro
E você com especialidade
Que vive fazendo falsidade
Com teu pai um amigo verdadeiro
Tenho brio, maroto galhofeiro
Tramela, prestimania, parolento,
Refratário, rabioso, peçonhento
Solfeiro, nefando, presunçoso
Surumbático, tristonho, caviloso
Poeta interino, rabugento.

Soberbo, pezunho e traidor
Abuzo, bichão, conspirador
Amarelo, sumítico, desvalido
Babaquara, cavalo entrometido,
Infame, infeliz conquistador

D — Malfazejo, sujeito falador
Amarelo da cara de pandeiro
Ôvo chôco fedorento, estradeiro
Encredulo, papia, roubador
De mentir esse bicho muda a cor

⁸⁵⁶ Silvío Romero, *op. cit.*, vol. II, pág. 578.

Quando abre o bicão na sala alheia
Estronda igualmente uma baleia
Cantador de gesto aborrecido
O teu nome aqui 'stá conhecido
Por alpercata furada sem correia.

M — Quisília, relaxo, sem futuro
Pisunho, chibante caraolho
Te retira daqui zarolho
Beijo murcho, recanto de monturo
Zumbido, sujeito de pé duro
Ladrão massilento, flagelado
Maluco, cachimbo desbocado
Lambe-ôlho, aleijo cabeçudo
Remelento, cavalo barrigudo
Te descreio, maldito escomungado

M — Carola, falsário, espragueijado
Bandido, safado, paspalhão
Tipo devasso sem ação
Polia de couro maltratado
Corpo sêco, fastio acovardado
Em Deus você nunca teve crença
Com cristão você não tem parença
Quando canta só solta termo imundo
Maluco, visão do outro mundo
Papa mólho, cachorro da doença

O mel por ser bom de mais,
As abelhas dão-lhe fim...
Você não pode negar
Que a sua raça é ruim,
Pois é amaldiçoada
Desde o tempo de Caim.

Você falou em Caim?
Já me subiu um calor!
Nesta nossa raça preta
Nunca teve um traidor...
Judas, sendo um homem branco,
Foi quem traiu Nosso Senhor!...⁸⁵⁷

A cantiga número 13 é uma dessas que satirizam o negro. As cantigas números 14, 45, 56, 66, 67, 77, 94, 106, 107, 108 e 118 são sotaques advertindo, sob várias maneiras, às pessoas que não se envolvam onde não podem, sobretudo mostrando que o tamanho e a força não funcionam muito, valendo apenas a inteligência, a habilidade, daí a cantiga 45 referindo-se ao *siri* que derrubou uma gameleira; a número 77 chamando atenção para a *baraúna* que caiu, quanto mais gente. A de número 66 invoca o cachorro que engole osso, argumentando que em alguma coisa ele se fia. Essa cantiga é comuníssima entre os violeiros. Leonardo Mota registra uma oitava falando disso: —

Cachorro que engole osso
Nalguma coisa se fia!
O casamento civi
É lei da maçonaria...
É pecado muié-dama
Ter nome de Maria,
E home até mesmo Padre,
Ter nome de Messias!⁸⁵⁸

Tôda a primeira parte da cantiga 66 foi recolhida por Anísio Melhor, sem nenhuma alteração.⁸⁵⁹ A cantiga número 67 se refere à história da *Donzela Teodora*, romance popularíssimo no Brasil e com centenas de variantes. Cascudo,⁸⁶⁰ que

⁸⁵⁷ Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores*, ed. cit. págs. 111-112.

⁸⁵⁸ Leonardo Mota, *Sertão Alegre*, ed. cit., pág. 75.

⁸⁵⁹ Anísio Melhor, *op. cit.*, pág. 96.

⁸⁶⁰ Luís da Câmara Cascudo, *Cinco Livros da Povo/Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil/Pesquisas e Notas/Texto das cinco tradicionais novelas populares/Donzela Teodora*, Roberto do Diabo, Princesa Magelona, Imperatriz Forcina, João de Cais/Informação sobre a

estudou e publicou o romance, cita a mais antiga edição da novela, a de 1498, publicada em Toledo por Pedro Hagembach. Das edições portuguesas, Inocêncio⁸⁶¹ dá como mais antiga uma impressa em Lisboa por Pedro Ferreira, datando de 1735, entretanto Cascudo, pesquisando na Biblioteca Nacional de Lisboa, descobriu uma edição anterior à que se refere Inocêncio — *Historia da Donzella Theodora, Em que trata da sua grande fermosura, e sabedoria/Traduzida do Castelhana em Portuguez, Por Carlos Ferreira; Lisbonense, Lisboa Occidental, Na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galvão. M.DCC.XII. Com todas as licenças necessárias, e Privilegio Real. A casa de Miguel de Almeida e Vasconcelos, Mercador de Livros na Rua Nova.*⁸⁶² Mas o importante da cantiga é que o romance da Donzela Teodora é em prosa, quando a dita é um trecho em verso, surgindo como variante de um único exemplar em verso conhecido e recolhido por Gustavo Barroso: —

Eram doze cavaleiros
Da donzela Teodora,
Cada cavalo uma sela,
Cada sela uma senhora,
Cada senhora dez dedos,
Cada dedo uma memória...⁸⁶³

CANTIGAS DE RODA

Das cantigas de roda infantis do nosso folclore, só chegou ao meu conhecimento uma, a de número 89, que é cantada em todo o Brasil por crianças, capoeiristas e cantores profissionais de rádio e televisão. Gustavo Barroso, na edição que

História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1953, pág. 37.

⁸⁶¹ Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliographico Portuguez/Estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicados a Portugal e ao Brasil*, 2.^a edição, Imprensa Nacional, Lisboa, 1925, vol. II, pág. 30.

⁸⁶² Luís da Câmara Cascudo, *Cinco Livros do Povo*, ed. cit., págs. 38-39.

⁸⁶³ Gustavo Barroso, *Tição do Inferno* (Romance bárbaro), Benjamin Costallat & Miccolis, Editores, Rio de Janeiro, 1926, pág. 44.

deu do *Auto dos Congos*, apresenta uma variante da referida roda, cantada por uma personagem do auto: —

O Secretário:

Panhe a laranja no chão
Tico-tico, tico-tico!

Côro:

Voa, pavão,
Deixa voar!

O Secretário:

Quando meu bem fôr embora,
Eu não fico, eu não ficol!⁸⁶⁴

CANTIGAS DE PEDITÓRIO

As cantigas de peditório constituem uma característica dos violeiros cegos, havendo muitas delas já sido recolhidas dentre as quais esta por Anísio Melhor:

Quando Deus andou no mundo
A São Pedro disse assim:
Quem não quer pobre na porta
Também não me quer a mim

Meus irmãos me dê uma esmola
Peço por Nosso Sinhô,
Pelo cálix, pela hóstia
Que hoje se alevantou!

Ai de quem perdeu a vista,
A luz que mais alumeia
Meus irmãos me dê uma esmola
Pela mãe de Deus das Candeias.

⁸⁶⁴ Gustavo Barroso, *Ao Som da Viola*, ed. cit., pág. 192.

Quem me deu a santa esmola,
Me deu de bom coração.
Nossa Senhora lhe pague
No céu dê a salvação.

Quando um cego pede esmola
E recebe incontinente;
A porta do céu se abre
Deixa entrar um penitente.⁸⁶⁵

Dentre as de capoeira, aparece apenas na de número 11, quando o mestre canta pedindo uma contribuição monetária aos presentes.

ASPECTO ETNOGRÁFICO

O capoeirista de hoje narra durante o *jôgo da capoeira*, através do canto, toda uma epopéia do passado de seus ancestrais. Nas cantigas de números 1 e 2 procura mostrar a sua condição de escravo e o conseqüente estado de inferioridade perante os demais. Luanda, cantada e recantada pelo negro, a ponto de Cascudo dizer que "Não acredita que nenhuma cidade neste mundo esteja nas cantigas brasileiras como Luanda",⁸⁶⁶ é lembrada nos cantos de números 30 e 32, fixando, assim, um dos pontos de procedência do negro escravo. A terrível habitação conhecida por senzala, onde ficavam todos, amontoados feito animais, aparece na cantiga número 105. O tratamento que durante o período patriarcal era algo rigoroso, tratando as esposas aos seus maridos por *senhor*, e os filhos, *senhor pai* e *senhora mãe* a seus pais, o negro adotou o tratamento do senhor todo-poderoso patriarca e sua respectiva esposa em *sinhô* e *sinhá*, *yoyó* e *yayá*.⁸⁶⁷ Esse vestígio ainda existente no falar cotidiano do negro, está nas cantigas números 22, 23, 24, 25, 26, 29 e 137. Da alimentação, canta detalhes nas cantigas números 33, 50 e 115 quando se refere ao *dendê*, que tanto serve para condimentar a moqueca, in-

venção africana, como é utilizado nos *ebós* e outros rituais do culto afro-brasileiro. O *melado*, ou melaço como é mais geral, é uma deliciosa guloseima referida na cantiga número 104 e já estudado anteriormente. Por fim o problema religioso não poderia escapar a qualquer manifestação em que o negro se faça presente. Nas cantigas números 5, 60 e 67 há referência à *mandinga* que está como sinônimo de *ebó* e *ebó* maléfico. Entre os capoeiras é costume chamar um ao outro de *mandingueiro* ou dizer que o outro faz *mandinga*, pelo fato de andarem sempre com o *corpo fechado*, isto é, imunizado contra qualquer malefício, ou então alguns mestres de capoeira, antes de começar o *jôgo limpar o terreiro*, isto é, *despachar Exu*, a fim de não haver perturbação durante a *brincadeira*, que é como chamam o *jôgo da capoeira*. As cantigas de candomblé, números 19, 20 e 21 estão acidentalmente no texto.

ASPECTO SÓCIO-HISTÓRICO

Dentro do aspecto histórico, o acontecimento de maior relevância na vida funcional do capoeirista foi a guerra do Paraguai que vem mencionada nas cantigas números 60 e 103. A guerra se deu na época em que os capoeiristas estavam em pleno auge de suas atividades, em verdadeiro conflito com a força pública e a sociedade. Com referência à participação dos capoeiristas na referida guerra e as bravatas que lá fizeram, há um sem-número de notícias, mas que dormem o sono da lenda, em virtude de não se conhecer documentação concreta sobre o informe. Manuel Querino,⁸⁶⁸ por exemplo, conta coisas do arco-da-velha, mas a fonte de informação que é bom, não dá; portanto, como separar a imaginação da realidade, não sabemos. Tentei localizar a fonte através de alguns historiadores amigos, em Salvador, que estudam a guerra do Paraguai e infelizmente todos disseram desconhecer-la. Como Raimundo Magalhães Júnior abordou o assunto capoeira⁸⁶⁹ e tratou do

⁸⁶⁵ Anísto Melhor, *op. cit.*, págs. 144-145.

⁸⁶⁶ Luís da Câmara Cascudo, *Made in Africa/Pesquisas e Notas*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965, pág. 90.

⁸⁶⁷ Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, ed. cit., vol. II, -pág. 686.

⁸⁶⁸ Manuel Querino, *A Bahia de Outrora*, ed. cit., págs. 70-80.

⁸⁶⁹ R. Magalhães Júnior, *Devodoro/A Espada contra o Império*. Volume II: O Galo na Torre/Do desterro em Mato Grosso à Fundação da República. Edição Ilustrada. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1957, págs. 182-192.

negro brasileiro na gueira do Paraguai,⁸⁷⁰ indaguei-lhe se sabia algo sobre as informações de Manuel Querino. Então, por carta de primeiro de julho de 1966, respondeu-me: — “Prezado confrade: não posso atinar com a fonte de Manuel Querino. É provável que negros capoeiristas tenham tomado parte na guerra do Paraguai, naturalmente sem servir-se dessa arte, mas como atiradores, lanceiros, etc.”⁸⁷¹

Dentro do aspecto social, notam-se detalhes do comportamento não só nas boas maneiras, como é o caso da sua saudação e cumprimento característicos: *como vai? como stá? como passô? como vai vosmicê?*, existentes nas cantigas números 7, 42, 92, 95, 112, 113 e 117. Por outro lado vem o tom desordeiro do seu comportamento, resultante da revolta à sua condição social de extremo abandono e esquecimento, daí praticar uma série de estrepolias, nos botecos de cachaça ou mesmo nas rodas de capoeira, gerando uma série de delitos, como se pode aperceber das cantigas números 3, 23 e 30. A cantiga número 3, por exemplo, se refere ao Engenho da Conceição, local onde até pouco tempo os delinquentes iam cumprir pena.

Outro detalhe importante na vida social patriarcal do Brasil é a indumentária e a moda em geral, em tôdas as camadas sociais, o que Gilberto Freyre observou com bastante maestria.⁸⁷² Na última camada social, a de escassíssimo recurso monetário, não poderia haver preocupação com os requintes da moda, o principal era conseguir um tecido à altura do seu poder aquisitivo, que era o *zefir*, a *bulgariana* e a *chita*, tecidos ordinários, sendo que o *chitão* era mais preferido devido à exuberância de cores alegres da estamparia. Quando essa, sobretudo, era de flôres chamava-se *chitão*, como ainda hoje. A *chita* para o pessoal pobre foi tão usada quanto os famosos *crepes da China*, as *sêdas de Tiro e Gaza* e os *tecidos de Damasco*, para a nobreza e a aristocracia rural e urbana. Daí a

⁸⁷⁰ R. Magalhães Júnior, “O negro brasileiro na guerra do Paraguai”, in *Enciclopédia Fatos & Fotos*, n.º 29, de 11 de junho de 1966, págs. 12-15.

⁸⁷¹ R. Magalhães Júnior, Carta ao autor de 1/7/66 — Guanabara.

⁸⁷² Gilberto Freyre, *op. cit.*, vol. I, pág. 236; vol. II, págs. 534, 581, 586.

— Gilberto Freyre, *Sobrados e Mocambos*, ed. cit., vol. I, págs. 261, 264, 318; vol. II, págs. 579, 685, 693.

chita existir nos cantos populares, não só da capoeira como dos violeiros, como os recolhidos por Leonardo Mota: —

Com dez côvados de chita
Mulher fazia um vestido
E, ao depois de o mesmo feito,
Inda dizia ao marido
Ou mesmo a qualquer pessoa:
— Home, esta *chita* era boa
Que ficou largo e comprido!⁸⁷³

*

Não há ninguém como a morte
Pra acabar com a presunção,
Com quatro metro de *chita*
E sete palmo de chão...⁸⁷⁴

A *chita* aparece no canto dos capoeiristas na cantiga número 55.

⁸⁷³ Leonardo Mota, *Cantadores*, ed. cit., pág. 123.

⁸⁷⁴ Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*, ed. cit., pág. 25.

X

Capoeiras Famosos e seu Comportamento na Comunidade Social

No Brasil, os grandes focos de capoeiristas sempre estiveram em Pernambuco, no Rio de Janeiro e na Bahia. Em Pernambuco, como nos demais estados da federação, a imprensa da época gastou colunas e mais colunas em torno das atividades delinquentes dos que faziam uso do jôgo da capoeira. De todos êsses, o que mais terror causou a tantos que o conheceram foi o famoso *Nascimento Grande*, de quem infelizmente não disponho de maiores notícias, a não ser as de Odorico Tavares, em livro publicado⁸⁷⁵ e em conversa pessoal, afirmando ser muito garôto quando o conheceu, sabendo apenas de suas façanhas pelas crônicas e pelo ouvir dizer das pessoas idosas, que viram e lidaram com o capoeira. Entretanto, Gilberto Amado conheceu-o na vida boêmia de rapaz estudante no Recife. No seu livro *Minha Formação no Recife*⁸⁷⁶ há um capítulo em que narra o diálogo e insulto que fez a Nascimento Grande sem saber e depois o trauma em que

⁸⁷⁵ Odorico Tavares, *Bahia/Imagens da Terra e do Povo*. Terceira edição revista, atualizada, e acrescida de nove capítulos. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961, págs. 183-184.

⁸⁷⁶ Gilberto Amado, *Minha Formação no Recife*, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1955, págs. 239-242.

ficou quando o mesmo se identificou como o temível capoeira. Infelizmente, não pude avistar-me com Gilberto Amado para saber algo de concreto sobre o famigerado capoeira de Pernambuco.

No Rio de Janeiro é que a coisa foi mais do que em qualquer outra parte do território nacional. Capoeirista, foi desde a nobreza com o Barão do Rio Branco, dentre outros, até ao negro escravo. A imprensa local da época, livros de contos, romances, crônicas e história estão cheios das façanhas dos capoeiras da segunda capital do Brasil. Melo Moraes, que viveu na época dos grandes capoeiras, se refere a Mamede, Chico Carne-Sêca, Quebra Côco, Fernandinho, Natividade, Maneta, Bonaparte, Leandro, Aleixo Açougueiro, Bentivi, Pedro Cobra e o terribilíssimo Manduca da Praia, por todos comentado. Sobre êsse capoeira, a quem conheceu pessoalmente, diz Melo Moraes: — “Conhecido por tôda a população fluminense, considerado como homem de negócio, temido como capoeira célebre, eleitor crônico da freguesia de São José, apenas respondeu a 27 processos por ferimentos leves e graves, saindo absolvido em todos êles pela sua influência pessoal e dos seus amigos”.

O Manduca da Praia era um pardo claro, alto, reforçado, gibento, e quando o vimos usava barba crescida e em ponta, grisalha e côr de cobre.

De chapéu de castor branco ou de palha ao alto da cabeça, de olhos injetados e grandes, de andar compassado e resoluto, a sua figura tinha alguma coisa que infundia temor e confiança.

Trajando com decência, nunca dispensava o casaco grosso e comprido, grande corrente de ouro de que pendia o relógio, sapatos de bico revirado, gravata de côr com um anel corrediço, trazendo somente como arma uma bengala fina de cana da Índia.

O Manduca tinha banca de peixe na praça do Mercado, era liso em seus negócios, ganhava bastante e tratava-se com regalo.

Constante morador da Cidade Nova, não recebia influências da capoeiragem local nem de outras freguesias, fazendo vida à parte, sendo capoeira por sua conta e risco.

Destro como uma sombra, foi no curro da rua do Lavradio, canto da do Senado, onde é hoje uma cocheira de andorinhas, que ele iniciou a sua carreira de rapaz destemido e valentão, agredindo touros bravos sobre os quais saltava, livrando-se.

Nas eleições de São José dava cartas, pintava o diabo com as cédulas.

Nos esfaqueamentos e nos sarilhos próprios do momento, ninguém lhe disputava a competência.

Um dia, na festa da Penha, o Manduca da Praia bateu-se com tanta vantagem contra um grupo de romeiros armados de pau que alguns ficaram estendidos e os mais inutilizados na luta.

O fato que mais o celebrou nesta cidade remonta à chegada do deputado português Santana, cavalheiro distintíssimo e invencível jogador de pau, dotado de uma força muscular prodigiosa.

Santana, que gostava de brigas, que não recuava diante de quem quer que fosse, tendo notícia do Manduca, procurou-o.

Encontrando-se os dois, houve desafio, acontecendo àquele soltar nos ares ao primeiro *camelo* do nosso capoeira, depois do que beberam champagne ambos, e continuaram amigos.⁸⁷⁷

Coelho Neto, que também foi capoeira, convivendo com muitos deles, pertencentes às diversas camadas sociais, fala em Augusto Melo, conhecido por *cabeça de ferro*, Zé Caetano, Braga Doutor, Caixeirinho, Ali Babá, Bôca Queimada, Trinca Espinho, Trindade, Duque Estrada Teixeira, capitão Ataliba Nogueira, tenente Lapa e Leite Ribeiro, Antonico Sampaio, aspirante da Marinha, e Plácido de Abreu, que dentre esses últimos citados era o mais valente, conforme diz, além de poeta, comediógrafo, jornalista, amigo de Lopes Trovão e companheiro de Pardal Mallet e Olavo Bilac no jornal *O Com-*

⁸⁷⁷ Melo Moraes Filho, *op. cit.*, págs. 452-455.

bate. Teve uma morte trágica, por traído, porém heróica, com a resistência que fez no túnel de Copacabana.⁸⁷⁸

Valente também foi um negro capoeirista conhecido por Ciríaco (Francisco da Silva Ciríaco), falecido no Rio de Janeiro a 19 de maio de 1912, que de certa feita no Pavilhão Pascoal Secreto, batendo-se com o campeão japonês de jiu-jitsu, Sada Miako, de um só golpe de capoeira, derrotou-o por completo, ficando como um ídolo na memória do povo a ponto de se lhe comporem uma quadra de louvação: —

O meu amigo Ciríaco
Se acaso fôsse estrangeiro
Naturalmente seria
Conhecido no mundo inteiro.⁸⁷⁹

Exímio capoeirista foi o famigerado major Vidigal (Miguel Nunes Vidigal), nomeado comandante da polícia em 1821, quando era Intendente-Geral de Polícia, José Inácio da Cunha, Visconde de Alcântara, no primeiro Império. Vidigal, conhecendo a *mandinga* da capoeira, fez miséria com os capoeiristas e foi o responsável pela criação da *Ceia dos Camarões*, de que falarei em lugar oportuno, juntamente com a atuação detalhada do referido major.

Na Bahia, a história dos grandes capoeiras vive na imaginação popular e nas cantigas cantadas por eles, narrando as suas façanhas.

Dentre todos, o que ainda permanece na memória dos capoeiristas, em virtude das suas atitudes perigosas é *Besouro* (Manuel Henrique), também conhecido por *Besouro Cordão de Ouro*, *Besouro Mangangá*. Um dos seus discípulos aqui em Salvador, *Cobrinha Verde* (Rafael Alves França) informa ter sido ele filho de João Grosso e Maria Haifa, bem como discípulo do capoeirista escravo chamado Tio Alípio.⁸⁸⁰ Entre

⁸⁷⁸ Coelho Neto, *Bazar*. Livraria Chardron, de Lello & Irmãos, Ltda. Editores Porto, 1928, pág. 136.

⁸⁷⁹ Roberto Macedo, *Notas Históricas/Primeira Série*, Rio de Janeiro, 1944, pág. 137.

⁸⁸⁰ Rafael Alves França (Cobrinha Verde), Centro Esportivo de Capoeira Angola 2 de Julho/Narrado por Rafael Alves França (Cobrinha Verde) e escrito por José Alexandre. Salvador, 9 de fevereiro de 1963, pág. 5

as cantigas recolhidas neste ensaio há cerca de oito, narrando suas estripulias e sua personalidade. Para maior detalhe a seu respeito, passo a palavra a seu discípulo, *Cobrinha Verde*: — “Agora, quero contar algumas aventuras de meu mestre Besouro. O nome lhe veio da crença, de muitos que diziam que quando ele entrava em alguma embrulhada e o número dos inimigos era grande demais, sendo impossível vencê-los, então ele se transformava em besouro e saía voando. Certa vez estava sem trabalho e foi procurar um ganha-pão. Foi à usina Colônia, hoje Santa Elisa. Deram-lhe trabalho. Trabalhou uma semana. Quando foi no dia do pagamento ele sabia que o patrão tinha o hábito de chamar o trabalhador uma vez, e na segunda dizia: “quebrou para São Caetano”, que quer dizer: não recebe mais; e se o fulano reclamasse era chicoteado e ficava prêso no tronco de madeira com o pescoço, os braços e as pernas no tronco, por um dia e depois era mandado embora; — na hora do pagamento, Besouro deixou que o patrão o chamasse duas vezes sem responder. O patrão disse o seu “quebrou para São Caetano”. Todos receberam o dinheiro menos Besouro.

Besouro invadiu então a casa do homem, pegou-lhe no cavanhaque e gritou: — “Pague o dinheiro de Besouro Cordão de Ouro! Paga ou não paga?!” O patrão, com a voz trêmula, mandou que pagassem o dinheiro daquele homem e o mandassem embora. Besouro tomou o dinheiro e caminhou.

Besouro também não gostava de polícia. Muitas vezes encontrava companheiros que iam presos e os tomava da mão de qualquer soldado e Besouro batia em todos, tomava-lhes as armas, levava-as até o quartel e dizia: “Tá aqui, seus morcegos” e jogava as armas. Um dia ele estava em frente ao Largo da Cruz, e ia passando um soldado: Besouro o fez tomar uma cachaça a muque. O soldado saiu dali para o quartel e fez queixa ao tenente que mandou dez soldados, sob o comando do cabo José Costa para prender Besouro vivo ou morto. Chegando lá deram voz de prisão. Besouro saiu do botequim de costas, foi para a Cruz, encostou-se nela, abriu os braços e disse que não se entregava. Os soldados começaram a atirar. Besouro fingiu estar baleado e caiu. O cabo José Costa achegou-se e disse: o homem está morto. Besouro le-

vantou-se, mandou que os soldados fôssem na frente e saiu cantando: —

Lá atiraram na Cruz,
Eu de mim não sei quem foi,
Se acaso foi eu mesmo,
Ela mesmo me perdoe!

Besouro caiu no chão
Fêz que estava deitado,
A polícia entrou
Ele atirou num soldado.

Vão brigar com caranguejo
Que é bicho que não tem sangue
Polícia se briga,
Vamos para dentro do mangue.

Passados uns tempos, depois de muitas brigas, Besouro foi empregar-se de vaqueiro na fazenda de um senhor de nome Dr. Zeca. Este homem tinha um filho de nome Memeu que era muito genioso. Ele teve uma discussão com Besouro. O fazendeiro tinha um amigo que era administrador da Usina Maracangalha, de nome Baltazar. Mandaram então uma carta para Baltazar, pelo próprio Besouro, pedindo ao administrador que desse fim do Besouro por lá mesmo. Baltazar recebeu a carta, leu, e disse a Besouro que aguardasse a resposta até o dia seguinte. Besouro passou a noite na casa de uma mulher da vida; no outro dia foi buscar a resposta. Quando chegou na porta foi cercado por uns 40 homens, que o iam matar. As balas nada lhe fizeram; um homem o feriu à traição, com uma faca. Foi como o conseguiram matar.”⁸⁸¹

Há uma cantiga que colhi da boca do mestre de capoeira Augusto de São Pedro, que neste ensaio leva o número 136, referindo-se aos acontecimentos de Maracangalha:

Besouro quando morreu,
Abriu a boca e falou
Adeus Maracangalha,
Qui é terra de matadô.

⁸⁸¹ Rafael Alves França (*Cobrinha Verde*), *op. cit.*, pág. 6-8.

Além de Besouro, houve também *Paulo Barroquinha*, louvado na cantiga número 123. *Dois de Ouro* foi outro capoeirista famoso, sobre o qual recolhi as cantigas números 124 e 125. Muito conhecido dos capoeiristas atuais foi *Pedro Mineiro*, enaltecido nas cantigas números 126, 127 e 128. Também deixaram fama, na Bahia, Chico da Barra, Ajé, Chico Cazumbá, Ricardo das Docas, Antônio Maré, Zé Bom Pé, Vitorino Braço Torto, Raimundo Cachoeira, Zacaria Grande, Nôzinho, Bilusca, Piroca Peixoto, Zé do Saco, Samuel da Calçada, Sete Mortes, Aberrê, Patu das Pedreiras, Hilário Chapeleiro, Casiano Balão, Bigode de Sêda, Doze Homens, Tiburcinho de Jaguaripe, Zeca Cidade de Palha, Nô da Empresa de Carruagem, Pacífico do Rio Vermelho, Bichiguinha, Chico Me Dá, Edgar Chicharro, Inimigo Sem Tripa, Goite, Neco Canário Pardo, Bôca de Porco, Dendê, Gazolina, Espinho, Dadá e Siri de Mangue. *Pedro Porreta* ficou como símbolo da desordem, da valentia. Quando garoto, ouvi muito as pessoas idosas falarem desse capoeira e quando a criança era traquina e gostava de bater nas demais, ao repreendê-la, perguntava se era Pedro Porreta. De *Chico Três Pedacos* contou-me o capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva) que era um negro inimigo de um outro capoeirista chamado *Matatu*. De certa feita, armou uma emboscada para seu inimigo. Escondeu-se na esquina da rua do Engenho Velho, bem na entrada para quem vai para o solar Boa Vista, hoje asilo São João de Deus e quando Matatu se aproximou distraído, deu-lhe uma facada no peito, mas a faca entrou pela clavícula adentro, partindo-se em três pedaços. Escapou à morte, ficando conhecido por *Chico Três Pedacos*.

Samuel Querido de Deus foi um grande capoeira, cuja lembrança permanece na memória de todos os baianos. Edison Carneiro, que o conheceu e publicou uma foto sua, em pleno jogo, em *Negros Bantos*, diz que "O maior capoeirista da Bahia, afirmam-me os negros ser Samuel Querido de Deus, um pescador de notável ligeireza de corpo".⁸⁸² Em 1944, quando ainda vivia, Jorge Amado publicou o seu perfil hoje reproduzido em *Bahia de Todos os Santos*, com o seguinte teor: "Já começam os fios de cabelo branco na carapinha de Samuel

⁸⁸² Edison Carneiro, *Negros Bantos*, ed. cit., pág. 159.

Querido de Deus. Sua cor é indefinida. Mulato, com certeza. Mas mulato claro ou mulato escuro, bronzeado pelo sangue indígena ou com traços de italiano no rosto anguloso? Quem sabe? Os ventos do mar nas pescarias deram ao rosto de Querido de Deus essa cor que não é igual a nenhuma cor conhecida, nova para todos os pintores. Ele parte com o seu barco para os mares do Sul do Estado onde é farto de peixe. Quantos anos terá? É impossível saber nesse cais da Bahia, pois de há muitos anos que o saveiro de Samuel atravessa o quebramar para voltar, dias depois, com peixe para a banca do Mercado Modelo. Mas os velhos canoieiros poderão informar que mais de sessenta invernos já se passaram desde que Samuel nasceu. Pois sua cabeça já não tem fios brancos na carapinha que parece eternamente molhada de água do mar?

Mais de sessenta anos. Com certeza. Porém, ainda assim, não há melhor jogador de capoeira, pelas festas de Nossa Senhora da Conceição da Praia, na primeira semana de dezembro, que o Querido de Deus. Que venha Juvenal, jovem de vinte anos, que venha o mais célebre de todos, o mais ousado, o mais ágil, o mais técnico, que venha qualquer um, Samuel, o Querido de Deus, mostra que ainda é o rei da capoeira da Bahia de Todos os Santos. Os demais são seus discípulos e ainda olham espantados quando ele se atira no rabo-de-arraia porque elegância assim nunca se viu... E já sua carapinha tem cabelos brancos...

Existem muitas histórias a respeito de Samuel Querido de Deus. Muitas histórias que são contadas no Mercado e no cais. Americanos do norte já vieram para vê-lo lutar. E pagaram muito caro por uma exibição do velho lutador.

Certa vez seu amigo escritor foi procurá-lo. Dois cinematografistas queriam filmar uma luta de capoeira. Samuel chegara da pescaria, dez dias no mar e trazia ainda nos olhos um resto de azul e no rosto um resto de vento sul. Prontificou-se. Fomos em busca de Juvenal. E, com as máquinas de som e de filmagem, dirigimo-nos todos para a Feira de Água dos Meninos. A luta começou e foi soberba. Os cinematografistas rodavam suas máquinas. Quando tudo terminou, Juvenal estendido na areia, Samuel sorrindo, o mais velho dos operadores perguntou quanto era. Samuel disse uma soma absurda na sua língua atrapalhada.

Fôra quanto os americanos haviam pago para vê-lo lutar. O escritor explicou então que aqueles eram cinematografistas brasileiros, gente pobre. Samuel Querido de Deus abriu os dentes num sorriso compreensivo. Disse que não era nada e convidou todo mundo para comer sarapatel no botequim em frente.

Podeis vê-lo de quando em quando no cais. De volta de uma pescaria com seu saveiro. Mas com certeza o vereis na festa da Conceição da Praia derrotando os capoeiristas, pois ele é o maior de todos. Seu nome é Samuel Querido de Deus".^{882a}

Najé foi outro capoeirista famoso de Coqueiro de Paraguaçu, mas como gostasse muito de ficar na cidade de Najé, ficou conhecido pelo topônimo. Muito ligado ao pessoal de candomblé, de modo que, ao vê-lo, costumava pilheriar com ele cantando: —

Najé
Najé, Najé
Ogun Já orô!

Cantiga chamando atenção para o orô (ritual) de Ogun Já, espécie de Ogun cuja característica principal é o sacrifício de cachorro que se lhe faz, sacrifício êsse que é feito raramente e o seu processo e cantigas durante o mesmo diferem dos demais, não cabendo aqui maiores detalhes sobre o assunto.

Dos vivos que ainda militam na capoeira, o mais antigo é Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), nascido em Salvador a 23 de novembro de 1900, na rua do Engenho Velho, freguesia de Brotas. Era filho de Luís Cândido Machado, batuqueiro famoso do bairro. Começou a aprender capoeira na antiga Estrada das Boiadas, hoje Estrada da Liberdade, com um africano chamado Bentinho, capitão da Companhia de Navegação Baiana. A capoeira em que aprendeu e militou durante muito tempo foi a Capoeira Angola, depois então foi que introduziu elementos outros, resultando no que chamou *Capoeira Regional*, cuja apreciação já fiz anteriormente. O aprendizado dos elementos a serem introduzidos na Capoeira

Angola se deu em 1927 e a primeira exibição da sua inovação foi no Campo do Machado em 1936. A sua fama tem ido longe. Edison Carneiro referindo-se a ele diz: — "O capoeira Bimba tornou-se famoso por haver criado uma escola, à rua das Laranjeiras, em que treina atletas no que apelidou de *luta regional baiana*, mistura de capoeira com jiu-jitsu, box e *catch*. A capoeira popular, folclórica, legado do Angola, nada tem a ver com a escola de Bimba".⁸⁸³ É uma afirmação apressada de Edison Carneiro e uma prova de nunca ter assistido ou estudado a capoeira de Mestre Bimba. Mesmo a capoeira estilizada, encenada nos palcos de teatro, televisão e dançada nas Escolas de Samba da Bahia e da Guanabara, ainda tem muito dêsse "legado do Angola", de que fala Edison Carneiro, quanto mais a capoeira de Mestre Bimba, que conforme já disse anteriormente é a mesmíssima Capoeira Angola, apenas com a adoção de elementos novos europeus e orientais, resultando disso os chamados *golpes ligados*, não existentes na Capoeira Angola.

Constituindo um elemento isolado dos demais capoeiras, pelas inovações feitas e a conseqüente grande aceitação é claro que teria que receber críticas e reação de seus companheiros. Disso se aproveitou Jorge Amado para imortalizá-lo como uma das personagens, em sua obra, nesse lance que segue: — "Acontece que mestre Bimba foi ao Rio de Janeiro mostrar aos cariocas da Lapa como é que se joga capoeira. E lá aprendeu golpes de *catch-as-catch-can*, de *jiu-jitsu*, de *box*. Misturou tudo isso à capoeira de Angola, aquela que nasceu de uma dança dos negros, e voltou à sua cidade falando numa nova capoeira, a capoeira regional. Dez capoeiristas dos mais cotados me afirmaram, num amplo e democrático debate que travamos sobre a nova escola de mestre Bimba, que a "regional" não merece confiança e é uma deturpação da velha capoeira "angola", a única verdadeira. Um deles me afirmou mesmo que não teme absolutamente um encontro com o mestre Bimba, apesar da sua fama. Não foi outra a opinião de Edmundo Joaquim, conhecido por Bugalho, mestre de berimbau nas orquestras de capoeira, nome respeitado em se tratando de coisas relacionadas com a "brincadeira". O mesmo disseram José

^{882a} Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*, ed. cit., págs. 158-159.

⁸⁸³ Edison Carneiro, *A Sabedoria Popular*, ed. cit., pág. 206.

Domingos e Rafael que mantêm na roça de Juliana uma escola de capoeira, das mais afamadas da cidade".⁸⁸⁴ Há inúmeras reportagens elogiosas sobre Mestre Bimba na imprensa baiana, sendo que a última e a mais inteligente já realizada foi a do repórter Anísio Félix, intitulada *Bimba e Pastinha, duelo de idéias sobre a capoeira*, onde pela primeira vez de público é o único capoeira que conheço a defender a tese de que a capoeira é uma invenção do africano no Brasil. Vejamos: "Os negros sim, eram de Angola, mas a capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré, camarado!"⁸⁸⁵ Mestre Bimba gravou um *long-playing* intitulado *Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba*, pela gravadora baiana J. S. Discos, com texto de apresentação *Capoeira e Capoeiristas*, de Cláudio Tavares, Diretor Artístico da Rádio Sociedade da Bahia e Cronista de Discos do Diário de Notícias da Bahia. Acompanha a gravação um libreto, contendo as lições do curso de Mestre Bimba. Embora não traga data, é a primeira contribuição impressa assinada por capoeirista.

Vicente Ferreira Pastinha ou simplesmente Pastinha, como é chamado nas rodas da capoeira, nasceu a 5 de abril de 1889 em Salvador. Não é nem nunca foi o melhor capoeirista da Bahia: apenas a sua idade bastante avançada e o seu extremo devotamento à capoeira, fazendo com que até pouco tempo ainda praticasse a dita, mas sem algo de extraordinário. Jogava como um outro bom capoeira qualquer, apenas para sua idade isso significava algo fora do comum. Foi isso que o fez conhecido, ou melhor, famoso, mesmo assim datando de pouco, ou seja do advento da instituição oficial do serviço de turismo na Bahia, para cá. Em ordem cronológica é o segundo capoeirista a assinar livro sobre capoeira. Publicou em 1964 um libreto intitulado *Capoeira Angola*.⁸⁸⁶ Embora o prefaciador, José Benito Colmenro, diga que Pastinha teve como mestre um negro de Angola chamado Benedito, corre entre os

⁸⁸⁴ Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*/Guia das ruas e dos mistérios da Cidade do Salvador. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 9.ª edição, 1961, pág. 210.

⁸⁸⁵ Anísio Félix, "Bimba e Pastinha, duelo de idéias sobre a capoeira", in *Diário de Notícias*, Salvador, 31/10/65, pág. 5.

⁸⁸⁶ Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), *Capoeira Angola*. Escola Gráfica Nossa Senhora de Loreto, Salvador, 1964.

capoeiristas que seu mestre fôra Aberrê, o que não impedia ter aprendido também com o referido negro de Angola. O libreto de Pastinha deve ser consultado com cuidado devido à preocupação intelectual do autor em querer dar a origem e explicação de certos fatos que não estão, de maneira alguma, ao seu alcance cultural, daí, com auxílio da fertilidade de sua imaginação, cair em momentos inteiramente novelescos como é o caso do capítulo em que trata da origem da capoeira, o que explica como era a capoeira na época colonial, a indumentária, onde o autor mandou fazer um traje de sua imaginação e se fez fotografar com o mesmo, para ilustrar o referido capítulo. No mais, o trabalho de Pastinha é válido, pois daí em diante é a explicação do seu jôgo pessoal, como aprendeu e a contribuição que deu. O capítulo dedicado às "Melodias e ritmos da Capoeira" é paupérrimo, apresentando apenas duas cantigas. Entretanto, Pastinha conhece muitas e possui inúmeras de sua autoria, que eu as tenho colecionadas e que vou transcrevê-las, pelo seu caráter estritamente pessoal, isto é, falando sobre ele e expondo seu pensamento sobre assuntos relacionados à capoeira e à Bahia: —

Capoeira eu aprendi
Veio do meu mundo bem distante
O povo gosta dela e eu não esqueci
E bom exemplo dos brasileiros para outro
[horizonte]

*

Foi Deus quem deu
Como todos já me vê
A capoeira ao povo reascendeu
O desejo desta beleza aprendi.

*

A capoeira rasga o veio dos argozes
Na convicção da fé contra a escravidão
Doce voz teus filhos foi heróis
A capoeira ama a abolição.

Nós capoeiristas tem alma grande
Que cresce com alegria
Há quem tenha alma pequena
Que vive como as águas em agonia.

*

Pode ferir-me com intrigas
Você não é rudes nem terríveis
É inútil seguir os maus amigos
Sossegue nos capoeiristas e sensíveis.

*

Sou sempre na vida
Um próspero e fecundo
Capoeirista produzindo alegria
Para toda parte do mundo.

*

Nunca deixei a capoeira no deserto
Não sou mal agradecido
Tenho os olhos bem aberto
Para quem sentirá arrependido.

*

A Capoeira de Angola é boa
Sua história não acabou
Pastinha sustenta grita e ressoa
Os capoeiristas não nega seu valor.

*

No coração do turismo
Tive um nome quem é
Não pode esquecer
Nos degraus da história
Na capoeira ele joga com fé,

Na capoeira minha alma cresceu
Nela guardo segredo
Sem receio e nem medo
Pastinha na Angola já venceu.

*

Cachoeira toma sentido
Cachoeira toma sentido
São Félix quer te passar
Iê, da banda de yoyô
Iê, da banda de yayá.

*

É de lelê, ê, ê,
É de lelê, ê, ê
Camarado.

*

No som do berimbau
Sou feliz cantamos assim
Nas festas não somos mau
Todos cantam para mim.

*

Bahia nossa Bahia
Capital do Salvador
Quem não conhece a capoeira
Não lhe dá o seu valor

*

Todos podem aprender
General e também
Quem é doutor
Quem deseja aprender
Venha em Salvador
Procure Pastinha
Ele é professor.

Pastinha é grande amigo de Jorge Amado, o qual o estima e o aprecia muito, daí os felizes instantes que se seguem: — “Mestre Vicente Pastinha tem mais de setenta anos. É um mulato pequeno, de assombrosa agilidade, de resistência incomum. Quando ele começa a “brincar”, a impressão dos assistentes é que aquele pobre velho, carapinha branca, cairá em dois minutos, derrubado pelo jovem adversário ou bem pela falta de fôlego. Mas, ah! lêdo e cego enganôl, nada disso se passa. Os adversários sucedem-se, um jovem, outro jovem, mais outro jovem, discípulos ou colegas de Pastinha, e ele os vence a todos e jamais se cansa, jamais perde o fôlego, nem mesmo quando dança o “samba de Angola”.

A Escola de Capoeira de Angola, do mestre Pastinha, fica na ladeira do Pelourinho, no largo mesmo, num primeiro andar. As quintas e domingos “brinca-se” na Escola. Nas quintas, em geral, a brincadeira é mais fraca, são os alunos mais novos que se exibem. No domingo vêm os capoeiristas conhecidos e a festa começa pela tarde. Quem fôr à Bahia não deve perder o extraordinário espetáculo que é mestre Pastinha no meio do salão jogando a capoeira, ao som do berimbau. E quando ele não está lutando, não vai descansar. Toma de um berimbau, puxa as cantigas. Para mim, Pastinha é uma das grandes figuras da vida popular da Bahia. É indispensável conhecê-lo, conversar com ele, ouvi-lo contar suas histórias, mas, sobretudo vê-lo na “brincadeira”, atingindo adversários vigorosos e jovens, derrotando-os um a um”.⁸⁸⁷

Na bonita e oportuna crônica, *Conversa com Buanga Fêlê, também conhecido como Mário de Andrade, chefe de luta em Angola*, Jorge Amado volta a se manifestar sobre Pastinha, neste passo: — “Vejo-me encostado à janela de um sobrado do Largo do Pelourinho e um homem de idade, maior de setenta anos, com a vista ameaçada, pequeno e ágil como um gato, está a meu lado e conversa comigo. Somos velhos amigos, nem me lembro mais quando nos conhecemos e desde quando acompanho sua gloriosa trajetória. É um dos mestres da cultura popular baiana, êsse negro de voz macia e rosto alegre que envelhece em sua escola de capoeira de Angola e dança e luta melhor do que qualquer dos jovens de rijos

⁸⁸⁷ Jorge Amado, *op. cit.*, pág. 209.

músculos adolescentes. Falo de Mestre Pastinha, um dos maiores capoeiristas que a Bahia já produziu. Acabou de dançar um samba de Angola e se prepara para lutar.

— Aqui — diz-me ele — pratico a verdadeira capoeira de Angola e aqui os homens aprendem a ser leais e justos. A lei de Angola, que herdei de meus avós, é a lei da lealdade.

Os berimbaus de corda tocam a música ritual, chamando os lutadores. Mestre Pastinha enche a sala com sua presença, sua agilidade, seu balé alucinante. A capoeira de Angola, a luta brasileira por excelência”.⁸⁸⁸

Pastinha é realmente uma das grandes figuras da vida popular da Bahia. De todos os capoeiristas foi um dos que mais viajaram, em exposições com a sua Escola e um dos poucos a transpor o Atlântico e chegar até o continente africano, como convidado do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, para integrar a delegação brasileira, junto ao *Premier Festival International des Arts Nègres, de Dakar*, realizado em abril de 1966.

Canjiquinha (Washington Bruno da Silva) nasceu em Salvador a 25 de setembro de 1925. Foi discípulo do famoso capoeirista Raimundo Aberrê, natural de Santo Amaro da Purificação. A respeito do seu apelido, explica que foi pôsto por um seu amigo de nome Dálton Barros, em 1938, devido ao samba-batuque de Roberto Martins, *Canjiquinha quente*, cantado por Cármen Miranda com o Conjunto Regional de Benedito Lacerda, gravado pela Odeon, em 1937, sob a indicação 11.494-A — 5.573,⁸⁸⁹ o qual era a única coisa que sabia cantar e o fazia constantemente, por isso o seu amigo tomou a iniciativa do apelido. Canjiquinha é um capoeira jovem e ágil, fazendo com que se destaque entre seus companheiros, porém o seu maior destaque é no canto e no toque. Canta como bem poucos e com um repertório vastíssimo, inclusive com uma grande facilidade de improvisar e de todos é quem mais tem contribuído para a adaptação de outros cânticos do folclore

⁸⁸⁸ Jorge Amado, “Conversa com Buanga Fêlê, também conhecido como Mário de Andrade, chefe da luta de Angola”, in *Tempo Brasileiro*, ano 1, número 1, setembro de 1962, pág. 27.

⁸⁸⁹ Ary Vasconcelos, *Panorama da Música Popular Brasileira*. Livraria Martins Editora, São Paulo, vol. II, 1964, pág. 364.

à capoeira. Uma boa parte das cantigas deste ensaio foram recolhidas de Canjiquinha. Foi de todos os capoeiristas baianos o mais convidado para exposições, viagens pelo interior e fora do estado, assim como o que mais atuou no cinema, em longas e curtas metragens, como veremos adiante: —

Exibições Oficiais

Na Bahia, no segundo governo do General Juraci Magalhães, foi convidado por este para uma exposição em Palácio da Aclamação, para uma festa de caridade.

Em 1959 foi mandado oficialmente pelo órgão de turismo municipal exibir-se na inauguração da Feira de Ibirapuera, em São Paulo e ao Rio Grande do Sul.

Em 1964 vai a Natal a convite do Sr. Aluísio Alves, então governador do Rio Grande do Norte, para uma exposição, em sua residência de veraneio, como parte das comemorações da passagem do seu aniversário a 31 de janeiro.

Em 1966 em São Luís do Maranhão, em Palácio do Governador e na residência do Prefeito da Capital.

Exibições Pelo Interior do Estado da Bahia

Em Feira de Santana, na Rádio Cultura e no Ginásium Péricles Valadares.

Em Alagoinhas, no Cinema Alagoinhas.

Em Catu, na sede da Petrobrás.

Em Periperi, no Clube Periperi.

Em Senhor do Bonfim, no Cinema.

Em Juazeiro, no Cinema Juazeiro.

Tôdas essas exposições foram em 1965, à exceção das do município de Senhor do Bonfim e Juazeiro, que foram no ano de 1966.

Exibições Fora do Estado da Bahia

1959 — Rio Grande do Sul (exposição oficial).

1959 — São Paulo: Feira de Ibirapuera (exposição, oficial).

1960 — Guanabara: Revista Manchete; TV Tupi; Universidade do Brasil.

1963 — Pernambuco: TV Ring.

1964 — São Paulo: Feira de Arte Popular; TV Excelsior; TV Tupi; *Boite* Chame-Chame; São Sebastião Bar; *Boite* Twist; Clube dos Milionários; Residência do cantor e compositor João Gilberto; Clube dos Artistas; Diversas residências particulares.

1965 — Rio Grande do Norte: Palácio do Governador; Lagoa São Manuel Felipe.

1966 — Pernambuco: Petrolina, no Hotel São Francisco; Lirci, no Cinema.

1966 — Maranhão: Bacabau, no Teatro de Arena Municipal; São Luís do Maranhão: Palácio do Governador; Jornal Pequeno; TV Ribamar; Residência do Prefeito da Capital; Ginásio Rodrigues Costa.

1966 — Piauí: Teresina, na Rádio Teresina.

Exibições em Cordões Carnavalescos Durante o Desfile no Carnaval

1962 — Clube Carnavalesco Mercadores de Bagdad.

1963 — Clube Carnavalesco Vai Levando (pela manhã); Clube Carnavalesco Filhos do Morro (à tarde).

1964 — Clube Carnavalesco Filhos do Mar.

No Cinema

Como mestre de capoeira, trabalhou nos longa-metragens *Os Bandeirantes*, *Barravento*, *O Pagador de Promessas*, *Senhor dos Navegantes*, *Samba* e inúmeros curta-metragens.

Em Clubes Sociais

Associação Atlética da Bahia, Clube Baiano de Tênis, Iate Clube da Bahia, Clube Português, Clube Carnavalesco Fantoches da Euterpe, Clube Carnavalesco Cruzeiro da Vitória, Centro Recreativo Espanhol, Casa Civile d'Italia, Clube Costa Azul, Clube Vitória. Na *Boite Cloc* e no cabaré Tabaris.

Em Praça Pública

Praça da Sé, Lagoa do Abaeté, Jardim de Alá, Festa da Pituba e Festa da Conceição da Praia.

Diversos

Deu ainda inúmeras exibições esparsas, tais como na entrada do Hotel da Bahia, Hotel Plaza, Rádio Sociedade da Bahia, Concha Acústica do Teatro Castro Alves e em diversas residências particulares da Bahia.

Gato (José Gabriel Goes) nasceu em Santo Amaro da Purificação, a 19 de março de 1929. Aprendeu desde criança a jogar capoeira com seu pai Eutíquio Lúcio Chagas, capoeira famoso em Santo Amaro da Purificação. Gato é um excelente capoeira. Joga admiravelmente bem e com uma agilidade incrível. Mas o que o distingue entre todos é a astúcia felina, como arma e se safa dos golpes, que em todo o desenrolar do jogo dá a impressão de um grande espetáculo de *ballet*. Ao lado do virtuosismo do jogo há o do toque que o faz muito bem. Foi um dos mestres de capoeira a integrar a delegação brasileira no *Premier Festival International des Arts Nègres, de Dakar*. Na gravação de capoeira feita pela Editora Xauã, atua como tocador de berimbau.⁸⁹⁰

Cobrinha Verde (Rafael Alves França), excelente capoeirista, mas praticamente fora de forma — “já me sinto muito abatido”, diz ele.⁸⁹¹ Hoje se dedica ao ensino da capoeira em sua Academia. É o autor do terceiro libreto assinado por um capoeirista, o qual vem citado neste ensaio.

Traíra (João Ramos do Nascimento), capoeirista de fama na Bahia e já marcou época. Na gravação citada da Editora Xauã, atua como mestre de capoeira. Sobre a beleza do seu jogo e de sua postura, assim se referiu Jorge Amado: — “Traíra, um caboclo seco e de pouco falar, feito de músculos, grande mestre de capoeira. Vê-lo brincar é um verdadeiro prazer estético. Parece um bailarino e só mesmo Pastinha pode competir com ele na beleza de movimentos, na agilidade, na

⁸⁹⁰ Gato (José Gabriel Goes), *Capoeira*, gravação citada.

⁸⁹¹ Rafael Alves França (Cobrinha Verde), *op. cit.*, pág. 5.

rigidez dos golpes. Quando Traíra não se encontra na Escola de Waldemar, está, ali por perto, na Escola de Sete Molas, também na Liberdade”.⁸⁹²

Waldemar da Paixão, como bom capoeirista antigo, a sua fama corre paralela à de Mestre Bimba. O seu repertório de cantigas é algo notório na cidade. Possuía academia de capoeira na Estrada da Liberdade. Hoje, quando quer, joga ao ar livre com colegas amigos, ou nas suas academias. Atualmente se dedica à fabricação de berimbau, por encomenda das barracas do Mercado Modelo.

Ao lado desses há um número enorme de capoeiristas na Bahia, uns idosos, não mais praticando a capoeira e outros ainda jovens, porém sem discípulos ou academia de capoeira. Dentre eles, vale salientar Mungunê, Juvenal, Totonho Maré, Alemão Guarda, Domingo Mão de Onça, Espadarte, Santo Amaro, Dadá, Davi, Antônio Diabo, João Bom Cabelo, Angoleiro, Zé Domingo Foca, José de Mola, Pirrô, Romão Nêgo Exu, João Grande, dentre muitos outros.

João Grande (João Oliveira dos Santos) é dentre todos os grandes capoeiras jovens o que mais truques de ataque e de defesa conhece, contribuindo para isso a flexibilidade fora do comum de seu corpo, tornando-o o mais ágil de todos os capoeiras da Bahia. Quando em pleno jogo é um grande bailarino. Canjiquinha, por exemplo, depois de fazer várias referências elogiosas a João Grande, saiu com um tipo de frase muito sua, de que: — “Foi Deus quem mandou João Grande jogar capoeira”. João Grande foi discípulo do capoeirista Cobrinha Verde (Rafael Alves França). Sua Academia é uma das mais novas e foi um dos integrantes, como capoeirista, da delegação brasileira no *Premier Festival International des Arts Nègres, de Dakar*.

O capoeirista não era um mau caráter. O seu comportamento na comunidade social era ditado pelas circunstâncias, que se lhe impunham e pelas pressões e desmandos dos que então detinham o poder. Um exemplo disso foi Juca Reis (José Elísio Reis), irmão do Conde de Matosinhos, famoso capoeirista, com quem foi criado um rumoroso caso, que abalou o ministério do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca,

⁸⁹² Jorge Amado, Bahia de Todos os Santos, ed. cit., pág. 210.

levando-o a uma crise, quase motivando sua queda. Fora disso a sua maneira de ser era igual à dos demais, conforme testemunhos dos estudiosos e escritores que conheceram e conviveram com antigos famosos capoeiristas, dando um saldo positivo em favor de sua existência na comunidade social.

Melo Moraes Filho foi dos estudiosos o que mais observou e teve convivência com os famosos capoeiristas de sua época, daí alguns depoimentos acertados sobre os mesmos, como o de que: — “O capoeira gosta de ociosidade, e entretanto trabalha; segunda-feira é para ele prolongamento do domingo. Quando se dedica a alguém é incapaz de uma traição, de uma deslealdade... Ao seu ombro tismado escorou-se até há pouco o senado e a câmara, para onde, à luz da navalha, muitos dos que nos governam, subiram”.⁸⁹³ Em outro depoimento adverte que: — “Navalhar à traição, deixar-se prender por dois ou três soldados e espancar a um pobre velho ou a uma criança, ser vagabundo e ratoneiro, nunca constituíram os espantosos feitos das maltas do passado, que brigavam freguesia com freguesia, disputavam eleições arriscadas, levavam à distância cavalaria e soldados de permanentes quando intervinham em conflitos de suscetibilidade comuns.

O capoeira isolado, naqueles tempos, trabalhava, constituía família, a vadiagem lhe era proibida, não era gatuno, afrontava a força pública e só se entregava morto ou quase morto”.⁸⁹⁴ Ainda no século passado é Machado de Assis quem diz: — “que estou em desacôrdo com todos os meus contemporâneos, relativamente ao motivo que leva o capoeira a plantar facadas nas nossas barrigas. Diz-se que é o gôsto de fazer mal, de mostrar agilidade e valor, opinião unânime e respeitada como dogma. Ninguém vê que é simplesmente absurda”.⁸⁹⁵ Por fim opina Coelho Neto dizendo que: — “O capoeira digno não usava navalha: timbrava em mostrar as mãos limpas quando saía dum *turumbamba*. Generoso, se tramboalhava o adversário, esperava que ele se levantasse para continuar a luta porque: “Não batia em homem deitado”, outros

⁸⁹³ Melo Moraes Filho, *Festas e tradições populares do Brasil*, ed. cit., pág. 445.

⁸⁹⁴ Melo Moraes Filho, *op. cit.*, pág. 451.

⁸⁹⁵ Machado de Assis, *Crônicas* (1878-1888). W. M. Jackson Inc. Editores, 1938, vol. IV, págs. 227-228.

diziam, com mais desprezo: “em defunto”. Ainda no mesmo texto se lê: — “O capoeira que se prezava tinha ofício ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenário”.⁸⁹⁶

⁸⁹⁶ Coelho Neto, *Bazar*, ed. cit., págs. 137-138.

As Academias de Capoeira

Como já disse anteriormente, outrora não havia *Academia de Capoeira*. Havia mestre e discípulo, porém a sede do aprendizado era o terreiro em frente ao boteco de cachaça, quitanda ou casa de *sopapo*, onde moravam. Academia de Capoeira, estruturada e assim chamada é coisa recente, datando dos princípios da década de 1930 ao presente momento.

O primeiro mestre de capoeira a abrir Academia foi o mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), em 1932, no Engenho Velho de Botas, por sinal também o primeiro a conseguir registro oficial do governo, para a sua academia chamada *Centro de Cultura Física e Capoeira Regional*, num período em que o Brasil caminhava para o pleno regime de força e que as leis penais consideravam os capoeiristas como delinquentes perigosos.⁸⁹⁷ Qualificando o ensino de sua capoeira como ensino de educação física, a então *Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública* expediu o seguinte certificado de registro à academia de capoeira de Mestre Bimba, a 9 de julho de 1937: —

⁸⁹⁷ Vicente Piragibe, *Consolidação das Leis Penais/Aprovadas e adaptadas pelo Decreto n.º 22.213 de 14 de dezembro de 1932/Código Penal Brasileiro* (Completado com as leis modificadas em vigor). Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1933, pág. 48.

“Num. 111. Secretaria da Educação, Saúde e Assistência
Público/Departamento de Educação
Inspetoria de Ensino Secundário Profissional

O Inspector Technico do Ensino Secundario Profissional,
tendo em vista o que lhe requereu o Sr. Manuel dos Reis Machado, Director de Curso de Educação Physica, sito à rua Bananal, 4 (Tororó), districto de Sant'Anna, município da capital, concede-lhe para o seu estabelecimento, o presente título de registro, a fim de produzir os devidos efeitos.

Inspetoria do Ensino Secundário e Profissional
Bahia, 9 de Julho de 1937
O Inspector Technico
Ass: Dr. Clemente Guimarães.”

A academia de Mestre Bimba que além de ser a primeira a aparecer, a primeira a ser reconhecida oficialmente pelo governo, a primeira academia de capoeira chamada regional, uma vez que o seu mestre foi o criador dessa modalidade de capoeira, é a mais importante das academias no gênero, além de ser a matriz que originou as demais, existentes no presente.

Mestre Bimba mantém em sua academia um curso a que chama *Curso de Capoeira Regional*, cujas lições se acham impressas, num folheto ilustrado, anexo a um disco *long-playing*, onde se acham gravados os toques e as cantigas referentes às lições. Mestre Bimba, não obstante faltar-lhe instrução primária, é um homem bastante inteligente e com um tirocinio de liderança muito aguçado. Usando seus discípulos, que variam desde o homem rude do povo a políticos, ex-chefes de Estado, doutores, artistas e intelectuais, Mestre Bimba transmitiu-lhes o seu plano de curso, os quais deram uma excelente estrutura e puseram em letra de fôrma. Como toda academia de capoeira, tem um regulamento para os seus discípulos, com a diferença, apenas, que nas demais a coisa vai sendo transmitida oralmente, de boca em boca. Na academia de Mestre Bimba, há uma série de recomendações datilografadas, emoldurada em vidro e afixada nas paredes e um regulamento básico impresso no folheto mencionado, o qual consta de nove itens: —

- “1 — Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos;
- 2 — Deixe de beber. O uso de álcool prejudica o metabolismo muscular;
- 3 — Evite demonstrar aos seus amigos de fora da roda da capoeira os seus progressos. Lembre-se que a surpresa é a melhor arma de uma luta;
- 4 — Evite conversa durante o treino. Você está pagando pelo tempo que passa na academia e observando os outros lutadores, aprenderá mais;
- 5 — Procure *gingar* sempre;
- 6 — Pratique diariamente os exercícios fundamentais;
- 7 — Não tenha medo de se aproximar do oponente; quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá;
- 8 — Conserve sempre o corpo relaxado;
- 9 — É melhor apanhar na “roda” que na rua...”

O curso em si compreende seis fases, assim distribuídas:

- 1.^a — Gingado;
- 2.^a — Sequência;
- 3.^a — Sequência com berimbau;
- 4.^a — Balão cinturado;
- 5.^a — Especialização;
- 6.^a — Mudança de lenço.

O aprendizado dessas fases é feito através das quatorze lições abaixo discriminadas:

Primeira:	Gingada
Segunda:	Duas de frente Armada Queda de cocorinha Negativa Saída de aú
Terceira:	Dois martelos Armada e benção Saída de aú
Quarta:	Retrospectiva

Quinta:	Dois godeme (esquerdo e direito) Galopante Arpão de cabeça Joelhada
Sexta:	Meia-lua de compasso Queda de cocorinha
Sétima:	Vingativa Saída de rolê
Oitava:	Banda de costa Asfixiante Banda traçada
Nona:	Rasteira
Décima:	Cintura desprezada Tesoura Saída de aú
Décima primeira:	Balão cinturado Balão de lado
Décima segunda:	Gravata cinturada
Décima terceira:	Açoite de braço Bochecho Quebra pescoço Cruz
Décima quarta:	Defesa contra armas brancas Defesa contra armas de fogo.”

Concluindo o curso, há uma festa solene de conclusão a que chamam de formatura. Assisti a um desses cerimoniais na academia de Mestre Bimba e pude verificar que é algo de suma importância para os que se formam e muito especialmente para Mestre Bimba, cuja satisfação e vibração são fenômenos indescritíveis. O cerimonial se verifica na sede própria.

mente dita da academia, numa rua denominada Sítio Caruana, 49, no bairro de Amaralina, na localidade chamada Nordeste de Amaralina, um pequeno bairro dentro do grande bairro de Amaralina. A notícia de formatura é qualquer coisa de anormal entre os diversos capoeiristas. O povo da cidade e em especial o do local, acorre desde cedo à sede para assistir à festa. Antes de começar e durante os rápidos intervalos, servem-se refrigerantes, doces, abará e acarajé com os presentes. A única bebida alcoólica servida é cerveja, mesmo assim o Mestre só permite o seu uso no encerramento. Vestindo camisa branca de algodão, calça de linho branco folgada e calçando chinelos de *chagrin*, Mestre Bimba, com um apito que jamais se afasta, abre a festa, explicando a sua razão de ser aos convidados e aos que vão se formar, que por sua vez estão trajando camisa branca olímpica de algodão, calça de algodão ou linho, justa ou folgada e basqueteira de borracha branca. Finalizando passa a palavra ao paraninfo da turma que é sempre um discípulo já formado que faz a sua oração dentro da temática da capoeira. Após isso vêm as demonstrações, tendo início com o jôgo de formado com formando. Segue-se o jôgo de calouro com calouro. Logo após, os que se formam dão uma demonstração dos golpes aprendidos durante o curso, passando em seguida para exibição de *cinturão desprezado*. Numa grande pausa para os calouros, vem o jôgo de formado, para depois vir o jôgo de calouro. Chega o momento áureo, com a cerimônia de formatura — Mestre Bimba dá um apito. Reina silêncio e então dá início ao cerimonial. Faz um ligeiro relato do que sabe e do que viu sobre a capoeira e capoeiristas; e relembra passagens de sua vida para servir de exemplo. Após o que, convida as madrinhas para que coloquem as medalhas no peito e o *lenço de esguião de sêda* no pescoço de seus afilhados, voltando a falar novamente, desta vez para dar explicação sobre a medalha que é o símbolo da academia e o *lenço de esguião de sêda*. Sobre o lenço, que foi de sêda comum azul, explicou que antigamente a grande defesa do capoeirista contra navalhada no pescoço era o uso de um lenço chamado *esguião*, que era de sêda pura importada, vendido nas lojas do comércio da cidade baixa, por quatrocentos réis. Segundo a sua explicação, que é a mesma dos capoeiristas antigos, a navalha não corta a sêda pura.

Dêste modo, não se morria de navalhada no pescoço. Terminada esta parte e os cumprimentos sociais, vem uma exibição de *schath*, para, em seguida, dar lugar à *prova de fogo*. Esta *prova de fogo* consta do seguinte: durante a demonstração dos golpes, o calouro que não se saiu bem ou não satisfez as exigências do Mestre, para ser digno da medalha e do *lenço de esguião de sêda*, terá que fazer uma *prova de fogo*, que é jogar capoeira com um antigo discípulo, já formado e exímio jogador de capoeira. Há uma luta violenta, sob os olhos do Mestre. Saindo-se bem o calouro, estouram vivas e palmas, sendo abraçado por todos os seus companheiros. Caso contrário, vem um silêncio de gelo total. Após essa prova, vem o jôgo dos que se formaram naquele dia, com os já formados há tempo. Finalizando a parte do jôgo, vem um jôgo exclusivamente dos que se formaram, entre eles próprios. Tem início a parte festiva propriamente dita, com o *samba duro*, modalidade de samba, executado somente por homem e que a certa altura um passa a rasteira no outro, derrubando-o no chão. Vem o *samba de roda*, que é executado por homens e mulheres presentes, para depois haver o encerramento com distribuição de refrigerantes, cerveja, doces, abará e acarajé com todos. Além da sede já referida, com exibições aos domingos, Mestre Bimba possui outra só para cursos, à rua Francisco Muniz Barreto, 1 (antiga rua das Laranjeiras), funcionando diariamente.

O *Centro Esportivo de Capoeira Angola* é o nome da academia de capoeira, fundada em 1941 por Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), hoje localizada ao Largo do Pelourinho, 19, funcionando às terças, quintas, sextas-feiras às 19 horas e aos domingos às 15 horas. A sede da academia de Mestre Pastinha é um salão amplo de um casarão antigo, que também é a sede de muitas outras entidades, funcionando cada qual em horários diferentes. O ensino da capoeira é feito como nas demais academias, isto é, por via oral, à exceção da de Mestre Bimba. Mestre Pastinha, como todo capoeira, vai transmitindo a seus discípulos aquilo que sabe e aquilo que quer transmitir. A sua academia é um reflexo do que eu já disse anteriormente do Mestre. Hoje, devido ao seu estado de saúde, que já não lhe permite mais atuar, a academia perdeu o ritmo inicial; acha-se, do ponto de vista etnográfico, em decadência.

Lá, a capoeira tem vida quando comparecem dois grandes capoeiristas da Bahia: João Grande (João Oliveira dos Santos) e João Pequeno (João Pereira dos Santos), sobretudo João Grande, a quem "Deus mandou jogar capoeira", ambos atualmente contramestres da academia, conforme afirma Mestre Pastinha em entrevista à revista *Realidade*,⁸⁹⁸ sem entretanto terem sido seus discípulos.

A *Academia Baiana de Capoeira Angola*, sita à rua Christiani Ottoni, antigo Mirante do Calabar, com exibições às terças e quintas, das 20 às 22 horas e aos domingos das 9 às 12 horas, é dirigida por Mestre Gato (José Gabriel Goes). Não obstante se tratar de uma academia relativamente nova, vez que foi fundada em 1962, a *Academia Baiana de Capoeira Angola* é de grande importância entre as demais. Dispõe de excelentes discípulos e tocadores de berimbau, além de apresentar uma característica diferente das outras, que é o ensino da capoeira ao sexo feminino e ser a preferida pelos alunos da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, para o aprendizado de capoeira, devido ao valor de seu Mestre e à capacidade didática que tem para transmitir seus ensinamentos.

A *Academia de Capoeira de Angola São Jorge dos Irmãos Unidos de Mestre Caiçara* tem sede à rua Coronel Tupi Caldas, 84, Liberdade, e é dirigida pelo Mestre Caiçara (Antônio Conceição Moraes). É a única academia que se faz presente às festas populares da Bahia, independente de qualquer auxílio financeiro do órgão oficial do turismo municipal.

Grupo de Capoeira do Bairro Pernambués, com sede à rua Tomás Gonzaga, s/n, Pernambués tem como Mestre Arnol Conceição. Não obstante ter sede em recinto fechado, suas exibições são aos domingos, no terreiro em frente, ao ar livre.

O *Centro de Representação de Capoeira Regional* tem sede à rua Fernão de Magalhães, 71, Chame-Chame (Quinta da Barra), com exibição às terças e quintas das 19 às 22 horas e aos domingos das 15 às 18 horas, tendo como Mestre Augusto de São Pedro. Não obstante ter sido discípulo de Mestre Bimba, enriqueceu os ensinamentos do mestre com elementos

novos, usando-os em sua academia e admitindo o sexo feminino no aprendizado da capoeira regional, sendo assim o pioneiro nesse sentido.

A *Capoeira São Gonçalo*, com sede à rua Rodrigues Ferreira, 226, Federação, tem por Mestre Bigodinho (Francisco de Assis). Embora seja angoleiro de formação, convive intimamente com Mestre Bimba e em sua academia não usa só os elementos da capoeira angola, como os da chamada regional.

A *Escola Nossa Senhora Santana/Curso de Capoeira Regional*, tem como endereço a rua Guiri-Guiri, 86, bairro Cosme de Farias, antigo Quintas das Beatas. Seu Mestre é Manuel Roseno de Santana, discípulo de Mestre Bimba em 1927. Atualmente a academia está sem sede para exibições.

O *Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho* foi fundado pelo Mestre Cobrinha Verde (Rafael Alves França), discípulo do famoso capoeirista Besouro (Manuel Henrique). A sua sede é no Alto de Santa Cruz (Casa Brito), s/n, no bairro Nordeste de Amaralina, com exibições às terças, quintas e sextas às 20,30 horas e aos domingos às 8,30 horas.

Centro de Instrução Senavox/Capoeira é uma academia de capoeira fundada por Carlos Sena, discípulo de Mestre Bimba, que, partindo dos ensinamentos do mestre, acrescentou elementos outros, fazendo com que a sua capoeira tenha um caráter estilizado. Sua sede é à Avenida Sete de Setembro, 2, Edifício Sulacap, sala 207.

As academias de capoeira dispõem de *Mestre*, que é o dono da capoeira, um *Contra-mestre*, tirado entre os discípulos ou outros capoeiras convidados, e o *Côro*, que em algumas academias, como a de Mestre Bimba, é misto, isto é, masculino e feminino.

Do ponto de vista econômico, essas academias, de um modo geral, são a manutenção de seus mestres. São cobradas matrícula e mensalidade dos discípulos, ingressos para as exibições, assinam-se contratos para espetáculos, cinema e com entidades carnavalescas para participarem dos seus enredos, quando o mesmo exige a presença da capoeira.

Outro aspecto importantíssimo é o social. Uma academia cujos componentes são a burguesia local, políticos, ex-chefes de Estado, escritores, artistas e intelectuais, ela e seu mestre

⁸⁹⁸ *Realidade*/Uma Publicação da Editora Abril, Ano I, Número II, fevereiro 1967, pág. 80.

gozam de um prestígio social fora do comum e de certa tranquilidade econômica.

De certo modo, um e outro aspecto são negativos para a integridade e o processo normal de evolução e transformação da capoeira. A grande preocupação de prender o turista, vez que paga ingresso, tira a sua autenticidade, com o enxerto de coisas estranhas à essência da capoeira. Na sede do órgão oficial de turismo municipal, por exemplo, as academias que lá se exibem, com a finalidade de não cansar o turista e mostrar coisa variada, saem dos seus cuidados para fazerem *samba de roda*, ao som dos instrumentos musicais da capoeira, tendo como passistas o mestre e seus discípulos. Quando isso não acontece, há sempre um gaiato que se diz "professor" e, em tom informal, faz palestras sobre a origem e história da capoeira, dizendo as maiores heresias e deixando o espectador extremamente confuso. Por outro lado, a infiltração de elementos de um *status* social diverso do dessas academias tiralhes a autenticidade, no que tange à sua realidade social e de origem. Capoeira, como já disse, sempre foi coisa exibida nos terreiros, nos dias comuns, e nos largos ou praças nos dias de festas. Pois bem, de certa feita o órgão oficial de turismo municipal convocou todos os mestres de academias, para combinar a exibição de suas academias, durante as festas populares que se processariam durante o ano. Não é assim que a quase totalidade exigiu financiamento, no que foi atendida, exceção apenas para um mestre, que fez pior, lamentando ter sido incomodado para aquela reunião, uma vez que sua academia é freqüentada por *deputados e pessoas da sociedade*, portanto não podendo comparecer às festas de largo, para não se misturar com o povo. Como se vê, esse mestre e sua academia estão totalmente alienados da realidade social a que deveriam estar enquadrados.

XII

Ascensão Social e Cultural da Capoeira

O capoeira desde o seu aparecimento foi considerado um marginal, um delinqüente, em que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadrá-lo e puni-lo.

A primeira codificação penal brasileira, ou seja, o *Código Criminal do Império do Brasil*, de 1830, a ele não se refere especificamente. Como socialmente o capoeira era visto como um marginal, um vadio e sem profissão definida, daí estar implicitamente enquadrado no capítulo IV, artigo 295, que trata dos *vadios e mendigos*.⁸⁹⁹ Esse fato levou o jurista João Vieira de Araújo, ao comentar o Código Penal de 1890, na parte referente ao capoeira, a dizer que o Código Criminal de 1830 não o mencionava destacadamente, porque "então não havia surgido o *capoeira*; que é delinqüente *indígena*, porém muito mais moderno".⁹⁰⁰

⁸⁹⁹ Araújo Filgueiras Júnior, *Código Criminal do Império do Brasil/Anotado com os atos dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário/Que têm alterado e interpretado suas disposições desde que foi publicado, e com o cálculo das penas em todas as suas aplicações/Em casa dos Editores Proprietários Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1873, págs. 342-344.*

⁹⁰⁰ José Vieira de Araújo, *O Código Penal/Interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisprudência e com referências aos projetos de sua revisão. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1901, vol. I, pág. 393.*

Entretanto, o *Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil*, instituído pelo decreto número 847, de 11 de outubro de 1890 e que vige até hoje entre nós, deu-lhe tratamento específico no capítulo XIII, intitulado *Dos vadios e capoeiras*, nos artigos que se seguem: —

“Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena — de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dôbro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou fôr encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes”.⁹⁰¹

A legislação sobre os capoeiras não ficou somente aí. Acordaram os legisladores da necessidade de maior repressão e se idealizarem as colônias correccionais, o que se verificou logo após a publicação do Código de 1893, com o decreto número 145, que autoriza o governo a instituir uma colônia correccional, no próprio nacional denominado *Fazenda da Boa Vista*, na Paraíba do Sul ou onde melhor lhe parecer. O decreto, na sua essência, assim regula a matéria:

“Art. 1.º. O governo fundará uma colônia correccional no próprio nacional “Fazenda da Boa Vista”, existente na Paraíba

⁹⁰¹ Oscar de Macedo Soares, *Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil*/comentado por Oscar de Macedo Soares/Advogado. Segunda Edição, correta e consideravelmente aumentada, contendo em Apêndice toda a legislação criminal publicada até à presente data. H. Garnier, Livreiro, Editor, Rio de Janeiro, 1904, pág. 593.

do Sul, ou onde melhor lhe parecer, devendo aproveitar, além da fazenda, as colônias militares atuais que a isso se prestarem, para correção, pelo trabalho, dos vadios, vagabundos e capoeiras que forem encontrados, e como tais processados na Capital Federal.

Art. 9.º. Os Estados poderão fundar, à sua custa, colônias correccionais agrícolas, na conformidade das disposições desta lei, correndo somente a despesa por conta da União, quando nas leis anuais se votar a verba especial para elas”.⁹⁰² Mais tarde, o decreto de n.º 6.994, de 19 de julho de 1908, aprova o regulamento que reorganiza a *Colônia Correccional de Dois Rios*, cuja parte referente ao capoeira está assim elaborada:

“Título II, Capítulo I — Dos casos de internação.

Art. 51. A internação na Colônia é estabelecida para os vadios, mendigos, capoeiras e desordeiros”.⁹⁰³

Em nossos dias, embora na prática não funcione, a *Consolidação das Leis Penais* estabelece no seu artigo 46 que: “A pena de prisão correccional será cumprida em colônias fundadas pela União ou pelos Estados para a reabilitação, pelo trabalho e instrução, dos mendigos válidos, vagabundos ou vadios, capoeiras e desordeiros”.⁹⁰⁴

Munida de um instrumento jurídico, pôde a polícia dar vazão aos seus instintos, massacrando a torto e a direito os capoeiras que encontrava: estivessem ou não em distúrbios, a ordem era o massacre. O Brasil, que nasceu sem uma polícia organizada, começou a pensar nisso a 24 de outubro de 1626, com a primeira idéia de se organizar, no Rio de Janeiro, uma polícia inspirada nas Ordenações Filipinas, tendo como patrono o ouvidor-geral do crime Luís Nogueira de Brito. O trabalho era gratuito e executado por funcionários chamados *quadrilheiros*, devido à atuação no serviço ser feita por quadras, tendo cada uma um responsável. A tarefa era manter a tranqüilidade da cidade e evitar o vício e a delinquência. Como

⁹⁰² Oscar de Macedo Soares, *op. cit.*, págs. 645-646.

⁹⁰³ Antônio Bento de Faria, *Anotações teórico-práticas do Código Penal do Brasil/De acordo com a doutrina e legislação e a jurisprudência, nacionais e estrangeiras/seguido de um Apêndice contendo as leis em vigor e que lhe são referentes*. Jacinto Ribeiro dos Santos Editor, Rio de Janeiro, 4.ª edição, 1929, vol. II, pág. 235.

⁹⁰⁴ Vicente Piragibe, *op. cit.*, pág. 48.

esta estivesse proliferando com o crescimento da cidade, surge em 1725 o governador Luís Vahia Monteiro, com punho de ferro, para impedir o crime e por isso foi apelidado de *O Onça*, devido à semelhança de sua ferocidade com a do animal. Daí a polícia só veio sofrer reestruturação e por sinal de base, em 1808.

Com a chegada de D. João VI ao Brasil em 1808, a coisa tomou outro rumo. O medo dos capoeiras e o receio de ser liquidado por espões estrangeiros ou mesmo intrigas da corte, como medida de segurança cuidou, mui de logo, dar uma nova e mais segura estrutura à polícia. Como houvesse o Marquês de Pombal, por alvará de 25 de junho de 1760, instituído uma *Intendência Geral de Polícia de Portugal*, D. João VI não perdeu tempo em fazer a transposição do mesmo para o Brasil, através de um alvará de 10 de maio de 1808. Como o dito fôsse por demais despótico e desumano, foi violentamente criticado, em Londres, por Hipólito José da Costa, no *Correio Brasiliense*.⁹⁰⁵

D. João, como era natural, pensou em colocar no alto pósto uma pessoa de sua extrema confiança, que no caso seria Diogo Inácio de Pina Monique, que havia sido intendente de polícia em Portugal, durante 28 anos. Na impossibilidade de se concretizar a escolha, a preferência recaiu no brasileiro, o desembargador Paulo Fernandes Viana, homem famoso pelo desempenho de cargos importantes no Brasil e em Portugal e também pela sua inteligência, honestidade e rigidez. Uma vez nomeado o primeiro intendente de polícia do Brasil, tratou de organizar uma *Secretaria de Polícia*, nos moldes da de Lisboa. Assim, contando já com alguns elementos necessários à expansão do seu programa de realizações, Paulo Fernandes Viana propôs a criação da *Guarda Real de Polícia*, o que foi conseguido pelo decreto de 13 de maio de 1809. Mantida a princípio com seus próprios recursos e de amigos, confiou a sua direção a uma pessoa de estrita confiança que foi o major Miguel Nunes Vidigal, verdadeiro terror dos capoeiras, daí o importante destaque de sua administração na história da ca-

⁹⁰⁵ Elísio de Araújo, *Estudo Histórico sobre a Polícia da Capital Federal de 1808 a 1831* — Primeira Parte. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898, págs. 13-28.

poeira. A sua pessoa era algo atemorizante. Chegava inesperadamente nos quilombos, rodas de samba, candomblés e fazia miséria. Aos capoeiras, que foram a sua mira principal, reservava um tratamento especial, uma espécie de surras e torturas a que chamava *Ceia dos Camarões*. Em Melo Barreto Filho e Hermeto Lima se lê esta notícia sucinta de sua personalidade: — “Era um homem alto, gordo, do calibre de um grnadeiro, moleirão, de fala abemolada, mas um capoeira habilidoso, de um sangue-frio e de uma agilidade a tóda prova, respeitado pelos mais temíveis capangas de sua época. Jogava maravilhosamente o pau, a faca, o murro e a navalha, sendo que nos golpes de cabeça e de pés era um todo inextinguível”.⁹⁰⁶ Deu conta do recado, prestando os serviços desejados por D. Pedro I e D. Pedro II, principalmente no combate fulminante aos quilombos, candomblés e capoeiras, merecendo promoções várias, até quando faleceu, a 10 de junho de 1853, como Marechal de Campo e Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Depois da criação da Intendência de Polícia, o capoeira não teve mais sossego, tendo por algozes os seguintes intendentes, em ordem cronológica:

- 1.º — Conselheiro Paulo Fernandes Viana, de 10 de abril de 1808 a 26 de fevereiro de 1821;
- 2.º — Desembargador Antônio Luís Pereira da Cunha, de 26 de fevereiro de 1821 a 16 de janeiro de 1822;
- 3.º — Desembargador João Inácio da Cunha, de 16 de janeiro de 1822 a 28 de outubro de 1822;
- 4.º — Desembargador Francisco da França Miranda, de 29 de outubro de 1822 a 17 de julho de 1823;
- 5.º — Desembargador Estêvão Ribeiro de Resende, de 29 de outubro de 1823 a 9 de novembro de 1823;
- 6.º — Desembargador Francisco Alberto Teixeira, de 11 de novembro de 1824 a 15 de agosto de 1827;
- 7.º — Desembargador José Clemente Pereira, de 1827 a 1828;

⁹⁰⁶ Melo Barreto Filho e Hermeto Lima, *História da Polícia do Rio de Janeiro, Aspectos da cidade e da vida carioca — 1565-1831*, Prefácio de Filinto Müller. Editora S/A A Noite, Rio de Janeiro, 1939, vol. I, pág. 203.

- 8.º — Dr. Nicolau de Siqueira Queirós (interino), 1828;
- 9.º — Desembargador Antônio Pereira Barreto Pedroso (interino), 1828;
- 10.º — Desembargador Antônio Augusto Monteiro de Barros, 1829;
- 11.º — Desembargador Antônio José Araújo Bastos, 1829;
- 12.º — Desembargador José Pita Gavião Peixoto, 1831;
- 13.º — Conselheiro Caetano Mário Lopes Gama, 1831.

Com a promulgação do *Código de Processo Criminal de Primeira Instância do Império do Brasil*, a 29 de novembro de 1832, foi extinto o cargo de Intendente de Polícia e criado o de chefe de Polícia ocupado somente por juiz de direito, no artigo 6 do Capítulo I das Disposições Preliminares.⁹⁰⁷ Daí em diante o regime monárquico conheceu uma dezena de chefes de polícia, sendo o último nomeado quando da constituição do 36.º e último gabinete do Império, sob a presidência do Visconde de Ouro Preto, que foi o turbulento capoeira e inimigo dos mesmos, Conselheiro José Basson de Miranda Osório. A seu respeito Raimundo Magalhães Júnior transcreve este relato de Almeida Nogueira: “Baixo, claro, louro, olhos azuis e imberbe. Perito na arte da *capoeiragem*, destro e valente cacetista. Bom estudante, ainda que muito amigo das *caçadas* noturnas de perus, cabritos e até cavalos, esporte em grande voga nas rodas acadêmicas daquele tempo. Sorteado uma vez para se apoderar de rotundo peru que os *caçadores* haviam descoberto num quintal, o Basson executou com toda a audácia o mandato. Foi, porém, surpreendido quando já havia deitado a unha na cobiçada presa. Apesar da chuva de pancadaria que lhe caiu sobre o costado, não largou o peru, raciocinando, explicou-lhe depois, que pior seria apanhar a sova e ainda ficar sem o peru. Teve que guardar a cama, no

⁹⁰⁷ Josino do Nascimento Silva, *Código do Processo Criminal de Primeira Instância do Império do Brasil*/Argumentado com a Lei de 3 de dezembro de 1841 e seus regulamentos, disposição provisória acerca da administração da justiça civil, todas as leis, decretos e avisos a respeito até o princípio do ano de 1864/Explicando, registrando, revogando ou alterando algumas de suas disposições. Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1864, vol. I, pág. 4.

satisfeito dos carinhos contundentes com que fôra mimoseado”.⁹⁰⁸

A criação de uma Intendência de Polícia e o punho forte de Vidigal não extinguiu os capoeiras e muito menos o problema dos constantes conflitos entre eles e a polícia, sobretudo no que tange ao uso de armas por parte dos capoeiras. A arma comum a todos eles era a navalha, a qual manejavam com uma destreza invulgar. Na Bahia, segundo Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), usavam uma faca feita de braço ou canela de defunto, cuja furada fazia uma ferida difícil de cicatrizar, justamente por isso a polícia vasculhava tudo e todos em busca dessa arma, daí o seu preço altíssimo. Usavam também outro tipo de faca chamada *faca de ticum*. O ticum é uma palmácia também conhecido por *tucum* (*Bactris setosa*, Mart.), que dá uma fruta também conhecida pela garotada por *Mané Velho* e cujas fibras são usadas na fabricação das famosas *rêdes de ticum*. Pois bem, segundo me informou o capoeira Cobrinha Verde (Rafael Alves França) a madeira tem a resistência do ferro, daí a confecção de facas, e também tem poderes mágicos contra *mandinga*. Besouro (Manuel Henrique), o temível capoeira, seu primo e seu mestre, segundo corre entre os capoeiras antigos, confirmado pelo próprio Cobrinha Verde, foi morto em 1924, em consequência de um ataque com faca de ticum, em Maracangalha, não morrendo de imediato, sendo transportado para o hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Amaro da Purificação; somente quinze dias depois é que veio a falecer.

Usavam pouco a navalha. Geralmente entregavam às *mulheres de saia*, como eram chamadas as negras africanas ou descendentes, para esconderem na cabeça entre o cabelo e o torso, tomando-a no momento preciso.

No Rio de Janeiro usavam o *petrópolis*, uma espécie de bengala grossa, às vezes esculpida e encaustada ou simples porrete, assim chamado por analogia a Petrópolis, cidade do Rio de Janeiro.⁹⁰⁹ A propósito da origem e história dessas

⁹⁰⁸ B. Magalhães Júnior, *Deodoro/Uma Espada contra o Império* ed. cit., vol. II, pág. 55.

⁹⁰⁹ João Ribeiro, *Estudos Filológicos*. Nova edição, Jacinto Ribeiro dos Santos, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1902, pág. 173.

bengalas, há o seguinte depoimento de Taunay: "Na esquina das ruas D. Afonso e Protestantes (hoje 13 de Maio) o prédio do barão do Pilar, o qual pertenceu depois ao capitalista Delfim Pereira e posteriormente à princesa D. Isabel, que ainda o possui, depois de o ter aumentado muito.

No morro fronteiro, fazia figura o *chalet*, em estilo quase clássico grego (que singular enxerto arquitetônico) do falecido Carlos Spangenberg, cujas bengalas, algumas bem artisticamente esculpidas, concorreram para também dar voga popular ao nome Petrópolis. Ainda nos nossos dias costuma-se dizer um bom *petrópolis* por um bengalão respeitável e capaz de dar valentes cacetadas sem se lascar".⁹¹⁰

Após ter assistido a uma desordem de capoeiras em que o *petrópolis* teve ação destacada, o viajante alemão Carl von Koseritz escreveu em 1883: "No dia 29 à noite fomos convidados para uma *soirée* em Botafogo, e quando, à meia-noite, deixávamos na Lapa o bonde de Botafogo, a fim de pegarmos o Plano Inclinado, vimos um grupo de indivíduos patibulares ocupados em pegar fogo, com auxílio de petróleo, nas portas do "Cassino Fluminense". De repente chegou a polícia, os petroleiros se enganaram e tomaram o Cassino pelo Ministério da Justiça, que fica ao lado e que tem porta da mesma largura e é pintado da mesma cor. A sua amável tentativa se dirigia para o Ministério da Justiça, eles pensavam vingar melhor a morte de Apulcro incendiando o Ministério da Justiça... Esta cena que eu presenciei pessoalmente não foi contudo a única que se verificou naquela noite. Ao cair do crepúsculo grandes quantidades de capoeiras (negros escravos amotinados) e semelhantes "indivíduos catilinários" se reuniram na praça (*sic*) de São Francisco e começaram, ali e na rua do Ouvidor, a apagar os bicos de gás e, logicamente, a destruir os lâmpões, enquanto gritavam alto e bom som: — "Viva a Revolução!" Somente pelas 11 horas foi restabelecida a ordem, com a chegada de fortes destacamentos de urbanos

⁹¹⁰ Visconde de Taunay, *Filologia e Crítica* (impressões e estudos). Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1921, págs. 180-181.

(polícia da cidade), armados pouco urbanamente com rifles, enquanto a polícia a cavalo desembainhava os sabres, e a polícia secreta descia os seus porretes "petropolitanos". Estes chamados "petrópolis" são fabricados pelos alemães de Petrópolis e concorrem com os nossos cacêtes, mostrando ainda aqui a incidência de nossa missão cultural, pois ali se encontra um instrumento convincente da civilização".^{910a}

Os conflitos se sucediam a cada instante. Pelo que relata Elísio de Araújo a coisa se intensificou no início da administração de Vidigal, a deduzir da devassa de 22 de abril de 1812, contra o soldado Felício de Novais, do 2.º regimento.⁹¹¹ Distúrbios maiores ainda se verificaram em 1814, daí as grandes devassas contra pessoas portadoras de armas. Esses conflitos foram ganhando proporção, até que em 1821 a Comissão Militar, sentindo-se já impotente, resolveu dirigir a seguinte representação ao então ministro da Guerra: "Ilmo. e Exmo. Sr. — Tendo a Comissão Militar que exerce o governo das armas desta corte e província, reconhecendo a necessidade urgente de serem castigados pública e peremptoriamente os negros capoeiras, presos pelas escolas militares, em desordens, e reprovado inteiramente o sistema seguido pelo intendente-geral da polícia, de os mandar soltar, uma vez que não tenham culpa formada em juízo, do qual resulta dano a seus senhores, que são obrigados a pagar as despesas da cadeia, e uma perturbação contínua à tranquilidade e sossego públicos, e até à segurança da propriedade dos cidadãos; visto que pela falta de castigo de açoite, únicos que os atemoriza e aterra, se estão perpetrando mortes e ferimentos, como tem acontecido há poucos dias, que se tem feito seis mortes pelos referidos capoeiras e muitos ferimentos de facadas e levando a nossa Comissão Militar tomadas todas as medidas, que estão de sua parte, não é possível que preencham os fins a que atende sem que se tome também a que fica apontada, como única que pode concorrer para o bom resultado que convém; como, porém, o referido Intendente, ou por falta de energia

^{910a} Carl von Koseritz, *Imagens do Brasil*/Tradução, prefácio e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1943, págs. 238-239.

⁹¹¹ Elísio de Araújo, *op. cit.*, pág. 58.

ou por não estar bem ao alcance das perigosas consequências que se devem esperar, de tratar por meios de brandura aquela quantidade de indivíduos, lembra a Comissão Militar a V. Exa. que, quando seja do agrado de S.A.R. pede cometer-se a disposição daqueles castigos do coronel comandante da Guarda Real da Polícia a fim de os efetuarem logo que os prêtos forem presos em desordens, ou com alguma faca ou com instrumentos suspeitosos, porque com tal medida aparece o exemplo público e aos senhores dos escravos a vantagem de não pagarem as despesas da cadeia, que nada concorre para emenda dos mesmos, que não atendem a este prejuízo por lhes não ser sensível. S.A., porém, à vista dos expostos, determinará o que julgar mais justo, em benefício do bem público.

Deus guarde a V. Exa. Quartel-General da Guarda Velha, 29 de novembro de 1821. — Ilmo. Sr. Carlos Frederico de Caula. — Jorge de Avilez, Veríssimo Antônio Cordeiro, Semeão Estelito Gomes da Fonseca".⁹¹²

Os tumultos e desordens entre capoeiras e policiais prosseguiram. Tentando uma solução, resolveu o então intendente de polícia, desembargador João Inácio da Cunha, a 10 de fevereiro de 1823, nomear Manuel José da Mota, para se encarregar, juntamente com outros indivíduos sob suas ordens, de permanecer no encalço dos capoeiras e desordeiros, prendendo-os tão logo delinquam. Também deveria fazer cumprir o edital de 26 de novembro de 1821, que determinava o fechamento de açougues, tavernas e estabelecimentos congêneres às 10 horas da noite, sob pena de prisão. A medida não surtiu efeito, tendo Clemente Ferreira França ordenado ao brigadeiro chefe do corpo de polícia o reforçamento das patrulhas pela cidade para impedir qualquer aglomeração de negros, capoeiras e pessoas outras, no intuito de evitar desordens, através da Portaria de 8 de dezembro de 1823. Nada resolveu, nada impediu que os capoeiras estivessem sempre em luta. Agora são vistos numa luta meritória e assinalados nas páginas da história como heróis nacionais.

Com a guerra do Rio da Prata, a coroa se viu na contingência de contratar estrangeiros, para engrossarem as fileiras do exército brasileiro, importando assim elementos da Irlanda,

⁹¹² Elísio de Araújo, *op. cit.*, págs. 59-62.

Alemanha e Inglaterra. Dêsse contingente estrangeiro, uma parte já havia seguido para o Rio Grande do Sul e a outra parte, constante de três batalhões, um irlandês e outro alemão se achava no Rio de Janeiro, aquartelados no Campo de Santana, no Campo de São Cristóvão e na Praia Vermelha, reunindo tudo, cerca de duas mil praças, mais ou menos. Acontece, porém, que esses batalhões se achavam tremendamente descontentes com o governo e a cada instante davam prova disso, com a prática de atos de indisciplina. Não é assim que o comandante do contingente alemão, que se encontrava ocupado em São Cristóvão, ordenou que castigasse alguns soldados, que haviam praticado atos de indisciplina. Resultado — na manhã de 9 de junho de 1828, eles se rebelaram e prenderam o major destacado para fazer cumprir as determinações do comandante, fazendo grande tumulto e de armas em punho, abandonaram os quartéis e fizeram uma carnificina, matando, devastando e saqueando tudo. E à proporção que a notícia se espalhava, os outros contingentes iam se incorporando aos sublevados. O contingente alemão da Praia Vermelha se incorporou aos seus companheiros, em São Cristóvão. Atitude idêntica tiveram os irlandeses do Campo de Santana e os que se achavam de guarda, em vários edifícios e estabelecimentos públicos, durando essa intranquilidade de 9 a 13 de junho de 1829. Pois bem, em toda inquietação e balbúrdia tiveram papel de relevante importância os tão combatidos capoeiras. Basta que se tome por testemunho J. M. Pereira da Silva e se saiba que os sublevados, "atacados por magotes de prêtos denominados capoeiras, travam com eles combates mortíferos. Pôsto que armados com espingardas, não puderam resistir-lhes com êxito feliz, e a pedra, a pau, à força de braços, caíram os estrangeiros pelas ruas e praças públicas, feridos grande parte, e bastante sem vida".⁹¹³

Mas o momento áureo da capoeira foi nos últimos dias do Império e nos primeiros da República. A nomeação do bacharel Joaquim Sampaio Ferraz para ser o primeiro Chefe de Polícia da República foi a brasa no barril de pólvora. Sampaio

⁹¹³ J.M. Pereira da Silva, *Segundo Período do Reinado de Dom Pedro I no Brasil* — Narrativa Histórica. B.L. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1871, pág. 289.

Ferraz foi promotor público na Côrte, de 1883 a 1888, exercendo o cargo com tanta dignidade e austeridade, que fêz com que o generalíssimo Marechal Deodoro da Fonseca lhe entregasse o difícil cargo. Infelizmente, não bastava ser digno e austero para tal investidura. Importante mais que tudo era um conhecimento maduro e desapaixonado da então realidade social e política, em que estava mergulhado o país. Ter dignidade e usar punho de ferro não era a solução para o caso. A sua falta de conhecimento e de tato para conduzir os referidos problemas foi que logo de entrada criou a maior crise, que o gabinete de Deodoro experimentou, não sendo derrubado por um milagre do acaso. Os capoeiras entram para a história como os responsáveis diretos pelo abalo ao nôvo regime que se constituía e pela quase derrubada de seu primeiro gabinete. Foi o famoso e terribilíssimo capoeira Juca Reis (José Elísio Reis), filho do primeiro Conde de São Salvador de Matosinhos e irmão do segundo Conde de São Salvador de Matosinhos, o estopim de tôda a coisa. Sampaio Ferraz disposto a liquidar, de uma vez por tôdas, com os capoeiras, usando da carta branca que lhe dera o generalíssimo, pouco se lhe dando saber se o capoeira tinha ou não sangue azul, se era aristocrata ou um simples cafajeste, a preocupação era exterminá-lo. Por cúmulo do azar, chega de Lisboa o temível Juca Reis, que vivia sempre viajando, a mando da família para amenizar a vergonha e os dissabores que passava. Embora nada fizesse, mas o seu passado foi o suficiente, para que a 8 de abril de 1890, horas após o desembarque e dar umas voltas pela rua do Ouvidor, ser detido, encarcerado e incluído entre os que deveriam ser deportados para a ilha de Fernando de Noronha. Quintino Bocayuva, então ministro das Relações Exteriores, que era amigo íntimo da família, rebelou-se contra o excesso de autoridade dada pelo govêrno a Sampaio Ferraz, fazendo com que gerasse a injustiça, levando alguém a ser punido por um passado que não vive mais. O caso foi levado às sessões do Conselho de Ministros, oficializando-se, assim, a crise. A mais importante dessas sessões foi a de 12 de abril de 1890 cuja ata vai transcrita na íntegra: — “Aos doze dias do mês de abril de mil oitocentos e noventa, presentes à uma hora da tarde, em a sala das sessões do Conselho de Ministros, os cidadãos generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, chefe do

Govêrno Provisório; Dr. Rui Barbosa, ministro da Fazenda; general Benjamim Constant, ministro da Guerra; vice-almirante Eduardo Wandenkolk, ministro da Marinha; Dr. Campos Salles, ministro da Justiça; Dr. Cesário Alvim, ministro do Interior; Quintino Bocayuva, ministro das Relações Exteriores, e Francisco Glicério, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o Sr. Generalíssimo abriu a sessão.

O Sr. Francisco Glicério, tomando a palavra, fundamentou e apresentou o decreto reconhecendo o direito à indenização pela Companhia Estrada de Ferro D. Pedro I e determinando o pagamento do *quantum* por arbitramento. Assinado o decreto, solicitou licença para retirar-se por incômodo de saúde.

O Sr. Benjamim Constant apresentou projeto de reforma das escolas militares, sobre o qual foram feitas diversas considerações pelo Exmo. Sr. Chefe do Govêrno.

O Sr. Quintino Bocayuva, usando da palavra, faz considerações sobre o incidente, que ocupa a atenção pública, da prisão do cidadão José Elísio dos Reis pelo Sr. chefe de Polícia. Entende que foi exagerado o arbítrio dado pelo govêrno àquela autoridade; e, como não há lei no arbítrio, a exigência de fazer seguir para Fernando de Noronha o cidadão que fôra prêso tão-somente por seus precedentes, mas que tranqüilamente se achava nesta capital, para onde viera a chamado de seu irmão, parece excessivo rigor. As relações pessoais, que ligam o orador à família dêsse môço, a posição excepcional em que a contra-gosto se encontra, determinam a sua retirada do govêrno, sem que dêste retire, entretanto, todo o valimento de seu esforço e apoio.

Continuará, pois, fora do govêrno, a ser homem do govêrno.

Não está em desacôrdo com seus colegas, entende que o ato do chefe de Polícia deve ser mantido, mas escrupuliza ou antes discorda em que vá o prêso para Fernando de Noronha, onde até sua vida correria risco. Acha que a sua deportação para qualquer parte satisfaria. Não se conseguindo êsse acôrdo deixará o gabinete.

O Sr. generalíssimo Deodoro declara não poder consentir na retirada de tão ilustre companheiro, conquanto lhe louve os delicados melindres que manifesta a sua pureza de sentimentos de amizade.

O Sr. Rui Barbosa faz algumas considerações sobre o assunto.

Deseja o acôrdo, porque não pode ficar de pé o dilema inconveniente de ou sair o chefe de Polícia que, com autorização e apoio do govêrno, assim procede, ou o membro do govêrno que representa a chefia e as tradições do partido republicano.

Entende que o arbítrio conferido àquela autoridade é prova exuberante da confiança que em si depositava o govêrno e, pois, deveria contentar-se com o alvitre da deportação. Nesse sentido se deve apurar; é a sua opinião.

O Sr. Campos Salles diz que a opinião se tem manifestado contra José Elísio dos Reis, e anteveio uma crise logo que se divulgou a notícia da prisão que se debate. Logo que o fato chegou ao seu conhecimento, dirigiu-se ao chefe de Polícia, e tentou evitar, mas era tarde a sua intervenção. Essa autoridade, disposta a manter a ordem, aliás manter o seu ato, declarou-lhe que, se Reis não seguisse o destino dos demais capoeiras presos, exonerar-se-ia do seu cargo. Qualquer decisão que não seja esta, colocará o govêrno em posição falsa e o exporá aos remoque da população.

Lembra que, quando o chefe de Polícia propôs-se a extirpar da sociedade fluminense o capoeira, propôs ao conselho um processo sumário, em virtude do qual fôsse o indivíduo condenado. O Sr. Rui Barbosa opôs-se então ao processo e resolveu-se confiar a ação do chefe de Polícia ao seu próprio arbítrio. Daí a posição falsa em que se acha o govêrno. Considera irreparável a perda do colega das Relações Exteriores, mas não pode convir também na retirada do chefe de Polícia, porque este cairá armado de todo o prestígio, e nos braços da opinião pública que censurará o govêrno que não soube ser lógico. Portanto, pede ao colega que capitule ante as dificuldades do govêrno, e invoca o seu patriotismo. Todos têm tran-

sigido até com as suas próprias convicções, e tem o direito de exigir de si um sacrifício. O seu melindre de amigo agora está salvo, salvo também o melindre de homem de govêrno.

O Sr. Quintino Bocayuva declara que realmente foi exagerado o arbítrio que se deixou ao procedimento da autoridade policial; e, em vista dêle, não se opõe a que o govêrno mantenha-lhe o ato, concorda com êle; mas, no dia seguinte ao da partida do prêso deixará o Ministério. É questão de constrangimento pessoal; não criou essa posição, mas encontrou-se nela e não pôde evitar.

O Sr. generalíssimo declarou não assinar nem o decreto de demissão do chefe de Polícia, nem o de exoneração que o Sr. ministro solicita.

O Sr. Rui Barbosa diz que era mais uma prova de confiança e consideração bastante para demover o seu colega do propósito em que se acha.

O Sr. Cesário Alvim louva o proceder do seu colega das Relações Exteriores. Assevera que, em iguais circunstâncias, outra não seria a sua norma de conduta; pede, porém, que se consulte ao chefe de Polícia e que se consiga um acôrdo.

O Sr. Campos Salles conhece a história dêsse môço infeliz que tem sido a vergonha da família; lamenta a posição difficilima em que se encontra o seu distinto colega das Relações Exteriores, a quem pede se resigne à deliberação cruel do govêrno. Apóia o ato do chefe de Polícia e não pode ceder aos sentimentos do coração uma vez que o govêrno foi surdo às súplicas e às lágrimas das famílias dos outros que pelo mesmo motivo tiveram igual destino. Nenhum foi prêso em flagrante, mas em consequência dos seus precedentes. Não se trata de uma medida excepcional, mas da mesma que se adotou para todos. Resolver, pois, em sentido contrário é desmoralizar as instituições e consentir em que se diga que a influência das posições ainda dá leis ao govêrno da República, como na monarquia. A opinião pública está fita no govêrno; tôda gente inquire o procedimento do Gabinete e quer

ver até onde vai a energia e moralidade do governo. Compreende o estado em que estará o Sr. Conde de Matosinhos, primeiro por ter irmão de tal natureza, segundo por ter inconscientemente concorrido para esse fato; mas a solução única é que o distintíssimo colega das Relações Exteriores, tendo dado provas de sua amizade pessoal e de seus louváveis melindres, lembre-se da pátria, que tem o direito de exigir o sacrifício de cada um de seus filhos para sua felicidade. Propõe o alvitre de uma disposição geral que faculte aos que têm posses a retirarem-se de Fernando de Noronha para fora do país; e, assim, apenas chegado o Sr. José Elísio dos Reis, pode-lhe o governo facultar a retirada para a Europa. Desta forma, ter-se-ia atendido a um tempo à moralidade do governo e ao melindre do Conde de Matosinhos.

O Sr. Cesário Alvim lembra o alvitre de ser o prêso remetido para outro presidio, mediante petição da família, despachada pelo próprio chefe de Polícia, como meio de conciliar os interesses em jogo.

Foi resolvido que os Srs. Francisco Glicério e Campos Salles se entendessem com o Sr. chefe de Polícia para chegar a um acordo.

O Sr. Cesário Alvim refere-se aos negócios de Pernambuco, expõe as queixas apresentadas contra a política do atual administrador, homem aliás severo de costumes e honesto.

O Sr. generalíssimo Deodoro discute a matéria e resolve chamar a esta capital o general Simeão, que passará a administração ao primitivo vice-governador, até que se resolva sobre quem deva substituí-lo.

São sujeitos à assinatura alguns decretos, após o que, deu-se por finda a sessão às cinco horas da tarde, do que para constar, lavrei a presente ata que, sendo lida e posta em discussão, foi aprovada. — João Severiano da Fonseca Hermes. (Assinados): Marechal Deodoro da Fonseca. — José Cesário de Faria Alvim. — Francisco Glicério. —

Eduardo Wandenkolk. — Campos Salles. — Quintino Bocayuva".⁹¹⁴

O assunto voltou a ser ventilado na sessão de 19 de abril de 1890, pelo Marechal Deodoro, falando em torno da renúncia de Quintino Bocayuva e explicando o motivo de sua decisão, conforme resumo da ata que se segue: — "O Sr. Generalíssimo diz que hoje o Sr. Quintino Bocayuva pediu exoneração do cargo de ministro das Relações Exteriores. A falta, que resultará de sua retirada, será muito sensível.

Está no domínio público o seu grande valor em ajudar-nos a levar ao seu termo o governo. No seu caso faria o mesmo; mas a pena lhe pesaria na mão a assinar o decreto. O público está convencido da dignidade do Sr. ministro; portanto, pede que sujeite os seus desejos de retirada à decisão dos camaradas. O público reconhecerá também que, se acedermos ao pedido do Sr. Quintino, não teremos cumprido o nosso dever, e condenará o procedimento do Ministério em consentir em tal. A família ofendida, que deve orgulhar-se de sua amizade, terá a maior satisfação possível. Mandará o secretário do governo, por parte de todo o Ministério, dar todas as explicações que o caso exige.

Os Srs. Rui Barbosa, Cesário Alvim e todos — apoiado.

O Sr. Quintino Bocayuva declara que a deliberação de S. Exa. o Sr. Generalíssimo, por mais patriótica que seja e honrosa para sua pessoa, não pode ser aceita por si. É uma questão pessoal. Sai airoso. Concorda com tudo, como governo; mas é questão de honra a sua retirada no dia da partida de José Elísio dos Reis. Servirá melhor à causa do governo e da República fora do gabinete.

⁹¹⁴ Dunshee de Abranches, *Actas e Actos do Governo Provisório*/Cópias authenticas dos protocollos das sessões secretas do Conselho de Ministros desde a Proclamação da República até a organização do gabinete Luceña/Acompanhados de importantes revelações e documentos. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1907, págs. 167-172.

O Sr. Generalíssimo combateu ainda as opiniões do Sr. Quintino e resolveu-se adiar a matéria".⁹¹⁵

A crise foi superada com saldo desfavorável a Quintino Bocayuva. Prevaleceu o ponto de vista do chefe de Polícia Sampaio Ferraz, contra tôdas as suas atitudes e posições assumidas, Juca Reis foi cumprir pena em Fernando de Noronha e o mais curioso de tudo é que sua idéia de renúncia foi modificada em virtude das ponderações do Marechal Deodoro.

Sôbre tôda essa crise, sobretudo no que diz respeito ao cumprimento de pena dos capoeiras em Fernando de Noronha e a posição do ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocayuva, há um importantíssimo depoimento de Dunshee de Abranches, intitulado *A deportação dos capoeiras e o general Quintino Bocayuva*, o qual vai transcrito na íntegra: — "Um dos mais assinalados serviços, que deveu esta capital ao Governo Provisório, foi sem dúvida alguma o extermínio dos capoeiras.

Dando um tipo especial ao Rio de Janeiro no Brasil e mesmo em todo o mundo civilizado, a capoeiragem era aqui mais do que uma arte, era uma verdadeira instituição.

Radicado nos costumes fluminenses, como um carcinoma e, como tal, julgado inextirpável, resistindo a tôdas as medidas policiais, as mais enérgicas e mais bem combinadas, êsse flagelo dava eternamente uma nota sombria de terror às próprias festas mais solenes e ruidosas de caráter popular.

Já não falando nas datas de solenidades patrióticas ou religiosas quando a multidão se apinhava pelas ruas e pelas praças, nem mesmo nos dias calmos habituais de trabalho e tranquilidade reinava nos espíritos. À noite, durante os espetáculos ou mais vulgarmente depois dêstes, raro era o carioca ou o estrangeiro, que por aqui passasse ou entre nós vivesse, que se pudesse gabar de não haver assistido a uma dessas cenas sangrentas e aviltantes em

⁹¹⁵ Dunshee de Abranches, *op. cit.*, págs. 176-177.

que a rasteira, a cabeçada e a navalha levantavam a poeira das calçadas, lançando em pânico a população.

Houve tempo mesmo em que bastava uma banda de música fazer-se ouvir ao longe, para que tôdas as portas se fechassem com o temor de assaltos infalíveis, que eram praticados a torto e a direito, sem provocação nem motivos, simplesmente como um meio prático de dar expansão aos instintos selváticos dêsses tão cruéis quão originais sicários.

O certo, porém, é que a arte da capoeiragem, tornando-se um dos nossos usos mais característicos, não contava os seus cultores apenas nas classes baixas. Personagens ilustres e, entre êles, até homens políticos que ocuparam posição notável no parlamento ou nos conselhos da coroa, eram apontados como exímios no governo. E os *guaimus* e *nagoas*, como se denominavam os heróis de profissão nos agrupamentos arregimentados por chefes temíveis e temidos, não raras vêzes representavam o principal papel nas pugnas eleitorais.

Formando assim os capoeiras uma das páginas episódicas mais curiosas da história do segundo reinado, capítulo que infelizmente ainda não foi registrado em um estudo especial, como merece, não menos verdade é que foi sempre a preocupação dos governos imperiais, mais bem inspirados e decentes, acabar com semelhante praga, tão deprimente para os foros de uma cidade civilizada, como deverá ser a capital do Brasil.

Felizmente, porém, o que nunca pôde conseguir a monarquia, dentro da lei e das conveniências sociais, porquanto os mais perigosos dos chefes das maltas eram filhos de famílias ilustres, e até de titulares, de almirantes e de altos funcionários do Paço, teve a fortuna de levar ao cabo o Governo Provisório, no régimen ditatorial com que inaugurou a República.

Para isso, menos de dois meses depois de 15 de novembro, Deodoro mandou chamar o Dr. Sampaio Ferraz, ~~que então ocupava a chefia de Polícia, e, de acôrdo com o Dr. Campos Salles, ministro então da Justiça, incumbiu-o da delicada missão de exterminar os capoeiras.~~

O chefe de Polícia ponderou ao Generalíssimo as dificuldades com que teria de lutar para cumprir essas ordens, tanto mais quanto, para que sua ação fôsse nesse sentido coroada de êxito, teria de abrir luta com certas personalidades que, quer nas classes armadas, quer nas civis, quer mesmo no seio do govêrno, tinham parentes e amigos poderosos, que de certo se desgostariam com o fato de serem pessoas de suas famílias atingidas pelas medidas de repressão, as quais, para ser eficazes, deveriam ser iguais para todos, sem abrir-se uma só exceção.

Gênio resoluto e inquebrantável, Deodoro sossegou logo o Dr. Sampaio Ferraz, declarando-lhe que lhe dava carta branca para agir; e, o que fizesse, estava feito.

A vista disto, ficou combinado que todos os capoeiras, sem distinção de classe e de posição, seriam encarcerados no xadrez comum da Detenção, tratados aí severamente e pouco e pouco deportados para o presídio de Fernando de Noronha, onde ficariam certo tempo empregados em serviços forçados.

Assim aconteceu. E, logo no dia seguinte, organizada uma lista pela polícia que conhecia um por um dêsses facinoras que infestavam a cidade, começou uma rasura geral, não se atendendo a empenhos, condescendências e considerações de espécie alguma.

Ora, como previra o chefe de Polícia, não tardou que se dessem os mais desagradáveis incidentes, até nas altas regiões políticas.

O primeiro desgosto, nesse sentido, segundo dizem, foi o Sr. Dr. Lopes Trovão quem o sofreu. S. Exa., sem dúvida, um dos mais ousados paladinos da propaganda, teve mais de uma vez de afrontar nos *meetings* republicanos o punhal assassino dos adeptos do trono. E, em uma dessas ocasiões, foi um dos mais terríveis dos capoeiras, então conhecidos, o braço forte que o livrou generosamente de um golpe mortífero.

Nestas condições, sabendo da prisão e iminente destêrro do homem que lhe salvara a vida, o ardoroso tribuno tentou em vão libertá-lo, não só junto ao Dr. Sampaio Ferraz, como mais tarde perante o próprio Generalíssimo. E o certo é que êste fato causou tal impressão no espírito

público que, dias depois, saía oculto desta cidade um filho de um dos nossos mais distintos almirantes para não cair também nas malhas da polícia.

-Se, porém, a muitos servira êsse exemplo, de salutar aviso, a outros, mais confiantes talvez no seu prestígio ao lado dos chefes proeminentes da revolução, o caso não se afigurou talvez sem exceções.

É possível, pois, que fôsse êste o motivo lamentável de um tristíssimo incidente, que bem poderia ser evitado e que trouxe o afastamento por longos anos do nosso país de um dos estrangeiros que mais tinham honrado a sua pátria neste lado do Atlântico.

Foi o caso que constara ao Sr. Conde de Matosinhos, então proprietário d'O País, órgão dirigido pelo Sr. Quintino Bocayuva, ministro também nesse tempo do Govêrno Provisório, que um dos seus irmãos, o Sr. José Elísio dos Reis, mais conhecido por Juca Reis, figurava na lista dos que deviam ser degredados para Fernando de Noronha.

Ora, procedendo-se nessa época ao inventário do saudoso primeiro Conde de Matosinhos, parecera àquele ilustre de necessidade urgente mandar vir de Lisboa o seu aludido irmão tanto mais quanto a permanência dêste em Portugal buscar o viajante, pois que lhe garantia a liberdade.

Por seu lado, o Dr. Sampaio Ferraz, informado de tudo, consta que se apressou em fazer chegar ao conhecimento do Sr. Conde de Matosinhos um pedido para que desistisse dêsse intento, porquanto estava disposto a não deixar que o seu irmão pisasse impunemente as ruas desta capital.

Verdadeira ou não esta última versão, o fato é que a 8 de abril de 1890, horas depois de desembarcar neste pôrto e de passear algumas horas pela rua do Ouvidor, era detido e encarcerado o Sr. José Elísio dos Reis.

O Dr. Sampaio Ferraz, que o vira à porta da casa Pascoal fôra mesmo quem lhe decretara imediatamente a prisão, efetuada instantes depois na esquina da rua Uruguiana por um dos seus mais dedicados auxiliares.

Nessa mesma noite, debalde o Sr. Conde de Matosinhos procurou obter licença para falar ao prêso, o que não conseguiu também a sua veneranda mãe, que, debulhada em lágrimas, chegou até a solicitar essa graça ao próprio chefe do Estado.

Tudo negaram então ao retido, como aos outros capoeiras; e até mesmo o leito, que lhe fôra remetido pela família, não consentiram que figurasse na enxovia, em que se achava recluso.

Não pôdia, pois, deixar de irritar êsse procedimento do Dr. Sampaio Ferraz ao Sr. General Quintino Bocayuva, que assim via falhar a promessa solene que talvez impensadamente fizera ao seu amigo e protetor. E essa sua exacerbação não demorou em se traduzir no boato de demissão do chefe de Polícia.

E com efeito, o ministro do Exterior de Deodoro pusera a questão em um dilema de que não parecia poder mais fugir: ou o irmão do Sr. Matosinhos seria pôsto em liberdade, o que importaria na demissão inevitável do Sr. Sampaio Ferraz, ou então se retiraria S. Exa. do Gabinete.

Diante, porém, da insistência formal do Generalíssimo em manter o ato do chefe de Polícia, declarou-se a crise ministerial; e, em uma conferência reservada, a que compareceram todos os ministros, e realizada na secretaria da Agricultura, a 10 de abril, o Sr. Quintino Bocayuva declarou terminantemente aos seus colegas que, no dia seguinte, no despacho coletivo com o chefe do Estado, pediria a sua exoneração da pasta do Exterior.

O que se passou nessa importante conferência é que os leitores, já esclarecidos por estas linhas, apreciarão no texto da ata, a que se refere esta nota.

Entretanto, para concluir essa rememoração que acabamos de fazer, precisamos acrescentar que, apesar de tudo isso, Deodoro não recuou do seu propósito, mantendo a palavra dada ao chefe de Polícia. E, quinze dias depois, vinham a público na primeira coluna d'O País as explicações com que justificava o Sr. Conde de Matosinhos a passagem da propriedade dessa fôlha aos Srs. An-

tônio Leitão & Comp. e os motivos de sua retirada para o exterior.

Quanto ao seu irmão, móvel de toda essa agitada pendência, continuou na Detenção até 1.º de maio seguinte, quando foi remetido com outros capoeiras, a bordo do vapor *Arlindo*, para Pernambuco, e daí para Fernando de Noronha, onde se demorou alguns meses até obter permissão para seguir viagem de novo rumo para a Europa. E a paz e a concórdia não tardaram também a voltar ao seio do Governo Provisório, resignando-se patriótica e abnegadamente o Sr. Quintino Bocayuva a continuar no Ministério e sendo substituído na propriedade d'O País, o Sr. Conde de Matosinhos pelo Sr. Conselheiro Mayrink.⁹¹⁶

Todo êsse depoimento de Dunshee de Abranches foi transcrito por Rocha Pombo, ao registrar, pela primeira vez, a entrada dos capoeiras e suas façanhas na História do Brasil.⁹¹⁷

Mais temível que Juca Reis era a terrorista *Guarda Negra*. Essa guarda, segundo se propalava, nasceu sob a inspiração de José do Patrocínio e com a proteção das verbas secretas da polícia do governo de João Alfredo, tendo suas primeiras reuniões no jornal *A Cidade do Rio*, do qual era o diretor.

Criada para salvar a monarquia e lutar contra os republicanos, os dirigentes da Guarda Negra exploraram os sentimentos de gratidão dos negros libertos, a 13 de maio de 1888, para defenderem a princesa Isabel e como era de se esperar, incorporaram-se todos os capoeiras e mais toda uma avalanche de desordeiros e delinquentes. Tinham como preocupação dar um caráter maçônico à organização, não obstante os republicanos saberem todas as deliberações que tomavam, por antecipação. Reuniam-se na rua da Carioca, 77 (antigo), transferindo-se depois para a rua Senhor dos Passos, 165, onde deliberaram fundar a *Sociedade Beneficente Isabel, a Redentora*, instalando depois no Largo de São Joaquim, hoje Marechal

⁹¹⁶ Dunshee de Abranches, *op. cit.*, págs. 361-365.

⁹¹⁷ Rocha Pombo, *História do Brasil*, Benjamim de Aguiar — Editor, Rio de Janeiro, s/d., vol. X, págs. 275-280.

Florianópolis. Era uma associação de fanáticos. Ajoelhados, mão direita sobre o evangelho e olhos fixos na imagem de Cristo, os iniciados prestavam o seguinte juramento: — “Pelo sangue de minhas veias, pela felicidade de meus filhos, pela honra de minha mãe e pela pureza de minhas irmãs e sobretudo por este Cristo que tem séculos, juro defender o trono de Isabel, a Redentora — porque esta minha própria vida, por considerar acima de tudo este meu juramento. Em qualquer parte que meus irmãos me encontrem, digam apenas — Isabel, a Redentora — porque estas palavras obrigar-me-ão a esquecer a família e tudo o que me é caro”.⁹¹⁸ Os capoeiras da Guarda Negra fizeram miséria, não houve uma reunião fechada ou um comício público dos republicanos, que não fossem dissolvidos. O grande acontecimento promovido por eles foi a 30 de dezembro de 1888, quando do comício republicano, na Sociedade Francesa de Ginástica, à Travessa da Barreira, hoje rua Silva Jardim, em que Antônio Silva Jardim deveria proferir um discurso doutrinário. Embora o comício estivesse marcado para as 12 horas, já às 11 a Guarda Negra com os seus capoeiras se concentraram no Largo do Rossio, armados de unhas e dentes. Mal Lopes Trovão foi saudado e Silva Jardim começou a falar, o local se transformou numa praça de guerra, com grande número de mortos e feridos. Esse acontecimento deixou Joaquim Nabuco aterrorizado, a ponto de, ao escrever para José Mariano Carneiro da Cunha, desejando felicidades no ano de 1889, que acabava de romper, comentava tristemente: — “Organizou-se nesta cidade uma chamada Guarda Negra e no domingo houve um combate entre ela e os Republicanos, na Sociedade de Ginástica. Os Republicanos falam abertamente em matar negros como se matam cães. Eu nunca pensei que tivéssemos no Brasil a guerra civil depois, em vez de antes da abolição. Mas havemos de tê-la. O que se quer hoje é o extermínio de uma raça e como ela é a que tem mais coragem, o resultado será uma luta encarniçada. De tudo isto eu lavo as mãos. Os liberais se subirem hão de ter um papel difícil a desempenhar”.⁹¹⁹

⁹¹⁸ Melo Barreto Filho e Hermeto Lima, *op. cit.*, vol. III, pág. 161.

⁹¹⁹ Jordão Emerciano, *José Mariano ou O Elogio da Tribuna*. Secretaria do Interior e Justiça/Arquivo Público Estadual, Recife, 1953, pág. 93.

Sobre esse acontecimento e todas as demais atuações da Guarda Negra, Raimundo Magalhães Júnior estudou-os detalhadamente.⁹²⁰

A intranquilidade do país no que tange ao comportamento dos capoeiras não se extinguiu aí. Da instalação do governo republicano com a ditadura de Deodoro, até quase nossos dias, os conflitos se repetiram sem parar. Na Bahia, sua fase áurea foi durante a década de 1920, quando assumiu a chefia de polícia o famoso Pedrito (Pedro de Azevedo Gordilho), declinando um pouco, no início da década de 1930, para reiniciar com a última ditadura oficial, que se instalou no país em 1937. Nessa época, o capoeira já tinha perdido muito de sua essência primitiva. Não era mais o instrumento principal da política e dos políticos, sobretudo no período de eleição. Também decaiu o número de capoeira-capanga assalariado por potentados. Agora, a capoeira passa a tomar outro rumo, marcha para o seu aproveitamento cultural e em consequência disso começa a decrescer a pressão sobre ela. Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado) é o grande pioneiro, é com ele que a capoeira é oficializada pelo governo, como instrumento de educação física, conseguindo em 1937 certificado da então Secretaria da Educação, para a sua academia. Mestre Bimba foi o primeiro capoeirista, na história turbulenta da capoeira, em todo o Brasil a entrar em palácio governamental e se exibir, com seus alunos, para um governador, que queria mostrar a nossa herança cultural a seus amigos e autoridades convidados e como tal escolheu a outrora perseguida capoeira, justamente numa época em que estávamos sob um regime de ditadura violenta. A respeito de sua exibição em palácio do governador, em tão grave momento político, contaram-me pessoas ligadas a Mestre Bimba que de certa feita se achava ele tranqüilo, em sua academia, quando lhe apareceu um guarda de palácio, fazendo-lhe a entrega de um envelope, contendo um convite para comparecer a palácio. Sabendo-se capoeira e conhecido da polícia, assustou-se e não teve a menor dúvida de que se tratava de sua prisão. Preparou-se, comunicou o fato a seus discípulos e avisou que caso não voltas-

⁹²⁰ R. Magalhães Júnior, *op. cit.*, vol. I, págs. 326, 327, 341, 342, 373, 374, 376; vol. II, págs. 63, 64, 183, 228.

se é porque estaria prêso. Ao chegar em palácio teve uma grande surpresa e contentamento. O então Interventor Federal na Bahia, Sr. Juracy Montenegro Magalhães, hoje no posto de General do Exército Brasileiro, pediu-lhe que se exibisse em palácio, com seus alunos, para um grupo de autoridades e amigos seus. Precisando dar um cunho de veracidade à informação, dirigi-me ao General Juracy Montenegro Magalhães, no momento ocupando o cargo de Ministro das Relações Exteriores, que por ironia dos acontecimentos ocupava o mesmo ministério que Quintino Bocayuva ocupava no momento em que se dava um destino à capoeira, totalmente adverso ao que deu o então Interventor na Bahia e hoje ministro das Relações Exteriores. Em resposta, confirmou a informação, através desta carta: —

“Rio de Janeiro, 10 de maio de 1966

Prezado amigo Waldeloir Rêgo,

Acuso recebida sua estimada carta datada de 2 do corrente. Em verdade, quando Governador da Bahia, convidei o capoeirista Manuel dos Reis Machado, vulgo Mestre Bimba, para uma exibição em palácio, quando tiveram ocasião de assistir àquele espetáculo inúmeros visitantes ilustres e meus hóspedes.

Não sei se fui o primeiro a ensejar uma oportunidade igual, mas creio que, já nos dias que correm, tornou-se tradição na Bahia uma exibição desta natureza. Esclarecido, assim, seu pedido, peço aceitar o cordial abraço do amigo,

Juracy Magalhães”⁹²¹

Com isso a capoeira entra pela primeira vez em palácio governamental, começando daí a sua ascensão socio-cultural. Não saiu mais de palácios de governadores e prefeitos do país. Não se concebe uma reunião social, um congresso cultural, ~~sem que haja uma exibição de capoeira~~. A capoeira é ensinada como educação física, nas forças armadas e nas escolas. Alu-

⁹²¹- Juracy Magalhães, Carta ao autor de 10/5/66 — Guanabara.

nos da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia vão às academias aprenderem capoeira, para utilizarem na criação de suas coreografias. A capoeira está no cinema, na música, nas artes plásticas, na literatura e nos palcos teatrais.

143

XIII

A Capoeira no Cinema e nos Palcos Teatrais

Em artigo publicado em 1963⁹²² fui o primeiro a denunciar o elemento turismo na Bahia, infelizmente mal orientado, como o agente responsável por uma série de modificações na estrutura básica de nossa cultura popular, no caso enfocando as pressões econômicas diretas ou indiretas, sofridas pelos candomblés, contribuindo assim para um desvio normal na sua evolução, levando-os a uma descaracterização, que dificilmente cairia, não fôsse perturbado o ritmo normal da evolução histórica e sócio-etnográfica a que estão condicionados.

No que tange à capoeira, se a coisa não correu às mil maravilhas, também não lhe deu um saldo desastroso. É claro que houve grupos de capoeiristas e até academias que se baratinaram ante as pressões e tentações econômicas, descaracterizando-se por completo, mas verdade se diga que uma boa parte esteve e está fora dessas influências e, mais importante que tudo, a capoeira arrancou do turismo o que de melhor ele podia lhe dar, que foi a promoção e divulgação dentro e fora

⁹²² Waldeloir Rego, *Um Calendário de Festa Nagô na Bahia*, in *Jornal da Bahia*, Salvador, 29/9/63, 2.º caderno, pág. 2.

do território nacional. Olhada como coisa exótica, a capoeira da Bahia passou a ser, ao lado do candomblé, procurada por toda espécie de turista, pelos etnógrafos, artistas, escritores e cineastas.

A sua ida para o cinema e os palcos teatrais é o que vou abordar neste capítulo. Aportaram à Bahia cineastas dos mais variados recantos do Brasil e do mundo, em busca quando não da capoeira de um modo geral, mas isoladamente do toque, do canto e de um determinado instante do jogo. O fato é que essa gente arrancou elementos para inúmeros curta-metragens, ora documentando pura e simplesmente a capoeira, ora usando-a em apenas algumas cenas, como é o caso da película *Briga de Galos*, com roteiro e direção de Lázaro Tórres, fotografia de Rony Roger e produção da Winston Filmes, com Menção Honrosa no Festival dei Popoli em Florença. Dos filmes de longa metragem posso citar, entre produções puramente nacionais, associadas ou estrangeiras, em 1960, *Os Bandeirantes*, uma produção colorida franco-brasileira, distribuída pela UCB, com direção de Marcel Camus. O ano de 1961 foi áureo para o cinema nacional, com *O Pagador de Promessas*, produção luso-brasileira, distribuída pela Cinedistri, com direção de Anselmo Duarte e fotografia de Chick Fowle. Este filme foi distinguido em 1962, com a *Palme d'Or 1962*, no Festival de Cinema de Cannes. Ainda de 1961 é *Barravento*, produção nacional da Iglu Filmes, com direção e roteiro de Glauber Rocha, fotografia de Tony Rabatone e música de capoeira do mestre-capoeira Washington Bruno da Silva (Canjiquinha). Essa película foi premiada no Festival de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia. Em 1964 vem a produção nacional *Senhor dos Navegantes*, com roteiro e direção de Aloísio T. de Carvalho e a espanhola *Samba*, com cenas rodadas no Brasil, em especial a Bahia, onde foram filmadas as cenas de capoeira.

A capoeira emprestou seu principal instrumento musical, o *berimbau*, para ser símbolo de premiação em festival de cinema. Coube à Bahia a idéia de usá-lo pela primeira vez como tal. Em 1962 foi levado a cabo o *Primeiro Festival de Cinema da Bahia*, cuja nota oficial abaixo diz da sua origem e seu propósito: — "A Associação de Críticos Cinematográ-

ficos da Bahia e o Departamento de Turismo da Prefeitura, em colaboração com as empresas proprietárias de cinemas, decidiram organizar, em homenagem ao jubileu de *A Tarde*, o 1.º Festival de Cinema da Bahia, que se iniciará a 22 do corrente, terminando no dia 28. Um júri de entendidos julgará, em sessões diárias matutinas, os filmes selecionados para o Festival. No dia 28, à noite, no Cine Capri, será apresentado, em *avant-première* internacional, o filme *Santo Módico*, película franco-brasileira rodada na Bahia. O Festival terminará à noite de 28 no Teatro Guarani, com um espetáculo de gala para a exibição do filme classificado em primeiro lugar.⁹²³ Uma vez instituído o festival de imediato se instituíram os prêmios. E não tardou uma nota oficial regulamentando, assim, os referidos prêmios: — “Quanto prêmios serão distribuídos aos melhores do festival. Obedecendo ao seguinte critério: melhor filme — *Prêmio Cidade do Salvador*; filme que apresentar méritos particulares de originalidade e participação social — *Prêmio Especial da Crítica*; melhor curta-metragem — *Prêmio Universidade da Bahia*, e aos melhores: diretor, argumentista, roteirista, fotógrafo, músico, ator, atriz, ator-coadjuvante e atriz-coadjuvante, em ambas as categorias — *Berimbau de Prata*”.⁹²⁴ Como se vê, a maioria dos prêmios foi concedida sob a forma de *Berimbau de Prata*, pela primeira vez instituído, depois utilizado em festivais de música, embora o metal usado seja o ouro. Inúmeros filmes longa e curta-metragens, com a temática capoeira em determinadas cenas, foram exibidos e julgados durante o festival, sendo o resultado da premiação exposto na ata do júri que se segue, onde se vêem os premiados com o *berimbau de prata*: — “Aos 23 do mês de outubro de 1962, na sede da Associação Atlética da Bahia, com a presença do presidente Carlos Coqueijo Costa, secretário Hamilton Correia e os demais membros: Válder da Silveira, Rui Guerra, Mário Cravo Jr., Leo Jusi, José Augusto Berbert de Castro. Resolveu-se à unanimidade discutir inicialmente os critérios de julgamento, que foram assentados, passando-se então a deliberar sobre a distribuição do Grande Prêmio Cidade do Salvador, que foi deferido ao filme de longa

⁹²³ *Diário de Notícias*, Salvador, 10/10/62, pág. 1.

⁹²⁴ *Diário de Notícias*, Salvador, 21/10/62, pág. 6 do Suplemento.

metragem “Assalto ao Trem Pagador”, escolhido dentre três filmes que obtiveram melhores médias dos membros do júri.

Em seguida resolveu o júri, usando da faculdade que lhe conferem o Regulamento (art. 18) e o Regimento (art. 6), conceder um Prêmio Especial ao filme de longa metragem “Tocaia no Asfalto”, por sua grande contribuição para um caráter brasileiro de cinema. Prosseguindo no setor dos filmes de longa metragem, o júri discutiu e votou os prêmios “Berimbau de Prata” para os melhores nas suas respectivas categorias, a saber: Melhor diretor: Roberto Pires, por unanimidade de votos, pelo seu filme “Tocaia no Asfalto”; Melhor argumentista: Miguel Tôrres, pelo trabalho no filme “Três Cabras de Lampião”; Melhor roteirista: Roberto Farias, de “Assalto ao Trem Pagador”; Melhor fotógrafo: Hélio Silva, por unanimidade, pelos seus trabalhos nos filmes “Três Cabras de Lampião” e “Tocaia no Asfalto”; Melhor músico: Antônio Carlos Jobim, pela partitura do filme “Pôrto das Caixas”; Melhor Ator: Eliezer Gomes, pelo desempenho no filme “Assalto ao Trem Pagador”; Melhor atriz: Gracinda Freire, pelo papel feminino principal do filme: “Três Cabras de Lampião”; Melhor ator-coadjuvante: Milton Gaúcho, pelo desempenho em “Tocaia no Asfalto”; Melhor atriz-coadjuvante: Luísa Maranhão, pelo papel vivido em “Assalto ao Trem Pagador”.

A seguir foi atribuído o Prêmio Reitoria da Universidade da Bahia, para a categoria de curta-metragem, cabendo igualmente aos filmes “Aruanda” e “O Menino da Calça Branca”, respectivamente pelo seu valor documental e pelo seu valor poético, sendo seus autores Linduarte Noronha e Sérgio Ricardo. Por seus méritos artísticos mereceram Menções Honrosas do Júri os filmes “Festival de Arraiais”, de Rex Schindler; “Igreja”, de Sílvio Robato, e “Aldeia”, de Sérgio Saenz. A Comissão do júri, antes de encerrar os trabalhos, decidiu por unanimidade inserir em ata um voto de louvor aos idealizadores do Festival, notadamente ao jornal *A Tarde*, pelo patrocínio que emprestou, ao Departamento de Turismo da Prefeitura, na pessoa do seu dinâmico diretor Carlos Vasconcelos Maia, aos

exibidores Francisco Pithon e Juvenal Calumby, pela inestimável colaboração prestada, facilitando as sessões do Festival. E a título de colaboração, sugere que o Festival tenha caráter de continuidade, devendo ser realizado periodicamente, se possível cada ano. Bem assim, que desde logo seja constituída uma comissão permanente, sob a supervisão do Diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura, a fim de que sejam reformulados o Regulamento e Regimento do Festival, suprimindo-se as compreensíveis falhas nêles existentes e ampliando-se critérios que melhor possibilitem a classificação e julgamento dos filmes. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, de que dá notícia fiel esta ata, que vai assinada pelos membros do júri que compareceram à sessão. Assinados: Carlos Coqueijo Costa — presidente, Hamílton Correia — secretário, Válder da Silveira, Rui Guerra, Mário Cravo Jr., Leo Jusi, José Augusto Berbert de Castro".⁹²⁵

Em festivais internacionais, os filmes brasileiros, com cenas de capoeira, premiados foram *O Pagador de Promessas*, no Festival de Cinema de Cannes, *Barravento*, no Festival de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia e o curta-metragem *Briga de Galos*, no Festival dei Popoli, em Florença.

Nos palcos teatrais, a capoeira aparece totalmente estilizada. Quando não se estiliza nas coreografias de danças modernas, fazem-no nos espetáculos de conteúdo afro-brasileiro, como vem fazendo, dentre outros, Solano Trindade.⁹²⁶ Quando isso não acontece, fazem-se espetáculos montados, onde se cantam músicas com conteúdo de capoeira, como fazem Ellis Regina e Baden Powell, na *boîte* Zum Zum, batizando o espetáculo com o nome de *Berimbau*.⁹²⁷

Na Bahia, o *Grupo Folclórico da Bahia*, dirigido por Ubirajara Guimarães Almeida, discípulo de Mestre Bimba, vem dando espetáculos de capoeira estilizada. De certa feita o Departamento de Educação Física e Esportes da Bahia organizou, no Ginásio Antônio Balbino, um espetáculo intitulado

⁹²⁵ A Tarde, Salvador, 29/10/62, pág. 3.

⁹²⁶ Jornal do Brasil, Guanabara, 18/1/67, Caderno B, pág. 5.

⁹²⁷ Jornal do Brasil, Guanabara, 18/1/67, Caderno B, pág. 6.

Noite de Folclore, e lá estava o referido grupo no fim da programação, apresentando *História da Capoeira e Samba Duro*.⁹²⁸ Infelizmente, não se coaduna com a verdade, no que diz respeito à História da Capoeira. O grupo é mal informado e às vezes apela para a imaginação, no que se refere ao aspecto histórico e sócio-etnográfico da capoeira, passando a divulgar inexatidões a quem à sua platéia acorre. Melhor seria que, partindo de fatos concretos de capoeira, estilizando como vem fazendo, criassem histórias próprias e montassem um espetáculo, sem a pretensão de fazerem história ou etnografia da capoeira. No mesmo ano em que se exibiram aqui, exibiram-se na Guanabara, no Teatro Jovem, com um espetáculo intitulado *Vem Camará 67 (novas estórias de capoeira)*.⁹²⁹ Como se vê, o termo *história*, para designar fato concreto, fato consumado, foi substituído pelo termo *estória*, a coisa criada, inventada. Talvez isso fôsse fruto do diálogo que mantivemos, eu e o dirigente do grupo, meses antes do espetáculo. Não assisti a essa apresentação, porém soube do sucesso promocional e de platéia, através da imprensa.⁹³⁰ Agora se lê num jornal de Salvador que "O Grupo Folclórico da Bahia irá representar o Brasil no III Festival Latino-Americano de Folclore, a realizar-se na cidade de Salta, na Argentina, quando apresentarão, durante quarenta minutos, um espetáculo que terá como tema principal a capoeira e fragmentos de candomblé, samba de roda e outros números do nosso folclore.

O Festival de Salta reúne representantes de todas as Américas e seus quatro primeiros colocados irão participar da Feira Internacional de Folclore, em Los Angeles, no que estão esperançosos os nossos representantes".⁹³¹

⁹²⁸ A Tarde, Salvador, 26/4/66.

⁹²⁹ Jornal do Brasil, Guanabara, 18/1/67, Caderno B, pág. 6.

⁹³⁰ Jornal do Brasil, Guanabara, 18/1/67, 1.º Caderno, págs. 1, 5; Caderno B, págs. 3, 6.

⁹³¹ A Tarde, Salvador, 21/3/67, pág. 3.

XIV

A Capoeira nas Artes Plásticas

O aparecimento da capoeira nas artes plásticas não é de agora. As indicações mais específicas remontam a 1827 com Moritz Rugendas. Em viagem pelo Brasil, Rugendas anotou e desenhou paisagens, cenas e costumes da vida brasileira. Depois, de volta à Europa deu forma de livro e começou a publicação em quatro partes, de 1827 a 1835, sob título de *Malerische Reise in Brasilien*. Dentre os desenhos que fez, lá está uma cena de capoeira a que já me referi, neste ensaio. No ano seguinte ao término da publicação da obra, isto é, em 1836, Rugendas destacou as planchas litografadas e as publicou em Schaffhausen com o título de *Das Merkwürdigste aus der malerischen Reise in Brasilien*.

Quase que paralelamente a Rugendas, vem Jean Baptiste Debret com a sua *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, ou *séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, époques de l'avènement et de l'abdication de S.M.D. Pedro 1er, fondateur de l'Empire brésilien*, publicado em Paris em três volumes de 1834 a 1839, onde há uma plancha litografada de sua autoria, de um negro escravo tocando berimbau, principal instrumento da capoeira. A respeito desse desenho, também já me referi no corpo deste livro.

De lá, até nossos dias, o grande mestre e senhor absoluto do tema é Carybé, cujo verdadeiro nome é Hector Julio Páride Barnabó, nascido na Argentina, vindo para o Brasil em 1943, estabelecendo-se de imediato na Bahia, onde assimilou os costumes e tradições, incorporando-se de logo à vida baiana. Hoje com cidadania brasileira, diz-se naturalizado baiano, devido ao seu amor excessivo à Bahia. Com um desenho magistral, que se impõe por sua dinâmica e simplicidade, foi que Carybé conseguiu suplantir todas as dificuldades, na captação e recriação dos complicados movimentos da capoeira, como nenhum outro artista do presente. A Bahia, tanto na sua capital como nas cidades circunvizinhas, está cheia de murais de Carybé com a temática da capoeira. Realizou inúmeras exposições dentro e fora do país, onde os desenhos de capoeira estiveram presentes e no trabalho quotidiano sempre é interrompido por um colecionador que o visita, trazendo, em sua relação de aquisições, desenhos de capoeira.

Em 1955, a Livraria Progresso Editôra criou a *Coleção Recôncavo*, espécie de cadernos, com a finalidade de divulgar os costumes e tradições da Bahia. Cada caderno foi entregue a um escritor para elaborar o texto sobre um tema e todos ilustrados por Carybé. Pois bem, o caderno número três foi destinado à capoeira e como Carybé estivesse mais entrosado, na época, do que ninguém no assunto, a ele foi confiado também o texto. O referido caderno que tem por título *O Jôgo da Capoeira*, com um texto leve, sem pretensões etnográficas, contém 24 desenhos excelentes, além de mais quatro sobre os instrumentos musicais da capoeira, hoje fazendo parte do acervo do Museu do Estado da Bahia.

Mais tarde, em 1862, todas as ilustrações que compunham a extinta *Coleção Recôncavo* foram reunidas em volume sob o título *As Sete Portas da Bahia* e publicado com *Cantiga de Capoeira para Carybé*, de autoria de Jorge Amado, onde o autor, partindo de um refrão de capoeira, compôs esta extensa cantiga de louvação a Carybé: —

“Mestre de muitas artes,
ê, ê camarado
quem é que é?”

Quem é que é
ê, ê, camarado,
da Bahia o filho amado?

É Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

Quem é que é,
ê, ê, camarado,
dono do mar da Bahia?

O xaréu de prata e lua,
ê, ê, camarado,
a jangada e o saveiro
e o abebé de Iemanjá,
ê, ê, camarado,
e de quem é?

Quem é que é,
ê, ê, camarado,
o filho de Oxossi e Omolu?

É Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

Mulato de picardia,
ê, ê, camarado,
na roda da rapoeira,
da capoeira de Angola
ê, ê, camarado,
quem é que é?

No largo do Pelourinho,
ê, ê, camarado,
na Conceição, no Bonfim?

De quem é o berimbau,
ê, ê, Pastinha
e o rabo de arraia?

É de Carybé, camarado
ê, camarado, ê,

Querido de Mãe Senhora,
ê, ê, camarado,
e de todos os orixás,

Quem é que é esse Obá,
ê, ê, camarado,
na roda das iauôs,
negro nagô?

E de quem é,
ê, ê, camarado,
o xaxará, o erukerê
e o agogô?

É de Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

De quem é o vatapá,
ê, ê, camarado,
e a negra do acarajé,
Nanci, Ramiro e Sossó,
ê, ê, camarado,
e de quem é?

A paisagem, a poesia
e o mistério da Bahia,
ê, ê, camarado,
e de quem é?

É de Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

De Brotas ao Rio Vermelho,
ê, ê, camarado,
quem reina nas Sete Portas,
dono dos atabaques,
amigo de todo mundo,
ê, ê, camarado,
quem é que é?

É Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

É Carybé da Bahia,
ê, camarado, ê,
camarado".⁹³²

Outro artista que conseguiu ótimos resultados plásticos, com o tema capoeira, foi o escultor Mário Cravo Júnior. Mário Cravo possui litografia,⁹³³ inúmeros desenhos de capoeira, mas o seu grande achado está nas esculturas em ferro cujas cenas de capoeira são tão boas e plásticamente válidas quanto a famosa coleção fálca de Cristos e Exus. Em madeira, conseguiu sair-se com rara felicidade quando esculpiu, em tamanho natural, um *Tocador de Berimbau*, numa interpretação erótica.

São também de grande importância os excelentes desenhos de Aldemir Martins sobre capoeira. Aldemir Martins é um dos dois artistas brasileiros com premiação internacional, na Bienal de Veneza.

Na pintura, a capoeira tem sido aproveitada pelos pintores primitivos, que nos últimos tempos têm proliferado de maneira assustadora, trazendo, na sua maioria algo de ruim e comprometedor, refletindo negativamente no que há de válido na pintura primitiva brasileira.

⁹³² Carybé (Hector Julio Páride Barnabó), *As Sete Portas da Bahia/ Apresentação de José de Barros Martins e Jorge Amado*. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1962.

⁹³³ Mário Cravo Júnior, *Sincronismo Técnico da Gravura com a Escultura*. S. A. Artes Gráficas, Bahia, 1963.

XV

A Capoeira na Música Popular Brasileira

No processo evolutivo da música popular brasileira, de todas as *modas* em matéria de música, a que conseguiu se fazer notar com mais eficácia foi o que comumente se chama *Bossa Nova*. Com vários pais e papas, em verdade a bossa nova permanece com a sua extração duvidosa. Tinhorão, em livro cheio de observações lúcidas, não obstante ter pontos discutíveis, aqui e ali, foi bastante feliz ao dizer que a bossa nova é "Filha de aventuras secretas de apartamento com a música norte-americana — que é, inegavelmente, sua mãe — a bossa nova, no que se refere à paternidade, vive até hoje o mesmo drama de tantas crianças de Copacabana, o bairro em que nasceu: não sabem quem é o pai".⁹³⁴ Não importa muito aqui o problema da extração da bossa nova e sim no que ela contribuiu de positivo ou negativo no afastamento ou aproximação da música popular brasileira. No que diz respeito ao samba, Tinhorão denuncia o afastamento definitivo de suas origens populares, que ela provocou.⁹³⁵ Entretanto, no que toca à capoeira, em sua temática e música propriamente

⁹³⁴ José Ramos Tinhorão, *Música Popular/ Um tema em debate*. Editora Saga, Rio de Janeiro, 1966, pág. 17.

⁹³⁵ José Ramos Tinhorão, *op. cit.*, pág. 22.

ditas, a presença da bossa nova foi bastante benéfica. Os letristas e compositores usaram e abusaram do tema. Quando não escreveram letras ou compuseram com base no tema, enxertaram letras e músicas inteiras de capoeira, pura e simplesmente, quando muito retocando a composição anônima para lhe dar sua autoria.

Dentro da etiqueta bossa nova, coube a Baden Powell e Vinicius de Moraes, mui especialmente Baden Powell, explorar a temática. Foi por volta de 1962, quando chegou à Bahia, que Baden Powell, segundo me afirmou, tomou contacto com o berimbau. Levado a conhecer o escultor baiano Mário Cravo Júnior, em seu *atelier*, ouviu o referido artista tatear alguns toques de berimbau, começando assim a despertar interesse pelo *problema*, conforme expressão sua. Daí em diante foi acumulando vivência e experiência, resultando disso o samba *Berimbau*, com música de sua autoria e letra de Vinicius de Moraes, sendo gravado e lançado no mercado no ano seguinte, no momento em que se encontrava em Paris. Essa presença de Baden reconhece o próprio Vinicius de Moraes, que em entrevista na imprensa carioca afirma: — “Muita gente diz que, de dois anos para cá, a música popular tomou novo alento...”

Não é bem isso. O que ocorreu de extraordinário, de dois anos para cá, foi a entrada em cena do Baden Powell. Ele acrescentou o elemento Afro, formador de nossas raízes rítmicas, à música popular, obtendo um sincronismo inédito, carioquizando o candomblé, a capoeira e a macumba, da qual, por sinal, é um crente. Ele tem as antenas ligadas com a Bahia recente e a África ancestral. O resultado disso foram essas maravilhas que são *Berimbau*, *Labareda* e, ultimamente, *Canto de Ossanha*, as três já definitivamente incorporadas ao patrimônio musical brasileiro. Essas músicas são resultados de pesquisa no mundo da magia negra e do Candomblé baianos”.⁹³⁶ En-

⁹³⁶ Luís Carlos Bonfim, “Vinicius afirma que Bossa Nova agora é que dá show”, in *Correio da Manhã*, Guanabara, 3/3/66, 1.º Caderno, pág. 13.

tretanto, historicamente falando, o pioneirismo cabe à Bahia, na pessoa de seu compositor Batatinha (Oscar da Penha).

Muito antes de Baden Powell e Vinicius de Moraes já Batatinha havia feito uso da capoeira, em suas composições. Uma década antes de ser composto *Berimbau*, Batatinha dava uma entrevista no mais antigo jornal da Bahia, então em circulação, que foi o *Diário da Bahia*, na qual, respondendo a uma pergunta do entrevistador sobre o uso do tema capoeira em suas composições, afirmava em tom categórico: — “Eu disse que já tinha explorado este tema numa composição, “A Capoeira” e depois do carnaval vou me entregar a um sério estudo de adaptação desse ritmo às nossas músicas. As duas tentativas foram bem sucedidas, vamos ver se levo avante esta idéia”.⁹³⁷

Houve uma época em que a grande novidade foi uma música e dança chamada *boogie woogie*. O *boogie woogie* é uma importação norte-americana de raízes africanas. Segundo Oderigo, “el *boogie woogie* constituye una modalidad pianística de honda raigambre tradicional afronorteamericana, cuyas raíces se introducen verticalmente en el terreno del genuino folklore negro y que no representa una “moda”, ni una “novedad”, como por ahí se ha dicho y escrito”.⁹³⁸ Tecnicamente falando, “o *boogie woogie* consiste em versões dos *blues* de doze compassos, em que a mão esquerda toca um *walking bass* (contrabaixo ambulante) de percussão, enquanto a direita explora variações sobre acordes de doze compassos de uma maneira rítmica, obtendo-se assim, como efeito final, uma música excitante cheia de ritmos cruzados. É essencialmente um estilo de piano, e as muitas tentativas para convertê-lo à gran-

⁹³⁷ Isa Moniz, “Entrevistando Nossos Artistas: Não há incentivo para os compositores baianos/ Ouvindo “Batatinha”, compositor baiano — Não é e nunca foi de rádio — Aproveitando o ritmo da capoeira — Quer ir ao Rio só para gravar as suas composições”, in *Diário da Bahia*, Salvador, 3/2/52, pág. 4 do Suplemento.

⁹³⁸ Nestor R. Ortiz Oderigo, *Estetica del jazz*. Ricordi Americano, Buenos Aires, 1951, pág. 52.

de orquestra têm dado um resultado híbrido cheio de *swing* riffs e de monotonia".⁹³⁹

Embora sua entrada no Brasil seja recente, os estudiosos querem ver os alicerces do *boggie woggie*, começando a surgir por volta de 1875⁹⁴⁰ e a primeira gravação datando de 1928, feita pelo pianista Pirre Top Smith, de Chicago.⁹⁴¹ Pois bem, Batatinha, que sempre foi avesso à alienação de nossas coisas, reagia às investidas estrangeiras contra o samba, a ponto de perturbar a sua essência, como o caso da salada samba-bolero e até mesmo o samba-canção. Então ao surgir, como era de se esperar, o *samba-boogie*, revoltou-se e compôs *Samba-Capoeira* mostrando que não era precisa buscar o alheio, para modificar ou melhorar o nosso. *Samba-Capoeira* tem solo de berimbau e começa com uma quadra de capoeira. Foi seu mestre nos segredos dos toques e música de capoeira o famoso capoeirista Onça Preta (Cícero Navarro) e sua composição, depois de pronta, foi cantada na Rádio Cultura da Bahia pelo conjunto vocal Cancioneiros do Norte, constituído de cinco elementos tocando violão, trinlim, tantã, pandeiro e cabaça. A letra é a seguinte: —

Samba-Capoeira

Menino quem foi seu mestre
Meu mestre foi Salomão
Me ensinou a capoeira
Com a palmatória na mão.

Quero mostrar que o meu samba
Com um pouquinho de capoeira é bom
E nem precisa se mudar de tom

⁹³⁹ Rex Harris, *Jazz/ As suas origens e o desenvolvimento que adquiriu, desde os ritmos primitivos africanos à evoluída música ocidental dos nossos dias/ Tradução de Raul Calado, Editora Ulisséia, Lisboa—Rio de Janeiro, 1952, pág. 178.*

Gilbert Chase, *Do Salmto ao Jazz/A música dos Estados Unidos. Tradução de Samuel Pena Reis e Lino Vallandro. Editora Globo, 1957, pág. 424.*

⁹⁴⁰ Nestor R. Ortiz Oderigo, *op. cit.*, pág. 51.

⁹⁴¹ Rex Harris, *op. cit.*, pág. 177.

O samba com o *boogie woogie* abafa
E a canção com o meu samba
Muito melhorou
Agora a capoeira e o samba vão se ajuntar
E a coisa vai ser mesmo de abafar.

II

Com muita simplicidade
Eles são capazes de fazer furor
Vocês podem ficar cientes
Que eles são os verdadeiros irmãos na côr
Sendo um nobre e outro pobre
Sem nenhuma proteção
Mas agora que está na hora
Da capoeira melhorar de posição.

No presente, com o advento da chamada *Bossa Nova*, a inovação foi motivo de tema para Batatinha, que compôs de parceria com Jota Luna (Ivaná Maia Luna) a composição que se segue: —

Bossa e Capoeira

A moçada vai gostar
Quando ver o meu samba na prova
E ouvir o berimbau
No balanço da bossa nova.

Vem, vem, vem
Vamos dançar
Bossa-capoeira
Que é de abafar.

Não tem rabo de arraia
Nem pernada, ó meu irmão
Tem morena nos meus braços
Dançando é sensação.

Esta composição foi feita para uma gravação, faz uns três anos, infelizmente não sendo levada a cabo. Com o Concurso Internacional da Canção Popular, realizado em 30 de outubro de 1966, na Guanabara, ela foi inscrita. Na Bahia foi apresentada na Televisão Itapuã da Bahia pelo conjunto Inema Trio, com arranjo do próprio conjunto; na Rádio Sociedade da Bahia pelo conjunto Bossa Cineo com arranjo do maestro Oscar Lopes.

Batatinha sempre conviveu com os melhores compositores locais, inclusive, há bastante tempo, com João Gilberto, seu velho amigo e companheiro de trocar idéias. Sua produção sempre foi grande. Na época da entrevista, Isa Moniz fez o seguinte roteiro de suas composições: — “Como *Olhe aí que é que há* e *Feijoadade de Sinhá* e, na opinião de Claudionor Cruz, Artur Costa e Jairo Argileu, uma das melhores composições de Batatinha. *Não insista* e *Meu trôco condutor*, ambas em mãos de João Gilberto, aquele jovem baiano que hoje anda pelo Sul; Batista de Sousa levou *Ocaso de Marina* e Batatinha ignora se essas músicas já foram ou não cantadas lá pelo Rio... Para este carnaval surgiu *A grande Stela, Carnaval de minha infância*, que Arlindo Soares lançou, e *Aparências*, de parceria com Milton Barbosa, cantada pelo Cancioneiros do Norte”.⁹⁴² Batatinha continua produzindo, sendo suas composições classificadas desde 1960, nos concursos oficiais da Prefeitura Municipal do Salvador.

Mas, voltando à dupla Baden-Vinicius é preciso repetir que eles foram o ponto decisivo, na história da música popular brasileira, na adoção do toque e canto da capoeira. *Berimbau* foi e continua sendo sucesso, gravado e regravado por intérpretes famosos e isso foi o estímulo a novas composições dentro do tema. Ao que tudo indica, Baden vai voltar ao assunto. Este ano (1967), dentro do programa comemorativo da reinauguração do Teatro Castro Alves foi incluído um espetáculo de Baden. Aproveitando sua estada na Bahia, tive a oportunidade de conhecê-lo e trocar idéias sobre a música popular brasileira no presente. Baden não perdeu um só instante, às voltas com o capoeirista Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), de quem recolheu muitos toques de berimbau e suas respecti-

⁹⁴² Isa Moniz, entrevista citada, pág. 3.

vas cantigas. Antes, confessou-me Baden, não houvera mantido contacto direto com nenhum capoeirista profissional, na intimidade para saber de sua malícia e seu segredo musical. *Berimbau* foi composto, como já expliquei anteriormente, conforme suas palavras e com um outro detalhe, que se esqueceu de me dizer, mas que Vinicius informa no texto da contracapa da gravação *Os afro-sambas* — ouviram “uma gravação ao vivo de sambas-de-roda e cantos de candomblé, com várias exhibições de berimbau em suas diversas modalidades rítmicas”.⁹⁴³

Começando por *Berimbau*, transcreverei as letras de músicas populares brasileiras, com tema de capoeira, que consegui recolher, acompanhadas de informações e explicações, quando se fizerem necessárias: —

Berimbau

Quem é homem de bem
Não trai
O amor que lhe quer
Seu bem
Quem diz muito que vem
Não vai
E assim como não vai
Não vem
Quem de dentro de si
Não sai
Vai morrer sem amar ninguém
O dinheiro de quem não dá
É o trabalho de quem não tem
Capoeira que é bom
Não cai
Se um dia ele cai
Cai bem
Capoeira me mandou
Dizer que já chegou
Chegou para lutar

⁹⁴³ Baden Powell e Vinicius de Moraes, *Os afro-sambas*/ Arranjo e regência de Guerra Peixe, com a participação do Quarteto em Cy, FM 16/FE 1016, Companhia Brasileira de Discos (Forma).

Berimbau me confirmou
Vai ter briga de amor
Tristeza camarada.

Música de Baden Powell e letra de Vinicius de Moraes, interpretada por Nara Leão, in *Nara*, ME-10, *Elenco* de Aloísio de Oliveira, lado 2, faixa 1.

Ficha técnica: produção e direção, Aloísio de Oliveira; assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Sternberg; capa: *layout*, César G. Vilela e foto de Francisco Pereira.

Na roda da capoeira

Menino quem foi teu mestre
Meu mestre foi Salomão
A êle devo dinheiro
Saber e obrigação
O segredo de São Cosme
Quem sabe é São Damião
Olê, água de beber, camarada
Água de beber olê
Água de beber, camarada
Faca de cortar, camarada
Ferro de engomar, olê
Ferro de engomar, camarada
Terra de brigar, olê
Terra de brigar, camarada.

Composição de capoeira baiana, interpretada por Nara Leão, in *Opinião de Nara*, P 632.732 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips), lado 2, faixa 5.

Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnicos de gravação, Rogério Guass/Joaquim Figueira; engenheiro de som, Sylvio Rabello; foto, Jânio de Freitas; *layout*, Jânio de Freitas.

Berimbau

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Santo Antônio pequenino
É meu santo protetor
Cabra você não é sombra
Na capoeira sou doutor

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Bate o pandeiro caboclo
No jogo do berimbau
Biriba é pau é pau
De fazer berimbau é pau
Biriba é pau é pau
De fazer berimbau é pau

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Zum, zum, zum
Capoeira mata um.

Composição de João Melo e Codó (Clodoaldo Brito), interpretada por Nara Leão, in *Opinião de Nara*, gravação citada, lado 1, faixa 4.

João Melo e Codó, compositores baianos, foram, cronologicamente, os segundos a usarem o tema capoeira, após o seu companheiro Batatinha, que foi o primeiro.

Água de beber

Água de beber
Água de beber
Camarado

Água de beber
Água de beber
Camarado

Água de beber
Água de beber
Camarado

Eu sempre tive uma certeza
Que só me deu desilusão
Que o amor é uma tristeza
Muita mágoa demais para um coração

Água de beber
Água de beber
Camarado

Eu quis amar mas tive medo
Quis salvar meu coração
Mas o amor sabe o segredo
O medo pode matar o meu coração

Água de beber
Água de beber
Camarado

Água de beber
Água de beber
Camarado

Água de beber
Água de beber
Camarado

Eu nunca fiz coisa tão certa
Entrei para a escola do perdão
A minha casa vive aberta
Abri tôdas as portas do coração.

Composição de Vinicius de Moraes e Tom Jobim (Antônio Carlos Jobim), in *Som Definitivo Quarteto em Cy/Tamba Trio*, com arranjos vocais de Luís Eça, FM-10, Companhia Brasileira de Discos, face B, faixa 1.

Ficha técnica: produção e direção, Roberto Quartin/Wadi Gebara; foto da capa, Paulo Lorgus; fotos da contra-capas, Image; técnico de gravação, Umberto Cantaroli; supervisão gráfica, Marcos de Vasconcelos; foto da contra-capas, Vinicius de Moraes; vocais, Quarteto em Cy e Tamba Trio; piano, Luís Eça; baixo e flauta, Bebeto; bateria, Chano.

O terceto que se faz repetir em toda a composição e inclusive dá nome à mesma é uma cantiga de capoeira conhecida da Bahia.

Hora de lutar

Capoeira vai lutar
Já cantou e já dançou
Não há mais o que falar
Cada um dá o que tem
Capoeira vai lutar
Vem de longe, não tem pressa
Mas tem hora pra chegar
Já deixou de lado sonhos
Dança, canto e berimbau
Abram alas
Batam palmas
Poeira vai levantar
Quem sabe da vida espera
Dia certo pra chegar
Capoeira não tem pressa
Mas na hora vai lutar
Por você
Por você
Por você.

Composição e interpretação de Geraldo Vandré, in *Hora de lutar*. PPL-12.202, Continental, face A, faixa 1.

Ficha técnica: produção, Alfredo Borba; assistente de produção, Valdir Santos; arranjos e direção musical, Erlon Chaves; técnica de som, Rogério Guass; corte, Luís Botelho; técnico industrial, Francisco Assis de Sousa; *layout* e capa, Frederico Spitalé.

Aruanda

Vai, vai, vai pra Aruanda
Vem, vem, vem de Luanda
Deixa tudo que é triste
Vai, vai, vai pra Aruanda
Lá não tem mais tristeza
Vai que tudo é beleza
Ouve essa voz que te chama
Vai, vai, vai.

Composição de Carlos Lira e Geraldo Vandré, interpretada por Geraldo Vandré, in *Hora de lutar*, gravação citada, face B, faixa 3.

Aruanda, que aparece freqüentemente nas cantigas de capoeira, conforme expliquei em capítulo anterior, é corrutela de *Luanda*, nome atual da capital de Angola.

São Salvador, Bahia

São Salvador, Bahia
A tarde morria devagar
É berimbau se ouvia
Gente na rua a passar
Alguém no desejo da briga
Fazia cantiga de provocar
São Salvador, Bahia
É um homem passando escutou
Isso é comigo e parou

Se quer jogar vamos já
Eu ia pra lá, mas não vou
E dizendo se ajoelhou
São Salvador, Bahia
Quem estava por perto chegou
Dois homens fizeram uma oração
Começaram jogando no chão
Jogaram Angola
Santa Maria
São Bento Pequeno
Cavalaria
E o povo assistia tremendo
Capoeira pra matar
Faca de ponta
Rabo de arraia
Na dança no lugar
São Salvador, Bahia
Quando a polícia chegou
Um corpo no chão havia
Em volta um silêncio dizendo
Seu môço essa briga acabou
São Salvador, Bahia
É Bahia de São Salvador.

Composição de Paulo da Cunha e interpretação de Jair Rodrigues, in *Dois na Bossa/Número Dois*, acompanhamento Luís Loy Quinteto e Bossa Jazz Trio, P-632.792, Philips, lado 1, faixa 5.

Ficha técnica: produtor, Mário Duarte; direção musical, Adilson Godoy; acompanhamentos, Luís Loy Quinteto e Bossa Jazz Trio; técnicos de som, J. E. Homem de Mello e Célio Martins. Gravado ao vivo no Teatro Record em São Paulo.

Upal neguinho

Upal neguinho na estrada
Upal pra lá e pra cá
Vige qui coisa mais linda
Upal neguinho começando andá
Começando andá

Começando andá
 Começando andá
 E já começa apanhá
 Cresce neguinho e me abraça
 Cresce e me ensina a cantá
 Eu preendi tanta desgraça
 Mas muito te posso ensiná
 Mas muito te posso ensiná
 Capoeira posso ensiná
 Ziquizira posso tirá
 Valentia posso emprestá
 Mas liberdade só posso esperá.

Composição de Edu Lôbo e Gianfrancesco Guarnieri, in *Arena Canta Zumbi*, SMLP-1.505, Discos Som/Maior Ltda., face B, faixa 3.

Ficha técnica: texto, Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri; música, Edu Lôbo; direção musical, Carlos Castilho; direção geral, Augusto Boal; elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Lima Duarte, David José, Chamt Dessian, Antero de Oliveira, Dina Sfat, Marília Medalha, Vânia Santana; flauta, Nenen; bateria, Anunciação; violão, Carlos Castilho.

Capoeira

Vamos embora camarado
 Vamos sair dessa jogada
 Vamos embora camarado
 Vai sair dessa jogada
 Quem tem amor tem coração
 Capoeira que não dá pé não
 Quem tem amor tem coração
 Pois quem é filho de Deus
 Deve ajudar os companheiros seus
 Pois quem é filho de Deus
 Deve ajudar os companheiros seus
 Mesmo soprando
 Mesmo chorando
 Nêgo tem que levar
 A vida cantando.

Nêgo tem que levar
 A vida cantando

Composição e interpretação de Jorge Ben, in *Sacundin Ben Samba*, P-632.193 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips), lado 1, faixa 4.

Ficha técnica: técnica de gravação, Célio Sebastião Martins; engenheiro de som, Sylvio M. Rabello; capa (foto), Mafra; layout, Paulo Brèves; produção, Armando Pittigliani.

O assunto é berimbau

Agora só se fala em berimbau
 Enquanto houver arame e um pedaço de pau
 Agora só se fala em berimbau
 Agora só se fala em berimbau

Agora só se fala em berimbau
 Enquanto houver arame e um pedaço de pau
 Agora só se fala em berimbau
 Agora só se fala em berimbau

É uma moeda é um arame e um pedaço de pau
 Agora o assunto é berimbau
 A bossa nova agora é berimbau

Olhe eu saí de casa
 Com o meu amor estou de mau
 Se eu voltar agora
 O meu amor vai me bater

Com um berimbau
 Com um berimbau
 Com um berimbau

Com um berimbau
 Com um berimbau
 Com um berimbau.

Composição de Jackson do Pandeiro e Antônio Barros, interpretada por Jackson do Pandeiro, in ...*E vamos nós...*, Com-

panhia Brasileira de Discos (Philips), P-632.755 L, lado 1, faixa 2.

Ficha técnica: produtor, João Melo; engenheiro de som, Sylvio Rabello; técnicos de gravação, Célio Martins e Ademar Silva; Jo Morena; foto, Mafra.

Comprei um berimbau

Eu comprei um berimbau
Berimbau
Berimbau

É o negócio não foi mal
Ô bate palma pessoal
Que o balanço tá legal

Legal
Legal
Legal

Menino quem foi teu mestre
Berimbau
Berimbau

Meu mestre foi Nicolau
Berimbau
Berimbau

Capoeira toma sentido
Berimbau
Berimbau

Que biriba é pau
É pau Nicolau

No berimbau

Biriba é pau
É pau Nicolau

No berimbau

Biriba é pau
É pau.

Composição de Válder Levita, interpretada por Jackson do Pandeiro, *in ...E vamos nós...*, gravação citada, lado 2, faixa 1.

Meu berimbau

Um pedaço de arame
Lelê
Um pedaço de pau
Lelê
Faço meu berimbau
Lelê
Samba de berimbau

Ai morena
Arrasta a sandália aí
O samba tá bom
E não pode parar
Cuidado pra não cair
Qui bonito samba
Qui bom resultado
Do meu berimbau
E de teu rebolado
Qui bonito samba
Qui bom resultado
Do meu berimbau
E do teu rebolado.

Composição de Alvaro Castilho/Jackson do Pandeiro/Sebastião Martins, interpretação de Jackson do Pandeiro, *in Coisas Nossas*, P-632.270 L, Companhia Brasileira de Discos, lado 1, faixa 3.

Ficha técnica: produtor, João Melo; técnico de gravação, Célio Martins; engenheiro de som, Sylvio Rabello; Capa, Paulo Brèves; foto, Mafra.

Capoeira no baião

Ô capoeira
Ô berimbau
Malandro faz continência
Na frente do berimbau

Passa rasteira no môle
Cuidado que ele é mau
Na roda da capoeira
Vive passando rasteira
Mas respeita o meu berimbau

Ô capoeira
Ô capoeira
O meu santo pequenino
É um santo malandréu
Jogador de capoeira
Na copa do meu chapéu

Buraco velho tem dente
Tem cobra danada
Qui morde a gente

Cobra verde mordeu São Bento
Buraco velho tem cobra dentro.

Composição de Codó (Clodoaldo Brito), interpretação de Jackson do Pandeiro, in *Tem jabaculê*, P-632.714 L, Companhia Brasileira de Discos, lado 2, faixa 4.

Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnico de gravação, Célio Martins; engenheiro de som, Sylvio Rabello; capa: foto, Mafra; *layout*, Paulo Brèves.

Capoeira mata um

É zum, zum, zum
Capoeira mata um
Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Samba que balança é bom
Samba que balança não cai
O meu samba tem que ser no tom
A pedido do meu pai

Salve a Bahia yoyô
Salve a Bahia yayá
Quem não sabe jogar capoeira
Berimbau vai lhe ensinar
Valha-me Deus, Senhor São Bento
Buraco velho tem cobra dentro
Valha-me Deus, Senhor São Bento
Buraco velho tem cobra dentro.

Composição de Alvaro Castilho e De Castro, interpretação de Jackson do Pandeiro, in *O cabra da peste*, PPL-12.265, Continental, face 1, faixa 1.

Capoeira de Zumbi

Zum, zum, zum
Capoeira deixa Zumbi
Zum, zum, zum
Capoeira é de Zumbi

Ninguém pode proibir capoeira de Zumbi
Porque ele é dô além
Fique contente moçada
Porque ele já foi bamba
E sabe muito bem.

Ô capoeira
Zum, zum, zum
Capoeira deixa Zumbi
Zum, zum, zum
Capoeira é de Zumbi

Mestre Bimba na Bahia
Quando brinca no terreiro
Chega levantar poeira

E no som do berimbau
Derrubando cabra mau
Quando lhe passa rasteira.

Composição de Geraldo Nunes, interpretação de Jackson do Pandeiro, in *A brasa do Norte*, LPC-602, Gravadora e Distribuidora de Discos Cantagalo, face B, faixa 1.

Teresinha de Jesus

Abra ala pra Teresa
Carregada de tristeza

E só vai entrar na roda
Quem tiver moral pra sambar

Não tem muito tempo
Teresinha de Jesus
Se jogando nas cadeiras
Caiu numa roda de samba
No seu gingado
Acudiram três amigos
Todos três bons de samba
E bons de amor
Um marinheiro do Norte
Um marmiteiro
Mais um malandro que esperou
Cada qual ter o seu dia
Nem sequer notícias
Do primeiro e do segundo aquilo só
Esperar vida melhor
O terceiro foi aquele
Que Teresa deu a mão
Seu único amor
Capoeira levou
Na navalha de outro bamba
A esperança de Teresa ficou
E a alegria deste samba
Que também é de Teresa morreu

Quanta laranja madura
Quanto limão pelo chão
Quanto sangue derramado
Dentro do meu coração.

Composição e interpretação de Sérgio Ricardo, in *Um Senhor Sérgio Ricardo*, ME-7, *Elenco*, de Aloísio de Oliveira, lado B, faixa 4.

Ficha técnica: produção e direção, Aloísio de Oliveira; assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; arranjos, Carlos Monteiro de Sousa; regência, Carlos Monteiro de Sousa; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Sternberg; técnico de gravação, Norman Sternberg; capa: foto, Francisco Pereira.

Domingo no Parque

O rei da brincadeira
É José
O rei da confusão
É João
Um trabalhava na feira
É José
Outro na construção
É João

A semana passada
No fim da semana
João resolveu não brigar
No domingo de tarde
Saiu apressado
E não foi para Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá
Pra Ribeira
Foi namorar

O José como sempre
 No fim da semana
 Guardou a barraca e sumiu
 Foi fazer no domingo
 Um passeio no parque
 Lá perto da Bôca do Rio
 Foi no parque que êle avistou
 Juliana
 Foi que êle viu
 Foi que êle viu
 Juliana na roda com João
 Uma rosa e o sorvete na mão
 Juliana seu sonho uma ilusão
 Juliana e o amigo João
 O espinho da rosa
 Feriu Zé
 Feriu Zé
 Feriu Zé
 E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa
 Ô José
 A rosa e o sorvete
 Ô José
 O seu santo no peito
 Ô José
 Do José brincalhão
 Ô José
 O sorvete e a rosa
 Ô José
 A rosa e o sorvete
 Ô José
 Ô girando na mente
 Ô José
 Do José brincalhão
 Ô José
 Juliana girando
 Ô girando
 Ô na roda gigante
 Ô girando

Ô na roda gigante
 Ô girando
 Ô amigo João
 Ô João

O sorvete é morango
 É vermelho
 Ô girando e a rosa
 É vermelho
 Ô girando girando
 É vermelho
 Ô girando girando
 É vermelho

Olhe a faca
 Olhe a faca
 Olhe o sangue na mão
 É José
 Juliana no chão
 É José
 Outro corpo caiu
 Seu amigo João
 É José

A manhã não tem fim
 É José
 Não tem mais construção
 É José
 Não tem mais brincadeira
 É José
 Não tem mais confusão
 É João

Ê ê ê
 Ê ê ê
 Ê ê ê

Esta é a mais recente composição com temática, acordes musicais de capoeira e acompanhamento de berimbau de autoria do compositor baiano Gilberto Gil, a qual arrebatou o segun-

do lugar no Terceiro Festival da Música Popular Brasileira, realizado em setembro de 1967, em São Paulo, pela TV Record. Gravada em 3.º Festival da Música Popular Brasileira/realização da TV Record de São Paulo, Companhia Brasileira de Discos (Philips), Série De Luxe, R 765.015 L, volume 2, lado 2, faixa 2.

XVI

A Capoeira na Literatura

De todas as manifestações culturais, a literatura foi a que mais absorveu a capoeira. Usaram-na como tema escritores que viveram no século passado, no momento em que a capoeira marchava para o auge de uma determinada realidade socio-etnográfica da capoeira, bem diversa de outrora.

Pelo que se tem notícia, o documento literário mais antigo pertence à autoria de *Manuel Antônio de Almeida*, nascido no Rio de Janeiro a 17 de novembro de 1831 e falecido em um naufrágio, no canal perto de Macaé, a 28 de novembro de 1861. Publicou entre 1854 e 1855 o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, onde a personagem principal foi, na vida real, um habilíssimo capoeira e o maior inimigo do folguedo e seus adeptos. Trata-se do major Miguel Nunes Vidigal, cuja personalidade e atuação à frente da polícia foi ventilada anteriormente neste ensaio.⁹⁴⁴ A respeito de sua obra e sua vida

⁹⁴⁴ Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*/ Prefácio de Marques Rebelo. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1944, págs. 31-35, 90-97, 202-206, 211-215, 216-220, 221-224, 241-246, 247-256, 267-273.

escreveu Marques Rebêlo *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*.⁹⁴⁵

A segunda mais antiga página literária pertence a Machado de Assis. Os editores W. M. Jackson Inc., após a sua morte, enfeixaram em quatro volumes as crônicas escritas em diversos periódicos, dos anos de 1850 a 1889. No período de 1864 a 1885 publicou na *Gazeta de Notícias* uma seção intitulada *Balas de Estalo*, diversas crônicas, sob o pseudônimo de *Lélio*, dentre elas uma sobre a capoeira, o capoeirista e o seu comportamento na comunidade social.⁹⁴⁶

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, hoje Estado da Guanabara, a 21 de junho de 1839 e morreu no mesmo Estado, a 29 de setembro de 1908. Sua bibliografia é vastíssima, existindo um excelente trabalho sobre a mesma, de autoria de J. Galante de Sousa.⁹⁴⁷ Ainda do referido autor há outro trabalho importante sobre o que se publicou em torno da vida e obra de Machado de Assis.⁹⁴⁸

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, a 14 de abril de 1857 e faleceu em Buenos Aires, a 21 de janeiro de 1913. Deixou uma vasta produção literária já relacionada por Otto Maria Carpeaux em sua *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*.⁹⁴⁹ A sua obra onde aparecem cenas de capoeira e capoeiristas como personagens é *O Cortiço*, publicada em 1890.⁹⁵⁰

Alexandre José de Melo Moraes Filho nasceu na Bahia a 23 de fevereiro de 1844 e morreu no Rio de Janeiro a 1.º de

⁹⁴⁵ Marques Rebêlo, *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1943.

⁹⁴⁶ Machado de Assis, *Crônicas*, ed. cit., vol. IV, págs. 177, 227-230.

⁹⁴⁷ J. Galante de Sousa, *Bibliografia de Machado de Assis*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1955.

⁹⁴⁸ J. Galante de Sousa, *Fontes para o Estudo de Machado de Assis*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958.

⁹⁴⁹ Otto Maria Carpeaux, *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, 3.ª edição revista e aumentada. Editora Letras e Artes, Rio de Janeiro, 1964, págs. 172-175.

⁹⁵⁰ Aluísio de Azevedo, *O Cortiço*/Introdução de Sérgio Milliet. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1965, págs. 76-80, 110, 135-141, 202-205.

abril de 1919. Estudou em Bruxelas, onde se diplomou em Medicina. Colaborou em inúmeros jornais e revistas, além de deixar uma série de obras publicadas, dentre elas *Festas e Tradições Populares do Brasil*, vinda a lume em 1901, trazendo em seu bôjo uma crônica intitulada *Capoeiragem e Capoeiras Célebres*.⁹⁵¹ Da bibliografia de Melo Moraes Filho cuidou Luís da Câmara Cascudo.⁹⁵²

Manuel Raimundo Querino nasceu em Santo Amaro da Purificação, no Estado da Bahia, a 28 de julho de 1851 e faleceu em Salvador, a 14 de fevereiro de 1923. Deixou diversas obras, dentre elas *Bahia de Outrora*, publicada em 1916, onde há uma crônica intitulada *A Capoeira*.⁹⁵³ Sua obra e sua vida foram devidamente estudadas por Gonçalves de Ataíde Pereira.⁹⁵⁴

Henrique Maximiliano Coelho Neto nasceu na cidade de Caxias, no Estado do Maranhão, a 21 de fevereiro de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro, a 28 de novembro de 1934. Deixou vasta bibliografia, catalogada por Paulo Coelho Neto.⁹⁵⁵ Escreveu uma série de crônicas, reunidas, mais tarde, em volume com o título de *Bazar*, havendo, entre elas, uma datada de 28 de outubro de 1922, sobre o jôgo da capoeira, como esporte, intitulada *O nosso jôgo*.⁹⁵⁶

Viriato Correia nasceu no Maranhão, em Pirapemas, a 23 de janeiro de 1884 e faleceu em 1967, na Guanabara. Deixou

⁹⁵¹ Melo Moraes Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, ed. cit., págs. 443-455.

⁹⁵² Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, ed. cit., págs. 474-475.

⁹⁵³ Manuel Querino, *A Bahia de Outrora*, ed. cit., págs. 73-80.

⁹⁵⁴ Gonçalves de Ataíde Pereira, *Prof. Manuel Querino/ Sua Vida e Suas Obras*. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1932.

⁹⁵⁵ Paulo Coelho Neto, *Coelho Neto*. Zélio Valverde Editor, Rio de Janeiro, 1942.

⁹⁵⁶ Coelho Neto, *Bazar*, ed. cit., págs. 133-140.

^{956a} Silveira Bueno, *História da Literatura Luso-Brasileira*, 5.ª edição atualizada, Edição Saraiva, São Paulo, 1965, pág. 163.

inúmeras obras publicadas e já catalogadas por Silveira Bueno,^{956a} dentre elas *Casa de Belchior*, onde há uma crônica dedicada à capoeira e aos capoeiristas, intitulada *Os Capoeiras*.^{956b}

Jorge Amado nasceu na fazenda Auricídia, em Ferradas, município de Itabuna, Estado da Bahia, a 10 de agosto de 1912. É o mais famoso, mais lido, mais traduzido de todos os escritores brasileiros. Possui uma vasta bagagem literária da qual se pode ter notícias através de Miécio Táti em *Jorge Amado/Vida e Obra*⁹⁵⁷ e na coletânea *Jorge Amado: 30 Anos de Literatura*.⁹⁵⁸ Dessa bagagem, em *Bahia de Todos os Santos/Guia das ruas e mistérios da cidade do Salvador*, dedicou um capítulo à capoeira intitulado *Capoeiras e Capoeiristas*, em 1944, quando publicou o livro.⁹⁵⁹

Odorico Montenegro Tavares da Silva nasceu no município de Timbaúba em Pernambuco, a 26 de julho de 1912. Publicou em Recife 26 *Poemas* (com Aderbal Jurema), em 1934.⁹⁶⁰ Cinco anos mais tarde deu à luz no Rio de Janeiro um livro de poemas intitulado *A Sombra do Mundo*,⁹⁶¹ aplaudido por Álvaro Lins, Tristão de Ataíde, Jorge Amado, Valdemar Cavalcanti, Luís Delgado, José César Barbosa, Aníbal Fernandes, Peregrino Júnior e Olívio Montenegro dentre outros. Em 1945 reuniu os dois primeiros livros publicados, juntamente com outros poemas inéditos e publicou sob o título de *Poemas*.⁹⁶² Afinal, em 1951, diz dos seus sentimentos da nova terra recém-adotada, com a publicação de *Bahia/Ima-*

^{956b} Viriato Correia, *Casa de Belchior*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936, págs. 137-155.

⁹⁵⁷ Miécio Táti, *Jorge Amado/Vida e Obra*. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1961.

⁹⁵⁸ Jorge Amado: *30 Anos de Literatura*. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1961.

⁹⁵⁹ Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*, ed. cit., págs. 139-142.

⁹⁶⁰ Odorico Tavares, 26 *Poemas* (com Aderbal Jurema). Edições Momento, Recife, 1934.

⁹⁶¹ Odorico Tavares, *A Sombra do Mundo* (Poesias). Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1939.

⁹⁶² Odorico Tavares, *Poesias*. Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1945.

gens da Terra e do Povo, distinguida com a Medalha de Ouro, na Primeira Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas de São Paulo, em 1961, na terceira edição. Neste livro é que usou o tema capoeira no capítulo intitulado *Capoeira*, onde discorre sobre a capoeira na Bahia e no Brasil, dando depoimento sobre o famigerado capoeirista de sua terra natal, *Nascimento Grande*.⁹⁶³ Quando recebeu o título de cidadão de Salvador, fez publicar *Discurso de um Cidadão de Salvador*⁹⁶⁴ e o seu mais recente livro é de impressões de viagens, *Os Caminhos de Casa/Notas de viagem*.⁹⁶⁵

Exerce grande atuação na vida cultural da Bahia, sobretudo no que tange às Artes Plásticas, daí, ao comemorar 25 anos de permanência nesse Estado, o seu governador instituir um prêmio para artistas plásticos, através do seguinte decreto: — “Decreto número 20.189, de 20 de março de 1967. Cria o “Prêmio Odorico Tavares”. O Governador do Estado da Bahia, considerando:

a) os relevantes serviços prestados à Bahia pelo Jornalista Odorico Tavares tanto no domínio específico de sua atividade profissional como no estímulo às artes sobretudo aos jovens valores;

b) o transcurso no dia 5 de março do corrente de vinte e cinco anos de sua presença efetiva no ambiente da cultura baiana,

Resolve:

Artigo 1.º) — Fica criado o “Prêmio Odorico Tavares” que será concedido ao artista plástico que exerça a sua atividade na Bahia e que mais se tenha destacado no decorrer do ano.

⁹⁶³ Odorico Tavares, *Bahia/Imagens da Terra e do Povo*, ed. cit., págs. 175-186.

⁹⁶⁴ Odorico Tavares, *Discurso de um Cidadão de Salvador*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961.

⁹⁶⁵ Odorico Tavares, *Os Caminhos de Casa/Notas de Viagem*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1963.

Artigo 2.º) — A Comissão destinada a proceder o julgamento da obra a ser premiada será presidida pelo Secretário da Educação e Cultura e constituída pelo Diretor da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia, pelo Diretor do Museu do Estado e pelo Diretor do Museu de Arte Moderna e por mais duas pessoas escolhidas anualmente dentre críticos ou especialistas de arte brasileira e nomeadas pelo Governador.

Artigo 3.º) — A ata do julgamento deverá ser enviada ao Governador do Estado até o dia 25 de março de cada ano e o prêmio será entregue em solenidade pública no dia 29 do mesmo mês.

Artigo 4.º) — O valor do prêmio será de NCr\$ 5.000 (cinco mil cruzeiros novos).

Artigo 5.º) — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Govêrno do Estado da Bahia, em 20 de março de 1967.

Ass.) Antônio Lomanto Júnior — Roisle Aloir Metzker Coutinho".⁹⁶⁶

Gilberto Amado nasceu no município de Estância no Estado de Sergipe, a 7 de maio de 1887. Firmou-se na literatura brasileira como prosador, não obstante ter publicado um livro de poemas. Suas obras não foram devidamente catalogadas por Carpeaux, só o fazendo até 1955,⁹⁶⁷ dentre elas o livro de memórias *Minha Formação no Recife*, onde narra o seu diálogo, quando jovem, com temível capoeira pernambucano, conhecido por *Nascimento Grande*.⁹⁶⁸

⁹⁶⁶ Decreto número 20.189 de 20 de março de 1967, in *Diário Oficial*, Salvador, 21 de março de 1967, pág. 1.

⁹⁶⁷ Otto Maria Carpeaux, *op. cit.*, págs. 265-266.

⁹⁶⁸ Gilberto Amado, *op. cit.*, págs. 239-242.

XVII

Mudanças Sócio-Etnográficas na Capoeira

Primitivamente a capoeira era o folguedo que os negros inventaram, para os instantes de folga e divertirem a si e aos demais nas festas de largo, sem contudo deixar de utilizá-la como luta, no momento preciso para sua defesa. As festas populares eram algo de máximo na existência do capoeira, era o instante que tinha para relaxar o trabalho forçado, as torturas e esquecer a sua condição de escravo, daí farejarem os dias de festas com uma volúpia inconcebida, pouco se lhes importando se a festa era religiosa, profana ou profano-religiosa. As procissões com bandas de música eram o chamariz para os capoeiras e, se tinham um pretexto para arruaças, faziam-no sem a menor preocupação de estarem perturbando um ato religioso. A propósito desses momentos, lembra Gilberto Freyre que: — "Às vezes havia negro navalhado; moleque com os intestinos de fora que uma rede branca vinha buscar (as redes vermelhas eram para os feridos; as brancas para os mortos). Porque as procissões com banda de música tornaram-se o ponto de encontro dos capoeiras, curioso tipo de negro ou mulato de cidade, correspondendo ao dos capan-

gas e cabras dos engenhos".⁹⁶⁹ Vivia assim o capoeira em seu *status* social sem nenhuma simbiose com outro, capaz de modificar a sua estrutura.

Com o passar dos tempos e cada vez mais crescente a sua fama de lutador e de implantar grandes desordens em fração de segundos, sem possibilidade de ser molestado, consequentemente ficando oculto, para quem estava a serviço, o capoeira passou a ser a cobiça de políticos. Serviria de instrumento de luta ora para a nobreza, que dava os seus últimos suspiros, ora para os republicanos, que lutavam encarniçadamente para obterem a vitória sobre o trono, daí os graves acontecimentos que abalaram o país, nos fins do século passado, já anteriormente estudados neste ensaio e registrados por Gilberto Freyre,⁹⁷⁰ ao fazer a história da decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento do urbano. Com isso, a capoeira, um folguedo por propósito, começa a sofrer mudanças de caráter etnográfico, em sua estrutura — a luta que era um acontecimento passou a ser um propósito. Por outro lado, isso acontecia justamente num período em que a sociedade brasileira chegava ao auge nas suas transformações de base por que vinha passando e "com essa transformação verificada nos meios finos ou superiores, deu-se a degradação das artes e hábitos mestiços que já se haviam tornado artes e hábitos da classe e da região aristocrática, em artes e hábitos de classes, raças e regiões consideradas inferiores ou plebéias. Foram várias essas degradações; e algumas rápidas".⁹⁷¹ Como se vê, a capoeira, por uma determinação sociológica, não poderia estar imune a essas transformações.

Esse estado de coisas veio se arrastando e se desenvolvendo até 1929, com o advento de Mestre Bimba, que tira a capoeira dos terreiros e a põe em recinto fechado, com nome e caráter de academia, onde os ensinamentos passaram a ter um cunho didático e as exhibições possibilitaram a presença de outras camadas sociais superiores. Dêsse modo os quadros da

⁹⁶⁹ Gilberto Freyre, *Sobrados e Mocambos*, ed. cit., vol. I, págs. 178-179.

⁹⁷⁰ Gilberto Freyre, *op. cit.*, vol. I, págs. 56, 323; vol. II, págs. 387, 509, 621, 655, 690; vol. III, págs. 862, 864, 865, 872, 873, 874, 875.

⁹⁷¹ Gilberto Freyre, *op. cit.*, vol. II, pág. 700.

capoeira passaram por modificações profundas. A classe média e a burguesia para lá acorreram, a princípio para assistirem às exhibições e depois para aprenderem e se exibirem a título de prática de educação física, daí a 9 de julho de 1937 o governo oficializar a capoeira, dando a Mestre Bimba um registro para sua academia. Um *status* social superior ao dos capoeiras invade as academias e os afugenta. Os que resistem, por minoria, se esforçam para se enquadrarem no modo de vida do invasor, porém sendo tragados por ele, começando assim a sua alienação e decadência como capoeira. Forçando uma compostura de rapaz-família, exibem-se somente em recintos fechados, salões burgueses, palácios governamentais e jamais onde primitivamente se exibiam, como por exemplo nas festas de largo. Como já tive oportunidade de salientar, em virtude de nenhuma academia querer exhibir-se nas festas populares, o órgão oficial de turismo municipal da Bahia convidou várias academias para comparecerem às referidas festas, pagando-lhes as exigências. Então houve um cafuso, mestre de uma academia, que, ao saber da finalidade do convite, declinou, alegando ser sua academia freqüentada por uma casta já referida, não podendo misturar-se com o povo de festa de largo.

Mas o agente negativo no processo de decadência da capoeira, sociológica e etnograficamente falando, foi o órgão municipal de turismo. Detentor de ajuda financeira, material e promocional, corrompeu o mais que pôde. Embora o referido órgão tenha por norma a preservação de nossas tradições, os titulares que por ele têm passado, por absoluta ignorância e incompetência, fazem justamente o contrário, direta ou indiretamente. Lembro-me bem de presenciar um deles interferir na indumentária das academias e os seus responsáveis acatarem pacatamente; e infeliz do que não procedesse assim — estaria banido da vida pública para sempre. Houve época em que as academias eram fantasiadas como verdadeiros cordões carnavalescos, cada qual disputando côres mais berrantes e variadas em suas camisas e calças. Já falei também de um mestre de capoeira que foi consultar um dos diretores de turismo da possibilidade de colocar número nas costas de seus discípulos, como se fôssem jogadores de futebol, mas que em boa hora o bom-senso baixara na cabeça do referido diretor,

proibindo terminantemente. O fato é que, quanto mais palhada faz a academia essa é a preferida do órgão público. No momento em que escrevo este ensaio existe uma academia com amparo financeiro, material, promocional e ainda com direito a se exhibir no próprio órgão, até muito tempo com exclusividade, em detrimento de outras, porém hoje apenas a coisa é mascarada com a presença de uma outra, quando em realidade o órgão não deveria promover exhibições dessa espécie, em seu próprio e sim escoar os turistas para as diversas academias. Pois bem, essa academia, que por sinal possui um grande mestre e excelentes discípulos, está totalmente prostituída. Com a preocupação de não perder o *ponto*, em detrimento de outra, a dita faz misérias, em matéria de descaracterização. A certa altura da exibição, o mestre perde a sua postura de mestre, diz piadas, conta anedotas, faz sapateado com requebros e apresenta alguém para fazer um ligeiro histórico da capoeira, onde as maiores aberrações são ditas. Depois faz um samba de roda ao som dos instrumentos musicais da capoeira, vindo para a roda sambar, cabrochas agarradas de última hora, passista de escola de samba ou profissional amigo do mestre, que por acaso aparece no local. De certa feita, perguntei-lhe o porquê daquilo, ao que me respondeu que era *pra não ficá monoto* (êle queria dizer *monótono*) e o turista ir-se embora. A grande lástima é que essas coisas continuam a ter a cobertura oficial.

Lamentavelmente, o quadro atual das academias de capoeira é êsse, variando apenas a intensidade das mudanças sociológicas, etnográficas e o grau de decadência. Nos bairros bem afastados, longe das tentações ventiladas e também talvez porque jamais tenham acesso a elas, existem capoeiristas que praticam o jôgo apenas por divertimento, no maior estado de pureza e conservação possíveis e enquadrados no seu *status* social.

Bibliografia

- A. A. Cortesão, Subsídios para um Dicionário Completo (Histórico-etimológico) da Língua Portuguesa/ compreendendo a etimologia, as principais noções de leis fonéticas, muitos elementos de dialetologia e de onomatologia, tanto toponímica como antroponímica, arcaísmos, neologismos, etc., França Amado-Editor, Coimbra, 1900-1901, 2 vols.
- A. Bailly, Dictionnaire Grec-Français/ rédigé avec le concours de E. Egger, Edition revue par L. Séchan et P. Chantraine, Librairie Hachette, 1950.
- Academia Brasileira de Letras, Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943.
- Academia Brasileira de Letras, Dicionário da Língua Portuguesa, elaborado por Antenor Nascentes. Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1964 (em publicação).
- Academia de Ciências de Lisboa, Dicionário da Língua Portuguesa/ Na Oficina da mesma Academia, Lisboa, Ano 1793 (publicação interrompida).
- Academiei Republicii Populare Romîne, Dictionarul Limbii Romine Literare Contemporane. Editura Academiei Republicii Populare Romîne, 1955-1957, 4 vols.
- A. de Magalhães Basto, Crônica de Cinco Reis de Portugal/ Inédito quatrocentista do cód. 886 da Biblioteca Publ. Municipal do Pôrto; seguido de capítulos inéditos da versão portuguesa da crônica geral de Espanha e outros textos. Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto. Livraria Civilização Editora, Pôrto, s/d.
- A Dictionary of Yoruba Language, Oxford University Press, London, Fourth impression, 1956.
- A. Ernout et A. Meillet, Dictionnaire etymologique de la langue latine/ Histoire des Mots. Troisième édition revue, corrigée et augmentée d'un index. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1951.
- Afonso de E. Taunay, Subsídio para a História do Tráfico Africano no Brasil, in Anais do Museu Paulista. Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1941, tomo X.

- Afonso X, *o Sábio*, Cantigas de Santa Maria, editadas por Walter Mettmann. Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1959 (publicaram-se até agora 3 vols.).
- Agenor Lopes de Oliveira, *Toponímia Carioca*, ed. Prefeitura do Distrito Federal, s/d.
- Agostinho Marques Perdigão Malheiro, *A Escravidão no Brasil/ Ensaio Histórico-Jurídico-Social*. Edições Cultura, São Paulo, 1944, 2 vols.
- A. J. de Melo Morais, *Brasil Histórico - Primeiro Ano*. Tipografia Brasileira, Rio de Janeiro, 1864.
- A. J. de Melo Morais, *Brasil Histórico - 2.ª série*, 1866. Tipografia dos Editores, Rio de Janeiro, tomo I, 1866.
- A. J. de Melo Morais, *Brasil Histórico - 2.ª série*, 1867. Fauchon & Dupont-Editores, Rio de Janeiro, tomo II, 1867.
- Albano Marinho de Oliveira, *Berimbau o arco musical da capoeira*, in *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 1956, vol. 80.
- Alberto Bessa, *A gíria Portuguesa/ Esboço de um dicionário de "Ca-lão"/ contendo uma longa cópia dos termos e frases empregados na linguagem popular de Portugal e do Brasil, com as respectivas significações colhidas na tradição oral e em documentos, livros e jornais antigos e modernos, incluindo muitas palavras ainda não citadas como de "gíria" em dicionário algum, por Alberto Bessa, com prefácio do ilustre professor Dr. Teófilo Braga*. Livraria Central de Góis de Carvalho, Lisboa, 1901.
- Alfons Hilka, *Das altfranzösische Rolandslied nach der Oxforder Handschrift*, Herausgegeben von Alfons Hilka. Vierte verbesserte Auflage besorgt von Gerhard Rohlf. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1953.
- Alfredo Brandão, *Os negros na história de Alagoas*, in *Estudos Afro-Brasileiros*. Trabalhos apresentados ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934, prefácio de Roquette-Pinto, Ariel, Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1935.
- Aluísio de Azevedo, *O Cortiço/ Introdução de Sérgio Milliet*. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1965.
- Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira/ Gramática-Vocabulário*. Prefácio de Paulo Duarte, Editora Anhembi Limitada, São Paulo, 1955.
- Amado Alonso, *Estudios Lingüísticos/ Temas hispanoamericanos*. Editorial Gredos, Madrid, 1933.
- Amado Alonso, *Estudios Lingüísticos/ Temas españoles*. Editorial Gredos, Madrid, 1954.
- A. Morel-Fatio und J. Saroihandy, *Das Catalanische*, in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I.
- Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Geografia/ Realizado na Cidade do Salvador, Estado da Bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916/ Publicado sob a direção do Secretário Geral do mesmo Congresso Professor Dr. Bernardino José de Souza. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1916-1918, 2 vols.
- Anísio Félix, *Bimba e Pastinha, duelo de idéias sobre a capoeira*, in *Diário de Notícias*, Salvador, 31/10/65.
- Anísio Melhor, *Violas/ Contribuição ao estudo do folk-lore baiano*. Imprensa Vitória, Bahia, 1935.

- Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa/ Com prefácio de W. Meyer-Lübke*, 1.ª edição, Rio de Janeiro, 1932.
- Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa/ Nomes próprios*. Com prefácio de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, 1952.
- Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, 2.ª edição completamente refundida, Edições da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953.
- Antenor Nascentes, *A Gíria Brasileira*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1953.
- Antenor Nascentes, *Três Brasileirismos*, in *Revista Brasileira de Filologia*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955, vol. I.
- Antônio Álvares Pereira Coruja, *Coleção de Vocábulo e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, no Brasil*, Trübner e Comp., Londres, 1858.
- Antonio Badia Margarit, *Gramática histórica catalana*. Editorial Noguer, S.A., Barcelona, 1951.
- Antônio Bento de Faria, *Anotações Teórico-Práticas do Código Penal do Brasil/ De acôrdo com a doutrina, a legislação e a jurisprudência, nacionais e estrangeiras/ seguido de um/ Apêndice/ contendo as leis em vigor e que lhe são referentes*. Jacinto Ribeiro dos Santos-Editor, Rio de Janeiro, 4.ª edição, 1929, 2 vols.
- Antônio de Moraes Silva, *Dicionário da Língua Portuguesa/ Recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado*. Lisboa, na Tipografia Lacerdina/ Ano de 1813, 2 vols.
- Antônio de Oliveira Cadornega, *História Geral das Guerras Angolanas/ 1680*. Anotado e corrigido por José Matias Delgado. Divisão de Publicação e Biblioteca/ Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1940, 3 vols.
- Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*, in *Revista Brasileira*, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1880, Primeiro ano, tomo III.
- Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943.
- Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa/ Elucidário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou nêles vêm com forma ou significação diferente - 1875-1888/ Coligido, revisto e completado por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares*, Rio de Janeiro, 1954, 2 vols.
- Antonio Ruiz de Montoya, *Vocabulario y tesoro de la lengua guarani*, 6 mas bien tupi, en dos partes: I. Vocabulario español-guarani (ó tupi). II. Tesoro guarani (ó tupi)-español. Nueva edición, mas correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tupi diferente. Faes y Frick, Viena-Maisonneuve y Cie., Paris, 1876.
- Antônio de Santa Maria Jacoatam, *Nôvo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Impresso em Lisboa em 1761 e reimpresso por ordem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tip. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, Rio de Janeiro, 1858, 2 vols.

Araújo Filgueiras Júnior, Código Criminal do Império do Brasil/ Anotado com os atos dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário/ Que tem alterado e interpretado suas disposições, desde que foi publicado, e com o cálculo das penas em todas as suas aplicações/ Em casa dos Editores-Proprietários Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1873.

A. R. Gonçalves Viana, Ortografia Nacional/ Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904.

A. R. Gonçalves Viana, Apostilas aos Dicionários Portugueses. Livraria Clássica Editora, A. M. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa, 1931.

Arnald Steiger, Contribución a la fonética del hispano-árabe y de los arabismos en el ibero-románico y el siciliano. Imprenta de la Librería y Casa Editorial Hernando, Madrid, 1932.

Artur Ramos, O Negro Brasileiro/ Etnografia religiosa. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 3.^a edição, 1951.

Ary Vasconcelos, Panorama da Música Popular Brasileira. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1964, 2 vols.

Assis Brasil, História da República Riograndense. Tip. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1882.

Augusto Epifânio da Silva Dias, Sintaxe Histórica Portuguesa. Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1918.

Augusto Magne, A Demanda do Santo Graal. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, 3 vols.

Augusto Magne, A Demanda do Santo Graal/ Reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2.594 da Biblioteca Nacional de Viena. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1955 (em publicação).

Augusto Magne, Dicionário da Língua Portuguesa/ Especialmente dos períodos medieval e clássico. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1950 (em publicação).

Aurelio M. Espinosa, Estudios sobre el español de Nuevo Méjico/ Traducción y reelaboración con notas por Amado Alonso y Angel Rosenthal, con nueve estudios complementares sobre Problemas de Dialectología Hispanoamericana por A. Alonso, Parte I — Fonética, Buenos Aires, 1930-1946, 2 vols.

Barão de Angra, Dicionário Marítimo Brasileiro/ Organizado por uma Comissão Nomeada pelo Governo Imperial/ Sendo Ministro da Marinha o Conselheiro Afonso Celso de Assis Figueiredo sob a direção do Barão de Angra. Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artístico, Rio de Janeiro, 1877.

Beaurepaire Rohan, Dicionário de Vocabulos Brasileiros, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1889.

Bernardino José de Sousa, Dicionário da Terra e da Gente do Brasil/ Onomástica geral da Geografia Brasileira, 3.^a edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1961.

Bernardo Maria de Cannecattin, Collecção de Observações Gramaticaes Sobre a Língua Bunda ou Angolense e Dicionário Abreviado da Língua Congueza. Segunda edição, Imprensa Nacional, Lisboa, 1859.

Berthold Wiese, Altitalienische Elementarbuch, zweite verbesserte Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928.

Brasil Gerson, História das Ruas do Rio de Janeiro, 3.^a edição revista e aumentada, Editora Sousa, Rio de Janeiro, s/d.

Braz do Amaral, Os grandes mercados de escravos africanos. As tribos importadas. Sua distribuição regional, in Fatos da Vida do Brasil, Tipografia Naval, Bahia, 1941.

Braz do Amaral, Fatos da Vida do Brasil, Tipografia Naval, Bahia, 1941.

C. Alexandre, Dictionnaire Grec-Français/ Composé sur un nouveau plan où sont réunis et coordonnés des travaux de Henri Estienne, de Schneider, de Passow et des meilleurs lexicographes et grammairiens anciens et modernes/ augmenté de l'explication d'un grand nombre de formes difficiles et suivi de plusieurs tables nécessaires pour l'intelligence des auteurs. Onzième édition entièrement refondue par l'auteur et considérablement augmentée. Librairie de L. Hachette & Cie, Paris, 1852.

Camargo Guarnieri, in Melodias registradas por meios não-mecânicos, organizado por Oneyda Alvarenga, edição do Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal, São Paulo, 1946.

Cândido de Figueiredo, Novo Dicionário da Língua Portuguesa/ Redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocabulos até agora registrados nos melhores dos mais modernos dicionários portugueses além de satisfazer a todas as grafias legítimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquela que foi prescrita oficialmente em 1911. Quarta edição corrigida e copiosamente ampliada. Sociedade Editora Artur Brandão & Cia., Lisboa, 1926, 2 vols.

Carl Friedrich Philipe von Martius, Glossaria Linguarum Brasiliensium/ Glossários de diversas línguas e dialectos, que falam os índios no império do Brasil/ Wörterammlung brasilianischer Sprachen. Druck von Junge & Sohn, Erlangen, 1863.

Carl von Koseritz, Imagens do Brasil/ Tradução, prefácio e notas de Afonso Arinos de Melo Franco. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1943.

Carlo Battisti, Avviamento allo studio del latino volgare. Leonardo da Vinci-Editrice, Bari, 1949.

Carlo Battisti/ Giovanni Alessio, Dizionario etimológico italiano. G. Barbera Editore, Firenze, 1950-1957, 5 vols.

Carlos Octaviano da C. Vieira, Nomes Vulgares de Aves do Brasil, in Revista do Museu Paulista, São Paulo, 1936, tomo XX.

Carlos Teschauer, Novo Vocabulário Nacional/ III.^a série das apostilas ao Dicionário de Vocabulos Brasileiros. Barcellos Bertoso & C. — Livraria do Globo, Porto Alegre, 1923.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Poesias de Francisco de Sá de Miranda/ Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas/ Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato. Max Niemeyer, Halle, 1885.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Studien zur hispanischen Wortdeutung, in Miscellanea di Filologia e Linguistica/ in Memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello. Successori de Mounier, Firenze, 1886.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Randglossen zum altportugiesischen Liderbuch, in Zeitschrift für Romanischen Philologie/ Begründet von Prof. Dr. Gustav Gröber. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale):

- I — Der Ammenstreit, vol. XX, 1896, págs. 145-218
- II — Ein Mantel-Lied, vol. XXV, 1901, págs. 129-174.
- III — Vom Mittagbrod hispanischer Könige, idem.
- IV — Penna veira, idem, ibidem
- V — Ein Seemann möcht'ich werden, ein Kaufmann möcht'ich sein!, idem, págs. 278-321
- VI — Kriegslieder. — Genetes. — Non ven al mayol, idem, ibidem
- VII — Ein Jerusalemspilgrim und andere Krauzfahrer, idem, págs. 533-560
- VIII — Tell'Affonso de Meneses, vol. XXVI, 1902, págs. 56-75
- IX — Wolf-Dietrich, idem
- X — Das Zwiespalt-Lied des Calvo, idem, ibidem
- XI — Im Nordoesten der Halbinsel, idem, págs. 206-219
- XII — Romanze von Don Fernando, idem
- XIII — Don Arrigo, vol. XXVII, 1903, págs. 153-172, 257-277, 414-436, 708-738
- XIV — Guarvaya, vol. XXVIII, 1904, págs. 385-434
- XV — Vasco Martinz und D. Afonso Sanchez, vol. XXIX, 1905, págs. 683-711.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Cancioneiro da Ajuda/ edição crítica e comentada. Max Niemeyer, Halle, 1904, 2 vols.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Glossário do Cancioneiro da Ajuda, in Revista Lusitana, ed. cit., vol. XXIII.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Notas Vicentinas/ Preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente. Notas I a V, incluindo introdução à edição fac-similada do Centro de Estudos Históricos de Madri, edição da Revista "Ocidente", Lisboa, 1949.

Caribé (Hector Julio Páride Barnabó), As Sete Portas da Bahia/ Apresentação de José de Barros Martins e Jorge Amado. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1962

Celso Ferreira da Cunha, O Cancioneiro de Joan Zorro/ Aspectos lingüísticos/ Texto crítico/ Glossário. Rio de Janeiro, 1949.

Celso Ferreira da Cunha, O Cancioneiro de Martim Codax, Rio de Janeiro, 1956.

César de Augusto Marques, Poranduba Maranhense ou Relação da Província do Maranhão/ Em que se dá notícia dos sucessos mais célebres que nela têm acontecido desde o seu descobrimento até o ano de 1820, como também das suas principais produções naturais, etc. com um mapa da mesma província e de um dicionário abreviado da língua geral do Brasil, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tipografia, Litografia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., Rio de Janeiro, 1891, tomo LIV — Parte I.

C. H. Grandgent, Introducción al Latin Vulgar/ Traducción del inglés, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas, prólogo y una antología por Francisco de B. Moll. Segunda edición en reproducción fotográfica, Madrid, 1952.

Clado Ribeiro Lessa, Vocabulário de Caça/ Contendo os termos clássicos portugueses de cinegética geral, os relativos à falcoaria, e os vocábulos e expressões de uso peculiar ao Brasil. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944.

Clóvis Monteiro, Português da Europa e Português da América/ Aspectos da Evolução do Nosso Idioma. 3.^a edição, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959.

Coelho Neto, Bazar. Livraria Chardron, de Lello & Irmãos, Ltda. Editôres, Pôrto, 1928.

Constantino Tastevin, Vocabulário Tupy-Português, in Revista do Museu Paulista. Oficinas do "Diário Oficial", São Paulo, 1922, tomo XIII.

Constantino Tastevin, Gramática da Língua Tupy, in Revista do Museu Paulista. Oficinas do "Diário Oficial", São Paulo, 1922, tomo XIII.

Couto de Magalhães, O Selvagem. Tipografia da Reforma, Rio de Janeiro, 1876.

Daniel Granada, Vocabulário Rioplatense Razonado, precedido de un juicio crítico por D. A. Magariños Cervantes. 2.^a edición corregida, considerablemente aumentada y a la que se añade un nuevo juicio crítico publicado por D. Juan Valera. Imprenta Rival, Montevideo, 1890.

Diálogo das Grandezas do Brasil/ Introdução de Capistrano de Abreu/ Notas de Rodolfo Garcia. Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1956.

Domingos Vieira, Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa. Editôres Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Pôrto, 1871-1874, 5 vols.

Donald Pierson, Brancos e pretos na Bahia/ Estudo de contacto racial com introdução de Artur Ramos e Roberto E. Park. Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1945.

Dorival Caymmi, Cancioneiro da Bahia/ Prefácio de Jorge Amado/ Ilustrações de Clóvis Graciano. Livraria Martins Editôra, 3.^a edição, São Paulo, s/d.

Duarte Nunes de Leão, Origem e Orthographia da Língua Portuguesa, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina têm origem: com um tractado das partes das cláusulas. Nova edição, correcta e emendada, conforme a de 1784, Typografia do Panorama, Lisboa, 1864.

Dunshee de Abranches, Actas e Actos do Góvêrno Provisório/ Cópias autênticas dos protocollos das sessões secretas do Conselho de Ministros desde a Proclamação da República até a organização do gabinete Lucena, acompanhados de importantes revelações e documentos. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1907.

Edison Carneiro, Religiões Negras/ Notas de etnografia religiosa. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936.

Edison Carneiro, Negros Bantos/ Notas de etnografia religiosa e de folclore. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1937.

Edison Carneiro, A Sabedoria Popular. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957.

- Edison Carneiro*, Ladinos e Crioulos/Estudo sobre o negro no Brasil. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.
- Edouard Bourciez*, Éléments de Linguistique Romane. Quatrième Edition révisée par l'auteur et par les soins de Jean Bourciez. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1946.
- Eduardo de Castro e Almeida*, Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, organizado para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por Eduardo de Castro e Almeida. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1913-1936, 8 vols.
- Edwin B. Williams*, From Latin to Portuguese/ Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1938.
- Eero K. Neuvonen*, Los arabismos del español en el siglo XIII, Helsinki, 1941.
- Elias Alexandre da Silva Correa*, História de Angola/ Com uma nota prévia pelo Dr. Manuel Múrias, Lisboa, 1937, 2 vols.
- É. Littré*, Dictionnaire de la Langue Française. Librairie Hachette et Cie, Paris, 1873, 5 vols.
- Elise Richter*, Beiträge zur Geschichte der romanismen/ Chronologische Phonetik des französischen bis zum Ende des 8. Jahrhunderts. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1934.
- Elísio de Araújo*, Estudo Histórico sobre a Polícia da Capital Federal de 1808 a 1831 — Primeira Parte. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898.
- Elpidio Ferreira Paes*, Alguns Aspectos da Fonética Sul-Riograndense, in Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada/ Julho de 1937, São Paulo, 1938.
- Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado*, Cancioneiro da Biblioteca Nacional/ Antigo Colocci-Brancutti/ Leitura, Comentários e Glossário. Edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1940-1960, 7 vols.
- Emil Petrovici*, Atlasul Linguistic Român/ Serie noua. Editura Academiei Republicii Populare romin, 1956 (em publicação).
- Émile Boisacq*, Dictionnaire etymologique de la langue grecque/ Étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes. 4ème édition augmentée d'un index par Helmut Rix. Carl Winter Universitätsverlag, Heidelberg, 1950.
- Emilio Alarcos Llorach*, Fonología española/ segun el método de la Escuela de Praga. Editorial Gredos, Madrid, 1950.
- E. Gamillscheg und L. Spitzer*, Beiträge zur romanischen Wortbildungslehre. Leo S. Olschki-Editeur, Genève, 1921.
- Ernst Gamillscheg*, Etymologisches Wörterbuch der französischen Sprachen/ Mit einem Wort- und Sachverzeichnis von Dr. Heinrich Kuen. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928.
- Ernst Gamillscheg*, Romania Germanica/ Sprach- und Siedlungsgeschichte der germanen auf dem Boden des alten Römerreichs. Walter de Gruyter & Co., Berlin und Leipzig, 1953, 3 vols.
- Ernesto Carneiro Ribeiro*, Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Rui Barbosa feitas à redação do Projeto do Código Civil. Livraria Catilina de Romualdo dos Santos, Livreiro Editor, Bahia, 1917.

- (A primeira edição foi publicada no Diário de Congresso de 26 de outubro de 1902).
- Ernesto Carneiro Ribeiro*, A Redação do Projeto do Código Civil e A Réplica do Dr. Rui Barbosa. Oficinas dos Dois Mundos, Bahia, 1905.
- E. Stradelli*, Vocabulário da Língua Geral Português-Nheengatú e Nheengatú-Português/ Precedidos de um esboço de Gramática Nheengatú-umbun-sáua-miri e seguidos de contos em língua geral nheengatú-poranduu. Rio de Janeiro, 1927.
- Estudos Afro-Brasileiros*/ Trabalhos apresentados ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. Prefácio de Roquette-Pinto, Ariel, Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1935.
- F. Acquarone*, História da música brasileira. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, s/d.
- Flaúsinio Rodrigues Vale*, Elementos de Folclore Nacional Brasileiro. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936.
- Ferdinand Sommer*, Handbuch der lateinischen Laut- und Formenlehre/ Eine Einführung in das Sprachwissenschaftliche Studium des lateins. Carl Winter Universitätsverlag, Heidelberg, 1948.
- Fernando de São Paulo*, Linguagem Médica Popular no Brasil. Barreto & Cia. Livraria "A Capital dos Livros", Rio de Janeiro, 1936, 2 vols.
- Fernando Ortiz*, Glosario de afronegrismos/ Con un prólogo por Juan M. Dihigo. Imprenta "El Siglo XX", Habana, 1951.
- Fernando Ortiz*, Los bailes y el teatro de los negros en el folklore de Cuba. Ediciones Cardenas y Cia, Habana, 1951.
- Fernando Ortiz*, Los instrumentos de la música afrocubana/ Los pulsativos, los fricativos, los insuflativos y los aeritivos. Cárdenas y Cia, Editores e Impresores, Habana, 1952-1955, 5 vols.
- Fernão Mendes Pinto*, Peregrinação. Nova edição, conforme a de 1964, preparada e organizada por A. J. da Costa Pimpão e César Pegado. Portucalense Editora, Porto, 1944, 7 vols.
- Fernão de Oliveira*, Gramática da Lingoagem portuguesa/ 3.ª edição feita em harmonia com a primeira (1536) sob a direção de Rodrigo de Sá Nogueira/ Seguida de um estudo e de um glossário de Ambol Ferreira Henriques. Edição de José Fernandes Júnior. Tipografia Beleza, Lisboa, 1933.
- Fernão Cardim*, Tratado da Terra e da Gente do Brasil/ Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Editores J. Leite & Cia, Rio de Janeiro, 1925.
- Fernão Lopes Castanheda*, História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses. Na Typographia Rolandiana, Lisboa, 1833, 8 vols.
- Fernão Lopes*, Crônica de D. João I/ Segundo o códice n.º 352 de Arquivo Nacional da Torre do Tombo/ Edição prefaciada por Antônio Sérgio. Livraria Civilização — Editora, Porto, 1945.
- Festgab Ernst Gamillscheg* zu seinem fünfundschtzigsten Geburtstag am 28 Oktober 1952, von Freundem, und Schlerin überreicht. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1952.

F. Holthausen, *Gotisches etymologisches Wörterbuch/ Mit einschluß der Eigennamen und der gotischen Lehnwörter im Romanischen*. Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1934.

F. J. Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa/ Feito sobre um plano inteiramente novo*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1881.

F. J. Pereira da Costa, *Vocabulário pernambucano*. in *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. XXXIV, Pernambuco, 1937.

Florival Seraine, *Dicionário de Termos Populares (registrados no Ceará)*. Organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1958.

Francisco Adolfo Coelho, *Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa/ Contendo a significação e prosódia*. P. Plantier-Editor, Lisboa, s/d.

Francisco de B. Moll, *Gramática histórica catalana*. Editorial Gredos, Madrid, 1952.

Francisco D'Ovidio und Wilhelm Meyer-Lübke, *Die Italienische Sprache, neubearbeitet von Wilhelm Meyer-Lübke*, in Gustav Gröber, op. cit., vol. I.

Francisco Evaristo Leoni, *Gênio da Língua Portuguesa/ ou causas racionais e filológicas de todas as formas e derivações da mesma língua, comprovadas com inumeráveis exemplos extraídos dos autores latinos e vulgares*. 1858, 2 vols.

Frederico G. Edelweiss, in Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, ed. cit.

Frei Luís de Sousa, *História de São Domingos/ Particular do Reino e Conquistas de Portugal/ Segunda Parte*. Tip. do Panorama. Terceira edição, Lisboa, 1866, 3 vols.

Friedrich Diez, *Über die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie*. Eduard Weber's Verlag, Bonn, 1863.

Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen/ Fünfte Ausgabe mit einem Anhang von August Scheler/ Bei Adolf Marcus, Bonn, 1887*.

Friedrich Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen, fünfte Auflage*, Eduard Weber's Verlag, Bonn, 1882, 3 vols.

Gabriel Soares de Sousa, *Tratado descritivo do Brasil em 1587/ Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen*. Terceira edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938.

Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*. Nova edição preparada pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães. Imprensa Nacional, Coimbra, 1910-1917, 5 vols.

Garcia de Resende, *Miscelânea/ e variedade de histórias, costumes, casos, e cousas que em seu tempo aconteceram*. Com prefácio e notas de Mendes dos Remedios. França Amado-Editor, Coimbra, 1917.

Georg Friederici, *Amerikanistisches Wörterbuch und Hilfsörterbuch für den Amerikanisten*, 2. Auflage, Cram, de Gruyter & Co., Hamburg, 1960.

Georg Gerland, *Die Basken und die Iberer*, in Gustav Gröber, op. cit., vol. I.

Gerhard Rohlfs, *Le Gascon/ Etude de philologie pyrenéenne*. Max Niemeyer Verlag/ Halle/Saale, 1935.

Gerhard Rohlfs, *Historische Grammatik der italienischen Sprachen und ihrer Mundarten*. A Francke Ag. Verlag, Bern, 1949-1954, 3 vols.

G. G. Nicholson, *Recherches Philologiques Romanes*. Librairie Ancienne Honoré Champion, Paris, 1921.

Gilbert Chase, *Do Salmo ao Jazz/ A música dos Estados Unidos/ Tradução de Samuel Pena Reis e Lino Vallandro*. Editôra Globo, 1957.

Gilberto Amado, *Minha Formação no Recife*. Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1955.

Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala/ Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal/ Ilustrações de Tomás Santa Rosa*, 8.ª edição, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1954, 2 vols.

Gilberto Freyre, *Sobrados e Mocambos/ Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano/ Ilustrações de Lula Cardoso Ayres, Manuel Bandeira, Carlos Leão e do autor*. 2.ª edição refundida pelo autor e acrescida de introdução, de cinco capítulos e de numerosas notas. Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1951, 3 vols.

Gil Vicente, *Obras Completas/ Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga*. Livraria Sá da Costa, Editôra, Lisboa, 1942-1944, 6 vols.

Gil Vicente, *Triunfo do Inverno*, in *Obras Completas/ Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga*, Livraria Sá da Costa, Editôra, Lisboa, 1943, vol. IV.

Gino Battiglioni, *Atlante linguistico-etnografico italiano della Corsica*, Pisa, 1933-1939, 10 vols.

Gomes Eannes de Azurara, *Chronica do Descobrimento e da Conquista da Guiné/ escrita por mandado de el-rei D. Affonso V, sob a direção científica, e segundo as instruções do illustre Infante D. Henrique/ Fielmente trasladada do manuscrito original contemporâneo, que se conserva na Biblioteca Real de Paris, e dada pela primeira vez à luz por diligência do Visconde de Correia/, enviado Extraordinário, e Ministro Plenipotenciário de S. Magestade Fidelíssima na corte de França/ Precedida de uma introdução, e Ilustrada com algumas notas, pelo Visconde de Santarem/ E seguida d'um glossário das palavras e phrases antiquadas e absoletas*. Publicada por J. P. Aillaud, Paris, 1841.

Gongalo de Ataíde Pereira, Prof. Manuel Querino/ Sua vida e suas obras. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1932.

Guilherme Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental/ Em cinco livros/ Traduzida e anotada por Mário Lôbo Leal/ Revista por Felisberto Carneiro e Eduardo Rodrigues/ Escorço bibliográfico de José Honório Rodrigues*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957.

Guilherme Piso, *História Natural do Brasil Ilustrada/ Tradução do Professor Alexandre Correia, seguida de um texto original, da biografia do autor e de comentários sobre a obra*. Edição comemorativa de

- primeiro cinquentenário do Museu Paulista, Companhia Editora Nacional, 1948.
- Gustav Gröber, Grundriss der romanischen Philologie, Herausgegeben von Gustav Gröber, zweite verbesserte und vermehrte Auflage, Karl J. Trübner, 1904-1906, 2 vols.
- Gustavo Barroso, Tição do Inferno (Romance bárbaro). Benjamin Costallat & Miccolis, Editores, Rio de Janeiro, 1926.
- Gustavo Barroso, Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte), 5.^a edição, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956.
- Harri Meier, Erwägungen zu iberoromanischen Substratetymologien, in Festgab Ernst Gamillscheg zu seinem fünfundsechzigsten Geburtstag am 28 Oktober 1952 von Freunden und Schülern überreicht. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1952.
- Heinz Kroll, Designações Portuguesas para Embriaguez. Casa do Castelo, Editora, Coimbra, 1955.
- Henrique de Beaurepaire Rohan, Reforma da Ortografia Portuguesa, in Revista Brasileira, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1879, tomo II.
- Henrique de Beaurepaire Rohan, Sobre a etimologia do vocábulo brasileiro capoeira, in Revista Brasileira, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1880 — Primeiro ano — tomo II.
- Henry Koster, Viagens ao Nordeste do Brasil/Tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- Hermann von Ihering e Rodolfo von Ihering, As Aves do Brasil (Catálogo da Fauna Brasileira), ed. Museu Paulista, Tipografia do Diário Oficial, São Paulo, 1907.
- H. Capello e R. Ivens, De Benguela às Terras de Iácca/Descrição de uma viagem na África Central e Ocidental/Compreendendo narrações, aventuras e estudos importantes sobre as cabeceiras dos rios Cu-neme, Cu-bungo, Lu-ando, Cu-anza e Cu-ango, de grande parte do curso dos dois últimos; além da descoberta dos rios Hamba, Canali, Sussa e Cu-gho, e longa notícia sobre as terras de Quiteca, N'bungo, Sosso, Futa e Iácca/Expedição organizada nos anos de 1877-1880. Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, 2 vols.
- Inácio de Alencar, Afinal, que é Maracangalha?, in Manchete, Rio de Janeiro, n.º 250, 2/2/57.
- Inezil Penna Marinho, Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.
- Inezil Penna Marinho, Subsídios para a História da Capoeiragem no Brasil, Rio de Janeiro, 1956.
- Innocência Francisco da Silva, Dicionário Bibliográfico Português/Estudos de Innocência Francisco da Silva, applicados a Portugal e ao Brasil. Imprensa Nacional, Lisboa, 1858-1923, 22 vols.
- I. Xavier Fernandes, Topônimos e Gentílicos. Editora Educação Nacional Ltda., Porto, 1941-1943, 2 vols.
- Isa Moniz, Entrevistando Nossos Artistas: Não há incentivo para os compositores baianos/ouvindo "Batatinha", compositor baiano — Não é e nunca foi de rádio — Aproveitando o ritmo da capoeira — Quer ir ao Rio só para gravar as suas composições, in Diário da Bahia, Salvador, 3/2/52.

- Jacques Raimundo, O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa. Renascença Editora, Rio de Janeiro, 1933.
- Januário da Cunha Barbosa, Se a introdução dos escravos no Brasil embarça a civilização dos nossos indígenas, dispensando-se-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuízo que sofre a lavra brasileira?, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 2.^a edição, 1856, tomo I.
- J. Barbosa Rodrigues, Poranduba Amazonense ou Kochiyima-Uara Porandub — 1872/1887. Tipografia de Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1890.
- J. B. Hofmann, Etymologisches Wörterbuch des griechischen. Verlag von R. Oldenbourg, München, 1950.
- J. B. Hofmann, Lateinisches etymologisches Wörterbuch, 3., Neubearbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1938-1956, 3 vols.
- J. Carminas, Dicionário crítico etimológico de la lengua castellana, Editorial Gredos, Madrid, 1954, 4 vols.
- J. C. (J. Osório da Cama e Castro), Cantigas Devotas, in Revista Lusitana, 1900-1901, vol. VI.
- Jean Baptiste Debret, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tradução e notas de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editora, São Paulo, 3.^a edição, 1954, 2 vols.
- J. Galante de Sousa, Bibliografia de Machado de Assis. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1955.
- J. Galante de Sousa, Fontes para o Estudo de Machado de Assis. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958.
- J. Gilléron et E. Edmont, Atlas Linguistique de la France, Paris, 1903-1910.
- J. M. Pereira da Silva, Segundo Período do Reinado de Dom Pedro I no Brasil — Narrativa Histórica. B. L. Garnier, Livreiro Editor, Rio de Janeiro, 1871.
- Joan Nieuwhof, Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil. Traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos/Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues. Livraria Martins Editora, São Paulo, 2.^a edição, 1951.
- João Alvares, Crônica do Infante Santo D. Fernando/Edição crítica da obra de D. Fr. João Alvares segundo um códice Ms. do séc. XV, por Mendes dos Remédios. F. França Amado Editores, Coimbra, 1911.
- João de Barros/Diogo do Couto, Da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto/Nova Edição oferecida a sua Majestade D. Maria I, Rainha Fidelíssima. Lisboa/Na Regia Officina Typográfica, Ano 1778, 24 vols.
- João de Souza, Vestígios da língua arábica em Portugal, ou léxico etimológico das palavras, e nomes portugueses, que tem origem arábica, composto por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa por Fr. João de Souza, Sócio da dita Academia, Interprete de S. Magestade para Língua Arábica; e augmentado e annotado por

- Fr. Joze de Santo Antonio Moura, Sócio da predita Academia, Official da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, e Interprete Regio da referida Lingua. Na Typografia da mesma Academia, Lisboa, 1830.
- João Maurício Rugendas, Viagem Pitoresca através do Brasil. Tradução de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 5.^a edição, 1954.
- João Pandiá Calógeras, A Política Exterior do Império/ Tomo Especial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1927-1928, 2 vols.
- João Ribeiro, Estudos Filológicos. Nova edição. Jacinto Ribeiro dos Santos, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1902.
- João Ribeiro, Frases Feitas/ Estudo conjectural de locuções, ditados, provérbios. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1908-1909, 2 vols.
- João Ribeiro, Seleta Clássica/ Com anotações filológicas, gramaticais em complemento das doutrinas expostas no curso superior de Gramática Portuguesa do mesmo autor. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 3.^a edição (muito melhorada), 1914.
- João Ribeiro, Curiosidades verbais/ Estudos aplicados à língua nacional. Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d.
- Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram. 2.^a edição. Em casa do Editor A. J. Fernandes Lopes, Lisboa, 1865, 2 vols.
- Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, O creolo de Cabo Verde/ Breves estudos sobre o creolo das ilhas de Cabo Verde, in Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Imprensa Nacional, Lisboa, 6.^a série, n.º 6.
- J. Olumide Lucas, The Religion of the Yorubas/ being an account of the religions Beliefs and Pratices of the Yoruba People of Southern Nigeria, especially in Relation to the Religion of ancient Egypt. C. M. S. Bookshop, Lagos, 1948.
- Jordão Emerenciano, José Mariano ou o Elogio da Tribuna. Secretaria do Interior e Justiça/ Arquivo Público Estadual, Recife, 1953.
- Jorge Amado, Bahia de Todos os Santos/ Guia das ruas e dos mistérios da Cidade do Salvador. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 9.^a edição, 1961.
- Jorge Amado, 30 Anos de Literatura, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1961.
- Jorge Amado, Conversa com Buanga Fêlé, também conhecido como Mário de Andrade, chefe da luta de Angola, in Tempo Brasileiro, ano 1, número 1, setembro de 1962.
- Jorge Marcgrave, História Natural do Brasil/ Tradução de Mons. Dr. José Procópio de Magalhães. Edição do Museu Paulista comemorativa do cinquentenário da fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1952.
- José A. Teixeira, Estudos de Dialectologia Portuguesa/ Linguagem de Goiás. Editôra Anchieta, São Paulo, 1944.

- José de Alencar, Iracema/ Lenda do Ceará, B.Z.L. Garnier, Rio de Janeiro, 3.^a edição, 1878.
- José de Alencar, O Caúcho/ Romance Brasileiro. Nova Edição, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s/d.
- José Honório Rodrigues, Brasil e África: outro horizonte. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 2.^a Edição revista e aumentada, 1964, 2 vols.
- José Inês Louro, Notas etimológicas, in Boletim de Filologia, 1948, tomo IX.
- José Joaquim Nunes, Fonética Histórica Portuguesa/ Resumo das principais leis que presidiram à transformação do latim ao português, in Revista Lusitana, vol. III.
- José Joaquim Nunes, Crônica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)/ Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico, Imprensa da Universidade, Lisboa, 1918, 2 vols.
- José Joaquim Nunes, Digressão Lexicológicas, Livraria Clássica Editôra de A. M. Teixeira (Filhos), Lisboa, 1928.
- José Joaquim Nunes, Crestomática Arcaica/ excertos de literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI/ acompanhados de introdução gramatical, notas e glossário, 3.^a edição (com correções feitas em vida pelo autor), Livraria Clássica Editôra, M.A. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa, 1943.
- José Joaquim Nunes, Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa/ Fonética e Morfologia. Livraria Clássica Editôra, A.M. Teixeira & Cia. (Filhos), 3.^a edição, Lisboa, 1945.
- José Leite de Vasconcelos, Estudos de Filologia Mirandesa. Imprensa Nacional, Lisboa, 1900-1901, 2 vols.
- José Leite de Vasconcelos, Esquisse d'une dialectologie portugaise/ Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris par José Leite de Vasconcelos, Ailloud & Cie., Paris-Lisboa, 1901.
- José Leite de Vasconcelos, Opúsculos. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1928-1938, 7 vols.
- José Leite de Vasconcelos, Romances populares portugueses coligidos da tradição oral (1880), in Opúsculos/Etnologia (Parte II), vol. VII, ed. cit.
- José Leite de Vasconcelos, Antroponímia Portuguesa/ Tratado comparativo da origem, significação, e apelidos usados por nós desde a Idade Média até hoje. Imprensa Nacional, Lisboa, 1928.
- José Leite de Vasconcelos, Lições de Filologia Portuguesa/ Terceira edição comemorativa do centenário de nascimento do autor/ Enriquecida com notas do autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959.
- José Leite de Vasconcelos, Etnografia Portuguesa/ Tentame de Sistematização. Volumes IV e V elaborados segundo os materiais do autor, ampliados com nova informação por M. Viegas Guerreiro/ Notícia introdutória, notas e conclusão de Orlando Ribeiro. Imprensa Nacional, Lisboa, 1933-1967, 5 vols.

- José Leite de Vasconcelos*, Etimologias Portuguêsas, in *Revista Lusitana*, vol. II.
- José Leite de Vasconcelos*, Dialectos Algarvios, in *Revista Lusitana*, vol. IV.
- José Leite de Vasconcelos*, Canção de Berço/segundo a tradição popular portuguêsã, in *Revista Lusitana*, 1907, vol. X.
- José Leite de Vasconcelos*, Canção do Berço/ Segundo a tradição Popular portuguêsã, in *Revista Lusitana*, ed. cit., vol. X, 1907.
- José Luís Quintão*, Gramática de Kimbundo. Prefácio de João de Castro Osório, Edição "Descoberta", Lisboa, 1934.
- Joseph Anglade*, Grammaire de l'ancien provençal ou ancienne langue d'oc/Fonetique & Morphologie. Librairie C. Klincksieck, Paris 1921.
- Joseph Huber*, Altportuguesisches Elementarbuch, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1933.
- José Pedro Machado*, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa/com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados, Editorial Confluência, 1.ª edição, Lisboa, 1956-1959, 2 vols.
- José Pedro Machado*, Influência Árabe no Vocabulário português/Edição de Álvaro Pinto (*Revista de Portugal*), Lisboa, 1958-1961, 2 vols.
- José Ramos Tinhorão*, Música Popular/Um tema em debate. Editora Saga, Rio de Janeiro, 1966.
- José Subirá*, Historia de la música. Tercera edición reformada, ampliada y puesta al día, Salvat Editora, Barcelona-Madrid, 1958, 3 vols.
- José Vieira de Araújo*, O Código Penal/Interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisprudência e com referências aos projetos de sua revisão. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1901-1902, 2 vols.
- Josif Popovici*, Dialectele Române e/Dialectele Române din Istria/Parte A 2.ª Teste si Glossar. Editura Autorului, Halle A.D.S., 1904, 2 vols.
- Josino do Nascimento Silva*, Código de Processo Criminal de Primeira Instância do Império do Brasil/Argumentado com a Lei de 3 de dezembro de 1841 e seus regulamentos, disposição provisória acerca da administração da justiça civil, todas as leis, decretos e avisos a respeito até o princípio do ano de 1864/ Explicando, registrando, revogando ou alterando algumas de suas disposições. Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1864, 2 vols.
- Jules Cornu*, Die portugiesische Sprache, in *Grundriss der romanischen Philologie*, herausgegeben von Gustav Gröber, zweite verbesserte und vermehrte Auflage, Karl J. Trübner, 1904-1906, vol. I.
- Jules Ronjat*, Grammaire Historique des parlers provençaux modernes. Societé des Langues Romanes, Montpellier, 1930-1941, 4 vols.
- Julio de Lemos*, Pequeno Dicionário Luso-Brasileiro de Vozes de Animais (onomatopéias e definições)/Com uma Carta do Escritor e Filólogo Prof. Augusto Moreno. Edição da *Revista de Portugal*, Lisboa, 1946.
- Karl Lokotsch*, Etymologisches Wörterbuch der Amerikanischen (Indianischen) Wörter im deutschen. Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1926.

- Karl Lokotsch*, Etymologisches Wörterbuch der europäischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter orientalischen Ursprungs. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1927.
- Karl Vossler*, Einführung ins Vulgärlatein/herausgegeben und bearbeitet von Helmut Schmeck. Max Hueber Verlag, München, s/d.
- K. Jaberg und J. Jud*, Der Sprachatlas als Forschungsinstrument/Kritische Grundlegung und Einführung in den Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1928.
- K. Jaberg und J. Jud*, Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz/Gedruckt mit Unterstützung der Gesellschaft für Wissenschaftliche Forschung an der Universität Zürich und privater Freunde des Werkes von der Verlagsanstalt Rindler & Co., Zofingen (Schweiz), 1928-1940, 8 vols.
- Kr. Nyrop*, Grammaire historique de la langue française. Troisième édition revue et augmentée. Gyldenalske Boghandel Nordisk Forlag, Copenhagen, 1903-1914, 4 vols.
- Lamartine Pereira da Costa*, Capoeiragem/A arte da defesa pessoal brasileira, Rio de Janeiro, s/d.
- Lamartine Pereira da Costa*, Capoeira Sem Mestre. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1962.
- Laudelino Freire*, Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, organizado por Laudelino Freire com a colaboração técnica do Professor J. L. de Campos. Editora A Noite, Rio de Janeiro, 1940-1944, 5 vols.
- Leo Spitzer*, Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik. Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1918.
- Leonardo Mota*, Sertão Alegre (poesia e linguagem do sertão nordestino). Imprensa Universitária do Ceará, 2.ª edição, Fortaleza, 1965.
- L. F. R. Clerot*, Vocabulário de Termos Populares e Círias da Paraíba (Estudo de glotologia e semântica paraibanas), 1.ª edição, Rio de Janeiro, 1959.
- Luciano Gallet*, Estudos de folclore. Carlos Wehrs & Cia., Rio de Janeiro, 1934.
- Ludolfo Cartusiano*, O Livro de Vita Christi/Em Linguagem Portuguesa/Edição fac-similar e crítica do incunábulo de 1495 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne. Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1957 (em publicação prevista para 7 vols.).
- Luís Carlos Bonfim*, Vinicius afirma que Bossa Nova agora é que dá show, in *Correio da Manhã*, Guanabara, 3/3/66.
- Luís de Camões*, Os Lusíadas/Reimpressão "fac-similada" da verdadeira 1.ª edição dos Lusíadas, de 1572, precedida duma introdução e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras, Dr. José Maria Rodrigues. Tip. da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1921.
- Luís da Câmara Cascudo*, Vaqueiros e Cantadores/Folclore Poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Edição da Livraria Globo, Porto Alegre, 1939.
- Luís da Câmara Cascudo*, Cinco Livros do Povo/Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil/Pesquisas e Notas/Texto das cinco tradicionais novelas populares/Donzela Teodora, Roberto do Diabo,

- Princesa Magelona, Imperatriz Porcina, João de Cais/Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1953.
- Luis da Câmara Cascudo, Dicionário do Folclore Brasileiro, 2.^a edição revista e anotada. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962.
- Luis da Câmara Cascudo, Made in Africa/Pesquisas e Notas. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
- Luis da Câmara Cascudo, Folclore do Brasil/Pesquisas e Notas. Editôra Fundo de Cultura, Brasil/Portugal, 1967.
- Luis dos Santos Vilhena, Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas/Contidas em XX Cartas/Que da Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos escreve hum a outro Amigo em Lisboa, debaixo de nomes alusivos, noticiando-o do Estado daquela Cidade, sua capitania, e algumas outras do Brasil: feita e ordenada para servir na parte que convier de Elementos para a Historia Brasílica/Ornada de Plantas Geographicas, e Estampas/Dividida em Trez Tomos. Anotados pelo Prof. Braz do Amaral e mandados publicar pelo Exmo. Sr. Dr. J. J. Seabra, Governador do Estado da Bahia/ No ano do 1.^o Centenário da Independência do Brasil. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1922, 3 vols.
- Luis Viana Filho, O Negro na Bahia. Prefácio de Gilberto Freyre. Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1946.
- Lydia Cabrera, Anagô/Vocabulário lucumi/el yoruba que se habla en Cuba/Prólogo de Roger Bastide. Ediciones C R, La Habana, 1957.
- Machado de Assis, Crônicas (1878-1888). W.H. Jackson Inc. Editôra, 1938, 4 vols.
- Manuel Aires de Casal, Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil. Edições Cultura, São Paulo, 1943, 2 vols.
- Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um Sargento de Milícias/ Prefácio de Marques Rebelo. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1944.
- Manuel da Nóbrega, Cartas do Brasil e mais escritos (opera omnia)/ com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite/For ordem da Universidade, Coimbra, 1955.
- Manuel Querino, A raça africana e seus costumes. Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1955.
- Manuel Querino, A Bahia de Outrora, prefácio e notas de Frederico Edelweiss. Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1955.
- M. Raynouard, Lexique Roman ou Dictionnaire de la langue des troubadours/comparée avec les autres langues de l'Europe Latine/Réimpression de l'original publié à Paris, 1838-1845. Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, s/d., 6 vols.
- Manuel Rodrigues Lapa, Livros de Falcoaria, in Boletim de Filologia, Lisboa, ed. cit., tomo I.
- Manuel Rodrigues Lapa, Cantigas D'escarnho e de mal-dizer dos cancioneiros medievais galego-portuguêses. Edição crítica pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Editorial Galaxia, Colección Filoxica, Coimbra, 1965.

- Manuel Viotti, Novo Dicionário da Gíria Brasileira, 3.^a edição, refundida, corrigida e muito aumentada. Brasileirismos, Regionalismos, Ditos, Frases Feitas, Provérbios, Modismos. A Gíria de Todas as Atividades Humanas: dos Músicos, dos Militares, dos Estudantes, dos Artistas, do Jornal, do Rádio e Televisão, dos Esportistas, do Futebol, Turfe etc.; dos Malandros, Jogadores e Ladrões; dos Garimpeiros, Caçadores e Pescadores. Vocabulário Completo dos Cultos Afro-Brasileiros (Umbanda, Quimbanda, dos Candomblés da Bahia e Terreiros do Rio e S. Paulo), Centenas de estrangeirismos de uso corrente na imprensa, rádio e televisão, e não constantes ainda dos apêndices aos grandes dicionários. Em anexo. Vocabulário Cigano e Vocabulário Quimbundo de autoria do Prof. João Dornas Filho. Livraria Tupã Editôra, Rio de Janeiro, 1957.
- Marcos A. Morínigo, Hispanismos en el guaraní/Estudio sobre la penetración de la cultura española en el guaraní, según se refleja en la lengua. Bajo la dirección de Amado Alonso, Buenos Aires, 193.
- Marfa Barbosa Vianna, O Negro no Museu Histórico Nacional, in Anais do Museu Histórico Nacional, vol. VIII, 1957.
- Mário Cravo Júnior, Sincronismo Técnico da Gravura com a Escultura. S.A. Artes Gráficas, Bahia, 1953.
- Mário Marroquim, A Língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco). Prefácio de Gilberto Freyre, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1945.
- Marques Rébello, Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1943.
- Maurice Grammont, Traité de Phonetique. Librairie Dellagrave, Paris, 1956.
- Maurício Goulart, Escravidão africana no Brasil (Das origens à extinção do tráfico), 2.^a edição, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1950.
- Max Niedermann, Précis de phonétique historique du latin. Troisième édition revue et augmentée. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1953.
- M. Krepinsky, L'infinif de colligere dans les langues romanes, in Omgia lui Iorgu Iordan ou prilejul impliniri a 70 de ani. Editura Academiei Republicii Populare Romine, Bucarest, 1958.
- Melo Barreto Filho e Hermeto Lima, História da Polícia do Rio de Janeiro/Aspecto da cidade e da vida carioca. Prefácio de Filinto Müller. Editôra A Noite. Volume I: 1565-1831, Rio de Janeiro, 1939; volume II: 1831-1870, Rio de Janeiro, 1942; volume III: 1870-1889, Rio de Janeiro, 1944, 3 vols.
- Melo Morais Filho, Festas e tradições populares do Brasil/Revisão e notas de Luis da Câmara Cascudo, F. Briguiet & Cia. Editôres, Rio de Janeiro, 1.^a edição, 1946.
- Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), Capoeira Angola. Escola Gráfica Nossa Senhora de Loreto, Salvador, 1964.
- Miécio Tâti, Jorge Amado/Vida e Obra. Editôra Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1961.
- Miscellanea di Filologia e Linguistica/in Memoria di Napoleone e Ugo Angelo Canello. Sucessori de Mounier, Firenze, 1886.

Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural, à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919). Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1949-1950, 2 vols.

Moritz Rugendas, *Malerische Reise in Brasilien* (Sitten und Gebräuche der Neger), herausgegeben von Engelmann & Cie, Paris, 1835.

Nestor R. Ortiz Oderigo, *Estética del jazz*. Ricordi Americano, Buenos Aires, 1951.

Nicolò Tommaseo e Bernardo Bellini, *Dizionario della lingua italiana*/Nuovo ristampa dell'edizione integra. Unione Tipografica-Editrice Torinese, Torino, 1929, 6 vols.

Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*/Revisão e prefácio de Homero Pires, Companhia Editora Nacional. São Paulo, 3.^a edição, 1945.

N. Rossi, *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963.

N. Rossi, *Atlas Prévio dos Falares Baianos*/Introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1965.

N. S. Trubetzkoy, *Grundzüge der Phonologie*/Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 7, Prague, 1939.

N. S. Trubetzkoy, *Principes de Phonologie*/Traduit par J. Cantineau. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1949.

Odorico Tavares, *26 Poemas* (com Aderbal Jurema). Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1934.

Odorico Tavares, *A Sombra do Mundo* (Poesias). Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1939.

Odorico Tavares, *Poesias*. Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1945.

Odorico Tavares, *Bahia/Imagens da Terra e do Povo*. Terceira edição revista, atualizada e acrescida de nove capítulos. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961.

Odorico Tavares, *Discurso de um Cidadão de Salvador*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961.

Odorico Tavares, *Os caminhos de Casa*/Notas de viagem. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1963.

Ofício de José Félix de Azevedo e Sá ao Ministro do Império, expondo as providências dadas para o restabelecimento da ordem na Província. Datado da Cidade de Fortaleza, aos 23 de Abril de 1825, in *Publicação do Arquivo Nacional*/sob a direção de João Alcides Bezerra Cavalcante. Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1929, vol. XXIV.

Olivério M. de Oliveira Pinto, *Catálogo das Aves do Brasil*/e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista, in *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, tomo XXII, 1938.

Omăgiu lui Iorgu Iordan cu prilejul împlinirii a 70 de ani. Editura Academiei Republicii Populare Române, Bucarest, 1958.

Omăgiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani. Editura Academiei Republicii Socialiste România, Bucarest, 1965.

Oneyda Alvarenga, *Música Popular Brasileira*, Editora Globo, Porto Alegre, 1960.

Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V. Na Real Imprensa da Universidade, Coimbra, 1786, 5 vols.

Oscar de Macedo Soares, *Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil*/comentado por Oscar de Macedo Soares/Advogado. Segunda Edição, correta e consideravelmente aumentada, contendo em Apêndice toda a legislação criminal publicada até a presente data. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1904.

Oswaldo Cabral, *A Medicina Teológica e as Benzeduras/suas raízes na história e sua persistência no folclore*/Separata da Revista do Arquivo Municipal, n.º CLX, Departamento de Cultura, São Paulo, 1958.

Otto Maria Carpeaux, *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, 3.^a edição revista e aumentada. Editora Letras e Artes, Rio de Janeiro, 1964.

Paulino de Brito, *Colocação dos Pronomes/Artigos publicados na "Província do Pará"* (1906-1907). Livraria Aillaud & Cia., Paris, 1907.

Paulino de Brito, *Brasileirismos de Colocação de Pronomes/Resposta ao Sr. Cândido de Figueiredo*/Artigos publicados no *Jornal do Comércio*, 1908. Livraria Azevedo, Viúva Azevedo & C. Editores, Rio de Janeiro, 1908.

Paulo Coelho Neto, *Coelho Neto*. Zélio Valverde Editor, Rio de Janeiro, 1942.

Paulo Restivo, *Lexicon Hispano-Guaranicum/Vocabulário de la lengua Guarani*/ inscriptum a Reverendo Padre Jesuita Paulo Restivo/secundum Vocabularium Autorii Ruiz de Montoya anno MDCCXXII in Civitate S. Mariae Majoris denuo editum et adauctum, sub auspiciis Augustissimi Domini Petri Secundi Brasiliae Imperatoris posthac curantibus Illustrissimi Ejusdem Haeredibus ex unico qui noscitur Imperatoris Beatissimi exemplari redimpressum necnon prefatione notisque instructum opera et studii Christiani Frederici Seybold. Stuttgartiae/In aedibus Guiliemi Kohlmann, MDCCCXCIII.

Pedro A. de Azevedo, *A Respeito da Antiga Ortografia Portuguesa*/Um documento de Monção de 1350, in *Revista Lusitana*, vol. VI, 1900-1901.

Pedro A. de Azevedo, *Documentos Portugueses do Mosteiro de Chellas*, in *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906.

Pedro Henriquez Ureña, *El español en Santo Domingo*, Buenos Aires, 1940.

Pierre Verger, *Notes sur le culte des Orisa et Vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*, IFAN, Dakar, 1957.

P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *Glosario etimológico de las palabras españolas* (castellanas, catalanas, gallegas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas) de origen oriental (árabe, hebreo, malayo, persa y turco). Imprenta de La Lealtad, Granada, 1886.

Plínio Ayrosa, *Términos Tupis no Português do Brasil*. Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", São Paulo, 1937.

Plínio M. da Silva Ayrosa, *Dicionário Português-Brasileiro e Brasileiro-Português*/Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2.^a

parte, até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa, in Revista do Museu Paulista. Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1934, tomo XVIII.

Pompeu Fabra, Diccionari General de la Lengua Catalana. A. López Llausàs-Editor, Barcelona, 2.^a edição, 1954.

Portugaliae Monumenta Historica — a seculo octavo post Christum isque ad quintundecim issu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita: Scriptores, 1856-1861.

Leges et Consuetudines, 1856-1873, 2 vols.

Diplomata et Chartae, 1868-1873.

Inquisitiones, 1888-1917.

Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça — Denúnciação da Bahia — 1951-1953, São Paulo, 1925.

Rafael Alves França (Coimbra Verde), Centro Esportivo de Capoeira Angola 2 de Julho/Narrado por Rafael Alves França (Cobrinha Verde) e escrito por José Alexandre, Salvador, 9 de fevereiro de 1963.

Raimundo de Moraes, O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia, Rio de Janeiro, 1931, 2 vols.

Ramón Menéndez Pidal, Cantar de Mio Cid/Texto, Gramática y Vocabulário. Espasa-Calpe, Madrid, 1941-1946, 3 vols.

Ramón Menéndez Pidal, Manual de gramática histórica española. Octava edición, Espasa-Calpe, Madrid, 1949.

Ramón Menéndez Pidal, Poesía juglaresca y juglares/Aspectos de la historia y cultura de España. Tercera edición, Espasa-Calpe, Madrid, 1949.

Ramón Menéndez Pidal, Orígenes del español/Estudo linguístico de la península ibérica hasta el siglo XI. Tercera edición muy corregida y adicionada, Espasa-Calpe, Madrid, 1950.

Rafael Bluteau, Vocabulário Português e Latino, Coimbra/No Colégio das Artes da Companhia de Jesus/Ano 1712-1727, 10 vols.

R.C. Abraham, Dictionary of Modern Yoruba, University of London Press Ltd., London, 1958.

R. Dozy et W. H. Engelmann, Glossaire des mots espagnols et portugais dérivé de l'arabe. Seconde édition revue et très-considérablement augmentée. E. J. Brill, Leyde-Maisonneuve & Cie., Paris, 1869.

Real Academia Española, Diccionario de la lengua española, 17.^a edición, Madrid, 1947.

Renato Almeida, História da Música Brasileira. Segunda edição correta e aumentada, F. Brigueit & Comp. — Editor, Rio de Janeiro, 1942.

Renato Mendonça, Influência africana no português do Brasil/Prefácio de Rodolfo Garcia, Livraria Figueirinhas, Porto, 3.^a edição, 1948.

Rex Harris, Jazz/As suas origens e o desenvolvimento que adquiriu, desde os ritmos primitivos africanos à evoluída música ocidental dos nossos dias. Tradução de Raul Calado, Editora Ulisséia, Lisboa-Rio de Janeiro, 1952.

R. Magalhães Júnior, Deodoro/A Espada contra o Império. Volume I: O Aprendiz de Feiticeiro/da Revolta Praieira ao Gabinete Ouro

Prêto. Volume II: O Galo na Torre/Do destêrro em Mato Grosso à fundação da República. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1957, 2 vols.

Roberto Macedo, Notas Históricas/Primeira Série, Rio de Janeiro, 1944.

Rocha Pombo, História do Brasil. Benjamin de Aguiar-Editor, Rio de Janeiro 10 vols.

Rodolfo Garcia, Dicionário de Brasileirismos (peculiaridades pernambucanas), Rio de Janeiro, 1915.

Rodolfo Garcia, Nomes Geográficos Peculiares ao Brasil, in Revista de Língua Portuguesa/Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigida por Laudelino Freire, n.º 3 — Janeiro, 1920.

Rodolfo Lenz, Diccionario etimológico de las voces chilenas derivadas de lenguas indígenas americanas. Imprenta Cervantes, Santiago de Chile, 1904-1910, 2 vols.

Rodolfo von Ihering, Dicionário dos Animais do Brasil, São Paulo, 1940.

Rodrigo de Sá Nogueira, Portuguesismo em Cristóvão Colombo, in Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho. (1847-1919). Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1950, vol. II.

Rui Barbosa, Projeto do Código Civil Brasileiro/Trabalhos da Comissão Especial do Senado/Réplica do Senador Rui Barbosa às defesas da Redação do Projeto da Câmara dos Deputados, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1904.

Samuel Johnson, The History of the Yorubas/From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate. Edited by Dr. O. Johnson. C.M.S. (Nigeria) Bookshofs, Lagos, 1956.

Sebastião Rodolfo Dalgado, Glossário Luso-Asiático. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1919-1921, 2 vols.

Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, pelo inquisitor e visitador o licenciado Marcos Teixeira/Livro das Confissões e Ratificações da Bahia:1618-1620. Introdução de Eduardo D'Oliveira e Sônia A. Siqueiro, in Anais do Museu Paulista, São Paulo, 1963, tomo XVII.

Serafim da Silva Neto, História da Língua Portuguesa, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1952.

Serafim da Silva Neto, Fontes do Latim Vulgar/O Appendix Probi. 3.^a edição, revista e melhorada, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956.

Serafim da Silva Neto, Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil. 2.^a edição aumentada e revista pelo autor. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963.

Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, Lisboa, 1938-1950, 10 vols.

Sever Pop/Emil Petrovici, Atlasul Linguistic Romin, Cluj-Sibiu, 1938-1942, 2 vols.

Silveira Bueno, História da Literatura Luso-Brasileira, 5.^a edição atualizada, Edição Saraiva, São Paulo, 1965.

Theodor Gartner, Darstellung der rumänischen Sprache. Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1904.

- Theodor Gartner*, Handbuch der rätomanischen Sprache und Literatur. Verlag von Max Niemeyer, Halle A. S., 1910.
- Teodoro Sampaio*, O Tupi na Geografia Nacional, 4.^a edição, Câmara Municipal do Salvador/Introdução e notas de Frederico G. Edelweiss, Salvador, 1955.
- Theófilo Braga*, Cancioneiro Português da Vaticana/Edição crítica restituída sobre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneros portugueses. Imprensa Nacional, Lisboa, 1878.
- Tomás Navarro Tomás*, Manual de pronunciación española. Instituto de Investigaciones Científicas, sexta edición, Madrid, 1950.
- Vicente Chermont de Miranda*, Glossário Paraense ou Coleção de Vocabúlos Peculiares à Amazônia e Especialmente à Ilha de Marajó. Livraria Maranhense, Pará, 1905.
- Vicente Chermont de Miranda*, Estudos sobre o nêngatú, in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, vol. LXIV.
- Vicente do Salvador*, História do Brasil/ Escrita na Bahia a 20 de dezembro de 1627, in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ 1885-1886. Tip. G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1889, vol. XIII.
- Vicente García de Diego*, Contribución al diccionario hispánico etimológico, Madrid, 1943.
- Vicente García de Diego*, Manual de Dialectologia Española. Instituto de Cultura Hispanica, Madrid, 1946.
- Vicente García de Diego*, Diccionario etimológico español e hispánico. Editorial S.A.E.T.A., Madrid, s/d.
- Vicente Piragibe*, Consolidação das Leis Penais/ Aprovadas e adaptadas pelo Decreto n.º 22.213 de 14 de dezembro de 1932/ Código Penal Brasileiro (Completo com as leis modificadas em vigor). Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1933.
- Vicente Rossi*, Cosas de Negros/ Los orígenes del tango y otros apartes al folklore rioplatense/ Rectificaciones históricos. Rio de la Plata, 1926.
- Viriato Correa*, Casa de Belchior, Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936.
- Virgílio de Lemos*, A língua portuguesa no Brasil, in Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia/ Realizado na Cidade do Salvador, Estado da Bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916/ Publicado sob a direção do Secretário Geral do mesmo Congresso Professor Dr. Bernardino José de Souza. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1916, vol. I.
- Visconde de Porto Seguro*, História Geral do Brasil/ Antes da sua separação e independência de Portugal. Em casa de E. & Laemmert, Rio de Janeiro, 2.^a edição, s/d., 2 vols.
- Visconde de Taunay*, Filologia e Crítica (impressões e estudos). Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo, 1921.
- Waldeloir Rego*, Um Calendário de Festa Nagô na Bahia, in Jornal da Bahia, Salvador, 29-9-63.

- Walther von Wartburg*, Französisches Etymologisches Wörterbuch/ Eine darstellung des galloromanischen sprachschatzes/ Verfasst mit unterstützung der Deutschen Forschungsgemeinschaft und des Sächsischen Ministeriums für Volksbildung/ Photomechanischer neudruck. J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Tübingen, 1949 (em publicação).
- Walther von Wartburg*, Problemas y Métodos de la Lingüística/ Traducción de Dámaso Alonso, Madrid, 1951.
- Wied-Neuwied*, Viagem ao Brasil. Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, 2.^a edição refundida e anotada por Olivério Pinto. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1958.
- Wilhelm Giese*, Notas Sobre a Fala dos Negros em Lisboa no Princípio do Século XVI, in Revista Lusitana, 1932, vol. XXX.
- Wilhelm Meyer-Lübke*, Die lateinische Sprache in den romanischen Ländern, in Gustav Gröber, op. cit., vol. I.
- Wilhelm Meyer-Lübke*, Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft. Dritte Neubearbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1920.
- Wilhelm Meyer-Lübke*, Grammaire des langues romanes/ Traduction française par Eugène Rabiet. G. E. Stechert & Co., New York, 1923, 4 vols.
- Wilhelm Meyer-Lübke*, Das Katalanische/ Seine Stellung zum Spanischen und Provenzalischen/ Sprachwissenschaftlich und historisch dargestellt. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1925.
- Wilhelm Meyer-Lübke*, Romanisches etymologisches Wörterbuch. 3. Vollständig neubearbeitete Auflage, Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1935.
- W. Mushacke*, Altprovenzalische Marienklage des XIII. Jahrhunderts/ Nach allen bekannten Handschriften, Herausgegeben von Dr. W. Mushacke. Verlag von Max Niemeyer, Halle, A. S., 1890.
- Yolanda Marcondes Portugal*, A Moeda na Voz do Povo, in Anais do Museu Histórico Nacional, vol. VI, 1950.
- Zdenek Hampl*, Tratamento Motivado Pela Cór da Pele do Interlocutor, no Português do Brasil, in Omagiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani. Editura Academiei Republicii Socialiste România, Bucarest, 1965.

Periódicos

- Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1876 e ss.
- Anais do Museu Histórico Nacional*.
- Anais do Museu Paulista*, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo.
- A Tarde*, Salvador, 1912 e ss.
- Boletim de Filologia*, Lisboa, 1932 e ss.
- Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*/ Fundada em 1875. Tip. de Cristóvão Augusto Rodrigues, Lisboa, 1876 e ss.
- Correio da Manhã*, Guanabara, 1901 e ss.
- Diário da Bahia*, Salvador, 1833-1958.
- Diário de Notícias*, Salvador, 1875 e ss.

Diário Oficial, Salvador, 1916 e ss.
Enciclopédia Fatos & Fotos (em publicação na Revista do mesmo nome)
Jornal da Bahia, Salvador, 1957 e ss.
Jornal do Brasil, Guanabara, 1891 e ss.
Jornal de Notícias, Salvador, 1879-1919.
Manchete, Rio de Janeiro/Guanabara, 1952 e ss.
Publicação do Arquivo Nacional/ Sob a direção de João Alcides Bezerra Cavalcante. Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.
Realidade/ Uma Publicação da Editora Abril, Rio de Janeiro, 1966 e ss.
Revista Brasileira. N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1879-1898.
Revista Brasileira de Filologia. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955 e ss.
Revista de Língua Portuguesa/ Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigida por Laudelino Freire, Rio de Janeiro, 1919-1928, 53 vols.
Revista do Arquivo Municipal. Departamento de Cultura, São Paulo, 1935 e ss.
Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, Pernambuco.
Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Tip. e Encadernação do Diário da Bahia, Bahia, 1894 e ss.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 1856 e ss.
Revista Lusitana/ Arquivo de estudos filológicos e etnográficos relativos a Portugal por José Leite de Vasconcelos. Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia, Lisboa, 1887-1943, 38 vols.
Tempo Brasileiro/ Revista de Cultura, Rio de Janeiro, 1962 e ss.
Zeitschrift für romanischen Philologie/ Begründet von Prof. Dr. Gustav Gröber. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1876 e ss.

Correspondência

Antenor Nascentes, Carta ao autor de 22/2/66 — Guanabara.
Juracy Magalhães, Carta ao autor de 10/5/66 — Guanabara.
R. Magalhães Júnior, Carta ao autor de 1.º/7/66 — Guanabara.

Gravação

A Brasa do Norte, LPC-602, Gravadora e Distribuidora de Discos Cantagalo.
Arena Canta Zumbi, SMLP-1505, Discos Som/Maior Ltda. Ficha técnica: texto, Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri; música, Edu Lôbo; direção musical, Carlos Castilho; direção geral, Augusto Boal; elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Lima Duarte, David José, Chant Dessian, Antero de Oliveira, Dina Sfat, Marília Medalha, Vânia Santana. — Flauta, Nenen; bateria, Anunciação; violão, Carlos Castilho.
3.º *Festival da Música Popular Brasileira*/ Realização da TV Record de São Paulo, Companhia Brasileira de Discos (Philips), Série De Luxe, R 765.015 L (gravado até o presente 3 vols.).

Cabra da Peste, PPL-12.265, Continental.
Coisas Nossas, P 632.270 L, Companhia Brasileira de Discos. Ficha técnica: produtor, João Melo; técnico de gravação, Célio Martins; engenheiro de som, Sílvio Rabelo; capa, Paulo Brèves; foto, Mafra.
Curso de Capoeira Regional, gravado por J. S. Discos, JLP-101, Salvador/Bahia (Mestre Bimba: Manuel dos Reis Machado).
Capoeira, gravado pela Editora Xauá, São Paulo — Traíra (João Ramos do Nascimento).
Capoeira, gravado pela Continental, Rio de Janeiro/Guanabara — Camaleu de Oxossi (Ápio Patrocínio da Conceição).
Dois na Bossa/ Número Dois, Acompanhamento Luís Loy Quinteto Bossa Jazz Trio. P-632.792, Philips. Ficha técnica: produtor, Mário Duarte; direção musical, Adilson Godoy; acompanhamento, Luís Loy Quinteto e Bossa Jazz Trio; técnicos de som, J. E. Homem de Melo e Célio Martins. Gravado ao vivo no Teatro Record em São Paulo.
... *E Vamos Nós...*, Companhia Brasileira de Discos (Philips), P 632.755 L. Ficha técnica: produtor, João Melo; engenheiro de som, Sílvio Rabelo; técnicos de gravação, Célio Martins, Ademar Silva e Jo Morena; foto, Mafra.
Hora de Lutar, PPL-12.202, Continental. Ficha técnica: produção, Alfredo Borba; assistente de produção, Valdir Santos; arranjos e direção musical, Erlon Chaves; técnico de som, Rogério Guass; corte, Luís Botelho; técnico industrial, Francisco Assis de Sousa; layout e capa, Frederico Spitale.
Nara, ME-10, Elenco de Aloísio de Oliveira. Ficha técnica: produção e direção de Aloísio de Oliveira; assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Sternberg; técnico de gravação, Norman Sternberg; capa-layout, César G. Vilela e foto de Francisco Pereira.
Opinião de Nara, P 632.732 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips). Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnicos de gravação, Rogério Guass/ Joaquim Figueira; engenheiro de som, Sílvio Rabelo; foto, Jânio de Freitas; layout, Jânio de Freitas.
Os Afro-Sambas/ Arranjos e regência de Guerra Peixe, com a participação do Quarteto em Cy, FM-16/ FE-1016, Companhia Brasileira de Discos (Forma). Ficha técnica: produção e direção artística, Roberto Quartim e Wadi Gebara; técnico de gravação, Ademar Rocha; contra-capas, Vinicius de Moraes; fotos, Pedro de Moraes; capa, Goebel Weyne. Ficha artística; vocais: Vinicius de Moraes, Quarteto em Cy e Côro Misto; sax-tenor, Pedro Luís de Assis; sax-barítono, Aurino Ferreira; flauta, Nicolino Copia; violão, Baden Powell; contrabaixo, Jorge Marinho; bateria, Reizinho; atabaque, Alfredo Bessa; atabaque pequeno, Nelson Luís; bongô, Alexandre Silva Martins; pandeiro, Gilson de Freitas; agogô, Mineirinho; afochê, Adyr José Raymundo.
Sacundin Ben Samba, P-632.193 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips). Ficha técnica: técnico de gravação, Célio Sebastião Martins; engenheiro de som, Sílvio M. Rabelo; capa (foto), Mafra; layout, Paulo Brèves; produção, Armando Pittigliani.

Som Definitivo Quarteto em Cy/Tamba Trio, com arranjos vocais de Luís Eça, FM-10, Companhia Brasileira de Discos. Ficha técnica: produção e direção, Roberto Quartín/Wadi Cebara; foto da capa, Paulo Lorgus; fotos da contra-capas, Image; técnico de gravação, Umberto Cantaroli; supervisão gráfica, Marcos de Vasconcelos; foto da cantracapa, Vinicius de Moraes; vocais, Quarteto em Cy e Tamba Trio; piano, Luís Eça; baixo e flauta, Bebeto; bateria, Ohano.

Tem jabaculé, P 632.714 L, Companhia Brasileira de Discos. Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnico de gravação, Célio Martins; engenheiro de som, Sílvia Rabelo; capa, Mafra/layout, Paulo Brèves.

Um Senhor Sérgio Ricardo, ME-7, Elenco de Aluísio de Oliveira. Ficha técnica: produção e direção, Aluísio de Oliveira; assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; arranjos, Carlos Monteiro de Sousa; regência, Carlos Monteiro de Sousa; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Sternberg; técnico de gravação, Norman Sternberg; capa, foto, Francisco Pereira.

Películas

Barravento: produção nacional da Iglu Filmes, direção e roteiro de Glauber Rocha, fotografia de Tony Rabatone, música de capoeira do mestre-capoeira Washington Bruno da Silva (Canjiquinha). Premiada no Festival de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia, 1961.

Briga de Galos: roteiro e direção de Lázaro Tôrres, fotografia de Rony Roger e produção da Winston Filmes. Menção honrosa no Festival dei Populi, em Florença. 1964.

Os Bandeirantes: produção colorida franco-brasileira, distribuída pela UCB, direção de Marcel Camus. 1960.

O Pagador de Promessas: produção luso-brasileira, distribuída pela Cine-distri, direção de Anselmo Duarte, fotografia de Chick Fowler. Palme d'Or, 1962 no Festival de Cinema de Cannes.

Samba: produção espanhola, com cenas rodadas no Brasil, com especial a Bahia, onde foram filmadas as cenas de capoeira. 1964.

Senhor dos Navegantes: produção nacional com roteiro e direção de Aluísio T. de Carvalho. 1964.

Fontes Audio-Visuais

Academia Baiana de Capoeira Angola

Rua Christiani Ottoni, 196, antigo Mirante do Calabar

Academia de Capoeira Angola São Jorge dos Irmãos Unidos de Mestre Caiçara

Rua Coronel Tupi Caldas, 84 — Liberdade

Bairro de Liberdade

Aos domingos e feriados à tarde

Bairro de Cosme de Farias

Aos domingos e feriados à tarde

Bairro da Federação

Aos domingos e feriados à tarde

Bairro de São Caetano

Aos domingos e feriados à tarde

Bairro de Itapoan

Aos domingos e feriados à tarde

Bairro de Pernambuco

Aos domingos e feriados à tarde

Capoeira São Gonçalo

Rua Rodrigues Ferreira, 226 — Federação

Carnaval

Nos bairros que fazem Carnaval e no centro no Terreiro de Jesus

Centro de Cultura Física e Capoeira Regional

Rua Francisco Muniz Barreto, 1 — Antiga rua das Laranjeiras

Centro de Instrução Senavox/Capoeira

Avenida Sete de Setembro, 2 — Edifício Sulacap, sala 207

Centro de Representação de Capoeira Regional

Rua Fernão de Magalhães, 71 — Chame-Chame

Centro Esportivo de Capoeira Angola

Largo do Pelourinho, 19

Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho

Alto de Santa Cruz (Casa Brito), s/n. — Nordeste de Amaralina

Ciclo de Festas do Bonfim: novenário, lavagem e festa

No adro do Bonfim em janeiro com data móvel

Ciclo de Festas do Rio Vermelho: novenário, bando e festa

No Largo de Santana em janeiro-fevereiro com data móvel

Ciclo de Festas da Pituba: novenário, lavagem e festa

Na Pituba em janeiro-fevereiro com data móvel

Escola Nossa Senhora Santana/Curso de Capoeira Regional

Rua Guiri-Guiri, 86 — Cosme de Farias, antiga Quinta das Beatas

Festa da Boa Viagem

No Largo da Boa Viagem a 1.º de janeiro

Festa de Reis

No Largo da Lapinha a 5 e 6 de janeiro

Festa de Dois de Julho

Na Praça Dois de Julho, antigo Campo Grande a 2 de julho

Festa de Santa Bárbara

No mercado da Baixa dos Sapateiros a 4 de dezembro

Festa da Conceição da Praia: novenário e festa

No adro da igreja e na Rampa do Mercado Modelo a 8 de dezembro

Festa de Santa Luzia: novenário e festa

No adro da igreja a 13 de dezembro

Grupo de Capoeira do Bairro Pernambués

Rua Tomás Gonzaga, s/n. — Pernambués aos domingos e feriados à tarde

Presente a Yemanjá

No Rio Vermelho a 2 de fevereiro

Sábado de Aleluia

Nos bairros que fazem queima de judas

Segunda-feira da Ribeira (do Ciclo de Festas do Bonfim)

No Largo da Ribeira em janeiro com data móvel.

Índice das Matérias

- I — A Vinda dos Escravos, 1
- II — O Termo Capoeira, 17
- III — A Capoeira, 30
- IV — A Indumentária, 43
- V — O Jôgo da Capoeira 47
- VI — Toques e Golpes, 58
- VII — Os Instrumentos Musicais, 70
- VIII — O Canto, 89
- IX — Comentário às Cantigas, 126
- X — Capoeiras Famosos e seu Comportamento na Comunidade Social, 260
- XI — As Academias de Capoeira, 282
- XII — Ascensão Social e Cultural da Capoeira, 291
- XIII — A Capoeira no Cinema e nos Palcos Teatrais, 318
- XIV — A Capoeira nas Artes Plásticas, 324
- XV — A Capoeira na Música Popular Brasileira, 329
- XVI — A Capoeira na Literatura, 353
- XVII — Mudanças Sócio-Etnográficas na Capoeira, 359
- Bibliografia, 363
- Índice das Matérias, 393
- Índice Remissivo, 395

Índice Remissivo

- abadá, 43, 44
 abalá, 141, 142
 abejon, 173
 Aberrê (Raimundo Aberrê),
 63, 266, 271, 275
 Abesouro, 149
 abença, 67
 absoluto, 142
 absolütu, 142
 absolvêre, 142
Academias de Capoeira:
 Academia Baiana de Capoei-
 ra Angola, 288;
 Academia de Capoeira de
 Angola São Jorge dos Ir-
 mãos Unidos de Mestre
 Caiçara, 288;
 Capoeira São Gonçalo, 289;
 Centro de Cultura Física e
 Capoeira Regional, 282-287;
 Centro de Instrução Senavox/
 Capoeira, 289;
 Centro Esportivo de Capoeira
 Angola Dois de Julho, 287-
 289;
 Centro de Representação de
 Capoeira Regional, 288-289;
 Escola Nossa Senhora Santa-
 na/Curso de Capoeira Re-
 gional, 289;
 Grupo de Capoeira do Bairro
 de Pernambués, 288
 Academias de Capoeira, 35, 45
 Academia Baiana de Capoei-
 ra Angola, 288
 Academia de Capoeira de An-
 gola São Jorge dos Irmãos
 Unidos de Mestre Caiçara,
 288
 acagoumán, 160
 acalhar, 153
 acalantar, 153
 A Capoeira, 30-42
 A Capoeira na Música Popu-
 lar Brasileira, 329-352
 A Capoeira nas Artes Plásti-
 cas, 324-328
 A Capoeira no Cinema e nos
 Palcos Teatrais, 318-324
 açoite de braço, 66
 açuca, 142
 addafo, 81
 Adão, 245
 adocular, 196
 adufe, 70, 80, 83

adulador, 179
 advallare (ad vallen), 141
 advérbio, 139
 adversus, 142
 advocatus, 142
aférese: tava, tá, panhe, guenta, tô, 136
 Afonso Coterres, 1
 afoxé, 156
 Afoxé Filhos de Ghandi, 41
 Agenor Sampaio (Sinhôzinho), 34
 agogô, 70, 87-88
 água de abô, 40
 aguantar, 175
 agguantare, 174
 aguentar, 174
 A Indumentária, 43-46
 airi-curii, 180
 Ajé, 266
 Aleixo Açougueiro, 261
 Alemão Guarda, 279
 Alexandre de Melo Moraes Filho, 355
 Ali Babá, 262
 aligator, 161
 almodía, 160
 alta lua, 68
 aluá, 19
 Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo, 354
Alvará de D. João III: importação de escravos, 12-14
Alvares Cabral: escravos na armada, 10
 amará, 142
 amarel, 142
 Amazonas, 59-60
 Angola, 30, 60, 61, 62, 142-143, 148, 152, 181

Angola: centro de importação dos primeiros escravos, 15, 16
 angola dobrada, 62
 angola em gège, 60
 angola pequena, 62
 angolêro, 136, 143, 279
 angolinha, 60, 61, 62
 Antão Gonçalves, 1
 Antônio da Conceição Morais (Caiçara), 38, 62
 Antônio Diabo, 279
 Antônio Maré, 266
 Antonico Sampaio, 262
 anum, 143-144
 apañar, 197
 apanhar, 197
 Apio Patrocínio da Conceição (Camafeu de Oxossi), 65
apócope: sabo, camará, 136
 aquinderreis, 144
 aramá, 177
 arrastão, 65
 arrasteira, 67
 arrespondeu, 137, 145
 aricuri, 180
 armada, 65
 armas de capoeiras, 297-298
 Arnol (Arnol Conceição), 38, 61
 Arnol Conceição (Arnol), 38, 61
 arpão de cabeça, 65
 arqueada, 67
 áruá, 19
 aruandê, 145
 as, 138
 As Academias de Capoeira, 282-290
 assalva ou hino, 61

Ascensão Social e Cultural da Capoeira, 291-317
 asfixiante, 66
 aspecto, 170
 Aspecto etnográfico (cantigas), 256-257
 Aspecto folclórico (cantigas), 216-256
 Aspecto sócio-histórico (cantigas), 257-259
 assucedeu, 145
 as-sukkar, 142
 atabal, 84
 attabal, 84
 atabalho, 84
 atabaque, 70, 83-87
 Ataliba Nogueira, 262
 aú, 65
 aú de cambaleão, 68
 aú com boca de sirí, 68
 aú com armada, 67
 aú com rolê, 67
 aú giratório, 68
 Augusto de São Pedro, 265
 Augusto Melo (Cabeça de Ferro), 262
 avalez, 142
 Ave Maria, 60, 61
 aventar, 141
 avêsse, 142
 A Vinda dos Escravos, 1-16
 avis-Aurea, 148
 aviso, 35, 60
 avogado, 142
 axé, 199
 Axé Iyá Massê, 41
 Axé Opô Afonjá, 41, 44
 axexê, 45
 axogun, 40
 Ayrá, 44

Azeite de Palma, 166-167
 Azurara, 1
 babalorixá, 38, 44
 bacaba, 160
 Bahia, 145-146, 247
 balão de lado, 66
 balão de bainha de calça, 66
 balão cinturado, 66
 ballare, 141
 banana, 160
 bananeira, 67
 banda armada, 33
 banda de costas, 66-67
 banda fechada, 33
 banda de lado, 67
 banda traçada, 66
 Bará, 146-147
 Bará Ajá, 146
 Barão do Rio Branco, 261
 barravento, 147-148
 Barravento (filme), 319, 322
 baraúna, 147
 Barro Vermelho, 146
 barrocas, 200
 Barroquinha, 200
 baú, 33
 bebê, 133, 148
 bênção, 65
 Benedito, 270
 Benguela, 59, 60, 61
 benguela sustentida, 61
 Bentinho, 268
 Benteví, 261
 benvenuto, 149
 berimbau, 53, 58, 59, 62, 64, 70-77, 148, 217-218, 319-322, 328
 berimbau de barriga, 74
 besôro, 135, 148-149, 173

Besouro Cordão de Ouro (Manoel Henrique), 40, 185, 218, 250, 263-265, 297
 Besouro Mangangá, 263-265, 297
 beber, 148
 bibere, 148
 Bichiguinha, 266
 bico de anum, 144, 250
 bidere, 215
 Bigode de Sêda, 266
 bilimbano, 73
 Bilusca, 266
 bôca de calça, 67
 Bôca de Porco, 266
 bôca de siri, 67
 bochecho, 66
 Bôca Queimada, 262
 bombêro, 136
 Bonaparte, 261
 Braga Doutor, 262
 branco, 138
 Brasil, 149, 248-249
 Brevenuto, 149
 Briga de Galos (filme), 319, 322
 brimbale, 73
 bucumbumba, 74
 Bugalho (Edmundo Joaquim), 269
 bulas, 8, 9
 bulgariana, 258
 búmba-úm, 75-76
 bunda, 163
 burumbumba, 74, 75, 76
 caa-apuam-era, 17
 caabo-aatá, 154
 caá-boc, 150
 caapoera, 20
 caá-r-umby, 153

Cabeça de Ferro (Augusto Melo), 262
 cabeçaça, 65-66
 cabecêro, 136, 149-150
 cabôco, 150
 cabra, 150-152, 360
 ca, 157
 Cabula, 152
 caçador, 33
 cachaça, 152
 Caco Velho, 152
 cocûera, 21
 Cacunda de Yayá, 158
 Caetano, 152
 Caiçara (Antônio da Conceição Moraes), 38, 62
 Caieta, 152
 Caietano, 152
 Caietanus, 152
 caiman, 160-161
 Caixeirinho, 262
 cayman, 160
 calar, 153
 calere, 153
 calêntare, 153
 calentar, 153
 calente, 153
 calumbí, 153
 camboatá, 154-155
 cambotá, 154
 çama-mbai, 207
 Camafeu de Oxossi (Ápio Patrocínio da Conceição), 65
 camará, 154
 cammãra, 154
 camarada, 154
 camarado, 154
 camarade, 154
 canella, 173
 camerade, 154

camerado, 154
 camerata, 154
 camisa de meia, 45
 camuatá, 154
 camunjerê, 155
 candombe, 155
 candomblé, 38-42, 152, 155-156, 250, 268, 295
 candomblé de caboclo, 35, 87
 Candomblé de Engenho Velho, 41-42
 cane, 157
 câne, 157
 canere, 156
 canis, 157
 Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), 35, 39, 40, 54, 56, 60, 63, 66, 70, 88, 275-278, 319
 Canjiquinha quente, 275
 cantá, 133, 156
 cantar, 156
 cantare, 156
 Cantigas agiológicas, 244-245
 Cantigas de berço, 240-242
 Cantigas de devoção, 242-244
 Cantigas de escárnio e de mal dizer, 235-240
 Cantigas geográficas, 245-249
 Cantigas de louvação, 249-250
 Cantigas de roda, 254-256
 Cantigas de sotaque e desafio, 153-154, 250-254
 canto de entrada, 48
 cão, 157
 ca ô cabiesí, 157
 capangas, 359-360
 capão, 18, 20, 23, 24
 caparra, 158
 capitão do mato, 63

capoeira, 27, 28, 30
 capoeira ameaça Gabinete Deodoro, 302-314
 capoeira angola, 30, 31-32
 capoeira açu, 27
 capoeirada, 28
 capoeira: desordens, 36, 37
 capoeira de foice, 28
 capoeira de machado, 28
 capoeira e candomblé, 38-42
 Capoeira na Literatura, 353-358
Capoeira nas Artes Plásticas:
 Rugendas, 324; Debret, 324; Carybé, 325-328; Mário Cravo Júnior, 328; Aldemir Martins, 328
 Capoeira no Cinema, 319-322
 capoeiragem, 28
 capoeira grossa, 28
capoeiristas: Aberrê (Raimundo Aberrê), 63, 266, 271, 275; Agenor Sampaio (Sinhôzinho), 34; Ajé, 266; Aleixo Açougueiro, 261; Alemão Guarda, 279; Ali Babá, 262; Antônio da Conceição Moraes (Caiçara), 38, 62; Antônio Diabo, 279; Antônio Maré, 262; Antonio Sampaio, 262; Angoleiro, 279; Arnol (Arnol Conceição), 38, 61; Ataliba Nogueira, 262; Augusto de São Pedro, 265; Augusto Melo (Cabeça de Ferro), 262; Barão do Rio Branco, 261; Bentivi, 261; Besouro Cordão de Ouro (Manoel Henrique), 40, 185, 218,

250, 263-265, 297; Besouro Mangangá (Manoel Henrique), 263-265, 297; Bichiquinha, 266; Bigode de Seda, 266; Bilusca, 266; Bôca de Porco, 260; Bôca Queimada, 262; Bonaparte, 261; Braga Doutor, 262; Cabeça de Ferro (Augusto Melo), 262; Caiçara (Antônio da Conceição Morais), 38, 62; Caixeirinho, 262; Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), 35, 39, 40, 54, 56, 60, 63, 64, 70, 88, 275-278; Cassiano Balão, 266; Chico Carne Sêca, 261; Chico Cazumbá, 266; Chico da Barra, 266; Chico Me Dá, 266; Chico Três Pedacos, 266; Ciríaco (Francisco da Silva Ciríaco), 263; Cobrinha Verde (Rafael Alves França), 263-265, 278, 297; Coelho Neto, 262; Dadá, 266, 279; Davi, 279; Dendê, 266; Dois de Ouro, 249-250, 266; Domingo Mão de Onça, 279; Duque Estrada Teixeira, 262; Doze Homens, 266; Edgar Chicharro, 266; Espadarte, 279; Espinho, 266; Fernandinho, 261; Francisco de Almeida, Ciríaco (Ciríaco), 263; Gato (José Gabriel Goes), 60, 62, 278; Gazolina, 266; Goite, 266; Hilário Chapeleiro, 266; Inimigo Sem Tripa, 266; João Bom Cabelo, 279;

João Grande (João Oliveira dos Santos), 279; João Pereira dos Santos (João Pequeno), 288; Joaquim Sampaio Ferraz, 301-314; José Basson de Miranda Osório, 296; José de Mola, 279; José Elísio Reis (Juca Reis), 279, 302-313; José Gabriel Goes (Gato), 60, 62, 278; José Ramos Nascimento (Traíra), 62, 65, 278-279; Juca Reis (José Elísio Reis), 279, 302-313; Juvenal, 267, 279; Leandro, 261; Leite Ribeiro, 262; Major Vidigal (Miguel Nunes Vidigal), 263, 294-295, 297, 299; Mamede, 261; Manoel Anastácio da Silva (Manoel Fiscal), 40, 42; Manoel Fiscal (Manoel Anastácio da Silva), 40, 42; Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), 32, 36, 40, 58, 59, 65, 69, 268-270, 282-287, 315-316; Manoel Henrique (Besouro Cordão de Ouro), 40, 185, 218, 250, 263-265, 297; Manoel Roseno de Santana (Roseno), 38; Manduca da Praia, 261-262; Maneta, 261; Matatu, 266; Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), 32, 36, 40, 58, 59, 65, 69, 268-270, 282-287, 315-316; Miguel Nunes Vidigal (Major Vidigal), 263, 294-295, 297, 299; Mungunjê, 279;

Najé, 268; Nascimento Grande, 260, 358; Natividade, 261; Neco Canário Pardo, 266; Nô da Empresa de Carruagem, 266; Nozinho, 266; Pacífico do Rio Vermelho, 266; Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), 41, 42, 60, 70, 88, 270-275; Patu das Pedreiras, 266; Paulo das Barroquinha, 200, 249, 266; Pedro Cobra, 261; Pedro Mineiro, 200, 250, 266; Pedro Porreta, 266; Pirrô, 279; Piroca Peixoto, 266; Plácido Abreu, 262; Quebra Côco, 261; Rafael Alves França (Cobrinha Verde), 263-265, 278, 297; Raimundo Aberrê (Aberrê), 63, 266, 271, 275; Raimundo Cachoeira, 266; Ricardo das Docas, 266; Romão Nêgo Exu, 279; Roseno (Manoel Roseno de Santana), 38; Samuel da Calçada, 266; Samuel Querido de Deus, 266-268; Santo Amaro, 279; Sete Mortes, 266; Sinhôzinho (Agenor Sampaio), 38; Siri de Mangue, 266; Tiburcinho de Jaguaripe, 266; Traíra (José Ramos do Nascimento), 62, 65, 278-279; Trinca Espinho, 262; Trindade, 262; Vicente Ferreira Pastinha (Pastinha), 41, 42, 60, 70, 88, 270-275; Vitorino Braço Torto, 266; Waldemar (Waldemar da

Paixão), 61, 279; Washington Bruno da Silva (Canjiquinha), 35, 39, 40, 54, 56, 60, 63, 64, 70, 88, 275-278; Zacaria Grande, 266; Zeca Cidade de Palha, 266; Zé Bom Pé, 266; Zé Caetano, 262; Zé do Saco, 266; Zé Domingo Foca, 279.

Capoeiristas Famosos e seu Comportamento na Comunidade Social, 260-281

Capoeira: local de concentração, 36, 37

capoeira mirim, 28

capoeirano, 28

capoeirão, 28

capoeira oficializada em palácio governamental, 316

capoeiroso, 28

capoeirar, 28, 29

capoeira rala, 28

capoeira regional, 30, 31-33

Capoeira São Gonçalo, 289

capra, 150

câpra, 150

capueira, 21

carcunda, 157-158

carcundus, 157

carrapato, 158-159

caricunda, 158

caruru de São Cosme, 242-243

Casa Branca, 41

Cassiano Balão, 266

cauóca, 150

cavalaria, 35, 59, 60, 61, 62,

63

caxixi, 70, 87

Ceia dos Camarões, 263, 295

Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, 282-287
 Centro de Representação de Capoeira Regional, 288-289
 Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho, 287-289
 chakka, 178
 chamá, 159
 chanter, 156
 chapa de costas, 68
 chapa de frente, 66, 68
 chapa-pé, 67
 chapéu bico de sino, 44
 chapéu de couro, 68
 chemá, 159
 cheque-mate, 189
 chèvre, 150
 chiamã, 159
 chibata, 67
 chibata armada, 67
 Chico da Barra, 266
 Chico Carne Sêca, 261
 Chico Cazumbá, 266
 Chico Me Dá, 266
 Chico Simão, 159
 Chico Três Pedacos, 266
 chiemá, 159
 chien, 157
 chique-chique, 159
 chhit, 159
 chita, 159, 258
 chocalho, 85
 chotão, 160
 choutar, 160
 Cícero Navarro (Onça Preta), 332
 cigano, 138
 Cinco Salomão, 61, 64
 cintã, 156
 cintura desprezada, 66
 cinturão desprezado, 286
 ciri, 210
 Ciriaco (Francisco da Silva Ciriaco), 263
 clamar, 159
 clamare, 159
 clamer, 159
 claudicare, 160
 clauditare, 160
 co, 164
 Cobrinha Verde (Rafael Alves França), 263-265, 278-279, 297
 cocorocô, 161
 Coelho Neto, 262
 Coité, 162
 colocação de pronomes, 39-141
 colongolô, 162
 colônias correccionais para capoeiras, 292-293
 com, 164
 comade, 162
 comadre, 162
 comaire, 162
 comare, 162
 comater, 162
 commater, 165
 comer, 165
 comedere, 165
 começo de jogo ou luta, 50
 Comentário às Cantigas, 126-259
 comércio de Angola, 15, 16
 comércio de Benguela, 15
 comércio da Costa da Mina, 15
 compadre, 165
 companheiro, 154

compare, 165
 composição das Academias de Capoeira, 289-290
 compater, 165
 conflitos de capoeiras, 298-314
 consoantes, 128-133
 contaro, 139
 convidar, 162
 convidô, 135, 162-163
 convitare, 162
 convitieren, 163
 convivium, 162
 coó-biã, 206
 capoêra, 136, 157
 co-puera, 18
 copuera, 18
 copuêra, 18
 corcovado, 157
 corcunda, 158
 Corda de Beji, 242
 coriboca, 19
 corredeira, 40
 corridos, 51
 cortá, 163
 cortar, 163
 Costa da Mina, 166
 crava, 150
 crepes da China, 258
 cruz, 66
 cruze de carreira, 33
 Cruzeiro, 215
 Cruzeiro Novo, 215
 cu, 163-164
 cü, 164
 Cuité, 162
 cul, 164
 culo, 163
 culus, 163
 cum, 134, 139, 164
 cumãtru, 162
 cumetre, 162
 cumetri, 162
 cumí, 134, 165
 cumpade, 134, 165
 cur, 164
 curruto, 134
 Curso de Capoeira Regional, 283-287
 cürtare, 163
 cürtiare, 163
 cürtus, 163
 custume, 134
 cutila, 66
 cutila alta, 66
 cutilada, 67
 cutilada de mão, 66
 cutovêlo, 134
 da, 167
 Dadá, 266, 279
 daff, 82
 dar, 167
 dare, 167
 Daví, 279
 delegacia, 165-166
 delegatus, 166
 Dendê, 266
 dendê, 166-167
 dendezeiro, 166
 der, 167
 derréis, 169
 derréis de mé cuada, 169
 dero, 139, 167
 devoção, 19
 digêro, 136, 167-168
 diguidun, 168
 dintá, 177
 discipo, 168
 discípulo, 168
 discipulus, 168

ditongos, 135
 dusôtro, 169
 dobrão, 72
 dedo nos olhos, 67
 descaracterização da capoeira, 318
 doença do ar, 236, 238
 Dois de Ôro, 168
 Dois de Ouro, 249-250, 266
 dois godeme, 65
 dois martelos, 65
 dois mil réis, 168
 dois minreis, 168-169
 Domingo Mão de Onça, 279
 Dongo, 143
 Donzela Teodora, 253-254
 dos outros, 169
 duas de frente, 65
 duff, 80, 82
 Duque Estrada Teixeira, 262
 Doze Homens, 266
 e = i, 134
 earamá, 77
 ebó, 38, 39, 40, 257
 ebomins, 41
 êdêre, 165
 Edgar Chicharro, 266
 Edmundo Joaquim (Bugalho), 269
 educação, 177
 educatione, 172
 egun, 42
 ei = ê, 136
 eledá, 146
 Elégba, 180
 Elégbará, 180
 em, 177
 embora, 176
 em boa hora, 176
 em ora má, 177
 encapoeirado, 29
 encapoeirar, 29
 encruzilhada, 33, 60
 enganar, 177
 enganador, 177
 enricar, 169
 enricô, 135, 169
 ensaminô, 35, 137, 169-170
 ensinar, 177
 epêntese do m, 137
 eramá, 177
 eremá, 177
 Escola Nossa Senhora Santa-na/Curso de Capoeira Regional, 289
 escorão, 67
 escramô, 135, 170
 espada de Ogun, 40
 Espadarte, 279
 espece, 170
 espécie, 170
 Espinho, 266
 Esquadrão de Cavalaria, 35, 63
 esse, 171, 176, 208
 estar, 211
 estandarte, 61
 evallare, 141
 ewê peregun, 40
 exclamar, 170
 exclamare, 170
 examinar, 169
 examinãre, 169
 Exu, 39, 42, 80, 88, 146-147, 180, 236, 242, 257
 *fabellare, 170
 fabulãre, 170
 fabulari, 170
 fabulantur, 170
 faca de ticum, 297

falar, 170
 falô, 170-171
 farinha de guerra, 190
 farinha copioaba, 190
 faze, 204 -
 fedegoso, 33
 Fernandinho, 261
 Fernando de Noronha: de grêdo de capoeiras, 302, 303, 306, 308, 310, 311, 313
 fia, 171
 filha, 171
 filho da puta, 199
 filho de santo, 38
 filho do ôco do pau, 199
 filius, 171
 Filmes: Barravento, 319, 322; Briga de Galos, 319, 322; Os Bandeirantes, 319, 322; O Pagador de Promessas, 319, 322; Samba, 319; Senhor dos Navegantes, 319.
 fleire, 172
 fô, 171
 fonética, 128-138
 frade, 171
 fraile, 171
 fraira, 172
 fraire, 171
 Francisco de Almeida Ciríaco (Ciríaco), 263
 fratre, 171
 frei, 172
 freira, 171
 freire, 171
 frêra, 138, 171-172
 fremusura, 134
 freyre, 171
 fucinho, 134
 fugueira, 134
 fortuna, 134
 gaiamu, 172
 gaiamun, 172-173
 galopante, 65, 67
 gamare, 159
 gamela, 173
 gamella, 173
 gamelêre, 136, 173
 gameleira, 173
 gamgambá, 173-174
 Ganabara, 205
 ganhadores, 44
 ganzá, 70, 85-87
 gapar(ra), 158
 garra, 158
 garrapata, 158
 Gato (José Gabriel Goes), 60, 62, 278
 Gazolina, 266
 gêge, 61
 gêge-ketu, 62
 gentio da Guiné, 14
 Cereba, 174
 Gilberto Amado, 358
 ginga, 57
 gobo, 74
 goiarara, 172
 Goite, 266
 golpes, 32, 33, 34, 35, 57, 58-69
 golpes de batuque, 33
 golpes ligados ou cinturados, 32, 57
 gorikikamo, 74
 granja, 172
 grange, 172
 Grupo de Capoeira do Bairro de Pernambuês, 288
 Grupo Folclórico da Bahia, 322-323

grupos gr, pr, tr, 133
 guaia-m-un, 172
 guanhumi, 172
 quanto, 174
 Guarda Negra, 313-315
 Guarda Real de Polícia, 300
 guenta, 174-175
 Guiné, 14-15
 Guiné: situação geográfica, 14-15
 gunga, 74, 76, 175, 217
 naã-pii-har, 206
 habere, 212
 hablar, 170
 haver, 212
 Henrique Maximiliano Coelho Neto, 355
 Hilário Chapeleiro, 266
 hino da capoeira ou ladainha 48
 homem, 175
 home, 133, 138, 175
 homne, 175
 homem, 175
 homine, 175
 Humaitá, 185
 i, 133, 175-176
 Iansan, 38
 Ibeji, 242
 Idalia, 176
 Idalina, 59, 176
 idilogun, 146-147
 iê, 176
 ieramá, 177
 Ifá, 146-147
 Ijexá, 61
 ilê, 156
 Ilê Iyá Nassô, 41
 Ilê Oxumarê, 41
 Ilha de Maré, 176, 247

imhora, 134, 135, 139, 176-177
 in, 139, 177
 indução, 135, 177
 indumentária do negro, 45
 inganadô, 177
 ingannare, 177
 Inimigo Sem Tripa, 266
 insignare, 177
 insinô, 134, 135, 177
 insubordinado, 211
 intá, 177
 Intendentes de Polícia, 295-296
 invitare, 162
 ir, 175-176
 ire, 175
 iribu, 196
 iriricury, 180
 Ita, 178
 Itabaiana, 177
 Itabaianinha, 177-178, 249
 itapa, 178
 iuna, 59, 60, 61, 62, 178, 216
 iyalorixá, 38
 jaca dura, 178
 jaca mole, 178
 janêro, 136
 Japão, 179, 247
 jirau, 194
 João Bom Cabelo, 279
 João Grande (João Oliveira dos Santos), 279
 João Oliveira dos Santos (João Grande), 279
 João Pequeno (João Pereira dos Santos), 288
 João Pereira dos Santos (João Pequeno), 288

jogar, 178
 jogar, 178
 jocus, 178
 joelhada, 65
 jogá, 178-179
 jogar, 178
 jogatar, 179
 jôgo de baixo, 216
 jôgo de capoeira: local, 47
 jôgo de cima, 216
 jôgo de dentro, 60, 61, 62, 64, 65
 Joaquim Maria Machado de Assis, 354
 Joaquim Sampaio Ferraz, 301-314
 Joaquim Vieira (Tio Joaquim), 44
 Jorge Amado, 356
 José Basson de Miranda Osório, 296
 José de Mola, 279
 José Elísio Reis (Juca Reis), 279, 302-313
 José Gabriel Goes (Gato), 60, 62, 278
 José Ramos do Nascimento (Traíra), 62, 65, 278-279
 Juca Reis (José Elísio Reis), 279, 302-313
 jucare, 178
 juramento da Guarda Negra, 314
 Juvenal, 267, 279
 kaá-pûera, 22
 kaiman, 160
 kanu, 157
 kantá, 156
 kanter, 156
 kapar(ra), 158

kar, 157
 karicunda, 158
 Ká wo ká biyè si, 157
 kavra, 150
 kevra, 150
 klamá, 159
 komer, 162
 kopari, 165
 kopûera, 21
 korkunda, 158
 kraba, 150
 kul, 164
 kulu, 164
 kumper, 165
 l = r, 132
 ladainha ou hino da capoeira, 48
 ladêra, 136
 Ladêira da Misericórdia, 179
 Ladeira de São Bento, 179
 Ladeira do Tengó, 179
 llamar, 159
 lambaio, 179
 lambert, 179
 lambere, 179
 lambrucio, 179
 lamer, 179
 lá oiá, 181
 lá olhar, 181
 lampa, 180
 Lampião, 179-180
 lampione, 180
 Laróyè, 88
 Leandro, 261
 léger, 168
 lh, 128, 129
 lh = 1, 128-132
 Leite Ribeiro, 262
 lleuger, 168
 Lemba, 180

lenço de esguião de sêda, 43, 44
 leque ou boca de siri, 67
 leviariu, 167
 leviarius, 168
 *levius, 168
 Léxico das Cantigas, 141-216
 I, II, li, 128, 131
 licuri, 180-181
 ligeiro, 167
 Logun Edé, 38
 loia, 181
 Luanda, 145, 181-184, 247
 lüdère, 178
 lugar, 134
 má, 133, 184
 mã-cambira, 191
 mbirimbau, 73
 mbunba, 74
 mby-ta, 194
 mbytá, 194
 macaco, 160
 macambira de branco, 191
 macambira de cachorro, 191
 macambira de flexa, 191
 mactare, 189
 mactari, 189
 maculelê, 33
 macunda, 158
 macungo, 74
 mãe de santo, 38
 magister, 190
 male levatus, 187
 malefacens, 187
 malifatius, 187
 Major Vidigal (Miguel Nunes Vidigal), 263, 294-295, 297, 299, 353
 malvado, 187
 malvar, 187
 malvas, 187
 malvat, 187
 malvatz, 187
 malvays, 187
 mamangá, 173
 mamangaba, 174
 Mamede, 261
 mandacaru, 188
 mandar, 189
 mandare, 189
 mandinga, 38, 188
 mandinguêro, 136, 188-189
 mandingueiro, 188
 mandioca, 190
 mandô, 189
 manducare, 165
 mang-ã-cá, 173
 mang-ã-caba, 173
 mangangá, 173
 Manduca da Praia, 261-262
 Mané Velho, 297
 Maneta, 261
 Manoel Anastácio da Silva (Manoel Fiscal), 40, 42
 Manoel Antônio de Almeida, 353-354
 Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), 32, 36, 40, 58, 59, 65, 69, 268-270, 282-289, 315-316, 347, 360-361
 Manoel Fiscal (Manoel Anastácio da Silva), 40, 42
 Manoel Henrique (Besouro Córdão de Ouro), 40, 185, 218, 250, 263-265, 297
 Manoel Riachão de Lima (Riachão), 205
 Manoel Roseno de Santana (Roseno), 38

Manoel Raimundo Querino, 355
 mar, 184
 mare, 184
 Maitá, 185
 Maracangalha, 185-186
 marimbau, 74
 marimbondo, 186
 maribundas, 186
 marimbundo, 186
 Mário Cravo Júnior, 320, 330
 martelo, 67-68, 186-187
 marvado, 187
 mat, 189
 matar, 189
 mattare, 190
 matatu, 266
 *matteare, 190
 mate, 189
 Mateus Gunga, 175
 matô, 189
 matungo, 74
 mattus, 190
 média lua, 68
 meia lua, 65-66
 meia lua alta, 67
 meia lua baixa, 67
 meia lua de compasso, 65
 meia lua de costas, 67-68
 mel, 190
 mël, 190
 melaço, 190
 melado, 190
 melhor, 191
 meliôre, 191
 menino, 190
 merindilogun, 146
 mesquinho, 191
 meste, 133, 138, 190
 Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), 32, 36, 40, 58, 59, 65, 69, 268-270, 282-289, 315-316, 347, 360-361
 metatese: ni, 137-138
 Miguel Nunes Vidigal (Major Vidigal), 263, 294-295, 297, 299, 353
 milhó, 133, 135, 191
 Minêro, 136
 minino, 191
 misquinho, 191
 miskinu, 191
 Missa do Morro, 74
 Missa Pedida, 242
 mocambira, 191
 mochil, 192
 momento áureo da capoeira, 301-314
 monje, 172
 môrão, 135, 191-192
 morfologia, 138-139
 môsca no leite, 45
 Mungunjê, 279
 muchila, 134, 192
 mucury, 180
 Mudanças Sócio-Etnográficas na Capoeira, 359-362
 muitieramá, 177
 mulato, 138, 192
 mulé, 133, 193
 muleque, 193-194
 mulher, 193
 mulher de saia, 297
 muliêre, 193
 mundiare, 194
 mungunjê, 194
 muñeca, 194
 munheca, 194
 murar, 134

murro direto, 67
 Mutá, 194
 mutilus, 192
 myta, 194
 muzenza, 60, 64
 naci, 133, 194-195
 nadegas, 163
 Najé, 268
 nascer, 194
 nascere, 194
 Nascimento Grande, 260, 357-358
 Natividade, 261
 Ndoango, 143
 Ndongo, 143
 Neco Canário Pardo, 266
 negativa, 65
 nêgo, 133, 138, 195
 negocea, 195
 negociar, 195
 negociare, 195
 negociari, 195
 negro, 195
 nganga, 74
 Ngola, 143
 ngunga, 175
 nhen, nhen, nhen, 195
 ni, 138, 139, 195
 nicury, 180
 nigrú, 195
 Nippon, 179
 Nô da Empresa de Carruagem, 266
 Nóbrega pede escravos africanos, 11, 12
 Nozinho, 266
 ô, 135
 o = u, 134
 O Canto, 89-125

O capoeira na codificação penal brasileira, 291-293
 oculare, 196
 Odé, 38
 Odé Ajayi koleji, 38
 Odorico Montenegro Tavares da Silva, 356-358
 ogan, 45
 oi, 135
 ôil, 196
 O Jôgo da Capoeira, 47-57
 olhar, 196
 olhe, 196
 ôlho, 216
 oloyé, 38
 om, 175
 ome, 175
 omêe, 175
 ômen, 175
 ômine, 175
 Omolu, 38
 omorixá, 38
 on, 175
 Onça Preta (Cícero Navarro), 332
 onde está, 177
 onte, 139
 O Pagador de Promessas (filme), 319, 322
 oração de São Mateus, 244
 oricungo, 74
 orixá, 64, 88, 146, 148, 207, 250
 ôro, 135
 orubu, 196-197
 orucungo, 74
 orukó, 38, 42
 Os Instrumentos Musicais, 70-88

Os Bandeirantes (filme), 319, 322
 otá, 42
 O Termo Capoeira, 17-29
 ôtro, 135
 ou = o, 135
 ouricury, 180
 ovelha negra, 236
 Oxalá, 45
 Oxossi, 38
 Oxun, 42
 Oxun Demi, 42
 Pacífico do Rio Vermelho, 266
 pai de santo, 38
 palha, 20
 palhada, 20
 palmatória, 198
 palmatória do diabo, 198
 palus, 199
 pandair, 78
 pandero, 78
 pandeiro, 77-80
 pandigurao, 74
 pandorius, 77
 pandoura, 77
 pandura, 77
 panhe, 197
 panhe a laranja no chão, tico-tico, 61, 64
 pannus, 197
 parabolare, 170
 papagayo, 160
 paragoge do s, 137
 Paraguai, 197-198, 248
 Paraná, 198
 paranânbuca, 208
 parmatoria, 198

passo a dois, 33
 pata, 158
 Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), 41, 42, 60, 70, 88, 270-275
 pataua, 198
 patigua, 198
 patua, 198-199
 pau, 199
 pau furado, 200
 Paulo Barroquinha, 200, 249, 266
 Paulo Fernandes Viana, 294
 Patu das Pedreiras, 266
 pé de árvore, 199
 pé de panzina, 33
 pé de pau, 199
 Pedrito (Pedro de Azevedo Gordilho), 35, 63, 200, 315
 Pedro Cem (Pedro Sem da Silva), 218-235
 Pedro Cobra, 261
 Pedro de Azevedo Gordilho (Pedrito), 35, 63, 200, 315
 Pedro Mineiro, 200, 250, 266
 Pedro Porreta, 266
 Pedro Sem da Silva (Pedro Cem), 218-235
 pegá, 200
 pegar, 200
 pegare, 200
 pamba, 40
 percevejo, 200
 perda do r, 133
 perda do s, 133
 peréré, 201
 Pernambuco, 201
 Petrópolis, 297, 299
 Piauí, 248

pigmenta, 201
 pigmentu, 201
 pimenta, 201
 Pimenteira, 136, 201
 Pimentêra, 201
 pimpão, 205
 pimpant, 205
 pindomba, 201
 pindombê, 201-203
 Piroca Peixoto, 266
 Pirô, 279
 Plácido Abreu, 262
 plantar, 203
 plantar bananeira, 67
 plantare, 203
 políça, 203
 police, 203
 polícia, 203
 Polícia: organização, 293-296;
 D. João VI cria a Inten-
 dência Geral de Polícia,
 294; Secretaria de Polícia,
 294; Guarda Real de Polí-
 cia, 294; Ceia dos Cama-
 rões, 295; Intendentes de
 Polícia, 295-296; Chefe de
 Polícia da República, 301-
 314
 politeia, 203
 polititia, 203
 ponteira, 68
 praga de galinha, 236-237
 prantando, 203
 Prêto Limão, 203
 Primeiro Festival de Cinema
 da Bahia, 319-322
 preposição, 139
 procissão de Corpus Christi,
 79, 80
 Procópio, 203
 Procópio de Ogun Já (Procó-
 pio Xavier de Souza), 63
 Procópio Xavier de Souza
 (Procópio de Ogun Já), 63
 professô, 203
 professor, 203
 professore, 203
 Prokópios, 203
 Prokoté, 203
 pronome, 138-139
 prótese do a, 136-137
 prova de fogo, 287
 pudia, 134
 puêra, 19, 21
 puragem, 134
 Portugal, 134
 quadrilheiros, 293
 quaerêre, 204
 que, 204
 qué, 204
 Quebra Côco, 261
 quebra-pescoço, 66
 quebra-mão, 66
 queda de cocorinha, 65
 queda do m, 133
 quere, 204
 querella, 173
 querella, 173
 querer, 204
 qui, 138, 139, 204-205
 quia, 204
 quilombos, 295
 Quintino Bocayuva e os ca-
 poeirás, 303-314
 quixim, 66
 r final, 133

rabo de arraia, 65-66
 Rafael Alves França (Cobri-
 nha Verde), 263-265, 278-
 279, 297
 Raimundo Aberrê (Aberrê),
 63, 266, 271, 275
 Raimundo Cachoeira, 266
 raiz, 33
 ranchos, 155
 rapa, 33
 rapadura puxa, 190
 rasteira, 65-66
 reco-reco, 70
 rêde de ticum, 297
 reges, 205
 reiks, 169
 rês, 205
 repimpão, 205
 rês, 137, 205
 respondere, 145
 restinga, 18
 Riachão (Manoel Riachão de
 Lima), 205
 ric, 169
 rich, 169
 Ricardo das Docas, 266
 rico, 169
 ricco, 169
 ricunda, 158
 rîcus, 169
 rodía, 205
 rodilha, 205
 rîhhi, 169
 rikunda, 158
 rimpimpão, 205
 Rio de Janeiro, 205, 246
 Romão Nêgo Exu, 279
 Roseno (Manoel Roseno de
 Santana), 38
 rucumbo, 74
 rucungo, 74
 Rui Barbosa: resolução, 9
 sá, 209
 sabiá, 206
 sabo, 206
 sabado, 206
 sabbatu, 206
 Sada Miako, 263
 saída de aú, 65
 saída de muzenza, 64
 saída de rolê, 66
 Salomão, 206
 Salomão, rei de Israel, 206
 Salomé, 245
 salto mortal, 67
 Samba (filme), 319
 samba da capoeira, 61
 samba de angola, 61, 274
 samba de roda, 71, 287, 290
 samba duro, 287
 sambambaia, 206-207
 samambaia, 206
 sambi, 74
 samongo, 60, 61
 Samuel da Calçada, 266
 Samuel Querido de Deus,
 266-268
 Santa Maria, 59, 60, 61, 62,
 245
 santa maria dobrada, 61
 santa maria regional, 62
 santo, 207
 Santo Amaro, 279
 sanctu, 207
 São Bento, 207, 243-244
 são bento de dentro, 60
 são bento grande, 59, 60, 61,
 62

são bento grande de com-
 passo, 60
 são bento grande em gêge, 60
 são bento pequeno, 60, 61, 62
 São Cosme e São Damião,
 242-243
 sapinho, 67
 São Paulo da Assunção, 181
 São Paulo de Luanda, 181
 São Pedro, 207, 245
 sanzala, 209
 sarna, 207-208, 236
 schath, 287
 sê, 133, 208
 secretaria, 208
 Secretaria de Polícia, 294
 secretus, 208
 sedas de Tiro e Gaza, 258
 sēdere, 171, 208
 senhor, 209
 senhor de engenho, 63
 Senhor dos Navegantes (fil-
 me), 319
 senhora, 209, 216
 seniore, 209
 senzala, 89, 208-209
 sequência com berimbau, 58
 ser, 171, 208
 Sete Molas, 279
 Sete Mortes, 266
 seu, 209
síncopa: cumpade, discipo,
 caboco, comade, poliça, 136
 sinhá, 209, 216
 sinhô, 133, 135, 209-210, 216
 Sinhôzinho (Agenor Sam-
 paio), 34
 siri, 210-211
 Siri de Mangue, 266
 sintaxe, 139-141
 só, 135
 soar, 216
 Sociedade Beneficente Isabel,
 a Redentora, 313
 species, 170
 stare, 211
 status social das Academias
 de Capoeira, 289-290
 substantivo, 138
 subordinado, 134, 211
 succedere, 145
 tá, 211
 tabajara, 19
 tabal, 84
 tabalh, 84
 taballo, 84
 tabl, 83
 tábua, 211
 tabula, 211
 tabulêro, 211
 tabuleiro, 211
 tamoatá, 154
 tandirêrê, 211
 tê, 212
 tecidos de Damasco, 258
 tempêro, 138
 tenere, 212
 ter, 212
 tesoura, 66-67
 tesoura torcida, 66
 Tiburcinho de Jaguaripe, 266
 tico-tico, 212
 ticum, 297
 tiguêra, 20
 Tio Alípio, 263
 Tio Joaquim (Joaquim Viei-
 ra), 44
 tineia, 213

tinha, 212-213, 236
 tiriri, 213
 tiririca, 213
 tlutare, 160
 todos, 138
 tolutare, 160
 tolutum, 160
 tolutarius, 160
 toques, 35, 58-69
 Toques e Golpes, 58-69
 torpedo, 214
 torpedeira, 214
 tostão, 214
 trabaiá, 133, 213-214
 trabalhar, 213
 trabs, 214
 traditione, 214
 traição, 214
 Traira (José Ramos do Nas-
 cimento), 62, 65, 278-279
 transverse, 214
 través, 214
 travessia, 214
 travessura, 214
 treição, 214
 Trinca Espinho, 262
 Trindade, 262
 tripaliare, 213
 tripalium, 213
 trivissia, 214
 tronco, 33
 trompa de Paris, 72
 tucar, 134
 tupedêra, 134, 136, 214
 tustão, 134, 214-215
 uadere, 176
 uomo, 175
 um, 175

uricuri, 180
 urú, 22
 urucungo, 59, 70
 urú-bú, 196
 urubu, 138, 196
 vadeá, 215
 vair, 215
 vê, 215
 venire, 149, 215
 verbo, 139
 vezer, 215
 viagem, 133
 Vicente Ferreira Pastinha
 (Pastinha), 41, 42, 60, 70,
 88, 270-275
 videre, 215
 ver, 215
 vingativa, 66
 Viriato Correia, 355-356
 Virgolino Ferreira da Silva
 (Lampião), 179-180
 Vitorino Braço Torto, 266
 vô, 135
 voir, 215
 vogais, 134-138
 vorta, 132
 vyodi, 215
 Waldemar (Waldemar da
 Paixão), 61, 279
 Washington Bruno da Silva
 (Canjiquinha), 35, 39, 40,
 54, 56, 60, 63, 64, 70, 88,
 275-278, 319
 Wessa Oburô, 44
 xalóm, 206
 xamate, 189
 Xangô, 157
 xauta, 160
 xelomóh, 206
 xeque-mate, 189

xirê de Exu, 88

xuver, 134

yayá, 210, 216

yacaré, 161

ybirá-una, 147

yereba, 174

yoyô, 210, 216

Zacaria Grande, 266

Zé Bom Pé, 266

Zé Caetano, 262

Zé do Saco, 266

Zé Domingo Foca, 279

Zeca Cidade de Palha, 266

zefir, 258

zimbo, 182-184

zoa, 216

zoar, 216

zoio, 216.

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS
DA COMPANHIA GRÁFICA LUX, RUA FREI
CANECA, 224 — RIO DE JANEIRO

"nação". Enquanto mastiga, digere e elabora seus ensaios sobre o assunto central, trabalha os materiais desse amplo continente de temas que é a Bahia, sua cultura e sua civilização: está com um volume sobre afoxés quase pronto e surge agora com este livro sobre capoeira de Angola que, como o leitor logo verá, esgota o assunto de uma vez por todas e sob todos os ângulos. Um estudo que evidencia a qualidade e a extrema seriedade da nova geração brasileira de ensaístas e pesquisadores.

Tudo quanto se refere ao jogo de capoeira está neste ensaio; de suas discutidas origens às mudanças sócio-etnográficas ocorridas ao passar do tempo, dos instrumentos ao canto, das "academias" à indumentária, não há detalhe que escape à análise exaustiva de Waldeloir Rego. Este seu primeiro livro nos dá uma justa medida da obra cuja realização ora ele inicia e que, espero eu, valerá por uma revisão dos valores culturais do povo baiano, de nossa imensa contribuição à cultura nacional brasileira.

Para completar a informação sobre obra e autor, quero acrescentar apenas: esse Waldeloir Rego é o mesmo que ganhou o Prêmio Nacional de Artes Decorativas na Primeira Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia e a Medalha de Ouro no Terceiro Salão de Arte Contemporânea de Campinas com suas contas de candomblé, seus colares de Iansan, de Xangô, de Yemanjá, de Oxossi e Oxalá. Porque, como eu disse antes, se bem curvado sobre os livros, devorando bibliotecas. Waldeloir é a negação do livresco e da cultura de gabinete. Seu conhecimento mais profundo vem do povo, da vida popular baiana que é sua vida, seu rico cotidiano, sua carne e seu sangue.